

**CARLOS EDUARDO BARTEL**

**OS EMISSÁRIOS SIONISTAS E O NACIONALISMO JUDAICO  
NO RIO GRANDE DO SUL (1945-1952)**

**Dissertação de Mestrado em História apresentada  
como requisito parcial para a obtenção do Título de  
Mestre em História.**

**Área de concentração: Estudos Históricos Latino-  
Americanos. Programa de Pós-Graduação em  
História – PPGH. Unidade Acadêmica de Pesquisa e  
Pós-Graduação - Área de Ciências Humanas.**

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS**

**Orientadora: Profª Drª Ieda Gutfreind (UNISINOS)**

**Prof. Dr. Roney Cytrynowicz (Arquivo Histórico Judaico Brasileiro)**

**Profª Drª Marluza Marques Harres (UNISINOS)**

**São Leopoldo, 07 de abril de 2006**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a professora Ieda Gutfreind pela confiança, paciência e, principalmente, por suas observações e sugestões, sempre pertinentes. Esta pesquisa foi, igualmente, realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, pois sem a bolsa de mestrado concedida pelo CNPq, visto o tempo e a dedicação exigidos pela pesquisa, dificilmente seria possível realizar este estudo tendo que conciliá-lo com uma atividade paralela.

Também agradeço aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos: Cristina, Deusa, Eliane, Enildo, Manoel, Márico, Miguel, Odinei e Valmir pelos debates propiciados ao longo do Curso e aos professores do mestrado com os quais tive oportunidade de discutir muitas idéias. Em especial, agradeço aos amigos e interlocutores desta pesquisa, Tiago César da Universidade de Córdoba/Espanha e Eduardo M. Cardoso pelas críticas e sugestões, e aos amigos Leandro, Elmara, Eliandra, Bender e Lídia pelos momentos de descontração que tornaram o trabalho mais suave.

Um agradecimento especial à colega Juliana Ramanzini, historiógrafa do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, sempre disposta frente às minhas solicitações e questionamentos e a Leia Heineberg, pelas informações prestadas.

Agradeço ainda, aos historiadores Marluza Marques Harres e Roney Cytrynowicz, por aceitarem fazer parte de minha banca de mestrado.

Por fim, pela paciência e apoio incondicional, agradeço à minha esposa Lúcia e a minha mãe Anita, para elas dedico este trabalho.

## RESUMO

A dissertação aborda o nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul de 1945, ano que corresponde no Brasil ao término do Estado Novo e, internacionalmente, ao final da Segunda Guerra Mundial, a 1952, quando foram efetivadas as relações diplomáticas entre Brasil e Israel. Durante esse período ocorreu um *boom* do movimento sionista em escala mundial que culminou com a criação do Estado israelense, em 1948. Tendo a história política como referência e a partir de perspectivas de análise que se complementam, o estudo articula o sionismo em nível internacional, brasileiro e sul-rio-grandense. O eixo de análise da pesquisa é ação política dos emissários estrangeiros, representantes do sionismo internacional, quando da expansão do movimento em território brasileiro, no período citado. Pelo viés das coordenadas - internacional e brasileira - e apresentando a participação de não-judeus no movimento e a interação destes com a coletividade israelita, a pesquisa alcança seu objetivo ao caracterizar as tendências político-partidárias sionistas e o processo de incorporação da identidade nacional judaica por parte dos imigrantes judeus e de seus descendentes radicados no Rio Grande do Sul. Esse processo de engajamento não transcorreu de forma linear, na medida em que posições político-ideológicas frente ao sionismo geravam divergências dentro do movimento.

### **Palavras-chave:**

História Política - Sionismo – Rio Grande do Sul - Emissários estrangeiros - Identidade nacional judaica - Estado de Israel.

## ABSTRACT

This thesis focuses on the Jewish nationalism in Rio Grande do Sul from 1945 to 1952. 1945 was the year in which the *Estado Novo* was coming to an end in Brazil and, internationally, it corresponds to the end of World War II. 1952 was the year when the diplomatic relations between Brazil and Israel were established. During this period the Zionism movement gained worldwide strength, which culminated with the creation of the State of Israel in 1948. By using elements of political history as a reference, this study looks at Zionism at the international, Brazilian and regional level, articulating perspectives that complement each other. The analysis centers around the political action of foreign emissaries, international representatives of Zionism, in the period in which the movement was developing in the Brazilian context. By examining both the international and Brazilian perspectives and presenting the participation of non-Jews in the movement, this study analyzes the interaction of these with the Jewish community. Furthermore, it maps out the political tendencies in the Zionist movement and describes the process of a national Jewish identity formation within the Jewish immigrant community and its descendants in Rio Grande do Sul. This affiliation process occurred in a non-linear way because different political positions vis-à-vis Zionism generated divergence within the movement.

### **Key words:**

Political History - Zionism – Rio Grande do Sul – foreign emissaries – national Jewish identity – State of Israel

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	7
CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	9
1. NÓS, ELES & OS OUTROS: O NACIONALISMO JUDAICO NO MUNDO E NO RIO GRANDE DO SUL .....	18
1. 1. O movimento sionista: estrutura e tendências .....	18
1. 2. O Nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul .....	25
1. 3. A tradição sionista no Rio Grande do Sul .....	32
1. 4. A luta pela dominação simbólica: a refundação da Organização Unificada do Rio Grande do Sul e o movimento revisionista .....	37
2. OS EMISSÁRIOS SIONISTAS E O NACIONALISMO JUDAICO NO RIO GRANDE DO SUL .....	53
2. 1. Os Delegados do aparelho Sionista .....	55
2. 2. Homens e mulheres de prestígio entre os dirigentes e militantes.....	64
2. 3. 1947: Um movimento em ascensão.....	72
2. 4. O Sionismo no interior do Rio Grande do Sul .....	80
2. 5. A propaganda sionista e a intelectualidade sul-rio-grandense.....	85
2. 6. Mobilização: para as festividades e para os conflitos.....	91
3. A IDENTIDADE INCORPORADA: O CONFLITO ÁRABE-ISRAELITA EM PORTO ALEGRE .....	100
3. 1. A criação de Israel: comemoração e repercussão na imprensa porto-alegrense.....	102
3. 2. “Nunca tão poucos lutaram contra tantos...”: Fagulhas da Guerra em Porto Alegre .....	110
3. 3. A Ofensiva Árabe .....	116
3. 4. O Acirramento do Conflito.....	122
3. 5. O Armistício de Porto Alegre.....	132
3. 6. O Jogo das Identidades.....	137

4. O SIONISMO: NOVOS RUMOS E PERSPECTIVAS.....	140
4. 1. Novos rumos, perspectivas e indefinições.....	141
4. 2. Os Agentes Estatais e a <i>Aliá</i> .....	146
4. 3. Mais emissários e mais campanhas .....	151
4. 4. Novos Propósitos em época de “Vacac Magras”.....	156
4. 5. Emissários mais emissários .....	160
4. 6. Brasil e Israel: do reconhecimento ao estabelecimento das relações diplomáticas .....	163
 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	 167
 ACERVOS E LOCAIS DE PESQUISA .....	 172
 FONTES DE PESQUISA.....	 173
 APÊNDICE 1:	
 Tendências político-partidárias e organizações sionistas existentes no RS nos anos 1940 e início dos anos 1950.....	 190
 APÊNDICE 2:	
 Artigos publicados em jornais da capital gaúcha, nos meses de maio e junho de 1948, sobre o conflito árabe-israelita em Porto Alegre .....	 192

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:**

### **Acervos e instituições**

ACADEPOL	Museu da Academia de Polícia. Porto Alegre/RS
AEJ	Acervo de Entidades Judaicas - ICJMC em Porto Alegre/RS
AHC	Arquivo Pessoal Herbert Caro - ICJMC em Porto Alegre/RS
AHRS	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS
AJH	Arquivo Pessoal Josef S. Halpern - ICJMC em Porto Alegre/RS
AMS	Arquivo Pessoal Maurício Seligman - ICJMC em Porto Alegre/RS
APRS	Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS
BEV	Biblioteca Érico Veríssimo - Casa de Cultura Mario Quintana. Porto Alegre/RS
BPIG	Biblioteca Particular Ieda Gutfreind. Porto Alegre/RS
FAPA	Faculdades Porto Alegrenses. Porto Alegre/RS
ICJMC	Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre/RS
MCSHC	Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. Porto Alegre/RS
NEIPHO	Núcleo de Estudos e de Integração em História Oral – NEIPHO (Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS). São Leopoldo/RS
NETB	Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros. UNISINOS - São Leopoldo/RS
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil. Canoas/RS
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo/RS

### **Demais siglas utilizadas no trabalho**

CJM	Congresso Judaico Mundial
CSI	Círculo Social Israelita
DEOPS	Departamento Estadual de Ordem Política e Social
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
ICA/JCA	Jewish Association Colonization

KH	Keren Haïessod
KKL	Keren Kaiemet Leisrael
NOS	Nova Organização Sionista
OJSUB	Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
OSM	Organização Sionista Mundial
OSU/RS	Organização Sionista Unificada do Rio Grande do Sul
OSU/RJ	Organização Sionista Unificada do Rio de Janeiro
OSU/BR	Organização Sionista Unificada do Brasil
PL	Partido Libertador
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PR	Paraná
PRP	Partido de Representação Popular
PSD	Partido Social Democrático
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
UDN	União Democrática Nacional
WIZO	Women International Zionist Organization



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A dissertação aborda o movimento sionista no Rio Grande do Sul, tendo como objetivo identificar as formas pelas quais esse nacionalismo se desenvolveu e se difundiu entre a coletividade *judaica-sul-rio-grandense*.<sup>1</sup> Pela perspectiva da história política, o trabalho analisa a atuação de emissários estrangeiros no Brasil, representantes do aparelho estatal sionista e suas relações com os grupos judaicos radicados no estado sulino, bem como a movimentação destes grupos em função desta causa.

Concentrei a abordagem entre os anos 1945 e 1952, período que compreende dois momentos distintos. O primeiro, caracterizado como um contexto favorável para a circulação das idéias sionistas no Brasil, possui como parâmetros temporais o final da Segunda Guerra Mundial e a criação de Israel em 1948, e corresponde à intensificação destas práticas nacionalistas no país. O segundo, posterior à fundação do Estado judeu, é caracterizado por transformações no movimento, que adquire novos rumos e perspectivas, e pelo estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Israel.

Ao utilizar datas ou definições e marcos elaborados fora do campo da história, o recorte feito pelo historiador, seja ele espacial ou cronológico, é arbitrário. Assim, poderia iniciar o estudo pelo ano de 1944, quando já se encontra em plena atividade no Rio Grande do Sul um grupo sionista registrado no DOPS, mas optei pelo ano seguinte, quando da intensificação do movimento sionista que passa a contar com a presença constante de emissários estrangeiros no país. Do mesmo modo, escolhi como marco o ano de 1952 com o propósito de analisar o movimento sionista após a criação de Israel, em 1948 de acordo com os acontecimentos mais marcantes e com as fontes de pesquisa disponíveis.

Quanto ao recorte espacial, fui motivado pela complexidade do tema, pela exígua produção existente sobre o assunto no Rio Grande do Sul e também em função do que indicavam as fontes

---

<sup>1</sup> Quanto às formas de expressão utilizadas, destaco que o termo judeu, quando acompanhado dos adjetivos brasileiro, gaúcho, sul-rio-grandense, porto-alegrense, paranaense, etc., refere-se tanto aos imigrantes judeus radicados nestas localidades, quanto aos seus descendentes. O mesmo vale para outros grupos étnicos de imigrantes e seus descendentes.

pesquisadas, algumas já conhecidas e outras localizadas ao longo do estudo, muitas destas ainda inéditas.

Além da bibliografia utilizada, que fornece o *estado da arte* e o embasamento teórico e metodológico, para a elaboração deste trabalho percorri arquivos e acervos, procurando, consultando e analisando diversas fontes de pesquisa, entre elas documentos institucionais e pessoais, jornais, fontes orais, livros produzidos por memorialistas étnicos e periódicos judaicos e sionistas, como o *Observador Sionista* e a Revista *Aonde Vamos?*, por exemplo. Organizei as fontes pesquisadas em duas categorias: a primeira se refere às produzidas pelos grupos judaicos, radicados no RS ou em outros estados brasileiros, e a segunda corresponde às fontes produzidas por grupos não-judaicos.

Entre as primeiras, encontram-se inúmeros periódicos e revistas de cunho comunitário e/ou sionista, arquivos pessoais e fontes orais, localizadas no Instituto Cultural Marc Judaico Chagall (ICJMC), em Porto Alegre. Em relação a elas, chamo atenção para dois arquivos pessoais, os quais foram imprescindíveis para esta pesquisa, pois além de preencherem lacunas, elucidarem questionamentos e instigarem novas dúvidas, pertenceram a dois renomados sionistas do Estado, que militavam em tendências sionistas distintas. São eles o Arquivo do médico Maurício Seligman (AMS), presidente por três anos da Organização Sionista Unificada do Rio Grande do Sul (OSU/RS) e o Arquivo do senhor Josef Szulin Halpern (AJH) - aberto em 2005 e ainda em fase de organização – ligado ao grupo liderado pelo Partido Revisionista.<sup>2</sup>

Ainda foi de grande valia para realização deste trabalho à revista *Aonde Vamos?*, periódico sionista editado no Rio de Janeiro, criado em 1943 e publicado semanalmente sem interrupção até os anos 1970. Durante o período estudado, a revista, bastante conhecida pelos judeus de Porto Alegre, abordava aspectos referentes ao sionismo em diversas localidades brasileiras e também fora do país. No ICJMC, encontram-se as edições da revista entre os anos de 1946 e 1950.<sup>3</sup>

As fontes orais igualmente foram de suma importância à pesquisa, por um lado, preencheram lacunas complementando a documentação e, por outro, possibilitaram um maior número de cruzamentos e comparação entre as fontes consultadas. No Departamento de Memória

---

<sup>2</sup> O Arquivo de Seligman possui documentos, como cartas e discursos, relacionados ao movimento sionista e a sua atividade profissional, por sua vez no de Halpern, são encontradas grande quantidade de fontes de pesquisa variadas, como recortes de jornal, artigos pessoais, revistas, periódicos comunitários e sionistas, dentre outros documentos.

<sup>3</sup> Segundo o historiador Nachman Falbel: O periódico, que tinha uma clara orientação sionista, publicava notícias sobre os acontecimentos mais importantes relativos ao judaísmo brasileiro e durante certo tempo foi o melhor órgão de expressão da comunidade Cf. FALBEL, Nachman. **Manasche: sua vida e seu tempo**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 15.

do ICJMC encontram-se mais de quatrocentas entrevistas, realizadas com membros da comunidade judaica sul-rio-grandense na segunda metade da década de 1980 e início dos anos 1990, versando sobre diversos temas como vida comunitária, teatro ídiche, movimento sionista, integralismo, interior do Estado, entidades judaicas, dentre outros assuntos.<sup>4</sup>

Entre as fontes não-judaicas, destaco os Anais da Assembléia Legislativa do Estado gaúcho e, principalmente, os jornais: *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Folha da Tarde*, *Jornal do Dia* e *A Razão*, editados no RS durante o período abordado. Localizei os jornais consultados nos seguintes acervos: *Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiro* (NETB) na UNISINOS, em São Leopoldo, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e no Acervo Particular do *Correio do Povo*, ambos situados em Porto Alegre.

Em termos gerais o trabalho de pesquisa exige do pesquisador paciência e atenção. No que tange aos jornais, elas devem ser redobradas, pois em relação ao esforço dispendido frente ao número de edições consultadas, muitas vezes os resultados obtidos são mínimos, obviamente que isso depende muito do tema pesquisado. Para ilustrar esse raciocínio, considerando a ausência de alguns números, foram consultadas trezentas edições do *Correio do Povo*, equivalentes a um determinado ano, ao multiplicarmos esse número pelos anos da abordagem proposta e somarmos as consultas de outros jornais, (como o *Diário de Notícias*, que possui também sua coleção praticamente completa, em relação ao período estudado), tranqüilamente consultamos mais de quatro mil edições dos jornais, para extrair pouco mais de uma centena de informações e algumas dezenas de referências.

Por outro lado, cabe registrar que a tarefa se torna gratificante, ao encontrarmos algumas *flores no deserto*, ou achados que compensam o trabalho e dão *prazer ao historiador*, conforme poderá ser visto no terceiro capítulo da dissertação.

Ainda sobre os jornais, outra questão se refere à sua complexidade, característica que os definem como ricos mananciais de pesquisa. Atribuir a eles uma racionalidade prévia dos acontecimentos como se tudo estivesse sob seu controle ou inferir que o caráter das matérias ou reportagens corresponde ao perfil de seu proprietário ou as agências de notícias que fornece informações, trata-se de uma redução excessiva. A dinâmica social escapa a esse controle, e

---

<sup>4</sup> Algumas entrevistas utilizadas neste trabalho, com membros da coletividade judaica, foram realizadas pela professora Ieda Gutfreind, em função de seu projeto de pesquisa denominado *A criação do Estado de Israel: imagens e representações*, que teve como resultado final o livro intitulado: **A imigração judaica no Rio Grande do Sul** (2004).

mesmo que os jornais venham a filtrar, criar, omitir ou adulterar fatos e notícias, estão sujeitos a interação com o meio social em que se situam.

Não quero dizer com isso, que os jornais não possuem opinião ou interesses próprios, ou que se colocam em uma posição de mediadores, assumindo uma pretensa neutralidade, mas sim que, para além disso, é possível encontrar neles a manifestação de diferentes grupos, políticos, étnicos, culturais, dentre outros, e suas respectivas posições, convergentes e divergentes que transcendem a esfera de qualquer jornal.

Visto isso, cabe referir que o método de trabalho empregado foi o de consultar e analisar diferentes tipos de fontes, estabelecendo entre elas o maior número possível de cruzamentos e comparações, construindo assim uma versão coerente e passível de comprovação.

Para esta pesquisa, como já afirmei, meu ponto de partida e referência, foram os emissários sionistas, representantes da Organização Sionista Mundial (OSM) - um aparato burocrático-administrativo, impessoal e *desterritorializado* - que, vinculados a diferentes correntes político-partidárias, desempenharam o papel de porta-vozes do movimento, atuando como agentes estatais.

Entre seus objetivos, visavam arrecadar recursos financeiros entre os judeus radicados no Brasil e cooptá-los para o movimento, formando assim uma consciência nacional judaica e potenciais cidadãos para o Estado imaginado. Para atingir esses propósitos, forneceram orientações aos demais militantes, difundindo normas e procedimentos entre eles com o intuito de universalizar, em termos sociais, político e culturais, o movimento entre os judeus da diáspora.

Ao focar o movimento sionista no RS, estabelecendo relações com outras localidades, e/ou estados brasileiros, meu objetivo é identificar como essa universalização de procedimentos por eles pretendida, permeou diferentes grupos e setores no Estado gaúcho.

Sobre política e história política sigo aqui algumas noções, apontadas por René Rémond,<sup>5</sup> as quais poderão ser vistas ao longo do texto. Igualmente, utilizo em minha análise, o conceito de nação *como uma comunidade política imaginada*, definido, *antropológicamente*, por Benedict Anderson.<sup>6</sup> Em relação às noções de *representação política e poder simbólico*, sigo as definições conceituais de Pierre Bourdieu, apontando aqui, três noções que nortearão a pesquisa.

---

<sup>5</sup> Principalmente as apontadas nos textos: Por que a história política? In: **Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, jan./jun. Rio de Janeiro (1994) e no livro organizado por ele, **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

<sup>6</sup> Cf. ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005. p. 24-27. Convém referir, que em relação a esta definição de caráter antropológico, apontada por Anderson, não descarto a perspectiva de Gopal

A primeira, denominada pelo sociólogo francês de *efeito comitê*, refere-se à institucionalização de um movimento e a concentração do poder nas mãos dos mandatários.<sup>7</sup> A segunda, que se relaciona diretamente com a primeira, envolve a noção de representação política, mais especificamente, a de representante político; o porta-voz ou mandatário é aquele que fala em nome do grupo que lhe dá poder. Bourdieu define essa prática como *efeito oráculo*, uma autêntica duplicação da personalidade: a pessoa individual, o eu, anula-se em proveito de uma pessoa moral transcendente, o mandatário anula-se fala apenas em nome do grupo, criando um círculo onde ambos se confundem, ele é o grupo e o grupo é ele.<sup>8</sup> Por fim, o terceiro ponto refere-se ao elo de ligação entre o Comitê (ou Instituição) e o grupo, trata-se do *militante profissional*. Este, *como o nome indica, é alguém que consagra todo seu tempo àquilo que, para os outros é uma atividade secundária ou, pelo menos, de tempo parcial. Ele tem tempo; e tem o tempo a seu favor.*<sup>9</sup>

Do ponto de vista da relação entre as bases do movimento e seus representantes, ao articular estas três noções ou palavras-chave: comitê, representante e grupo, conforme Bourdieu, é possível afirmar que:

Com a institucionalização encarnada pelo militante profissional e pelo comitê, tudo se inverte: o comitê tende a monopolizar o poder, diminui o número de participantes das assembleias, é o comitê que convoca assembleias, e os participantes servem de um lado, para manifestar a representatividade dos representantes e, de outro, para ratificar suas decisões. Os militantes profissionais começam a censurar os membros comuns por não comparecerem com a necessária frequência às assembleias que os reduzem a tais funções.

Esse processo de concentração do poder nas mãos dos mandatários é uma espécie de realização histórica do que é descrito pelo modelo teórico do processo de delegação. As pessoas estão lá, elas falam. Depois, vem o militante profissional; e as pessoas comparecem

---

Balakrishnan que, ao criticá-lo, menciona que em condições normais, os indivíduos pertencem e se identificam com um vasto número de associações superpostas, e que somente na luta, a nação deixa de ser um quadro de referência informal e apenas presumido como certo, transformando-se numa comunidade que se apodera da imaginação. Cf. A Imaginação Nacional. In: BALAKRISHNAN, GOPAL (Org.). **Um mapa da Questão Nacional**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 209-225. Tendo em vista esta discussão, cabe dizer que a imaginação nacional é também evocada em outras oportunidades, como em comemorações e festas cívicas - pleitos eleitorais e datas festivas - e no contraste com outros grupos nacionais como ocorre com grupos de imigrantes ou nos eventos desportivos - jogos de futebol e Olimpíadas-, que se caracterizam como eventos organizados tendo como referência às nações. Assim, tais eventos indicam a presença da imaginação nacional em diferentes frentes de análise.

<sup>7</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. A delegação e o fetichismo político. In: **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 188-206.

<sup>8</sup> Segundo Bourdieu, para poder se identificar com o grupo e dizer 'eu sou o grupo', 'eu sou, logo o grupo é', o mandatário deve de certa forma anular-se no grupo, doar-se ao grupo, clamar e proclamar: 'Eu existo somente pelo grupo'. A usurpação do mandatário é necessariamente modesta, supõe a modéstia. Com certeza, é por isso que todos dirigentes partidários têm um ar de família. Existe uma espécie de má fé estrutural no mandatário, que para se apropriar da autoridade do grupo, deve se identificar com o grupo reduzir-se ao grupo que o autoriza (BOURDIEU, 2004. p. 194-200).

<sup>9</sup> Ibidem, 2004. p. 205.

menos. Em seguida, há um comitê, que começa a desenvolver uma competência específica, uma linguagem própria.<sup>10</sup>

Neste processo de construção do *lugar de onde se fala*, há uma concorrência entre os *profissionais* pelos *profanos*, os quais por sua vez, dão aos primeiros a representatividade e legitimidade para agir, ou seja dão à instituição o poder de falar em nome dos demais, produzir crenças, colocar na pauta seus programas, enfim transformar o mundo social com palavras. Neste sentido, *a política é o lugar, por excelência, da eficácia simbólica, ação que se exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais, e sobretudo, grupos.*<sup>11</sup>

Dessa forma, as relações aqui analisadas restringem-se ao campo político, que *é o lugar de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos.*<sup>12</sup> Igualmente, *é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acha envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, [...] entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de 'consumidores', devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção.*<sup>13</sup> Assim, *o poder de impor uma visão das divisões, isto é, o poder de tornar visíveis, explícitas, as divisões sociais implícitas, é o poder político por excelência.*<sup>14</sup>

No seu conjunto, a noção de *campo político*, segundo Bourdieu, se define como um sistema de desvios de níveis diferentes e nada, nem instituições ou os agentes, nem os atos ou os discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionamente, por meio do jogo das oposições e das distinções. Dentre outras díades, o campo político, tende a se polarizar inicialmente em duas visões: situação-oposição, direita-esquerda, dominantes-dominados, representantes-representados.

Ao analisar essas relações, assinalando a força da representação no mundo social e a sua eficácia na constituição dos grupos sociais e nas suas estratégias de interesse material e simbólico, sigo aqui a noção de *poder simbólico*, que supõe o reconhecimento e *se define numa*

---

<sup>10</sup> Ibid., p. 204.

<sup>11</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 159.

<sup>12</sup> Ibidem, 2000. p. 185.

<sup>13</sup> Mais precisamente a relação que os vendedores profissionais dos serviços políticos mantêm com os seus clientes é sempre mediatizada, e determinada de modo mais ou menos completo, pela relação que eles mantêm com os seus concorrentes (BOURDIEU, 2000. p. 177).

<sup>14</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. 2004. p. 167.

*relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos,*<sup>15</sup> mais especificamente analiso a disputa por este poder.

No sentido de situar o tema e os objetivos propostos, o primeiro capítulo da dissertação analisa o movimento através de duas perspectivas diferentes. A primeira, aborda, de modo geral, o surgimento do *nacionalismo judaico* e sua estruturação em nível mundial. Em seguida, o foco é reduzido, no sentido de verificar como essas divergências se manifestaram no Rio Grande do Sul e estabeleceram relações de caráter sionista entre grupos radicados neste Estado e no Brasil. Em ambas perspectivas, são apresentadas divergências existentes dentro do sionismo, a partir da oposição relacional: *nós* e os *outros*, - na qual os grupos organizam suas identidades, sejam elas étnicas, religiosas, políticas, etc. - daí o título do capítulo: *nós, eles* e os *outros*.<sup>16</sup>

O segundo capítulo, também guiado por dois pontos de vista, aborda a relação dos emissários sionistas com a coletividade judaica sul-rio-grandense. Por um lado, verifica como as idéias sionistas e o debate em torno destas permearam diferentes setores dentro e fora do judaísmo no estado gaúcho, ao identificar e tornar visível a prática e a atuação política dos emissários em diferentes meios, desde a educação até atividades de entretenimento. Por outro, apresenta a participação e a mobilização da coletividade em torno do movimento, isto é, de líderes, dirigentes locais e demais militantes, a interação destes com os emissários e com grupos não-judaicos, bem como a participação de não-judeus no movimento.

O terceiro capítulo, analisa de que modo a identidade nacional judaica, incorporada pelos *judeus-gaúchos*, foi acionada através da relação com os *outros*, ao abordar o conflito *árabe-israelita* em Porto Alegre nos meses de maio e junho de 1948. Conflito decorrente da chamada *Guerra de Independência* e travado entre os grupos, através de publicações em jornais da Capital. A partir do confronto dos dois grupos de imigrantes e seus descendentes, polarizados através de critérios étnico-nacionais e da interação desses em um mesmo contexto, analiso o que estava em

---

<sup>15</sup> Ainda segundo Bourdieu, é possível referir que o *poder simbólico* é um poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo [...], poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização... (BOURDIEU, 2000. p. 14).

<sup>16</sup> Cabe referir que ao classificar ou enquadrar os atores sociais, sejam eles dirigentes ou meros militantes, em diferentes correntes político-partidárias, não pretendo reproduzir uma visão determinista, definindo suas ações meramente de acordo com o grupo ao qual estão vinculados, ou seja: *se fulano é de tal corrente agirá desse ou daquele modo*. Primeiro, porque em política as alianças, acordos e conflitos se fazem e desfazem, conforme os cruzamentos de interesses e de objetivos dos grupos, dos indivíduos e de acordo com o contexto em que se inscrevem, e igualmente, porque a movimentação destes é dinâmica e fluída, visto que um mesmo militante pode pertencer a múltiplas organizações, produzindo assim diferentes relações sociais.

jogo, quais seus objetivos ao acionarem suas respectivas *identidades nacionais* e como se apresentaram e foram percebidos publicamente pelos demais cidadãos - os de fora dos respectivos grupos – que se envolveram na questão, seja por meio de suas opiniões, avaliações ou até tomando partido de um lado ou de outro.<sup>17</sup>

No quarto e último capítulo analiso a *crise sionista*, ou seja, os novos rumos e perspectivas do movimento após a criação de Israel, visto que o período pós 1948 se caracteriza como um momento de redefinição da política e dos propósitos do movimento sionista, pois a arena política das disputas, conflitos, idéias e decisões, passara da OSM para o Estado israelense, cabendo ao governo deste a posição de porta-voz e representante dos judeus. Identifico algumas desavenças e impasses ocorridos no RS e no Brasil, bem como novos questionamentos surgidos em decorrência desse processo de transição, ou seja, em meio à passagem do *poder simbólico* e político da esfera da OSM para o Estado Judeu. Analiso essa conjuntura, estabelecendo novamente relações a partir da interação de uma pequena comunidade da diáspora situada no sul do Brasil com um contexto maior.

Por fim, cabia ainda esclarecer outros dois tópicos. O primeiro, refere-se a alguns termos utilizados ao longo do trabalho e o segundo a grafia de muitas expressões encontradas nas fontes e nos textos pesquisados, sejam nomes próprios ou palavras de origem hebraica, dentre outras.

Em relação aos termos: *judeu*, *israelita* e *israelense*, utilizei os dois primeiros de modo indistinto conforme apresentam as fontes no período estudado e a palavra *israelense*, após 1948, quando ela começa a aparecer nos documentos pesquisados, para definir os cidadãos de Israel. Também, conforme as fontes pesquisadas, de forma indistinta utilizei as expressões *Eretz Israel*, mais corrente entre os judeus, e Palestina para definir o mesmo contexto espacial. Após a fundação do Estado judeu, utilizo invariavelmente o termo Israel, no sentido de indicar as transformações e os novos conceitos surgido para definir novos objetos, não apenas no campo semântico mas, principalmente, no meio político e jurídico.

Quanto à grafia de muitas expressões localizadas nos documentos pesquisados encontrei, inclusive nos mesmos periódicos, inúmeras variações, de nomes próprios (Josef Tchernitsky e Schlomo Lipski) e palavras de origem judaica, como *ishuv* e *galuth*, por exemplo. Para este impasse, a fim de padronizá-las ao longo do texto, inclusive nas citações, escolhi como caminho

---

<sup>17</sup> Ao mostrar que os grupos de imigrantes judeus de diferentes nacionalidades, bem como árabes sírios e libaneses, e seus descendentes não ficaram eqüidistantes do que ocorria na Palestina, contribuo com o debate em torno do tema mostrando novas perspectivas sobre o assunto.



seguir glossários judaicos ou selecionar uma das formas encontradas, tendo como referência a utilizada pelo maior número de autores em obras recentes. Quando não alterei a grafia coloquei ao lado do termo ou da frase a palavra “sic”, sinalizando que está escrito desta forma. Quanto as palavras do idioma português, a fim de não truncar a leitura, as atualizei para o português moderno, sem alterar a idéia expressada, mantendo a forma original apenas quando necessário para caracterizar determinada situação.

## 1. NÓS, ELES & OS OUTROS: O NACIONALISMO JUDAICO NO MUNDO E NO RIO GRANDE DO SUL

### 1. 1. O movimento sionista: estrutura e tendências

O nacionalismo judaico, aqui analisado, surgiu na Europa no final do século XIX, Theodor Herzl seu idealizador,<sup>18</sup> expôs ao mundo as principais idéias e diretrizes do projeto sionista no livro *O Estado judeu*, publicado em Viena, em 1896 (traduzido no Brasil por Davi José Perez, em 1947), produzindo assim novas relações e conflitos dentro do grupo judaico.

Em seu manifesto, Herzl referia: *...as tentativas de colonização, feitas por homens verdadeiramente bem intencionados, não deram, até aqui, os resultados que eram de esperar, conquanto tenham constituído experiências bem interessantes.*<sup>19</sup> Afirmava ainda que a questão judaica não era nem social, nem religiosa mas sim nacional,<sup>20</sup> pois segundo ele, o anti-semitismo só seria resolvido através da criação de um Estado nacional judaico. Conclamava assim, todos os judeus a participarem do movimento, transformando o problema judaico em uma questão política.<sup>21</sup>

As idéias de Herzl foram discutidas em agosto de 1897, em Basiléia, Suíça, no primeiro Congresso Sionista Mundial sendo, na ocasião, fundada sob um regime presidencialista, a *Organização Sionista Mundial* (OSM), uma estrutura burocrático-administrativa, que desempenharia o papel de aparelho estatal do movimento.<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> Herzl criou o sionismo político motivado pelo conhecido caso de anti-semitismo francês: o caso Dreyfus (1894), oficial do exército francês acusado de repassar informações para o exército alemão.

<sup>19</sup> Cf. HERZL, Theodor. **O Estado Judeu**. Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Garamond, 1998. p. 52.

<sup>20</sup> Ibidem, 1998. p. 47-48.

<sup>21</sup> René Rémond, referindo-se à ação política, menciona que praticamente não existe outra atividade que atinja um número maior de homens e mulheres, pelo menos nos países democráticos. Segundo ele, o princípio segundo o qual todos os cidadãos são iguais entre si e são chamados a participar das grandes escolhas políticas faz da política a coisa de todos. Mesmo que nem todos façam uso desse direito, todos são chamados, todos estão comprometidos. RÉMOND, René. Por que a história política? In: **Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, jan./jun. Rio de Janeiro, 1994. p. 18.

<sup>22</sup> Segundo definição de Marilena Chauí: o Estado, aparece como instância impessoal de dominação (impõe obediência), de estabelecimento e aplicação das leis, como garantidor da ordem através do uso legal da violência

Para se filiar a OSM bastava ao associado aderir ao programa sionista e efetuar a anuidade, denominada *shekel*, que lhe dava o direito de votar e eleger os delegados, representantes das coletividades judaicas dispersas pelo mundo, para os Congressos Sionistas. Desde a institucionalização do movimento, em 1897, a periodicidade com que se realizaram os congressos sofreu variações<sup>23</sup> e o número de filiados não parou de aumentar até a criação de Israel. Em 1946, a entidade contava com cerca de 2.159.000 filiados em todo o mundo. A sede do Comitê sionista, inicialmente, localizava-se onde residisse seu presidente, posteriormente se estabeleceu em Londres, capital da potência mandatária da Palestina,<sup>24</sup> com escritórios distribuídos em diversas cidades européias.

As principais entidades representativas da Instituição, eram o *Keren Kaiemt Leisrael* (KKL) ou Fundo Nacional Judaico, criado em 1901, no 5º Congresso Sionista, e o *Keren Haiessod* (KH) ou Fundo Nacional de Reconstrução de Israel, criado na Conferência de Londres, em 1920, que reunia fundos públicos para aplicá-los em imigração, treinamento, educação, cultura, serviço social, comércio e povoações agrícolas. Posteriormente, ambos foram anexados à *Agência Judaica*, fundada no início dos anos 1920 e consolidada em 1929, a fim de desempenhar o papel de órgão executivo da OSM e representá-la junto à Inglaterra.<sup>25</sup> Outro importante órgão

---

para punir todo o crime definido pelas leis,[apesar do aparelho sionista não punir ele impunha censuras] e como árbitro dos conflitos sociais. Cf. CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12ª Edição. São Paulo: Ática, 1999. p. 403. Por sua vez, Sérgio Henrique Abranches, define o Estado como estrutura e processo, interesses organizados, dominação e organização, malha histórica e heterogênea de interesses e forças enraizadas na estrutura social. É uma organização burocrática, com lógica própria que possui elementos históricos e estruturais de longo prazo. Trata-se de um conceito complexo e multidimensional. Uma crise do Estado é uma crise estrutural de toda a ordem sócio-política. Cf. ABRANCHES, Sérgio Henrique. Nem Cidadãos, Nem Seres Livres: O Dilema Político do Indivíduo na Ordem Liberal-Democrática. In: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 28, n. 1, 1985. p. 18-19. Assim, a noção de Estado refere-se a uma estrutura ou aparelho administrativo, burocrático e organizacional impessoal, dirigido ou governado por determinado(s) grupo(s) que, de um modo ou de outro, articulam e fazem convergir diferentes interesses para dentro do aparelho e por extensão para dentro do campo político. Por sua vez, o Governo, é definido como conjuntura, coalizão, autoridade, delegação. Uma aliança eventual de grupos e frações de classes para controlar os aparelhos estatais e seus instrumentos de política e planejamento. Significa também organização e definição da autoridade político-administrativa. Ele se baseia em alguma forma de delegação. A limitação temporal é intrínseca a noção de governo (Ver ABRANCHES, Op. Cit., 1985. p. 19).

<sup>23</sup> No 5º Congresso Sionista (1901), também em Basileia, foi adotada uma resolução determinando que os próximos seriam realizados de dois em anos, e não anualmente, como ocorrido até então. Devido às duas guerras mundiais (1914-1918) - (1939-1945) e a própria *Guerra de Independência* (1948), os Congressos não foram realizados conforme o previsto.

<sup>24</sup> Cf. A Organização Sionista Mundial e a Agência Judaica. In: FRANCK, Claude; HERSZLIKOWICZ, Michel. **O Sionismo**. Lisboa: Europa-América, Coleção Saber, 1980. p. 63-70.

<sup>25</sup> A Inglaterra a fim de se manter na condição de Mandatária, fazia um jogo político ambíguo, através de exigências, avanços e recuos. Fez parte dessas ambigüidades a *Declaração Balfour* de 1917. Igualmente, a Agência judaica (que se tornou o braço executivo da OSM) não deixou de ser uma exigência inglesa, visto que era necessário criar um órgão que cooperasse com a mandatária e envolvesse também os judeus não-sionistas no processo. Dessa forma, a

era a *Haganá*, que surgiu como exército clandestino no início do século XX, com o objetivo de defender as colônias judaicas na Palestina e, posteriormente, passou a atuar em estrita colaboração com as autoridades coloniais britânicas, transformando-se no embrião do futuro exército israelense.<sup>26</sup>

Do final do século XIX até os anos 1920 o projeto sionista desenvolveu-se de modo intenso, porém encontrando dificuldades e provocando inúmeras discussões, que envolviam questões como a da não participação de *todos*, visto que alguns judeus influentes no continente Europeu, tinham para seus pares, planos diferentes do programa sionista.<sup>27</sup>

As características do movimento, quanto a sua estrutura na década de 1940, analisadas neste trabalho, foram inicialmente constituídas nos anos 1920. Também a partir deste período, através da influência crescente de diferentes tendências partidárias, a polarização política do movimento tornou-se mais visível.

Chaim Waizmann, ocupou a presidência da OSM de 1920 a 1931 e de 1935 a 1946. Seu programa para criar Israel, visando o auxílio e o apoio britânico, seguia o caminho da negociação, da conciliação e da diplomacia. Cumpria, dessa forma, a *cartilha inglesa* cooperando com sua política *lenta e gradual*. No entanto, esse caminho causou descontentamento entre diversos setores dentro do movimento que, dentre outras questões, acusavam a Entidade de submissão à Inglaterra. Em função disso, em abril de 1925, um novo grupo, denominado *Partido Revisionista*, participou do 14º Congresso Sionista, realizado em Viena, o qual se posicionava à direita do movimento e seguia as idéias de Vladimir Jabotinsky.<sup>28</sup>

---

administração britânica na região foi marcada por inúmeros obstáculos, que incluíam a oposição árabe e o descontentamento sionista.

<sup>26</sup> Cf. SALEM, Helena. **O que é a questão Palestina**. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 23.

<sup>27</sup> No intuito de não desviar a atenção do foco principal, não estendo aqui a análise sobre o idealismo e romantismo de Theodor Herzl frente à causa nacional judaica e nem as implicações e aos diferentes pontos de vista surgidos em função de sua proposta. Igualmente, cabe referir que no início do século XX, a continuidade do projeto sionista sofreu interferências, devido a diferentes acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial, o período entre guerras, a ascensão nazi-fascista e a Segunda Guerra Mundial. Simultaneamente, desde os primeiros anos do século XX essas idéias nacionalistas chegaram ao Brasil, trazidas por imigrantes que conheciam as propostas de Herzl, porém a institucionalização do movimento em terras brasileiras ocorreria somente no início da década de 1920, visto que em 1921, o sionismo brasileiro fora representado pela primeira vez em um *Congresso Sionista Mundial*, sendo no ano seguinte fundada no Rio de Janeiro a *Federação Sionista do Brasil*.

<sup>28</sup> Zeev Vladimir Jabotinsky (1880-1940) nasceu na cidade russa de Odessa, onde entrara em contato com o socialismo. Quando jovem cursou Direito na Suíça. Aproximou-se do movimento sionista após o *pogrom* de Kishinev, em 1903, aderindo às atividades da OSM. Neste mesmo ano foi eleito delegado para o 6º Congresso Sionista. Defendia o descumprimento das normas impostas pela Inglaterra, a não divisão da Palestina com outros povos e a livre imigração de judeus para a região, o que não era permitido conforme o *Livro Branco* – decreto inglês que determinava cotas imigratórias para a Palestina. Igualmente, era contrário ao sionismo socialista, pois segundo ele, não poderia haver luta de classes entre os judeus, os quais [em um *movimento de massa*] deveriam estar

Conforme Lissowsky, os *revisionistas* pretendiam revisar a política sionista, com o objetivo de, segundo eles, voltar às origens do sionismo professado por Herzl a respeito do Estado judeu. Ainda segundo o autor, *os revisionistas proclamavam como seu objetivo básico a obtenção de uma maioria judaica na Palestina de ambos os lados do Jordão.*<sup>29</sup>

O quadro se radicaliza no final dos anos 1920, quando Jabotinsky anuncia que a política da executiva sionista estava falida e que os revisionistas fariam melhor se deixassem a Organização. *A hostilidade entre a esquerda sionista e a emergente direita [...] se revelou em um episódio ocorrido na noite de 16 de junho de 1933, quando Chaim Arlosoroff, diretor do Departamento político da Agência Judaica e o mais jovem dos líderes trabalhistas da Palestina, foi baleado e morto enquanto passeava com sua mulher pela praia em Tel Aviv.*<sup>30</sup>

As suspeitas do assassinato recaíram sobre grupos revisionistas e no Congresso de 1933, os sionistas trabalhistas e gerais se recusaram a sentar na Executiva junto com os partidários de Jabotinsky. A tensão entre sionistas de direita e esquerda aumentou nos anos seguintes, fazendo com que os revisionistas rompessem com o movimento.

Convém ressaltar que analisar a movimentação sionista em termos de direita e esquerda não significa reduzir a mesma apenas a dois grupos.<sup>31</sup> Visto que à esquerda do movimento encontravam-se vários partidos e tendências, valendo o mesmo para a direita. Além disso, havia outros grupos que não se identificavam nem com um lado e nem com o outro, como o *Mizrachi*,

---

imbuídos em criar seu Estado nacional. A partir destas idéias, funda em 1925, a *União Mundial dos Sionistas Revisionistas*, com sede em Paris, dedicando-se à divulgação do movimento. Sendo em 1930, proibido pela Inglaterra de retornar a Jerusalém, concentra suas forças na imigração clandestina de judeus para a Palestina, desrespeitando as regras impostas pela mandatária. No ano seguinte exige da OSM que anuncie ao mundo a criação do Estado judeu. Em 1940, morre quando visitava um acampamento do movimento juvenil Betar, em Nova York.

<sup>29</sup> Cf. LISSOWSKY, Alexandre. **2000 Anos Depois. O Renascimento de Israel.** Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1967. p. 163.

<sup>30</sup> SACHAR, Howard M. História de Israel I. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo. In: **Enciclopédia Judaica.** Tradução de Heloísa Villella e Léa Maria Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989. vol. 4, p. 187.

<sup>31</sup> Apenas destaque com isso que os grupos majoritários, apresentando programas contrapostos, situavam-se à esquerda ou à direita do sionismo. No entanto, não pretendo reduzir o tema a esta divisão, apenas a utilizo inicialmente a fim de ordenar a análise. Sigo aqui, o caminho apontado por Norberto Bobbio na obra *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.* O autor refere que: *No universo político existem situações nas quais direita e esquerda tendem a excluir um centro, e outras nas quais o incluem. A distinção entre dois pólos, direita e esquerda, corresponde tanto mais ao real estados das coisas – e, como tal, é simples mas não simplista. [...] Simplista na verdade, é a objeção de que a distinção entre direita e esquerda não é a única possível no universo político.* Cf. BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** (2ª Edição revista e ampliada) Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2001. Seguindo também, Pierre Bourdieu, vale dizer que *o campo político é um espaço de jogo onde se joga um jogo [sic] que possui regras próprias; e as pessoas envolvidas nesse jogo possuem, por esse motivo, interesses específicos, que são definidos pela lógica do jogo e não pelos mandantes. Esse espaço político tem uma esquerda e uma direita, com os porta-vozes dos dominantes e os porta-vozes dos dominados* (BOURDIEU, 2004. p. 200-201).

o *Partido Religioso*. Ainda entre os *não-alinhados* pode ser citado o caso dos *Sionistas Gerais*, que não se identificavam nem com a direita, nem com a esquerda e muito menos com o *Mizrachi*, formando assim, outro viés do movimento.<sup>32</sup>

Em suma, ideologicamente as principais divergências dos revisionistas com os demais grupos referiam-se à questão da imigração de judeus para a Palestina, que para eles deveria ser livre ao território que não deveria ser dividido com outros povos, e que a política sionista de negociação com a Inglaterra deveria ser de ruptura, nem que para isso houvesse a necessidade da utilização da força e da luta armada.

O Partido Revisionista transformou-se em um aparelho paralelo, possuindo suas próprias representações junto aos movimentos estrangeiros, provendo seus próprios fundos<sup>33</sup> e, repudiando a autoridade do movimento sionista oficial, agia de forma independente da OSM. *Em 1935, todos os esforços de aproximação haviam fracassado. Nesse verão, depois de um plebiscito entre os membros revisionistas, Jabotinsky anunciou a criação de uma Nova Organização Sionista (NOS).*<sup>34</sup> Rompendo assim com a OSM, o primeiro Congresso desse organismo ocorreu em Viena e seus delegados foram eleitos por 713.000 votantes revisionistas, no entanto 635.000 votaram também para o 19º Congresso Sionista Mundial.<sup>35</sup>

Na segunda metade dos anos 1930, emancipados, em parte, da Organização Sionista e de suas obrigações para com o mandato britânico, a NOS, igualmente se organizou através de uma rede de associações. O grupo, considerado terrorista, *Irgun Zvai Leumi*<sup>36</sup> constituía seu braço armado e o *Betar* fundado em 1923, também por Jabotinsky, seu movimento juvenil, o qual enfatizava uma educação paramilitar, uniforme e desfiles, sendo comparado por grupos judaicos opositores ao fascismo italiano.<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> Sobre estas noções e o sobre o assunto em geral, ver a obra de Norberto Bobbio **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. (2ª Edição revista e ampliada) São Paulo: Editora UNESP, 2001.

<sup>33</sup> Junto às comunidades judaicas dispersas pelo mundo, como o Keren Tel Chai ou Fundo da Aliá (imigração) para Israel e o Keren Hachinuch ou Fundo de Educação.

<sup>34</sup> SACHAR, Howard M. História de Israel I. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo. In: **Enciclopédia Judaica**. Tradução de Heloísa Villella e Léa Maria Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989. vol. 4, p. 185.

<sup>35</sup> Ibidem, 1989. p. 185.

<sup>36</sup> Organização de caráter extremista fundada em 1936 e considerada ilegal pelo Mandato Britânico na Palestina. Além da atividade política no sentido de estabelecer um Estado judeu exerciam uma ação militar na defesa dos colonos judeus contra os árabes durante o período do Mandato. Cf. FALBEL, 1996. p. 280.

<sup>37</sup> Comparação que, segundo a Enciclopédia Judaica, causara em Jabotinsky sentimentos de tristeza e contrariedade. Cf. SACHAR, Howard M. op. cit., 1989. p. 184.

Estabelecia-se uma ruptura dentro do movimento, em virtude da co-existência de duas macro-estruturas divergentes: a OSM, constituída majoritariamente por sionistas partidários de centro e de esquerda, e a NOS, formada por sionistas de direita. Porém, após a Segunda Guerra Mundial, os revisionistas, mesmo possuindo um aparelho administrativo-burocrático paralelo e suas respectivas instituições, voltaram a participar das atividades da OSM, porém sem deixar de criticar abertamente sua política.

Em relação ao período, segunda metade dos anos 1930 e início dos anos 1940, Helena Salem, mostrando as dissidências internas no movimento, refere que, além da imigração clandestina, outro fato assinalou essa época: o *surgimento de grupos terroristas judeus*. O primeiro a aparecer foi o *Irgun Zvai Leumi*, mais conhecido simplesmente por *Irgun*, grupo saído da *Haganá*, em 1938 e fundado pelos estudantes David Raziel e Abraham Stern, da Universidade Hebraica de Jerusalém.<sup>38</sup> Mostrando a dissidência dentro da dissidência, a autora refere que:

Os ingleses reprimiram o Irgun prendendo seus líderes. O grupo terrorista não fez por menos: passou a atacar também as autoridades britânicas [...]. Com a eclosão da Segunda Guerra, porém, decretou-se uma trégua formal entre o Irgun e os ingleses, que soltaram os terroristas presos. Abraham Stern não concordou com a trégua: abandonou a organização junto com a maior parte de seus militantes fundando uma nova agremiação: os “Lutadores pela Liberdade de Israel” [...] comumente conhecida por Stern.<sup>39</sup>

A relação entre a Haganá (exército oficial judaico, reconhecido pela mandatária), e demais grupos armados era ambígua, caracterizada por constantes aproximações e distanciamentos. A explosão, em julho de 1946, do *King David Hotel* em Jerusalém, onde se hospedavam funcionários do mandato britânico, além de árabes e judeus, torna explícita essa relação, conforme é possível verificar através de notícia, publicada na revista *Aonde Vamos?*, em 1º de agosto de 1946, intitulada: *O Irgun Zvai [sic] aceita a responsabilidade do atentado*:

O grupo judeu extremista Irgun Zvai Leumi aceitou hoje a responsabilidade pelo atentado perpetrado ontem contra o Quartel-General Militar Britânico e o Governo da Palestina, instalados no Hotel Rei Davi, atentado esse que agora já produziu 45 mortos e 50 feridos. Afirma o Irgun que “a tragédia foi originada pelos próprios ingleses que não fizeram caso da chamada telefônica feita 27 minutos antes da explosão”.

A Haganá, Movimento de Resistência Judaica, informou hoje oficialmente à “Jewish Telegraphic Agency”, numa mensagem telefônica, que a explosão do Hotel Rei Davi, não é obra de sua organização. O porto-voz da Haganá disse pelo telefone: “Nós nunca perpetrarmos atos tão bastardos”.<sup>40</sup>

<sup>38</sup> Cf. SALEM, 1985. p. 24.

<sup>39</sup> Idem, 1985. p. 24-25.

<sup>40</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 171, Rio de Janeiro, 1º Agosto de 1946.

Assim, se ambas macro-organizações - OMS e NOS - tinham o mesmo propósito: criar um Estado nacional judeu, discordavam acerca dos meios e dos métodos utilizados para efetivar esse objetivo. A OSM visando tornar legítima sua causa buscando o reconhecimento e o apoio dos demais países, seguia o caminho da negociação e da diplomacia, cooperando com a Inglaterra e respeitando as normas impostas por ela. Por sua vez, a NOS, contrária à divisão do território, desejava criar o Estado judeu através da força e das armas, ou seja, confrontando-se com a potência mandatária e com os povos árabes da região.

Porém, afirmar que seguiram diferentes caminhos, não significa excluir a possibilidade de cruzamento de seus interesses. Desse embate, a OSM apresentou-se de modo mais expressivo como aparelho estatal, como o campo no qual as diferentes tendências do movimento travaram suas disputas. No entanto, a NOS se fazia presente, ora como uma das diversas tendências existentes no campo sionista, ora como um aparelho paralelo.

No Brasil, por exemplo, ocorreram algumas desavenças envolvendo militantes e emissários sionistas de tendências político-partidárias distintas, pois alguns destes, representando diferentes organizações ou tendências partidárias, transitavam e falavam em nome das duas potências sionistas.

Visto as divergências entre os grupos sionistas, seus propósitos e tendências, ainda cabe salientar que em relação aos judeus da diáspora, as duas macro organizações, tinham como objetivo cooptá-los para o movimento, seja como militantes, simpatizantes e/ou colaboradores de recursos financeiros para a causa. Visavam arrecadar fundos para a manutenção de suas instituições e para a construção do futuro Estado israelense e, igualmente, através de uma pedagogia sionista, preparar cidadãos para esse *Estado imaginado*, desenvolvendo entre as comunidades judaicas uma consciência nacional. Conforme Nachman Falbel:

A mobilização da Diáspora era um dos pilares da política sionista que se fazia em vários planos abrangendo o político propriamente dito, o econômico que se revelava pelas múltiplas campanhas de auxílio aos refugiados, às vítimas da guerra, aos vários setores da colonização da Palestina, incluindo-se a aquisição de terras para o Fundo Nacional Judaico, para o plantio de árvores bem como para fins educacionais e culturais.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Ver FALBEL, 1996. p. 89. Neste sentido, Ieda Gutfreind afirma que desde seu surgimento, o sionismo internacional criou uma complexa organização, traçando programas a partir de objetivos explícitos que como uma extensa teia, cobriu as mais longínquas coletividades judaicas da diáspora. A do Rio Grande do Sul, em especial Porto Alegre, não fugiu à regra. Cf. GUTFREIND, 2004. p. 137-138.



Com a finalidade de propagar a causa nacionalista entre os judeus da diáspora, a NOS e, principalmente, a OSM enviaram seus agentes para diversas localidades do globo. O movimento que sofrera interrupções devido a Segunda Guerra Mundial, retomara plenamente suas atividades a partir de 1945, ocorrendo em várias regiões do mundo uma rápida expansão e propagação das idéias sionistas, reforçadas pelo genocídio nazista.

A circulação e difusão das idéias sionistas no Brasil, durante os anos 1920 e 1930, ocorreu por meio de diversas formas, seja através dos imigrantes que aportavam no continente americano, trazendo informações sobre o desenvolvimento do sionismo na Europa, da movimentação de judeus que migravam de localidades interioranas para centros maiores e/ou através da visitação de emissários sionistas que vinham ao país a fim de propagar o movimento.

No Brasil, o projeto sionista igualmente sofrera a interferência por parte do Estado Novo que coibira suas atividades em 1938. Apesar desta proibição o movimento era tolerado pelas autoridades, sendo, inclusive, possível encontrar registros de atividades declaradamente sionistas durante a ditadura varguista. Assim, no meio judaico, os anos 1930 e 1940 criaram condições para um verdadeiro *boom* de atividades institucionais, sociais, culturais e políticas, fomentadas a partir de 1945 por emissários provenientes de diferentes locais, como Londres, Paris e Jerusalém, representantes de diversas tendências do movimento que passaram freqüentemente a percorrer o território brasileiro com o intuito de propagar a causa nacionalista entre os *judeus-brasileiros*.

## **1. 2. O Nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul<sup>42</sup>**

Se em um contexto macro social e político havia concorrência entre grupos opostos pela *representação política* e pela condição de porta-voz do movimento, em um universo social menor, a situação não foi diferente.

Em novembro de 1945, o jornalista carioca Aron Bergman, vice-presidente da OSU/RJ, visitou Porto Alegre com o propósito de criar no Estado gaúcho uma instituição ou um comitê local, vinculado à Organização Sionista Brasileira e Mundial. Em 24 de novembro deste ano, foi fundada a *Organização Sionista Unificada do Rio Grande do Sul* (OSU/RS) - conhecida como

---

<sup>42</sup> A fim de situar as linhas gerais dos respectivos grupos e suas tendências, no apêndice 1 ao final desta apresento algumas organizações e partidos sionistas, que se encontravam presentes no Rio Grande do Sul no período estudado.

*Unificada* -, que tinha como objetivo abarcar e representar as demais instituições judaicas do Estado.<sup>43</sup>

A Assembléia Geral, para eleição de sua primeira diretoria ocorreu em 6 de dezembro na Rua Henrique Dias, n. 73, no Salão do Centro Israelita Porto-Alegrense. Conforme consta no Boletim Informativo n. 2 da Instituição (de circulação interna):

A sessão foi aberta pelo Sr. Maurício Pecis que cumprimentou os nossos sócios, pedindo seu máximo apoio à nossa causa, seguindo-se com a palavra o Sr. Klaus Oliven que explicou as finalidades da nossa Organização e as tarefas principais. Frisou a importância de ser o nosso movimento unido, pois só assim terá a força necessária para a sua árdua luta. Explicou ainda que a Organização Sionista do Brasil, como a de todos os demais países, é unificada e apartidária, e inclui todas as tendências e partidos dentro do Sionismo que reconhecem com suprema autoridade a Organização Sionista Mundial, a Agência Judaica, o Congresso Sionista que elege o Executivo Sionista e que apóiam os fundos Nacionais Keren Kaïemet Leisrael e Keren Haïessod.<sup>44</sup>

Na sessão fora eleito como presidente o comerciante Maurício Pecis<sup>45</sup> e definido os demais diretores e seus respectivos departamentos, restando à instituição iniciar suas atividades. Consta ainda no boletim citado, uma nota com o título *Aos nossos sócios*, referindo o seguinte:

O número de nossos sócios está crescendo dia por dia. Pedimos a todos continuar ativos nesta campanha de novos sócios, afim de nossa Organização tornar-se cada vez mais **o representante legítimo de toda a coletividade judaica de Porto Alegre** [grifo meu], como é amplamente justificado, pois em todo o mundo o Movimento Sionista é o verdadeiro líder e guia do povo judeu, que [...] lhe mostra o caminho a seguir, a única solução da questão judaica.

Julgamos que nesta campanha de sócios o presente boletim possa ser muito útil, para dar uma idéia de nossas atividades, e pedimos passá-lo a todos os interessados e conhecidos que ainda não sejam nossos sócios.<sup>46</sup>

Dessa forma, a OSU/RS apresentou-se como porta-voz dos judeus de Porto Alegre, desejando representá-los, ou seja, falar em nome deles e de suas respectivas instituições. No referido boletim, outra nota intitulada: *Quando surgirá a Federação de todas as sociedades*

<sup>43</sup> Cabe referir que ao longo de 1945 muitos líderes e militantes do sionismo porto-alegrense reuniam-se, invariavelmente nos salões do Círculo Social Israelita, em torno do Comitê Pró-Palestina. Conforme pode ser verificado, dentre outras, em notícia publicada no jornal *Correio do Povo*: Comitê Pró-Palestina lidera o movimento de livre imigração dos judeus sobreviventes na Europa para a Palestina. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 Nov. 1945 p. 3. Quanto a OSU/RS, cabe registrar que instituição estava sediada na capital, mas representava também os judeus do interior, assim suas atividades, realizadas na maioria das vezes em Porto Alegre, eram feitas também em nome dos judeus radicados no interior do Estado.

<sup>44</sup> ORGANIZAÇÃO SIONISTA DO BRASIL – Setor Rio Grande do Sul. Boletim Informativo N° 2. (Circulação Interna). Porto Alegre, Janeiro de 1946. (AEJ)

<sup>45</sup> Maurício Pecis atuava no comércio de móveis e tapeçarias, sendo proprietário da *Casa Rio*, que se localizava no centro de Porto Alegre na Rua dos Andradas n. 1705.

<sup>46</sup> Boletim Informativo N° 2. (Circulação Interna). Porto Alegre, Janeiro de 1946. (AEJ)

*israelitas de Porto Alegre*, chama a atenção por apontar mais claramente as pretensões da Unificada. Mencionava a mesma:

Julgamos já ter chegado desde muito tempo o momento de finalmente todas as sociedades israelitas desta Capital fundarem um órgão central e autoritativo, uma “organização teto”. Esta Federação na qual estariam representadas e fariam parte todas as sociedades israelitas de Porto Alegre, seria o verdadeiro porta-voz e representante da coletividade israelita de Porto Alegre.

O que existe atualmente aqui é uma infinidade de diversas organizações, mas não há uma comunidade, uma Federação, na qual todas as associações estão representadas e que portanto como nenhum outro órgão seria capacitado a discutir e resolver os problemas que afetam a toda a coletividade israelita da Capital.

Grandes realizações poderiam ser feitas, se houvesse um elo de ligação e união entre as sociedades, como acontece em todos os demais países do mundo, como foi na Europa, e como é nos Estados Unidos, e também na Argentina, onde em Buenos Aires foi criado este órgão superior: o DAIA.

Porque o Brasil e Porto Alegre são diferentes neste particular do resto do mundo, onde há comunidades judaicas? [...].<sup>47</sup>

No entanto, a posição de *comitê* porta-voz da comunidade judaica, almejada pela OSU/RS, já vinha sendo ocupada por outra entidade, o *Círculo Cultural Iavné* - fundado em Porto Alegre ainda durante a ditadura varguista, em 2 de julho de 1944, sendo esta a primeira instituição judaica de caráter sionista a estar presente no RS após o Estado-Novo.

Simpatizando e mantendo vínculos com a NOS, porém apresentando-se publicamente como entidade *cultural*, o Iavné era bastante atuante no que tange à política sionista, freqüentemente organizando programações, eventos e atividades variadas, principalmente relacionadas ao sionismo. Devido sua ação política, bem articulada,<sup>48</sup> era no Estado gaúcho a principal referência para os demais grupos sionistas estrangeiros e do restante do país, os quais retomavam publicamente suas atividades. Sobre o surgimento e a atuação desta agremiação, Anita Brumer no texto *Cem anos de Vida Comunitária*, refere:

O primeiro movimento juvenil judaico foi criado em Porto Alegre em 1944, por iniciativa de um pequeno número de jovens, com o nome de *Círculo Cultural Yavné*. Entre suas atividades destacaram-se a edição de um boletim, a organização de uma biblioteca (com livros trazidos principalmente de Buenos Aires), a montagem de peças de teatro e a

<sup>47</sup> Boletim Informativo Nº 2. (Circulação Interna). Porto Alegre, Janeiro de 1946. (AEJ)

<sup>48</sup> Através da documentação e possível verificar que o Iavné e seus dirigentes mantinham contatos freqüentes com diversas comunidades judaicas e suas respectivas instituições, dentro e fora do país. Formando uma imensa rede de contatos, relacionavam-se com grupos radicados em Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, e também do Uruguai e da Argentina, ora indo até estas localidades, ora recebendo convidados provenientes destes locais. Ver HATIKVA. Órgão Oficial do *Círculo Cultural Iavné*. Porto Alegre, ns. 7-9, Agosto-Setembro de 1945; HATIKVA. Órgão Oficial do *Círculo Cultural Iavné*. Porto Alegre, n. 10, Novembro-Dezembro de 1945 e Janeiro de 1946; HATIKVA. Órgão Oficial do *Círculo Cultural Iavné*. Porto Alegre, n. 12, Abril-Junho de 1946. (AJH)

realização das duas primeiras programações judaicas de rádio em Porto Alegre, em 1946, antes da criação da Hora Israelita.<sup>49</sup>

O Iavné bimestralmente editava um boletim informativo, denominado *Hatikva*, que apresentava suas atividades à comunidade e também publicava reportagens, artigos, notas sociais e notícias referentes ao judaísmo, mais especificamente, as relacionadas ao movimento sionista, tanto em nível local quanto internacional.<sup>50</sup>

Em sua edição de agosto e setembro de 1945, a *Hatikva* comemorava o *Rosh Hashaná* (Ano Novo judaico) e, igualmente, celebrava o primeiro aniversário do Iavné, enviando uma mensagem à juventude sionista do Brasil, que referia: *não desperdiçai as vossas forças! Lutai, não pelos partidos, mas pelo povo! Uní vossos esforços em torno do ideal único e comum! Batalhai pela coesão e unificação de Am Israel!* [...].

Dessa forma, desde sua fundação, o Iavné se posicionou como plenipotenciário, tanto do ponto de vista sionista, quanto da vida sócio-cultural da comunidade judaica sul-rio-grandense. Porém, mesmo aspirando a condição de representante de *todos os judeus* e aconselhando à juventude a não lutar por partidos, a entidade identificava-se com a ala situada à direita do campo sionista, que se reunia em torno do *Partido Revisionista* e seus jovens no movimento juvenil *Betar*.

Muitos judeus, entretanto, não participavam do Iavné. Cabe referir que alguns dirigentes da OSU/RS, vinculada a OSM, já vinham ao longo de 1945 se reunindo em torno do Comitê Pró-Palestina, conforme citado anteriormente. Uma nota, publicada no *Diário de Notícias*, em 29 de maio desse ano,<sup>51</sup> convidando as instituições judaicas para eleger a diretoria deste comitê, intitulada: *Aos Israelitas de Porto Alegre*, chama a atenção pelo fato de não apresentar o nome do Iavné, entidade bastante atuante e conhecida entre os judeus porto-alegrenses; a mesma referia o seguinte:

<sup>49</sup> Cf. BRUMER, Anita. Cem anos de Vida Comunitária. In: WAINBERG, Jacques A. (Coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004. p. 129. Porém, convém referir que apesar de ser um grupo formado por “jovens”, o Iavné não pode ser equiparado a outros grupos juvenis como o Dror e o Betar. Pois, seus *jovens* tinham em média, idade entre 20 e 30 anos, trabalhavam e muitos eram estudantes universitários, ou seja, possuíam vida própria, sendo independentes de seus pais. Como exemplo, entre os “jovens” do Iavné é possível citar, dentre outros, os nomes de José Grimberg e Josef S. Halpern, Marcos Meyer, Mario Waiss, etc. Por sua vez, o Dror e o Betar, mesmo tendo “companheiros” mais velhos, eram em sua grande maioria formados por adolescentes e jovens entre 12 e 21 anos.

<sup>50</sup> Segundo Josef Halpern a circulação do *Hatikva* durou uns três anos, tendo sido editados aproximadamente quinze números. Cf. HALPERN, Josef S. **Contribuição para a História da Imprensa Judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Museu Judaico de Porto Alegre, 1999. p. 23.

<sup>51</sup> A proibição do sionismo no Brasil vigorou no período de 18 de abril de 1938 até 5 de abril de 1945 (Cf. FALBEL, 1996. p. 67-76).

As sociedades abaixo mencionadas convidam seus associados, e demais membros da coletividade Israelita a comparecerem a assembléia geral, que realizará hoje terça-feira, às 20:00 horas na sede do C.S.I, a fim de eleger a diretoria do Comitê Prol Palestina (sic), Centro Israelita, Sibra, Sociedade Cooperativa de Pequenos Créditos, Centro Hebraico Rio-Grandense, União Israelita, Sociedade Beneficente de Socorros Mútuos, Círculo Social Israelita, Sociedade Maurício Cardoso, Sociedade Benfeitoria Funerária.<sup>52</sup>

A ausência, em tal nota, do nome do Iavné sugere, mesmo que sutilmente, uma certa rivalidade ou animosidade entre este grupo e o *pessoal* que formaria a Unificada. Cabe ressaltar, que as duas instituições não disputaram apenas o *poder simbólico* e o *espaço social*, mas também o mesmo espaço físico. Segundo narra o memorialista étnico Moysés Eizirik: *em abril de 1945 é cedido o salão [do Centro Israelita] para o Círculo Cultural Iavné. Em novembro do mesmo ano é cedido o local para realizações da Organização Sionista.*<sup>53</sup> O que significa ser este um espaço estratégico para ambos os grupos frente à comunidade maior.

Conforme consideramos, até a fundação da OSU/RS, o Iavné era a principal referência do sionismo no Estado gaúcho, e ficou a cargo desta associação receber os primeiros emissários sionistas estrangeiros que estiveram no Rio Grande do Sul, ao final do Estado Novo. Assim, do Rio de Janeiro, procedente dos Estados Unidos, chegava a Porto Alegre (entre junho e julho de 1945) o enviado do Congresso Judaico Mundial,<sup>54</sup> dr. Pinchas Steinvaks<sup>55</sup> que ficou no Estado sulino por cerca de três semanas participando de atividades e eventos relacionados ao movimento sionista.<sup>56</sup>

Bastante dispostos e receptivos (apesar da tendência de esquerda do emissário), os experientes jovens do Iavné, entrevistaram o representante do Congresso Judaico Mundial, sendo o depoimento editado no Boletim da Instituição. Neste, o delegado mencionou que estava

<sup>52</sup> Cf. Aos Israelitas de Porto Alegre. **Diário de Notícias**, Porto Alegre. 29 de Maio 1945. Seção Vida Social. p. 5. Outro aspecto que chama a atenção nesta mesma linha é o fato que Moysés Eizirik, que fazia parte da diretoria da OSU/RS, ao escrever a história das instituições judaicas no RS em seu livro **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul** (1984) não dedica nenhuma seção para abordar o Círculo Cultural Iavné, o Betar, o Partido Revisionista e a NOS, limitando-se apenas a fazer poucas citações de algumas destas entidades quando elas se relacionam com outras e quando aborda as *publicações israelitas e programas radiofônicos* nas páginas 113 até 116.

<sup>53</sup> Cf. EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984. p. 51.

<sup>54</sup> Samuel Malamud, memorialista étnico do sionismo brasileiro, refere que: A Partir de 1945 começaram a visitar o Brasil enviados, ora da Organização Sionista Mundial, ora do Congresso Judaico Mundial. O CJM, embora preocupado principalmente com o trabalho de socorro às vítimas da guerra, cooperava na parte política com a Organização Sionista Mundial. Cf. MALAMUD, Samuel. **Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial**. Rio de Janeiro: Bloch, 1983. p. 51.

<sup>55</sup> Cf. Falbel este emissário fundou o Comitê pró-Palestina no Estado sulino. Segundo o historiador: *no Rio Grande do Sul também surgiria um Comitê pró-Palestina Hebréia, formado por todas correntes sionistas e simpatizantes, que aglutinaria boa parte dos representantes das antigas associações, sob o estímulo de Pinchas Steinvaks, que se encontrava naquele Estado* (FALBEL, 1996. p. 76).

<sup>56</sup> Cf. HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, ns. 7-9, Agosto-Setembro de 1945. (AJH)

*trabalhando numa Campanha unida em pról do Congresso e do Keren Haïessod, [instituições vinculadas a OSM] que se interessam, uma pelos problemas do Galut e outra, pelos de Eretz Israel, completando-se ambas mutuamente. Após exprimir-se tão bem sobre o sionismo, conforme palavras do entrevistador, o emissário foi perguntado sobre qual facção pertencia, Steinvaks esclareceu que fazia parte do Partido Poalei-Sion, mencionando acreditar que o Estado de Israel deveria ser construído por operários e pelo trabalho judeu, sobre as bases da Democracia e Justiça.<sup>57</sup>*

O emissário ainda esclareceu que:

O Congresso Judaico Mundial surgiu em 1936, especialmente convocado por uma conferência mundial de judeus, em Genebra (Suíça) e tornou-se a representação mundial judaica [...]. Agora que a guerra esta finda, está em seu programa, em 1º lugar o auxílio e a reabilitação de Israel. [...] O Congresso Judaico representa os judeus do mundo, eleito como é, e executa os desejos e decisões dos judeus. Assim como a AGENCIA JUDAICA é a representação de judeus para a Palestina, o Congresso é a representação dos judeus para o Galut.<sup>58</sup>

Ao final da entrevista, foi feita a seguinte pergunta ao emissário: *que podemos, para conseguir os objetivos sionistas, fazer aqui em Porto Alegre?*: a resposta do agente sionista foi taxativa: *concentrar toda a juventude ao redor da idéia sionista, e educá-la no espírito chalutziano [pioneiro].*

Caracterizando sua posição como porta-voz sionista dos judeus-gaúchos e sua relação política e amistosa com os representantes estrangeiros, o Iavné atuava como mediador entre a comunidade do Rio Grande do Sul e os *de fora* do Estado. Desse modo, mais dois nomes aparecem no Boletim do Iavné: o do ex-combatente da Brigada Judaica na Segunda Guerra Mundial, Capitão Zvi Kolitz<sup>59</sup> e o de Léo Halpern, delegado do Keren Kaiemet Leisrael para América Latina. O primeiro, procedente de Jerusalém era uma das lideranças do Partido *Revisionista* e o segundo, de origem polonesa, radicado em território argentino vinculava-se a movimentos da esquerda sionista.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> Segundo Márcio Seligmann-Silva, Zvi Kolitz radicado na Palestina desde 1940, nasceu na Lituânia, em 1919, em 1946 se encontrava então de passagem pela Argentina para levantar apoio para a fundação do Estado de Israel, vindo a falecer em Nova York no dia 29 de setembro de 2002. Cf. A memória da história: Levante do Gueto de Varsóvia e o testemunho de Zwi Kolitz [sic]. In: SLAVUTZKY, Abrão. (Coord.) **O dever da memória: o levante do gueto de Varsóvia**. Porto Alegre: AGE/ Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003. p. 111-117.

<sup>60</sup> Cf. Os Primeiros Passos: Leo Halper e Ruth Kluger. In: FALBEL, Nachman. **Manasche: sua vida e seu tempo**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 67-106.

Conforme consta em dois boletins *Hatikva*, o emissário Kolitz veio a Porto Alegre com a finalidade de coletar fundos para a *aliá* (imigração para Israel). Na capital gaúcha, o líder revisionista fundou um núcleo local da NOS,<sup>61</sup> e realizou conferências de esclarecimento sobre essa Instituição. Visando ainda, cumprir seus objetivos, editou um boletim, a fim de propagandear as atividades da nova entidade.<sup>62</sup>

Sobre essa organização e seu boletim, Josef Halpern, refere em seu livro *Contribuição para a História da Imprensa Judaica no Rio Grande do Sul* (1999) que em 1945 surgiu em Porto Alegre a N.O.S. e sua direção esteve a seu cargo e ao de José Grimberg. Segundo o memorialista, *nessa época fervilhavam em Porto Alegre atividades societárias judaicas, especialmente no setor sionista [...]. Temas, portanto, não faltavam ao boletim, o que não impediu que tivesse vida curta, pois circularam dois números apenas.*<sup>63</sup>

Em Porto Alegre, Kolitz proferiu uma palestra para a comunidade local, no Círculo Social Israelita, intitulada: *A Palestina será um Estado judeu*. Excertos de sua conferência foram reproduzidos pelo Iavné na edição de número 10, da *Hatikva*. Em seu discurso, o representante afirmou à comunidade que *a palavra imigrante ilegal será extirpada do léxico palestinese. Se os ingleses tratarem de dar caça aos imigrantes ilegais, não se lhes dará trégua nem descanso. Não se os deixará mostrar os rostos nas ruas das cidades judias. A mão que pretende fechar a pátria judia para o povo judeu será cortada.*<sup>64</sup>

No entanto, se o Capitão Kolitz, mantinha laços com grupos sionistas de direita, por sua vez, Leo Halpern, desde sua juventude, identificava-se com tendências de esquerda e extrema-esquerda do sionismo. Sobre ele, Nachman Falbel narra em *Manasche: sua vida e seu tempo* (1996), que:

Em meados de 1938 ele já se encontrava em missão no Brasil para fazer a campanha Pró-Palestina Obreira, e possivelmente é a partir dessa data que passará a vir freqüentemente da

---

<sup>61</sup> No Rio Grande do Sul o núcleo local da Nova Organização Sionista se localizava em Porto Alegre, na Avenida Osvaldo Aranha n. 1230. Cf. MENORÁ. Publicação Mensal da N.O.S. (Distribuição Interna). Curitiba, n. 1, Março de 1946. p. 5. (AJH)

<sup>62</sup> Cf. HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, ns. 7-9, Agosto-Setembro de 1945; HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 10, Novembro-Dezembro de 1945 e Janeiro de 1946. (AJH)

<sup>63</sup> Josef S. Halpern, memorialista étnico da comunidade judaica sul-rio-grandense, foi nesse período um dos principais líderes dos sionistas revisionistas de Porto Alegre. Participou ativamente de vários movimentos relacionados ao sionismo, fundando entidades como o Círculo Cultural Iavné, o núcleo regional da Nova Organização Sionista e o Programa radiofônico a Hora Israelita dentre outros (HALPERN, 1999. p. 29).

<sup>64</sup> HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 10, Novembro-Dezembro de 1945 e Janeiro de 1946. (AJH)

Argentina ao país vizinho. Sua participação na campanha Pró-Palestina Obreira revela que Halpern manteve os ideais de juventude, uma vez que estava ligada ao movimento kibutziano e a Histadrut, isto é, a Confederação dos Sindicatos Obreiros na Palestina. Até o ano de 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, Leo Halpern viria esporadicamente ao Brasil como enviado do Keren Kayemet Leisrael para a América Latina e é a partir desse ano que sua presença entre nós far-se-ia mais constante.<sup>65</sup>

No Brasil, o Delegado do KKL, além de arrecadar fundos para a OSM e difundir a idéia sionista entre os judeus, esteve envolvido com a criação de movimentos juvenis. Falbel, na obra citada, demonstra a atuação do emissário neste sentido:

Leo Halpern, estando no Brasil e voltado permanentemente ao papel da juventude, também teve uma atuação direta no incentivo às organizações que davam seus primeiros passos como movimentos juvenis definidos ideologicamente como sionistas-socialistas. Ele participou no desenvolvimento do Dror em Porto Alegre e Curitiba, que, em setembro de 1946, em encontro com seus dirigentes para dirimir questões internas e ajudá-los a superar dificuldades organizacionais, confirmou a liderança sulina daquele movimento...<sup>66</sup>

Assim, o Círculo Cultural Iavné, vinculado a tendências partidárias de direita no campo político sionista, mantinha-se em uma posição privilegiada como porta-voz dos israelitas gaúchos, como *produtor da crença*,<sup>67</sup> e como instituição referência no Estado, relacionando-se com emissários e militantes de diferentes tendências.

### 1. 3. A tradição sionista no Rio Grande do Sul

Cabe recuar um pouco no tempo, a fim de verificar que no Rio Grande do Sul, muitos judeus já conheciam as diferentes tendências do sionismo, se identificavam com elas e professavam seus ideais. É possível encontrar desde o início dos anos 1930, grupos da direita sionista ligados ao *revisonismo* e, posteriormente, à NOS, o que em parte contribui para explicar

<sup>65</sup> Ainda sobre esse emissário, Falbel menciona no capítulo intitulado: *Os Primeiros Passos: Leo Halpern e Ruth Kluger*, que: [...] Pouco sabemos a seu respeito pois não encontramos qualquer biografia sobre sua pessoa, e o que sabemos se deve ao acaso de termos encontrado aqui e acolá, em publicações de língua ídiche da Argentina, alguns artigos escritos por ele mesmo e que revelam certos traços de sua personalidade. [...] ...podemos inferir, que nasceu em Tchortkov, Galitzia, pois ele se refere ao ginásio polonês dessa cidade onde estudou e que segundo sua narrativa foi o berço do movimento Hashomer Hatzair. Conforme afirma o historiador: [...] Leo Halpern era um homem culto, nacionalista desde a juventude e impregnado de idéias que o levariam a atuar no movimento sionista muitos anos antes da formação do estado de Israel. Por fim, Falbel ainda refere que: ... acompanhado de sua esposa, encontrava-se em 1945 no Brasil como enviado do Keren Kaiemet Leisrael [...]. No ano de 1946 Ester Halpern se mostraria tão ativa quanto seu marido [...]. Ela havia, de fato, formado grupos de jovens no Uruguai, Chile e Argentina e era membro do executivo da Liga Pró-Palestina Obreira, além de organizadora do comitê feminino de Amigas da Histadrut na Argentina. De seu lado, Leo Halpern percorria toas as capitais do país... (FALBEL, 1996. p. 83-86).

<sup>66</sup> FALBEL, 1996. p. 89.

<sup>67</sup> Sobre as noções de *poder simbólico* e *produção da crença*, já referidas na introdução, ver também BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004.



a rede de contatos já estabelecida e a articulação política mais organizada destes grupos no Estado gaúcho em 1945.<sup>68</sup> Talvez outro fator que contribua para explicar essa *tradição* - a presença majoritária de grupos sionistas de direita - se deva ao fato que o próprio Estado Novo perseguiu e combateu movimentos de esquerda no país.<sup>69</sup>

Isak Bas, imigrante judeu-polonês que veio para o Brasil no início da década de 1930, em depoimento concedido ao ICJMC, em 1990, fornece informações sobre a relação entre as diferentes tendências do sionismo na Europa. O depoente recorda que, na Polônia, existia *na época* [anos 20], *um Betar, um Hashomer Hatzair, o Bund, que era nosso adversário, quer dizer, não era contra sionismo*, e ainda lembra da relação entre estes grupos sionistas e *os outros*, isto é, os de fora do movimento, narrando que: *...quando chegava a agressão dos anti-semitas, [...] eles usavam chapeuzinhos, barretezinhos, bonezinhos específicos dos anti-semitas, então nós nos reuníamos todos...*<sup>70</sup>

O mesmo depoente, atuando voluntariamente como professor de educação física em Porto Alegre, ainda narra o seguinte: *comecei procurar a juventude, marchava com eles, enfim, fazia ginástica, pirâmides, que se usava muito, naquele tempo, pirâmides. Enfim, [...] eu me distraía, porque precisava algo mais, além da profissão. Aliás, como todos precisavam algo mais, [...] resumindo, aí eu fundei o Betar.*<sup>71</sup>

Em relação à fundação desse movimento juvenil revisionista em Porto Alegre, Isak Bas lembra o nome de outros militantes: *...fundei o Betar, com o falecido Isaac Russowsky, Frandzuský, Budiansky, velha escola que já ninguém existe. O único que dura sou eu, porque fiz, naquele tempo, vinte um prá vinte dois anos. E todos eles já tinham, naquela época cinquenta, sessenta anos. Ainda sobre a atuação e a presença de movimentos sionistas de direita o entrevistado cita: ...fundei o Betar, que tinha bastante jovens. Depois, fundamos o Partido Revisionista também, para o desgosto de muitos, mas o que eu vou fazer?*<sup>72</sup>

<sup>68</sup> Sobre o assunto Ieda Gutfreind, menciona que: na década de 1930 um movimento juvenil, o Betar, seguidor das idéias de Jabotinsky, surgiu na capital. Muitos jovens que aderiram a ele a partir de experiências familiares trazidas da Europa tinham conhecimento e adotavam sua proposta. Cf. GUTFREIND, 2004. p. 147.

<sup>69</sup> Sobre o tema consultar os livros: **A história dos judeus em São Paulo**. 2ª Edição Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996. p. 77-78; **A história dos judeus no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1998. 79-80, ambos de Henrique Veltman.

<sup>70</sup> BAS, Isak. Entrevista n. 311. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 01/08/1990. Segundo o depoente, ele já fazia parte do Betar na Europa, e seu movimento se unia a outros para enfrentar os anti-semitas.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Sendo mais preciso em suas lembranças o depoente lembra que: *na comunidade judaica, em 1931, professor gratuito de educação física do Colégio Israelita Brasileiro. Fundamos o Partido Revisionista com o Isaac*

Outro militante do Betar, na década de 1940, também em entrevista concedida ao ICJMC, narra que, em sua casa, apesar de respeitarem os princípios do judaísmo, a família não era *absolutamente religiosa*, mas tinham *uma perfeita identificação com o movimento sionista, com os interesses dos judeus do mundo inteiro*, dessa forma, participavam *tanto de movimentos juvenis como de adultos, nesse campo sionista*.<sup>73</sup> Ao responder sobre as origens do movimento em Porto Alegre, cita o seguinte: *...não poderia precisar assim [uma data], porque quando eu comecei a freqüentar o Betar ele já existia. [...]...agora eu tenho conhecimento de que foram seus estruturadores aqui o sr. Don Leistner, o sr. Luiz Brochmann, o sr. Wolff, o Dr. Isak Bas, Josef Halpern, Davi Henrique Segal, Mário Weiss e a família Zalmon, e os Zalmon todos imigraram para Israel. O depoente ainda recorda que o Betar era composto de mais de duzentos elementos [...] a idade variava entre dez, doze anos e dezoito, vinte anos mais ou menos. [era] ...misto, rapazes e moças*.<sup>74</sup>

Jaime Maltz, militante sionista bastante atuante em várias frentes do movimento, freqüentava o Betar e também a juventude do Partido Libertador (PL), no RS. Em sua entrevista, ele recorda a visita do emissário revisionista Capitão Kolitz ao Estado e sua atuação no grupo juvenil referindo:

...Betar, era um movimento meio de direita, de revolta contra os ingleses, achando que o caminho para conseguir o Estado de Israel era político e não só o de colonização. Aliás, se viu que um não era contra o outro, que se necessitava dos dois conforme a ocasião às vezes os dois concomitantes. Mas, naquela época, havia o grupo que a colonização se deveria fazer só... pela ocupação se deveria fazer só pela ocupação, pela criação de novos lugares e outro achava que era um movimento político [...].

[O Betar] era doutrinação, né? A gente conversava, organizava palestras, vinha gente para cá. Me lembro do Capitão Kolitz, que era um capitão da Marinha, ele naquela época que lutou na guerra dos nazistas, ele foi capitão de navio, pela brigada judaica naquela época, lutou junto com os ingleses. E vieram outros, cujos nomes não me recordo. Eu tenho os nomes em papéis em casa, né, mas... era uma época bonita. Bonita porque a gente tinha grandes ideais e os ideais foram conseguidos.<sup>75</sup>

Isak Bas cita ainda, que em Porto Alegre durante os anos 1930, além do Partido Revisionista e do *Betar*, atuou também no *Keren Kaiemet*, arrecadando fundos junto à

---

*Russowsky, sr. Budiansky, Don Laistner, Izidor Frandzusky, Bernardo Tchernin, Mário Wass e outros. No mesmo ano, fundamos o Betar. Militamos no Keren Kaiemet, que na época do Getúlio, era considerado clandestino.* BAS, Isak. Entrevista n. 311. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 01/08/1990.

<sup>73</sup> HALPERIN, Jacob. Entrevista n. 351. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 14/12/1990.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 23/05/1991.

comunidade e que durante o Estado Novo os emissários eram recebidos *silenciosamente, porque era proibido* e que após esse período *diversos shlichim* [emissários] estiveram no Estado. Por fim, sobre a vida sionista em Porto Alegre, ao lembrar da relação entre as diversas tendências cita que *...o trabalho sionista prá nós, judeus é uma cachaça. A não ser com raras exceções, e se desviam pelo caminho que nós achamos certo e que eles também acham certo o deles. Mas a maioria, exatamente, são sionistas, pró-Israel [...], pró-judaísmo em geral. E, quando aparece um pouquinho de anti-semitismo, a gente se une...*<sup>76</sup>

Sobre a presença de grupos de direita no Rio Grande do Sul e sua relação com os demais grupos, uma depoente, Eugênia Seligman, simpatizante de tendências sionistas de esquerda, filha de Jaime Budiansky, um dos fundadores do *Partido Revisionista* em Porto Alegre, em entrevista ao ICJMC, mencionou que:

Eu sei que quando ele [Jaime Budiansky] chegou da Europa [Ucrânia - Rússia] em 1904, ele já era sionista, ele já tinha idéias sionistas. Tanto que em 1908, quando nasceu meu irmão, ele deu a ele o nome, o nome de Moishe Herzl, porque ele era um grande admirador do Theodoro Herzl [...]. Bom, ele era também um grande admirador do – nos últimos anos, na década de 1930, 1940 - ele era admirador do Jabotinsky. E eu até discordava, naquele tempo, com ele. E não sei se ele fundou, mas ele organizou o Partido Revisionista, que naquela ocasião era um dos mais fortes do Brasil – diziam que era. Eu me lembro que diziam que o Revisionismo era o reduto aqui em Porto Alegre. [...]... ajudaram muito a ele, se encantavam com ele, era o doutor Isak Bas, o Bernardo Tchernin, Gabriel Zalmon [...].<sup>77</sup>

A respeito da relação político-partidária entre ela e o pai, a depoente menciona que: *ele era revisionista, então fundou o Betar. E os jovens quase todos, a maioria dos jovens naquele tempo pertenciam ao Betar. O Betar era forte aqui em Porto Alegre. Porém, simpatizando com o Partido Trabalhista, ela não concordava com a posição do pai, visto que ele achava que [Israel] devia ser tomado pela luta, só pela... [luta].*

Ainda no que tange as diferentes tendências, Ieda Gutfreind ao analisar o surgimento de outro movimento sionista juvenil, porém este de esquerda, cita que:

O Dror surgiu em Porto Alegre em outubro de 1945, às vésperas do 22º Congresso Sionista Mundial. Este foi o primeiro movimento criado depois da II Guerra. O movimento sionista mais atuante em Porto Alegre era o revisionista, e o Betar sua expressão institucional juvenil. A fundação do Dror significou a congregação de jovens que não

<sup>76</sup> BAS, Isak. Entrevista n. 311. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 01/08/1990.

<sup>77</sup> SELIGMAN, Eugênia. Entrevista n. 274.0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 17/08/1989. Seu pai emigrou da Ucrânia para a América do Sul e Eugênia Seligman nasceu em Buenos Aires em 1º de janeiro de 1907. Conforme visto, seu pai vinculava-se com movimentos sionistas de direita e ela com movimentos de esquerda. No período aqui estudado (1945-1951) ela era esposa do médico Maurício Seligman, presidente da OSU/RS a partir de meados de 1946, conforme será visto a seguir.

aceitavam o revisionismo e, em pouco tempo, o movimento agrupava algumas centenas deles. A coletividade tomava posições político-ideológicas entre direita e esquerda e a fundação do Dror significou um posicionamento contrário ao revisionismo, identificado com a primeira tendência, demonstrando facções no interior do movimento.<sup>78</sup>

Em entrevista ao ICJMC, um militante do Dror no período estudado, refere que depois de 1947, praticamente todos *jovens judeus se encaminharam para os movimentos juvenis. Os mais velhos fizeram partidos, de acordo com as tendências, idéias existentes em Israel. E essas tendências também repercutiram na área jovem.* Conforme refere o militante: *o Betar era radical mesmo. Eu era pequeno, até hoje me lembro, o emblema do Betar era a Jordânia toda junto. E, simpatizando com idéias de esquerda, ele explica as razões dos jovens ao se filiar no Dor: a gente ia para o Dror, [porque] havia lá um debate ideológico muito forte, Socialismo, Comunismo, Social-Democracia, o que tá certo, o que tá errado. A gente também ia por causa das garotas. Todas as gurias tavam lá. Então a gente tinha que ir...*<sup>79</sup>

E, por fim, reforçando as afirmações apresentadas acima e a oposição entre os diferentes grupos sionistas, Sigue Friesel, na obra *Bror Chail: História do movimento e do Kibutz Brasileiros* (1956), escreveu:

A primeira cidade em que surgiu o movimento [Dror] foi Porto Alegre. Os gaúchos fazem questão da data exata: 5 de outubro de 1945. Mal surgira, já viveria tempos agitados. Estava-se em vésperas do 22º Congresso Sionista, o primeiro após a guerra, e por isto, de grande importância. Era o congresso que tinha por triste tarefa fazer o levantamento da catástrofe [...]

Porto Alegre era uma cidade inteiramente dominada pelos revisionistas. Não obstante, reuniu o movimento [Dror] em pouco tempo cerca de 300 *chaverim* [companheiros], e representou o elemento mais dinâmico na campanha para as eleições ao congresso. O setor Porto Alegre surgira por contato e influência do movimento argentino. Pela proximidade geográfica, haviam os *chaverim* participando em acampamentos argentinos, e organizaram logo após o primeiro acampamento (*machané*) do movimento brasileiro, em Quatro Irmãos.

<sup>78</sup> GUTFREIND, 2004. p. 148.

<sup>79</sup> STEIN, Carlos. Entrevista n. 370. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 10/04/1991. Ao ser perguntado sobre a posição ideológica do Dror o entrevistado respondeu que: O Dror se filiava a um movimento de social democracia”, era segundo ele, um movimento de centro-esquerda. Conforme suas palavras, no movimento sionista “havia setores bastante esquerdistas e setores que se aproximavam do ‘Likud’, do Betar, de direita [...]. Eu me situava numa área mais à esquerda, naquela época nem se tinha idéia de como eram as coisas mesmo, né? A gente tinha assim uma posição de repúdio ao Sionismo. Eu freqüentava [a comunidade] e repudiava, passava o tempo todo discutindo com os caras contra o Sionismo, né? Tu vê que loucura, né? Era um troço assim, mas, foi muito infantil, muito juvenil, se bem que eu lesse muito naquela época, literatura, lia estudei muito Marxismo, livros importantes. E tinha uma argumentação, eu tinha uma argumentação, não é? Mas eles não conseguiam fazer a minha cabeça, porque precisavam que surgisse um movimento que fosse também de esquerda e tivesse uma argumentação de esquerda como a minha [...]. Então precisava surgir na minha vida uma organização mais de esquerda, que pegasse assim o Marxismo-Leninismo, o materialismo dialético, que é a base teórica da coisa e que em cima disso discutisse comigo e que colocasse o Sionismo dentro dessa coisa toda. E isso foi o Hashomer Hatzair.

No Rio de Janeiro, partindo de um grupo de estudos, que se reunia na Biblioteca Bialick, atingiu a juventude de todas as idades e pontos da cidade. O acampamento de verão, realizado em Petrópolis (março de 48) veio fixar em bases mais sólidas o movimento.

Neste tempo, também os demais movimentos começavam a estruturar-se no Brasil. O Betar aparecia de um dia para o outro, com centenas de membros. Seria o movimento da “moda” durante algum tempo, auto-aurelando-se com um halo heróico pelo seu terror contra os ingleses. Também o Hashomer Hatzair surgiu nas principais cidades [...].<sup>80</sup>

Dessa forma, em 1945, ao final do Estado Novo, o movimento sionista rapidamente se fez presente em Porto Alegre, através de suas respectivas instituições e por meio das diferentes tendências, bastante conhecidas entre os judeus do Rio Grande do Sul. Estes, se organizaram, dividindo-se em grupos de acordo critérios político-partidários, que abrangiam ideologias de direita, de esquerda ou nenhuma das duas, denominados aqui de *não-alinhados*, sendo este o caso dos Sionistas Gerais e do Partido Religioso.

#### **1. 4. A luta pela dominação simbólica: a refundação da Organização Unificada do Rio Grande do Sul e o movimento revisionista.**

No artigo publicado na Revista *Ágora*, intitulado *Sionismo e Identidade Judaica: Análise da Revista Seleções Sionistas (1961/1962)* (2001), de Paulo C. Estaitt Garcia, o mesmo menciona que: *Em 1945 foi fundada a Organização Sionista Unificada do Rio Grande do Sul. Reflexo da Organização Sionista Unificada Brasileira, esta organização unia os sionistas das diferentes correntes em prol da criação do estado judaico...*<sup>81</sup> Porém, convém ressaltar que se por um lado a *Unificada* unia sionistas de diferentes correntes, por outro, cabe dizer que muitos grupos ou correntes da direita sionista não eram filiados e nem reconheciam a Organização Sionista Unificada do Brasil e do RS como legítimos representantes do movimento, e, posteriormente, quando *unidos*, mantiveram uma relação caracterizada por conflitos e disputas.

A partir desta afirmação, cabe mencionar que após o Estado Novo<sup>82</sup> e a redemocratização do país surgiram, partidos e organizações de diferentes tendências dentro do movimento sionista

<sup>80</sup> Cf. FRIESEL, Sigue. **Bror Chail: História do movimento e do Kibutz Brasileiros**. Colaboração da Comissão do Movimento (Vaadat Hatnuá) do Kibutz Bror Chail. Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial. Jerusalém, 1956. p. 19. Publicação localizada na Biblioteca da PUCRS.

<sup>81</sup> GARCIA, Paulo César Estaitt. *Sionismo e Identidade Judaica: Análise da Revista Seleções Sionistas (1961/1962)*. p. 196.<sup>81</sup> In: *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2, p. 179-210, jul./dez. 2001.

<sup>82</sup> Segundo Falbel, o movimento sionista no Brasil, desde os primeiros anos do nosso século [XX], teve ampla liberdade de expressão e o reconhecimento do governo brasileiro em todas as ocasiões em que as aspirações nacionalistas judaicas estiveram na ordem do dia das organizações internacionais. Somente com o Estado Novo é que

no Brasil. No Rio Grande do Sul, em relação aos seus concorrentes de esquerda, os sionistas vinculados a tendências de direita, dominavam o campo político do movimento, no que tange a luta pela representação política e a concorrência pela posição de porta-voz da comunidade, devido sua *tradição* - presença, organização e articulação - no Estado.

No que diz respeito a OSU/RS, ficam algumas perguntas, como: por que Maurício Pecis não permaneceu, não continuou sua gestão, visto que em pouco mais de seis meses de funcionamento, isto é, em junho de 1946, a entidade trocou sua diretoria. Em minha pesquisa ainda não localizei o estatuto da entidade, - nem documentos ou indícios que apontem para sua existência. Sobre essa substituição presidencial, uma edição de 1955, publicada pela OSU/RS, comemorando seus 10 anos de existência, limita-se apenas a referir o seguinte: *em 12 de junho de 1946 encerra-se a gestão da 1ª diretoria da O. S. Unificada e iniciar-se-á um novo capítulo sionista, com a chegada a P. Alegre, do sr. J. Tchornitsky.*<sup>83</sup>

Conforme apontam as fontes orais, documentos e outras fontes consultadas, este emissário *reorganizou a Unificada em moldes dinâmicos, atraiu elementos dedicados e de real prestígio, que fizeram reviver o sionismo. Para direção suprema indicou o Dr. Maurício Seligman, que nos três anos de exercício, como Presidente, elevou a Unificada a uma situação de apogeu...*<sup>84</sup>

Consideremos que havia uma previsão regimental para que a primeira gestão da OSU/RS encerrasse suas atividades ao final do primeiro semestre, ainda assim alguns pontos continuam obscuros: Por que Seligman foi nomeado pelo emissário e não eleito como seu antecessor? o que aconteceu nesses seis meses de vida da entidade? Havia, ou não, uma previsão de mandato para o novo Presidente, visto que ele ficara três anos no cargo? E, por que nos documentos e obras, ao se referir a esse acontecimento é utilizado o termo *reorganizando*?

---

a Organização Sionista no Brasil, surgida efetivamente em 1922, teve suas atividades cerceadas devido ao decreto de 1938, que proibia a existência de *organizações políticas internacionais* em solo brasileiro (FALBEL, 1996. p. 67). Sobre o surgimento do sionismo no Brasil, sua proibição e funcionamento do movimento durante o Estado Novo ver, dentre outros, os seguintes livros: **Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial** (1983), de Samuel Malamud, **A história dos judeus em São Paulo** (1996), **A história dos judeus no Rio de Janeiro** (1998), ambos de Henrique Veltman, **Brasil e Israel: Diplomacia e Sociedades** (2000) obra organizada por Norma Breda dos Santos e os artigos: **Além do Estado e da Ideologia: Imigração Judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial** (2002) e **Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940** (2005), ambos de autoria de Roney Cytrynowicz.

<sup>83</sup> Cf. Josef Tchornitzki [sic] em Porto Alegre. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 7-14. (AJH)

<sup>84</sup> Ibidem.

Assim, o judeu-ucraniano Josef Tchorntsky,<sup>85</sup> esteve pela primeira vez em Porto Alegre, em 1946 *reorganizando* a OSU/RS, com a nomeação, em 27 de junho deste ano, do médico da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Maurício Seligman como seu Presidente.

Pouco ainda se sabe sobre as atividades da instituição no período anterior a sua *reorganização*, no entanto, é possível afirmar que a presença de grupos vinculados a tendências de direita – Partido Revisionista, Círculo Cultural Iavné e o movimento juvenil Betar, dentre outros - dificultaram o trabalho de cooptação da coletividade judaica sul-rio-grandense por parte da Unificada. Em função da atuação destes, que boicotavam os trabalhos da OSU/RS, tornava-se difícil colocar em prática um programa que envolvesse *toda* ou, pelo menos, a maioria da coletividade.

Assim, a concorrência pelo *poder simbólico* e a disputa pela condição de porta-voz dos judeus, entre setores de direita, que não reconheciam a Unificada como seu representante e vice-versa, e demais tendências, dividia a comunidade, enfraquecendo o movimento como um todo.

Enquanto a OSU/RS, seguia seu caminho de modo cambaleante, devido à dura oposição que sofria, e talvez ao desinteresse da comunidade frente a essa instituição, o Iavné continuava suas atividades, mostrando toda sua *representatividade* como plenipotenciário dos judeus do RS. Festejando seu segundo aniversário de existência, em 2 de julho de 1946, publicava a 12ª edição de seu periódico *Hatikva*. Em sua capa, há uma menção referindo-se a esta data comemorativa e a agremiação que, dentre outras palavras, citava o seguinte: *Os meses passaram e a criança iniciava a mostrar suas gracinhas e espertezas. As suas proezas (coligamento e arregimentação de **todos** os Jovens Israelitas [grifo meu], implantação do ideal hertzliano, impregnação nos meios culturais de nossa literatura e da nossa história, etc., etc...) criaram fama, para grande surpresa dos incrédulos.*<sup>86</sup>

Maurício Seligman, por sua vez, em 11 de agosto de 1946, pouco mais de um mês após assumir, dava seus primeiros passos na presidência da Unificada, ao inaugurar a Biblioteca da Instituição. Aproveitava esta oportunidade para trazer novamente a público o *velho* anseio de criar uma Federação que englobasse **todas** as instituições judaicas de Porto Alegre, projeto agora denominado *Bet-Am* ou *Casa do Povo*, conforme é possível verificar através das palavras de Seligman:

<sup>85</sup> No capítulo seguinte, que analisa a atuação dos emissários sionistas no Rio Grande do Sul, abordo com mais ênfase a presença deste agente sionista no Estado sulino.

<sup>86</sup> HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, Abril-Junho de 1946. (AJH)

O significado de uma biblioteca não precisa ser explicado. Cada um de nós sabe o que isto vale. Esta biblioteca porém significa um elo de união entre os israelitas de Porto Alegre. É uma biblioteca essencialmente judaística, que trata de assuntos relacionados com o judaísmo, seus costumes, sua história, sua religião, suas aspirações. Neste sentido poderá servir a todos, sem distinção de credos políticos, que desejam conhecer o judaísmo.

Concretizada [...] esta iniciativa, já passamos a outra de não menor alcance – o da construção de uma sede própria da nossa coletividade, um casa que seja um lar do nosso povo, onde possamos nos encontrar para ler, estudar, discutir, ouvir conferências, horas de arte; onde as nossas crianças possam ter seu ginásio, seus clubes recreativos, suas organizações juvenis.<sup>87</sup>

Com esse objetivo, o de criar uma instituição que englobasse todos os judeus do RS, o emissário Tchornitsky, viria novamente a Porto Alegre, a fim de, junto com Seligman, colocar em prática tal projeto, sem no entanto obter maior êxito.<sup>88</sup> Enquanto, a OSU/RS tentava retomar suas atividades, seus concorrentes davam um importante salto qualitativo na luta pela representação política e pela dominação simbólica, visto que suas vozes seriam amplificadas ao serem transmitidas pelas ondas do rádio, através da *Hora Israelita*, programa radiofônico, veiculado na emissora Farroupilha, criado por militantes revisionistas, em 1º de setembro de 1946.<sup>89</sup>

Em pouco tempo na presidência da OSU/RS, Seligman já sentia as dificuldades de seu cargo. Seus discursos, apontam indícios da relação conturbada entre sua Instituição e os demais grupos, e das vicissitudes sofridas por ele e seus companheiros. Em um destes discursos, datado de 8 de outubro de 1946, ele mencionava:

---

<sup>87</sup> Os discursos de Maurício Seligman, encontram-se em seu Arquivo pessoal (identificado aqui pela sigla AMS) localizado no Instituto Cultural Judaico Marc Chagall - Porto Alegre. Cf. Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos. Inauguração do Retrato do nosso patrono (Josef Tchornitsky). Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>88</sup> Josef Tchornitzki em Porto Alegre. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 7-14. (AJH)

<sup>89</sup> Conforme Josef S. Halpern o Círculo Cultural Iavné foi o pioneiro das programações radiofônicas israelitas, em decorrência da iniciativa de Marcos Meyer, Josef S. Halpern e Hanna Wulf. A Primeira audição do programa Hora Israelita aconteceu em 5 de julho de 1946, às 22 horas, pela Rádio Farroupilha, na época a mais potente e a mais ouvida no sul do Brasil. Foi dedicada ao segundo aniversário de existência do C.C. Iavné [...]. A segunda audição, também com uma hora de duração, ocorreu a 26 de julho pelas ondas da mesma emissora. [...] As audições foram encerradas ao som do Hatikva e tiveram ampla repercussão.

No domingo, 1º de setembro de 1946, teve início o programa radiofônico também denominado Hora Israelita. Sob certo aspecto, podia ser considerado herdeiro, sucessor ou continuador das duas audições radiofônicas promovidas em julho do mesmo ano pelo Círculo Cultural Iavné. A idéia partiu de José Grimberg. Ele a expôs em uma reunião do Brith Hatzoar [NOS] e, para concretizá-la, contou com a assessoria de David Bonder e Chaim Weczer, também integrantes dessa Diretoria. O Hatzoar era, então, presidido por Maurício Wolf e secretariado por Josef S. Halpern (HALPERN, 1999. p. 146-148). Ver também HORA ISRAELITA. Quarenta anos. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1986. In: Arquivo Particular Josef Szulin Halpern – ICJMC. Porto Alegre/RS.



Não precisamos hoje repetir aqui a nossa orientação apartidaria. Na nossa comissão se encontram pessoas que não estão filiadas a partidos e as que o estão não fazem política no nosso meio. Temos também um revisionista na diretoria. Se o seu papel é de ser fiscal ele poderá atestar a nossa orientação apolítica e o nosso desejo de realizar trabalho construtivo, do interesse de **toda** a coletividade [grifo meu]. Se recebemos apoio de outros partidos e não dos revisionistas isto talvez signifique que eles estão interessados em realizações que a estes não interessa.

Nós, porém, pensamos que devemos manter uma atitude de moderação por ser do interesse do futuro da nossa coletividade aqui. Pensamos que todo exibicionismo de força, que lembra sempre agressão, é profundamente prejudicial em nosso meio.<sup>90</sup>

Investindo ainda contra seus concorrentes, Seligman afirmava: *O brasileiro é calmo, tolerante, [...] e não vê com bons olhos essa algazarra que levantamos em torno de nós mesmos.* Dessa forma, solicitava aos demais: *[...] tenhamos calma e ponderação com a publicidade. Tenhamos juízo... Não nos deixemos levar pelo entusiasmo de certos jovens fogosos que poderão estar com a razão, mas as suas atitudes só são justificadas na Palestina e não aqui. [...] Fugamos dos fanáticos da força, dos que se julgam únicos detentores da razão.*<sup>91</sup> E, por fim, apontando as pretensões da Unificada, citava:

O problema hoje, meus senhores, está neste pé: A Unificada tomou a si a tarefa de construir em Porto Alegre um Bet-Am, que será um centro de cultura com projeção sobre todo país. Todo o povo está de acordo e subscreveu as suas contribuições.

Acontece porém que sociedades locais, não sei por que motivos, fazem-nos oposição surda, na sombra. Já fizemos declaração pública de que **todos** [grifo meu] terão sua acomodação lá dentro do possível e do merecido.

[...] Devo declarar-lhes claramente. Estamos saturados, cansados de tudo isso. [...] Embora me seja difícil continuar no posto que estou ocupando [...] quero pedir-lhes que me digam francamente se desejam ou não que continuemos nesse programa. Estamos dispostos a passa-lo a outros e lhes ficaremos muito gratos. Fazem parte deste grupo de pessoas, cuja profissão não lhes permite perda de noites em sessões em dias em campanhas, esmolando, para os outros, mas que o fazem de bom grado e o farão se encontrarem boa vontade. Queremos aprovação cem por cento destes estatutos e não simples maioria, que julgamos ofensivo para o nosso esforço.<sup>92</sup>

Ainda não me foi possível identificar à qual estatuto Seligman se refere, é provável que seja o da OSU/RS que, se aprovado em assembléia pela *comunidade*, daria um *ar* de legitimidade à entidade, no que tange a representação política, frente aos israelitas do RS –, mesmo que esta assembléia fosse organizada pela Unificada. Assim, ao apresentar seus representados, os

<sup>90</sup> Cf. Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos 8 de Outubro de 1946. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>91</sup> Ibidem, Discursos e Pronunciamentos 8 de Outubro de 1946. (AMS)

<sup>92</sup> Ibidem.

mandatários da instituição poderiam dizer, conforme refere Bourdieu, aos demais: *vou lhes mostrar que sou representativo, apresento-lhes as pessoas que represento.*<sup>93</sup>

Pelo que expus acima, é possível verificar que Seligman e os demais dirigentes de seu grupo utilizaram seu prestígio pessoal, ou capital cultural, de cidadãos socialmente bem conceituados, tanto dentro como fora da comunidade judaica porto-alegrense.<sup>94</sup>

Chama a atenção, no documento consultado referente ao discurso de 8 de outubro, a seguinte frase: *que ninguém faça e ninguém apóie campanhas públicas pela imprensa e pelo rádio e que ninguém discuta os nossos problemas fora das nossas instituições* aparece riscada. Não descarto que a mesma tenha sido riscada posteriormente, mas talvez tenha sido riscada antes do discurso, pelo fato de revelar truculência, fraqueza ou um certo desespero de Seligman e de seus comandados frente aos demais. No entanto, o mais importante é que no documento consta a frase: *campanhas públicas pelo rádio*. Neste sentido, cabe lembrar que justamente há pouco mais de um mês havia sido fundado o programa *Hora Israelita*.<sup>95</sup>

No entanto, mesmo após essas vicissitudes iniciais sofridas pela Unificada, o maior golpe imposto a ela por grupos de direita, ainda estava por vir, visto que, em 27 de outubro de 1946 realizaram-se as eleições a fim de eleger os delegados representantes do Brasil para o 22º Congresso Sionista Mundial, que ocorreria em dezembro deste ano. No Brasil, as diversas tendências e partidos, por meio de coligações se organizaram em quatro frentes: 1) Bloco Operário ou Trabalhista, que reunia em âmbito nacional três partidos de esquerda o MAPAI, o Hashomer Hatzair (em 1946, ambos não existiam no RS) e o Poalei Sion, que era o grupo majoritário da OSU/RS; 2) Partido Mizrachi que reunia os judeus religiosos ortodoxos e os que desejavam uma síntese entre o sionismo político e a religião judaica; 3) Partido dos Sionistas Gerais, que reunia judeus sionistas não vinculados a grupos de direita, de esquerda ou religioso e, por fim 4) o Partido Revisionista composto por militantes de grupos sionistas de direita.<sup>96</sup>

<sup>93</sup> Cf. BOURDIEU, 2004. p. 192.

<sup>94</sup> Segundo Bourdieu: *o título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal (e não apenas legítimo)* (BOURDIEU, 2000, p. 148.). Em outras palavras pode-se dizer que o título, ou capital social, classifica e faz distinções, possibilita dizer aos demais: “você sabe com quem está falando”, além de fornecer chaves que habilitam seu detentor a adentrar outros campos, principalmente o político.

<sup>95</sup> Cf. Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos 8 de Outubro de 1946. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>96</sup> Os números, as datas e demais informações sobre as eleições e os partidos, foram consultadas e retiradas das revistas *Aonde Vamos?* que cobriu o pleito através de seus correspondentes. Cf. *Aonde Vamos?*, n. 180, Rio de Janeiro, 10 Outubro de 1946; *Aonde Vamos?*, n. 183, Rio de Janeiro, 31 Outubro de 1946 e *Aonde Vamos?*, n. 392, Rio de Janeiro, 8 Dezembro de 1950.

Para votar, era necessário efetuar o pagamento do *Shekel* (anuidade) junto à Unificada, o que conferia o título eleitoral e, igualmente, o de associado da Instituição. Tal fato acabou aumentando ainda mais divergências entre os grupos. Em março de 1946, na capital do Paraná, Yoshua Auerbach, líder Revisionista reconhecido nacionalmente, que estivera por mais de uma vez em Porto Alegre, redigiu um artigo sobre o assunto, editado na publicação mensal da NOS, de Curitiba, denominada *Menorá*. Neste, o líder referia:

Os sionistas-revisionistas, os neo-sionistas, participarão do próximo Congresso Sionista Mundial [...].

Se bem que continuamos sendo contra o voto comprado – compraremos o “Shekel”. Mas continuaremos a lutar pelo voto gratuito e livre. Se bem que nossas exigências de democratização da Organização Sionista ainda não foram aceitas, ingressaremos nesta Organização, para fortalecer e cimentar a União Nacional.

Continuaremos lutando e defendendo nosso programa e, ao nosso lado teremos todos os sionistas sinceros.

[...] O partidarismo cego de muitos de nossos adversários fê-los surdos aos apelos do patriotismo.

Resolvemos, pois, sacrificar todos e quaisquer interesses partidários nosso pela União Nacional.

Oxalá o exemplo revisionista sirva de guia aos outros partidos e grupos políticos. [...]

Esperamos que o próximo Congresso Sionista eleja uma nova direção para o nosso povo. Uma direção de sionistas militantes e enérgicos. Os homens, que nos últimos vinte e cinco anos nos levaram de derrota em derrota, deverão ser afastados para sempre da direção sionista. [...]

Prevalecerá à vontade do povo?

Breve o saberemos.<sup>97</sup>

Em Porto Alegre, onde se realizou o pleito no RS, compareceram às urnas 1317 eleitores que através de pequena margem de votos confirmaram a representatividade e a forte presença da direita sionista no Estado. O Partido Revisionista obteve 609 votos contra os 605 alcançados pelo Bloco Operário - o grupo da OSU/RS. Em terceiro lugar ficou o grupo dos Sionistas Gerais com 89 votos, e na quarta colocação os religiosos, com apenas 14 votos.<sup>98</sup>

O Rio Grande do Sul foi o Estado brasileiro no qual o Partido Revisionista foi o mais votado. No computo geral dos votos em todo o país, o Bloco Operário ficou em primeiro lugar com 2169 votos, o Partido Revisionista em segundo com 1274, os Sionistas Gerais em terceiro com 463 e o Mizrachi em último lugar com 184 votos.<sup>99</sup>

<sup>97</sup> MENORÁ. Publicação Mensal da N.O.S. (Distribuição Interna). Curitiba, n. 1, Março de 1946.

<sup>98</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 183, Rio de Janeiro, 31 Outubro de 1946. (AJH)

<sup>99</sup> Na eleição não houve registro de votos brancos ou nulos, talvez pelo fato de que cada eleitor tivesse que pagar pelo direito de votar, o que fazia ir ao pleito somente quem tivesse realmente interesse no processo ou alguma filiação partidária. Igualmente cabe destacar que em São Paulo, onde se localizava a maior comunidade judaica do Brasil, a

Dessa forma, a Unificada sob a direção de Maurício Seligman encerrava de forma melancólica o ano de 1946. No entanto, o médico, apesar desses revezes não demonstrava esmorecimento, acirrando o confronto contra seus concorrentes em março do ano seguinte. Em seu discurso na Assembléia Geral da OSU/RS, de 4 de março de 1947, ao vislumbrar um futuro melhor, mencionou:

...Queremos que todos participem dessa arrancada para o futuro. [...]

Devemos conhecer e combater os nossos defeitos. O individualismo é talvez o maior deles. Cada um de nós se julga capaz de resolver o nosso problema milenar. Cada um de nós se julga autorizado a criticar o trabalho do mais capaz de nossos líderes. Se isto não desse trabalho, podem estar certos, cada judeu fundaria o seu partido, porque lá no íntimo ele encontra defeitos e imperfeições mesmo no partido que ele defende [...]

E a intransigência é uma consequência lógica dessa falta de disciplina de conduta. Depois da intransigência vem a intolerância que traz por sua vez o ódio. [...]

E chegamos a uma época, quando mais precisávamos de união, que se assemelha a uma praga bíblica. Uma verdadeira torre de babel. Falando embora a mesma língua, não nos entendemos porque falamos uma linguagem diferente.<sup>100</sup>

Encerrando a primeira parte do discurso, e aludindo aos judeus, [ou alguns grupos judeus], o médico referia: *parece que a vaidade e a ambição roubaram a nossa inteligência, fazendo-nos pensar que só nós temos a razão plena e os outros estão errados e cegos*. Concluindo seu raciocínio com a seguinte afirmação: *...somos invadidos duma vontade doentia de converter os outros a nossa crença. E queremos que todos sigam e que os inimigos – os que não pensam como nós – sejam exterminados [...]* *É este o ponto a que chegamos no sionismo.*<sup>101</sup>

Ao discursar utilizando a primeira pessoa do plural *nós*, e convidar os judeus a refletirem sobre seus atos, Seligman se dirigia aos grupos opositores e contrários à Unificada, ou seja, o pronome, implícito em seu discurso - a terceira pessoa do plural - *eles*, os que não aceitam *nosso* programa. Após convidar os outros à reflexão ou, conforme suas palavras, prestar *informações sobre nossas atividades até esta data*, a disputa pelos bens simbólicos e a ofensiva de sua instituição torna-se mais nítida, a partir do seguinte trecho de seu discurso:

Precisamos o quanto antes abandonar discussões estereis, precisamos trabalho, disciplina e confiança.

---

eleição fora anulada. A segunda maior comunidade judaica do Brasil se encontrava no Rio de Janeiro e a terceira no RS. Cf. **Aonde Vamos?**, n. 183, Rio de Janeiro, 31 Outubro de 1946.

<sup>100</sup> Cf. Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos. 4 de março de 1947. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>101</sup> Ibidem.

Pensando assim e reconhecendo a necessidade e a importância do movimento sionista é que resolvemos ingressar ativamente nesse movimento. [...]

Quero chamar a atenção dos meus prezados ouvintes para que não se esqueçam e não tenham dúvidas – O ENDEREÇO DO SIONISMO EM PORTO ALEGRE É A ORG. SION. UNIFICADA, com sede a Rua Felipe Camarão 626. Todos os outros endereços são falsos. Infelizmente, meus senhores, me vejo obrigado a dizer-lhes isto em público. [...]

Todos devem estar lembrados das eleições para delegados ao Congresso da Basileia. Para que foram feitas essas votações em todo o mundo, para que os delegados, para que o Congresso?

Se quisermos ter o direito de falar em democracia, devemos aprender a respeitar as resoluções da maioria, seguindo as normas traçadas nesse Congresso. Se cada grupo resolver continuar pensando a sua maneira teremos a anarquia. E não poderemos queixar-nos da falta de confiança que os outros terão em nós.

Pois bem. O congresso é aqui representado por nós, pela OSU. Nós somos o endereço do sionismo. Tudo mais é mistificação e prejudica o sionismo.

A unificada adotou como princípios básicos: reconhecimento e acatamento às resoluções do Congresso e o shekel como cédula que dá direito ao voto. Também reconhece e auxilia as campanhas reconhecidas e autorizadas por esse congresso.

Portanto, na Unificada podem tomar parte, e devem fazê-lo todos os que julgam que a Palestina deve ser um lar nacional judeu – os sionistas -; que reconhecem a autoridade do congresso.

Nós recebemos indivíduos como sócios e não nos interessam suas idéias partidárias, uma vez que se submetam aos princípios acima. E isso como disciplina [é] indispensável.

Não se esqueçam também. A Agência Judaica é o endereço mundial do sionismo. Também esse endereço é o único. Todos os outros são apenas partidos, fragmentos, opiniões, pontos de vista, mas não o sionismo.<sup>102</sup>

Depois da ofensiva contra seus concorrentes, e ainda em seu discurso, Seligman abordou dentre outros assuntos, novamente o da construção de uma *Casa do Povo*. Após, várias comissões foram organizadas de acordo com os diferentes projetos, sendo ainda apresentado um breve estatuto que direcionava a ação do grupo. Este salientava a filiação da O.S.Unificada do RS à OSM, ao Congresso Sionista Mundial e às demais entidades vinculadas a essas instituições. Por fim, no estatuto, ainda constavam os seguintes dizeres: *a primeira obrigação de cada um é CONVENCER OS SEUS AMIGOS DE QUE A UNIFICADA É O ENDEREÇO ÚNICO DO SIONISMO e que ELA É REALMENTE APARTIDARIA, mas disciplinada, obedecendo ao CONGRESSO eleito pela MAIORIA. Todos devem, pois, entrar para a OSU...* [grifo meu].<sup>103</sup>

Porém, antes da ofensiva da Unificada, seus adversários, em fevereiro de 1947, lançaram mais uma publicação de tiragem mensal, o jornal *Observador Sionista*, editado pelo Partido Revisionista porto-alegrense. Os fundadores deste periódico, em sua grande maioria, eram os

<sup>102</sup> Cf. Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos. 4 de março de 1947. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>103</sup> Ibidem.

mesmos integrantes do Círculo Cultural Iavné e da Hora Israelita. Um dos artigos inseridos no primeiro número intitulava-se: *As Realizações Revisionistas*.<sup>104</sup>

Em uma seção, intitulada: *Notícias do movimento sionista revisionista* eram apresentadas (ou propagadas) as realizações do movimento em Porto Alegre, sendo citadas atividades da Hora Israelita, aulas de hebraico ministradas na sede da Organização Revisionista de Porto Alegre, informações sobre a campanha do *Keren Tel Chai*, notícias do movimento em cidades do interior, como Erechim, Passo Fundo, Quatro Irmãos e Pelotas, além de uma nota do Círculo Cultural Iavné convidando seus sócios para uma Assembléia Geral ordinária programada para 5 de março de 1947, que teria entre outros assuntos a eleição da nova diretoria.<sup>105</sup>

Na última página da primeira edição, uma notícia intitulada *O Irgun adverte a Haganá* referia o seguinte: *se a Haganá atacar membros do Irgun Zvai Leumi, este grupo que está lutando na Palestina responderá aos ataques. Um porta-voz do Irgun disse pelo rádio que a população judia enfrentará em tal caso, o perigo de um guerra fratricida*, demonstra, em uma escala macro-social e política, a tensão entre diferentes grupos sionistas de direita e de esquerda.<sup>106</sup>

Criticando a OSM e todas as instituições vinculadas a ela e exaltando os feitos revisionistas, seja no Estado, no Brasil ou na Palestina, a segunda edição do *Observador Sionista*, de março de 1947, seguia a mesma linha da primeira. Não localizei, as edições deste jornal de abril até setembro, mas é muito provável que tenha continuado neste ritmo, visto que sua edição número 6, de outubro deste ano não foge a esta regra.

Abro um parêntese para referir que a OSU/RS não deixou por menos, visto que continuou a campanha contra seus adversários. Josef Tchorntsky, renomado emissário sionista em território brasileiro, desbaratou – utilizando uma linguagem policial – o Círculo Cultural Iavné em meados de 1947,<sup>107</sup> encerrando assim, de modo sumário, as atividades desta agremiação, reduto revisionista no RS.

<sup>104</sup> Segundo Josef S. Halpern no Rio Grande do Sul a sede do Hatzor ou Partido Revisionista, localizava-se em Porto Alegre na rua Esperança (atual Miguel Tostes), número 998 no Edifício Loja Garça (HALPERN, 1999. p. 39).

<sup>105</sup> Cf. **Observador Sionista**, n. 1, Porto Alegre, 15 de fevereiro de 1947. p. 7. (AJH)

<sup>106</sup> Cf. O Irgun adverte a Haganá. **Observador Sionista**, n. 1, Porto Alegre, 15 de fevereiro de 1947. p. 8. (AJH)

<sup>107</sup> Não se sabe exatamente quando essa instituição encerrou suas atividades, a última fonte que encontrei com informações sobre o Iavné é o jornal *Observador Sionista*, de fevereiro de 1947. Em outubro deste ano, esse jornal, em sua edição número 6, apresenta uma notícia sobre a constituição de uma Federação das entidades israelitas em Porto Alegre. Nesta, cita muitas instituições, porém não menciona o Iavné. Dessa forma, é provável que a agremiação tenha fechado suas portas entre os meses de março e outubro de 1947. Cf. **Observador Sionista**, n. 1, Porto Alegre, 15 de fevereiro de 1947; **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. (AJH)

Pouco se sabe sobre as causas que levaram o Iavné a encerrar suas atividades. Sobre o assunto, um de seus fundadores em entrevista concedida ao ICJMC, se limita a dizer apenas que a partir de 1945 *começaram a aparecer uma série de organizações*, e por isso o Iavné *teve que cessar as suas atividades, mais ou menos, em 1947. Porque não havia mais lugar para uma organização cultural*. Segundo o depoente:

[...] houve uma divisão de jovens, cada um com tendências para os movimentos sionistas. Assim, surgiu o Dror, o Betar, surgiu a Organização Sionista Unificada Juvenil. E eu me lembro, inclusive, o Josef Tchernitsky, o delegado naquele tempo que era famoso, veio falar comigo para terminarmos o Iavné, ou não terminamos o Iavné pelo menos para nos filarmos na Organização Sionista Unificada. Isto eu me lembro, que ele veio falar comigo. Ele era uma espécie de “Deus” naquele tempo. E vieram outros *shlichim* partidários, isto tudo ajudou para terminar o grupo cultural, já não tinha mais estrutura para existir.<sup>108</sup>

Faço aqui algumas observações, afirmando primeiro que o *Dror*, o *Betar* e a *Organização Sionista Juvenil* surgiram antes do *Iavné* fechar suas portas. As fontes consultadas não apontam para uma falta de vigor da entidade, devido o surgimento desses grupos, mas sim o contrário. Obviamente que os jovens do Dror e da Organização Sionista Juvenil - vinculados à Unificada - se afastaram do Iavné, visto que este se identificava com a NOS, que por sua vez rivalizava com aqueles. Quanto ao Betar, este fora refundado em 1945 pelos próprios membros do Iavné!<sup>109</sup>

No entanto, se considerarmos a hipótese de que o Iavné apenas tenha sido esvaziado devido à presença de outros movimentos juvenis, então por que Tchernitsky foi falar com o fundador da entidade? Talvez a chave da explicação para o seu fechamento esteja na própria frase do entrevistado. Segundo ele, a alternativa apresentada pelo emissário foi a seguinte: *se não quisessem fechar suas portas, deveriam se filiar na Organização Sionista Unificada*.<sup>110</sup> Havendo, pelo visto, uma forte pressão para o seu fechamento, restando apenas esclarecer em que termos e de que forma se deu esta pressão.

Os fundadores do Iavné preferiram sacrificar sua instituição a se sujeitar às normas de seus concorrentes da OSU/RS. Porém, a disputa pelo *poder simbólico* não se encerraria aí, visto que os fundadores e militantes do Iavné já tinham lançado suas sementes em outras frentes, passando a se reunir em torno do Partido Revisionista. Utilizando para fazer suas críticas e denúncias, não

<sup>108</sup> HALPERN, Josef Szulin. Entrevista n. 014. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 1987 e complementação em 06/01/1988.

<sup>109</sup> Em 1945, o Betar foi revivido por José Grimberg, Josef S. Halpern, David Henrique Segal, Mario Waiss e Leão Rinkowski (Cf. HALPERN, 1999. p. 83).

<sup>110</sup> HALPERN, Josef Szulin. Entrevista n. 014. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 1987 e complementação em 06/01/1988.

mais o periódico *Hatikva*, mas sim o jornal *Observador Sionista*, também fundado e sob a responsabilidade dos agora ex-militantes do Iavné, dentre eles, José Grimberg, Josef S. Halpern, Firmino Bimbi, Marcos Meyer e Mario Waiss.<sup>111</sup>

A exaltação dos feitos revisionistas, bem como manifestações de contestação aos adversários, constituíam-se em regras do *Observador Sionista*. Em outubro estas se mostravam mais nítidas e declaradas, conforme visto, talvez devido ao desentendimento acerca do Iavné e algum ressentimento remanescente. A edição de outubro de 1947, contribui para caracterizar a rivalidade entre sionistas de direita e de esquerda. Encontra-se neste, uma crítica em tom de denúncia, intitulada: *A Campanha dos Shekalim*, que referia o seguinte:

Com bastante atraso inicia-se agora a venda de *shekelim* no Brasil e com maior atraso ainda, como deve ser no Rio Grande do Sul, devendo a campanha de vendas prolongar-se até o fim de novembro do corrente ano.

Ora, é importante que cada judeu, de ambos os sexos, maior de 18 anos adquira esta cédula eleitoral, pois é a única forma, infelizmente, existente em nossas mãos para mudarmos a orientação seguida pela Organização Sionista. Não há outra forma.

Bem conhecemos os truques usados, como: pequena distribuição de *shekelim* àqueles países que o oficialismo do sionismo está certo de sua derrota, não realização de eleições caso haja desconfiança de um resultado não favorável e quando já chegam as eleições, anulação das mesmas, quando a derrota se prenuncia, usando-se os mais fúteis pretextos, como em São Paulo, etc., etc....

Infelizmente assim é, mas com tudo isto, devemos comprar *shekalim* (Cr\$ 5,00 cada um, no Brasil), pois só a posse do “Shekel” permite eleger delegados aos Congressos Sionistas e, por seu número, influir nas decisões a tomar.

Ainda há um outro fator. Para as eleições devem ser apresentados dois *shekalins*, já que sua compra é anual, e os congressos se realizam, normalmente, de dois em dois anos.

Ninguém deve, portanto, perder seu *shekel*, e sim guardá-lo muito bem guardadinho, para juntando-o ao *shekel* seguinte poder eleger. Lamentamos que o *shekel* seja pago [...].

O movimento revisionista sempre bateu-se pela gratuidade do voto. Que se crie, se necessário, uma cédula individual, identificante e válida por vários anos, e que cada judeu, ao atingir 18 anos, receba uma, como em todos os países onde se verificam eleições [...]. Imagine-se o caso de uma família necessitada, paupérrima, a adquirir 4 a 5 *shekalim* para seus membros. Não trabalham, não ganham, não tem *shekalim*, não votam. Isto é profundamente chocante e anti-democrático!

Devemos comprar *shekalim*, ninguém deve deixar de fazê-lo, para, entre outros assuntos mais importantes, votando em delegados que queiram fazer uma revisão no sionismo atual, acabarmos com o atual sistema de voto.

Infelizmente, este é o único meio.<sup>112</sup>

A rivalidade entre os dois grupos pode ser também verificada através das múltiplas atividades, dentre elas as aparentemente menos reveladoras, como as esportivas. Desse modo, a

<sup>111</sup> Cf. *Observador Sionista*, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 3. (AJH)

<sup>112</sup> Cf. *A Campanha dos Shekalim*. In: *Observador Sionista*, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 3. (AJH)



notícia: *A equipe do Betar* informava que sua equipe de vôlei havia vencido o jogo contra a *Unificada*, a fim de decidir qual o melhor time, em uma série de três partidas.<sup>113</sup>

O mesmo periódico ainda trazia notícias de Passo Fundo e Erechim, mencionando: *o movimento Sionista Revisionista nestas regiões conta com quase a totalidade dos israelitas.*<sup>114</sup> A participação e o interesse da comunidade é visto na seção *Cartas a Redação*, dentre outros aparecia uma carta de Jacó Grubner de Porto Alegre, perguntando se havia um curso de hebraico à noite, *para aqueles que não tem tempo de estudar de dia.*<sup>115</sup> Na última página do jornal era relatada uma visita da *Delegação local em Passo Fundo e Erechim*, a qual conseguiu *fazer muitíssimos simpatizantes para o movimento Sionista Revisionista e o K. T. Chai.*<sup>116</sup>

No entanto, a notícia que mais chama atenção, no que tange ao confronto entre Revisionistas (editores do Jornal) e a Unificada, se refere à fundação de uma Federação Israelita em Porto Alegre. Cita a mesma que:

Quinta-feira, dia 23 do corrente às 21 horas, no local da União Israelita reuniram-se os presidentes de nossas sociedades religiosas: pela União Israelita, o sr. Maurício Zaduschliver; pelo Linat Hatzedek, o sr. Luiz Ledermann, pelo CIPA, o Sr. Israel Starosta; pela SIBRA, o dr. Hess e pela Sociedade Maurício Cardoso o sr. Marcos Yakubowitz. Nesta reunião assentaram fundar a Federação, excluindo todas as sociedades de caráter político ou com âmbito de ação fora do nosso Estado ou do Brasil. [...]  
Concordamos plenamente com a idéia.<sup>117</sup>

Esta iniciativa para a criação de uma Federação partia de grupos religiosos, porém contava com o apoio de grupos de direita. Igualmente convém referir que em Porto Alegre existia o

<sup>113</sup> Cf. A equipe do Betar. In: **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 7. (AJH)

<sup>114</sup> Cf. Notícias de Passo Fundo e Erechim. In: **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 7. (AJH)

<sup>115</sup> Cf. Cartas à Redação. In: **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 5. (AJH)

<sup>116</sup> Refere a notícia: Regressaram no dia 27 do corrente, com avião da *Varig* nossos esforçados companheiros Marcos Meyer [um dos diretores do *Observador Sionista*], Davi H. Segal e Jacob Blochtein que visitaram Passo Fundo e Boa Vista do Erechim em missão especial da Agremiação Juvenil Betar e Observador Sionista. Nas cidades serranas de Passo Fundo e Erechim, por onde passaram, e o ishuv tem demonstrado um grande interesse em prol da nobre causa Sionista, foram muito bem acolhidos.

Oradores primorosos, convincentes e leais no dia de sua chegada a Passo Fundo deram uma conferência impressionando toda a assistência. Em seu retorno àquela cidade quando regressavam à P. Alegre, aproveitaram a noite de Domingo último em submeter-se a uma sabatina, na qual responderam precisamente com palavras claras e esclarecedoras todas as perguntas que lhes foram dirigidas. Cf. Delegação local em Passo Fundo e Erechim. In: **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 8. (AJH)

<sup>117</sup> Cita ainda a notícia: Foi eleita, em reunião posterior, em 29 p. p., uma diretoria provisória, assim constituída: Presidente Maurício Zaduschliver; Vice-presidente Israel Starosta, Secretário geral: Willy Paulo Lewgoy; 1º secretário: Dr. Marcos Stifelman; 2º Secretário: Aron Meyer; 1º tesoureiro: a ser nomeado pela SIBRA; 2º tesoureiro: a ser nomeado pela Sociedade Maurício Cardoso; fiscais: Dr. Salomão Hess e Hugo Hertz. o sr. Marcos Yakubowitz. Cf. Enfim, a Federação. In: **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 7. (AJH)

*Mizrachi*, partido religioso, que mesmo sendo pequeno, atuava na vida política sionista, inclusive participando, conforme visto, das eleições de 1946.

Sobre essa questão o jornal, além de *concordar plenamente com a idéia*, manifestava a seguinte opinião: *Será uma federação de âmbito local mas apreciamos que tivesse ação em todo o estado e congregasse todas as sociedades israelitas do Rio Grande do Sul. Achamos que devem se inscrever na federação, todas as sociedades aqui existentes, e não só as religiosas. O mentor religioso, sim, só pode ser o nosso rabino.* Os grupos de direita, também demonstravam seu desejo expansionista, salientando que deveriam fazer parte da Federação outras instituições como:

...Círculo Social Israelita, a Chevra Kedischa, o Centro Hebraico, as Damas de Caridade, o Grêmio Esportivo Israelita, a Sociedade de Educação e Cultura, etc. A questão de pertencer também a Unificada e o Movimento Revisionista, deve ficar para uma ulterior decisão, e achamos mais justo que ao mesmo tempo que pertençam à federação, também se congreguem numa federação sionista em nossa cidade. Afinal, desde que não se utilize a Federação para jogos políticos ou personalistas, ela só nos trará benefícios, pois porá em contato os judeus dispersos do interior e ao mesmo tempo, lá onde for possível, pela exigüidade do número estabelecerá contatos. Assim, todos os judeus de nosso Estado terão um Órgão Central ao qual se possam dirigir para aquilo que julgarem necessário.

Esperamos que desta vez, a idéia de Federação vingue. Ela é uma necessidade. É útil.

**Todos os judeus** [grifo meu] têm por dever apoiar, prestigiar a novel entidade.

De nossa parte, poremos nossas colunas à disposição da Federação. Apoiá-la-emos em todos os bons empreendimentos.<sup>118</sup>

Algumas considerações merecem ser feitas, visto que, se os sionistas da direita tinham, conforme manifestaram em suas palavras, interesse em ver constituída uma *Federação*, por que não apoiaram o projeto da OSU/RS, que manifestava igualmente o mesmo desejo? A questão parece bastante simples, pois nenhum dos dois lados aceitava submeter-se as normas de seu *adversário*.

Ambos desejavam *o poder de nomear*, ou seja, estabelecer *as regras do jogo*, dizendo: isso é desse ou daquele modo, o sionismo funciona dessa forma..., igualmente visavam a condição de porta-voz, isto é, falar em nome de *todos os judeus*, dizendo: os israelitas de Porto Alegre ou do RS pensam assim, desejam isto... Assim, os revisionistas, apoiaram o projeto liderado pelos religiosos, mesmo inicialmente estando fora dele, visto que os religiosos, conforme o vocabulário político, formavam um partido nanico e inexpressivo no campo político sionista do Estado. Os revisionistas atingiam assim vários objetivos, pois ao mesmo que boicotavam o projeto da

<sup>118</sup> Cf. Enfim, a Federação. In: **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 7. (AJH)

OSU/RS, mostravam-se interessados em uma federação, apoiando outra iniciativa, tornando ilegítima e interesseira aquela liderada pela Unificada. Através dessa aliança com o grupo religioso, mostravam-se *desinteressados*, participativos, solidários, dispostos a contribuir e, ao mesmo tempo, representativos e conciliadores, vislumbrando inserirem-se em um programa no qual em um futuro próximo pudessem impor as regras do jogo, conforme já demonstravam nas páginas do *Observador Sionista*.<sup>119</sup>

Essa divisão se refletia entre os israelitas do Estado, os quais desejando engajar-se na causa, participavam e contribuía com o movimento, fazendo-os pender ora para um lado, ora para outro. Assim, o movimento sionista no RS finalizava o ano de 1947, polarizado em duas visões de mundo. Por outro lado, igualmente abria espaço para reclamações daqueles que não queriam envolver-se e nem contribuir com o sionismo, os quais alegavam a desorganização deste.

Dessa forma, havia mais divergência do que união entre os sionistas como um todo, o que não significa dizer que a movimentação não fosse intensa, visto que a concorrência pelo *poder simbólico* contribuía com a frequência das atividades de caráter sionista, a tomada de partido e de posicionamento dos judeus sul-rio-grandenses.

Analisei neste capítulo, a partir de duas perspectivas, algo evidente, ou seja, que internamente os grupos e os movimentos sociais e políticos não são homogêneos ou monolíticos e nem seguem seus caminhos de modo linear.

Igualmente, mostrei que as idéias sionistas adaptaram-se de modo diverso, de acordo com os contextos em que se inscreveram, configurando desse modo diferentes injunções e arranjos sociais e políticos. Em âmbito regional, isto é, no RS, o movimento e suas tendências partidárias possuíam semelhanças e diferenças em relação ao que ocorria no Brasil e no mundo. Assim, por um lado, o movimento se aproximava do que acontecia mundialmente, mantendo vínculos com as grandes instituições internacionais e tendo estas como referência, por outro, regionalmente, possuía características próprias, que o diferenciava dos demais. Como exemplo, cabe ressaltar o partido religioso que, sendo expressivo na Palestina do que no Brasil e possuindo voz ativa na OSM, no Estado sulino não passava de um pequeno e modesto grupo, apesar do respeito que os demais tinham em relação aos religiosos. E, se nacionalmente, o revisionismo era menos

---

<sup>119</sup> Ibidem.

representativo do que a Organização Sionista Unificada do Brasil, no Estado gaúcho ocorria o contrário.

Também, convém enfatizar que no campo político sionista, os atores, representando diferentes e múltiplos papéis, se movimentavam de modo dinâmico e transversal em relação ao que era esperado por suas tendências. Assim, ora serão encontrados *religiosos* em partidos de direita, de esquerda ou de centro, e não no Partido Religioso. Ora, é possível verificar revisionistas transitando em meio a instituições de esquerda que se proclamam apatidárias, e assim sucessivamente. Por fim, a abordagem aqui proposta: *nós, eles e os outros*, significa que havia visões distintas, ou uma divisão inicial maior (e divisões menores) dentro do grupo, que relacionalmente apresentava-se da seguinte forma: *Nós os judeus de determinada corrente político-partidária, eles os judeus de outra (s) tendência (s)* e os *outros*, os *outsiders*, os de fora do grupo, que de acordo com o contexto poderiam ser dentre outros, os ingleses, os árabes, os brasileiros, e até mesmo os judeus-não sionistas.

## 2. OS EMISSÁRIOS SIONISTAS E O NACIONALISMO JUDAICO NO RIO GRANDE DO SUL

Conforme visto no capítulo anterior, já em 1945, e mesmo antes desta data, emissários da OSM e da NOS se faziam presentes no Brasil e no Estado gaúcho, seja fisicamente ou através de contatos com grupos e/ou instituições. Esta presença foi intensificada ao término do Estado Novo que, até então, dificultava o trânsito de estrangeiros no país.

No artigo, *O mito da conspiração judaica e as utopias de uma comunidade* (2002), Maria Luiza Tucci Carneiro, consultando documentação do Deops/SP no Arquivo do Estado de São Paulo, afirma que *em março de 1945, várias organizações israelitas, por intermédio de Jacob Schneider, David José Perez e outros, haviam requerido à Polícia do Distrito Federal, autorização para as atividades sionistas em adesão ao Movimento Sionista Mundial para a reconstrução do Lar nacional Judaico na Palestina.*<sup>120</sup>

Caracterizando este contexto, Cristine Fortes Lia, em sua tese de doutorado, refere que após 1945, *os imigrantes judeus até então muitas vezes apontados como um perigo constante, passam a ser vistos sob um novo matiz, o problema da Guerra e a estratégia utilizada pela comunidade judaica, de demonstrar total preocupação com o problema nacional, reorganizou o discurso sobre os mesmos, em algumas cidades do Rio Grande do Sul.*<sup>121</sup>

---

<sup>120</sup> Cf. O mito da conspiração judaica e as utopias de uma comunidade. In: TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza (Org.). **Minorias Silenciadas**. São Paulo: Editora da USP/Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2002. p. 263-306. A partir deste ano, a presença de emissários sionistas - provenientes da Palestina, Europa, Estados Unidos e da Argentina - que vinham ao país com o intuito de promover e organizar o projeto sionista, torna-se constante. Samuel Malamud, afirma que *em 26 de março de 1945 chegou ao Brasil, no seu caminho de regresso da Argentina para Eretz Israel, Rachel Sefaradi Yarden que havia sido designada pela Agência Judaica para assistir em Buenos Aires ao 1º Congresso Sionista Latino-Americano e falar sobre a situação política criada em torno do problema judeu* (MALAMUD, 1983. p. 43). Mais informações sobre o assunto são encontradas nas obras de Nachman Falbel: **Estudos sobre a Comunidade judaica do Brasil** (1984), **Manasche: sua vida e seu tempo** (1996) e **David José Pérez: uma biografia** (2005).

<sup>121</sup> Cf. LIA, Cristine Fortes. **Bons Cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)**. (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Curso de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Porto Alegre, 2003. p. 194.

Assim, inicialmente, os emissários sionistas, encontraram tanto dentro, quanto fora das comunidades judaicas brasileiras, um ambiente favorável e receptivo para a propagação de suas idéias.

Com o propósito de formar uma consciência nacional judaica, visavam universalizar procedimentos entre os judeus radicados no Brasil, cooptando-os para o movimento, estes vistos como contribuintes de recursos financeiros para a causa e como futuros cidadãos do Estado nacional judaico.

Para atingir este objetivo, a estratégia utilizada pelos agentes e demais militantes do movimento, foi, principalmente, a promoção de campanhas para arrecadar recursos financeiros e a realização de atos públicos (palestras, conferências, encontros, festas e comícios), dos quais participavam muitos não-judeus, entre estes indivíduos prestigiados socialmente, como profissionais liberais, além de ilustres convidados, como escritores, intelectuais e políticos.

A coleta de recursos financeiros, via de regra, dirigia-se especificamente aos israelitas, porém contribuições de não-judeus eram bem vindas, e, por sua vez, os atos públicos dirigiam-se tanto aos *de dentro*, quanto aos *de fora* do grupo. Vale dizer que em alguns destes eventos cobrava-se o ingresso porém, na maioria das vezes, a entrada era franca.

Estas duas formas freqüentes de atividade – promoção de campanhas de arrecadação e atos públicos - ocorreram praticamente em todos os lugares onde houvesse um núcleo judaico. De norte a sul, os emissários percorreram localidades brasileiras, como Belém, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre e, inclusive, cidades do interior como Erechim, Passo Fundo e Pelotas, dentre outras.

Muitos destes atos públicos tiveram grande repercussão, devido à cobertura dada pela imprensa aos mesmos, a participação de ilustres convidados e a publicação de convites e notas sociais em jornais de grande tiragem e circulação, e periódicos comunitários.

Um destes eventos - muito lembrado por memorialistas étnicos do centro do país e referido em algumas obras - que contou com a presença e a participação de vários emissários, ocorreu em São Paulo, em julho de 1946. Denominado pela revista *Aonde Vamos?* de *Comício Monstro*, foi assim enunciado pela mesma: *Vinte mil judeus reuniram-se terça-feira 9 do corrente, no Ginásio do Estádio Municipal do Pacaembu, a fim de manifestar a sua indignação pelos últimos acontecimentos na Palestina.*<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 169, Rio de Janeiro, 18 Julho de 1946.

Atos públicos semelhantes a este, de protesto ou comemoração, porém em escala menor, igualmente ocorreram com frequência em Porto Alegre, invariavelmente, nos salões do Círculo Social Israelita (CSI) e, com menor intensidade, no interior do Estado.

Além destas duas práticas freqüentes, a ação política sionista ao inserir-se em diferentes instâncias, como a educação judaica, ao promover atividades de entretenimento e criar ou fomentar grupos vinculados à causa sionista, também permeava diferentes setores sócio-culturais, como atividades educacionais, de entretenimento e festas religiosas, dentre outras.

Neste capítulo, analisarei o movimento sionista no RS em suas mais variadas facetas, compreendendo desde a prática e a atuação política dos emissários sionistas, dos dirigentes locais, de judeus prestigiados socialmente tanto de fora quanto de dentro do grupo judaico e demais militantes, incluindo, inclusive, a participação de muitos não-judeus no movimento. Questões envolvendo temas gerais, como campanhas de arrecadação, fundação de entidades comunitárias, educação judaica, o sionismo no interior do Estado e a mobilização em torno da partilha da Palestina, também são enfocados.

## **2. 1. Os Delegados do aparelho Sionista**

Com o intuito de impulsionar as atividades sionistas no Brasil, em 1945, Jacob Hellman veio ao país, sob o patrocínio da OSU/BR. Natural da Letônia e vinculado a Histadrut, o emissário ocupava o cargo de representante do Congresso Judaico Mundial para a América Latina.

Em dezembro do ano seguinte, Hellman seria o porta-voz do Brasil no 22º Congresso Sionista Mundial. Em virtude de suas atividades, ele foi entrevistado pela revista *Aonde Vamos?*, em novembro de 1946, sendo apresentado *como intelectual e apaixonado batalhador político judaico* e sua atuação descrita como uma das mais notáveis. Segundo a revista, devia-se a ele *o trabalho de ter colocado no mapa do cenário judaico geral, os israelitas de várias repúblicas, centro e sul-americanas que até então eram completamente desconhecidas*.<sup>123</sup>

No entanto, mesmo sendo reverenciados pelos judeus-brasileiros, na maioria das vezes, tal consideração não impedia que os emissários sofressem contestações e até mesmo duras críticas.

---

<sup>123</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 186, Rio de Janeiro, 21 Novembro de 1946. Enunciado reiterado pela mesma revista quando da notícia do falecimento de Jacob Hellman em Buenos Aires, em setembro de 1950. Cf. *Aonde Vamos?*, n. 381, Rio de Janeiro, 20 Setembro de 1950.

Na entrevista concedida por Hellman, dentre outros temas, ele fora bastante cobrado quanto à atuação da Agência Judaica em relação aos judeus do Brasil, conforme pode ser verificado no trecho que transcrevo a seguir:

Nós [Aonde Vamos?] O senhor, como Delegado dos sionistas deste país, além de acompanhar nos assuntos políticos gerais a linha de seu partido, leva no seu programa alguns itens de interesse especial para o sionismo do Brasil?

Dr. Hellman: Um Congresso Sionista não trata de assuntos locais. Essas questões estão fora da alçada do Congresso Sionista Mundial. O próximo Executivo eleito talvez trate desses problemas.

Nós: Mas, Dr. Hellman, acontece que os judeus deste país contribuíram no último ano com 500.000 dólares para os fundos do Keren Kaiemet e do Keren Haïessod, sem ter representação no Congresso Central que gasta estes fundos. É tempo que termine esta situação e que o assunto seja levado perante o Congresso assim como nossa exigência de participação no Departamento de Aliá e especialmente que recebamos nos assuntos de organização, educação e cultura, uma contribuição real de Eretz, de vez que até agora fomos negligenciados.

No que concerne a representação política na Agência Judaica neste país, devemos exigir que cesse a situação de abandono em que nos encontramos.

A nossa juventude foi completamente negligenciada. Gastamos todas as somas que coletamos em remessas para o exterior e ficamos sem mesmo uma parcela para nossas necessidades organizacionais, culturais e representativas. Deve-se ou estabelecer uma porcentagem para ficar no país ou fazer com que o centro tome a si a execução de certas tarefas aqui.

Por isso, Dr. Hellman, a nossa situação local deve ser explicada em cores existe e é uma parcela real do panorama mundial sionista.<sup>124</sup>

Frente aos questionamentos, o emissário limitou-se apenas a responder: *por favor, escreva-me um memorando sobre os pontos citados e outros que se lembre ainda.*<sup>125</sup>

No final de 1945 e início de 1946, retornando de Buenos Aires, Hellman visitou novamente a Porto Alegre, onde participou como palestrante de algumas atividades nos salões do CSI, organizadas pela OSU/RS. Uma de suas palestras foi, inclusive, transmitida pela Rádio Farroupilha, na época uma das mais ouvidas, conforme é possível verificar através de uma extensa notícia publicada no *Diário de Notícias*, em 3 de janeiro de 1946:

Aproveitando a estadia do Dr. J. Hellman, representante do Congresso Mundial Judaico e sob o patrocínio da Organização Sionista e do Centro Teodoro Herzl, o mesmo realizou uma conferência nos salões do C.S.I. que alcançou o mais completo êxito. No dia 23 o citado representante realizou para os jovens do centro T. H. uma proveitosa reunião onde esclareceu a juventude inúmeros pontos da HISTADRUT.

Encerrando as comemorações o mesmo centro realizou uma palestra radiofônica por intermédio da rádio Farroupilha, onde falaram a Sra. Berta Weil e o Dr. Salomão Schwartz Filho. Da palestra da srta. Weil destacamos os seguintes períodos: “os restos fascistas que ainda estão por ser esmagados procuram lançar o ódio e a morte entre os povos. Não

<sup>124</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 186, Rio de Janeiro, 21 Novembro de 1946.

<sup>125</sup> *Ibidem*.



erramos ao afirmar que a peçonha fascista mais uma vez manifestou-se no Oriente Médio. Mas a Confederação Geral dos Trabalhadores Judeus da Palestina esta vigilante. Sabemos que ela vencerá as dificuldades que estão se antepondo e esmagará a Hidra do Mal”.

Ocupando a seguir o microfone da “mais potente”, o Dr. Schwartz Filho, entre outras disse: - “Não existe uma só conquista importante na Terra de Israel no terreno econômico, político ou cultural que não leve o selo da HISTADRUT. O que não foi conseguido diretamente por ela, foi forjado por sua influência ou conseguido por meio de seu exemplo”.<sup>126</sup>

Na capital gaúcha, a presença do emissário contribuiu para aproximar grupos sionistas de direita com militantes de centro e de esquerda. Em 23 de dezembro de 1945, a recém fundada Unificada realizou nos Salões do CSI, em colaboração com o *Iavné*, uma conferência de estréia, sendo Hellman o palestrante da noite, com *A situação do povo de Israel no após-guerra*.<sup>127</sup> No entanto, conforme visto no capítulo anterior, esta aproximação inicial não obteve êxito.<sup>128</sup>

Após Jacob Hellman, David Elnecavé, diretor da revista *La Luz* de Buenos Aires e Delegado da Universidade Hebraica de Jerusalém, visitou Porto Alegre, proferindo, em 4 de maio, no Salão de Festas do CSI, uma conferência *a respeito dos grandes progressos realizados por aquela universidade no terreno cultural*. Sua presença, bem como a conferência, repercutiram nos meios jornalísticos e na imprensa local, sendo Elnecavé posteriormente entrevistado por diversos jornalistas no Bar do Grande Hotel.<sup>129</sup> Por fim, *o ilustre delegado* também concedeu uma audiência aos jovens do Círculo Cultural Iavné.<sup>130</sup>

<sup>126</sup> Cf. Federação Geral dos Trabalhadores Judeus da Palestina. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 3 Janeiro de 1946. p. 2.

<sup>127</sup> Cf. Histórico e origens da Org. Sionista no R. G. do Sul. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 4-6. (AJH)

<sup>128</sup> No entanto, cabe esclarecer que, segundo a publicação em homenagem aos dez anos da OSU/RS, que apesar da coligação de 1948, somente em 1953 seria efetivada a união entre os grupos sionistas de direita e esquerda, sendo neste ano *alcançada a pacificação da família sionista* [no Estado], *com o reingresso ao seio da Unificada da Organização Sionista Revisionista, que passa a prestar sua colaboração decidida e valiosa*. Cf. O ministro Moshé Sharret em P. Alegre. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 20-22. (AJH)

<sup>129</sup> Cf. Conferência sobre a Universidade de Jerusalém. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 4 Maio de 1946. Seção Vida Social. p. 7; e O Professor David Elnecavé, fala ao representante do “Correio do Povo”, no Bar do Grande Hotel. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1º Maio de 1946. Seção Noticiário. p. 7. Esta reportagem cita o seguinte: ocorreu no Grande Hotel, um *cock-tail* [sic], com o fim especial de apresentar aos jornalistas o professor David Elnecavé, diretor da Revista *La Luz*, de Buenos Aires, que ora se encontra nesta capital como delegado da Universidade Hebraica de Jerusalém. A recepção transcorreu num ambiente de grande cordialidade, demorando-se o professor Elnecavé em animada palestra com os jornalistas rio-grandenses sobre os objetivos da sua missão em nosso Estado, cujo fim é fundar em Porto Alegre, a exemplo do que se vem fazendo em outras cidades do nosso país e de outros países americanos, a *Sociedade de Amigos da Universidade Hebraica de Jerusalém*, que consiste, no intercâmbio da Universidade com todos os países do mundo, a fim de que, num programa de reciprocidade, tenhamos compensações mútuas no terreno científico cultural.

<sup>130</sup> Cf. HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, Abril-Junho de 1946. (AJH)

Neste mesmo período, outro emissário da OSM se fez presente no Estado, o judeu-ucraniano radicado no México, *Josef Tchorntsky*. Jornalista de profissão, em 1945 ele fora convidado para compor o executivo da Agência Judaica.<sup>131</sup> Tchorntsky representando o Keren Haïessod, esteve no Brasil em meados de 1946, com a finalidade de promover, em diferentes regiões do país, campanhas de arrecadação de recursos financeiros para esta entidade, e igualmente, participar e coordenar eventos relacionados ao movimento. Conforme visto no capítulo anterior, sua primeira atividade no Estado gaúcho foi *reorganizar* a OSU/RS.

Em relação à presença deste agente no RS, ao consultar o Acervo de História Oral do ICJMC, Ieda Gutfreind, refere: *um emissário que em vários momentos tem seu nome citado, Josef Tchorntsky, [...] esteve várias vezes em Porto Alegre e em uma das visitas foi assim qualificado no convite estampado no jornal Diário de Notícias [25 de junho de 1946]: ... mais uma extraordinária conferência do famoso orador e notável líder judeu. Jornalista Yosef Tchorntzki [sic], que falará sobre o movimento sionista em todos seus aspectos.*<sup>132</sup>

Comunicando-se com a coletividade judaica em ídiche e/ou espanhol, Tchorntsky, conforme Falbel, se destacava *pelo brilho de sua oratória num tempo que as palavras tinham um poder de fascínio sem igual, para jovens e adultos.*<sup>133</sup> Cabe aqui, referir que ele foi um dos principais oradores do *Comício Monstro*, realizado em São Paulo, visto acima.

Igualmente, o emissário foi o principal orador em outros dois eventos ocorridos no centro do país, posteriores à fundação de Israel, denominados de *Grande Ato Público de Proclamação da Campanha pela Defesa e Construção de Israel*, o primeiro realizado no Rio de Janeiro, em 29 de junho de 1948<sup>134</sup> e outro em São Paulo, em 1º de julho do mesmo ano.<sup>135</sup>

Sobre a passagem do emissário pelo Estado em 1946, Moysés Eizirik narra que: *... foram organizados atos públicos no Círculo Social Israelita, nos altos do [cinema] Baltimore, com público numeroso e entusiasta que superlotava o salão, para ouvir Tchorntsky, que foi um dos*

<sup>131</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 275, Rio de Janeiro, 19 Agosto de 1948.

<sup>132</sup> Cf. GUTFREIND, 2004. p. 146.

<sup>133</sup> Cf. FALBEL, 1996. p. 79.

<sup>134</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 268, Rio de Janeiro, 1º Julho de 1948.

<sup>135</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 279, Rio de Janeiro, 8 Julho de 1948. Ainda no sentido de reconstruir o ambiente destes encontros, cabe citar que em outro evento, no qual o emissário foi o principal orador, sendo sua explanação assim apresentada pela revista *Aonde Vamos?*: Numa alocução de hora e meia, proferida em castelhano, arrebatou a assistência, apresentando um reflexo da realidade de Israel, e a grandeza do destino de um povo que luta pela sua sobrevivência e confia na lealdade de seus filhos. Cf. **Aonde Vamos?**, n. 274, Rio de Janeiro, 12 Agosto de 1948.

*maiores oradores que falaram para a coletividade. Em idiche e espanhol descreveu a situação na Palestina.*<sup>136</sup>

Tchornitsky configurou-se como um dos emissários mais influentes e atuantes que passaram pelo RS, não apenas por sua retórica bastante lembrada nos depoimentos orais - que demonstram os estreitos laços estabelecidos entre ele e a coletividade judaica local - mas também por fundar e organizar diversos grupos e instituições e combater tendências sionistas contrárias a OSM - como o Iavné fechado por ele, em 1947.

Entre 1946 e 1950 ele esteve presente por diversas vezes no Estado; sua primeira visita a Porto Alegre, ocorreu em um momento caracterizado politicamente pela estagnação da Unificada e pelo domínio do Iavné. Como era de costume, Tchornitsky fora convidado pelos jovens desta instituição para uma audiência com a diretoria da entidade. A presença do emissário que mais tarde fecharia a mesma, foi assim avaliada no Boletim Oficial do Iavné:

O Ilustre delegado realizou diversas conferências no Salão de Festas do CSI, onde anunciara a Campanha do Keren Haïssod.

Brilhante orador, e com a sua palavra comovedora, o sr. Josef Tchornitsky, soube convencer a coletividade israelita desta capital, a contribuir condignamente, para esse fundo, tão necessário para a colonização da Terra de Israel.

Durante a sua estadia nesta capital, organizou o sr. Josef Tchornitsky um seminário com a juventude.<sup>137</sup>

É possível afirmar que, inicialmente, Tchornitsky atuou em quatro frentes: promoveu campanhas de arrecadação financeira, arregimentou novos militantes, propagou a causa sionista e fortaleceu o comitê local ao qual se vinculava, através da fundação e da organização de entidades, dando assim legitimidade e representatividade ao grupo do qual ele era porta-voz.

O emissário reorganizou a Unificada, levando para dentro dela homens prestigiados socialmente dentro e fora da comunidade judaica porto-alegrense. Nomeou para presidente Maurício Seligman e *para os demais cargos, pessoas bastante conhecidas desta capital*, conforme consta no periódico *Hatikva*.<sup>138</sup>

Sobre a relação do emissário com o médico e a nomeação deste para presidente, Eugênia Seligman, sua esposa e também ativista do movimento, em entrevista concedida ao ICJMC, lembra que o marido:

<sup>136</sup> EIZIRIK, 1984, p. 99.

<sup>137</sup> Cf. HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, Abril-Junho de 1946. (AJH)

<sup>138</sup> Ibidem.

...sempre foi sionista. Mas principalmente, quando veio o Tchornitsky, despertou nele o interesse pelo... [sionismo]. [...] Tanto em mim como no Maurício. E, como ele já tinha muito conhecimento aqui na colônia, ele se dedicou de corpo e alma ao Sionismo mesmo. Ele foi o primeiro presidente da Organização Sionista [...] porque achavam que ele tinha muito prestígio por ser médico... [Tchornitsky] Era delegado do Keren Haissod e se tornou muito nosso amigo, era um homem muito inteligente, tinha muita eloquência para falar. E nos tornamos amigos dele, e ele também notou e achou que o Maurício poderia ser um líder da comunidade, [...] porque era médico e já conceituado naquele tempo...<sup>139</sup>

Em relação às campanhas de arrecadação para o Keren Haissod, a depoente menciona: *Eu me lembro da primeira campanha [...] para Israel. Nós passamos, uma noite inteira com outros companheiros, que eu não gostaria que fossem esquecidos como Marcos Lerrer, David Soroka, Miguel Weisfeld, Isaac Siminovich e outros, que infelizmente no momento eu não me lembro o nome. Ah! Doutor Maurício Steinbruch.*<sup>140</sup>

Eugênia Seligman ainda lembra que seu marido *tornou-se sionista na década de 1930, 1940* e que neste período já havia sionistas em Porto Alegre. Afirma ainda que o médico deu um grande impulso ao movimento e ao fundo comunitário. Em 1948, ele e seus pares, fizeram a primeira *Campanha de Emergência* em Porto Alegre, obtendo grande sucesso. Por fim, a depoente ainda cita que seu esposo:

...atuou muito em Porto Alegre, mas o movimento se estendeu também a Erechim, Passo Fundo, Santa Maria, Rio Grande e Pelotas. [...] Erechim e Passo Fundo tinham quantidade de judeus, pela própria colônia Quatro Irmãos, que a maioria foram para estas cidades. E Santa Maria também, naquele tempo tinha muitos judeus – tanto que o Maurício era, veio de lá, não é? Ainda estudou ídiche, até a idade de ele vir para Porto Alegre – veio parece que com dezesseis ou dezessete anos [...]. Ele gostava muito de línguas, tanto que era o “hobby” dele línguas. Ele falava, e... sabia escrever, sabia a gramática de português, naturalmente ídiche, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, correntemente [...]. Era poliglota. Justamente porque estudou na Escola Superior de Comércio e lá se aprendia mais línguas.<sup>141</sup>

Por sua vez, a publicação comemorativa dos dez anos da Unificada também aborda o sucesso obtido pelo emissário nas campanhas de arrecadação, referindo que Tchornitsky esteve no RS *com a missão de realizar a primeira campanha do Keren Haissod, e tal foi a sua dedicação, dinamismo e capacidade de organização, que essa Campanha foi um êxito [...]. Porto Alegre, conhecida no Brasil como uma Coletividade que pouco contribuía, foi içada a uma posição de destaque entre os ischuvim do país.*<sup>142</sup>

<sup>139</sup> SELIGMAN, Eugênia. Entrevista n. 274. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 17/08/1989.

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> Josef Tchornitzki [sic] em Porto Alegre. In: Op. cit. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 7-14. (AJH)

Em síntese, além de participar e coordenar eventos diversos, realizar campanhas para angariar fundos e promover o movimento no Estado, assim como outros, o emissário também organizou e fundou grupos sionistas femininos e juvenis.<sup>143</sup>

Em março de 1947, a agremiação juvenil, fundada por Tchornitsky, editou uma publicação denominada *Boletim da Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil*. Sua capa apresentava uma foto do emissário e um pequeno texto assinado por Samuel B. Wainer, intitulado: *Homenagem ao Nosso Fundador*, que citava o seguinte: *para a juventude, após um seminário de 3 semanas, lançou, em memorável noite de 29 de junho de 1946 a Organização Sionista Unificada (OJSUB), setor Rio Grande do Sul, agremiação que envida todos seus esforços para tornar realidade o sonho do povo Judeu.*<sup>144</sup>

Em seu final, o texto referia: *neste primeiro Boletim de nossa organização queremos deixar patente, uma homenagem ao nosso ilustre, fundador Chaver Tchornitsky, figura que ficará gravada nos corações da juventude gaúcha*. E, ao expressar os propósitos da Organização Juvenil, o Boletim, dentre outras palavras, reproduzia velhos anseios da Unificada, mencionando: *A OJSUB, fundada em junho de 1946, com o fito de congregar a juventude em geral, tem seguido seu caminho fiel a seus princípios apartidários...*<sup>145</sup>

No início do ano, *em 3 de janeiro de 1946, o comitê de Damas Pró-Vítimas da Guerra, com o auxílio da Organização Sionista Unificada do Brasil transformou-se na WIZO [Women International Zionist Organization]*. Segundo a publicação comemorativa dos dez anos da

---

<sup>143</sup> É pertinente ressaltar que segundo Bourdieu: *em termos mais neutros, diremos que os aparelhos consagrarão pessoas confiáveis. Mas confiáveis por que? Porque não possuem nada que lhes permita se opor ao aparelho. Assim é que, tanto no Partido Comunista Francês dos anos 50 como na China da Revolução Cultural, os jovens muitas vezes serviram como comitres simbólicos, como cães de guarda. Ora os jovens não são apenas o entusiasmo, a ingenuidade, a convicção, tudo aquilo que sem pensar muito associamos a juventude; do ponto de vista do meu modelo, eles são também aqueles que não possuem nada; são os novatos, aqueles que chegam ao campo sem capital. E, do ponto de vista do aparelho, são bucha de canhão para combater os velhos, que começando a ter capital, seja através do partido, seja por si mesmos, usam esse capital para contestar o partido* (BOURDIEU, Op. cit. 2004, p. 203-204).

<sup>144</sup> Cf. WAINER, Samuel B. Homenagem ao Nosso Fundador. In: **Boletim da Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil**. Setor Rio Grande do Sul n. 1, Porto Alegre, Março de 1947. (AJH) Apesar da semelhança dos nomes, não se trata do jornalista judeu, radicado no centro do país, também chamado Samuel Wainer, que esteve na Palestina fazendo a cobertura dos acontecimentos naquela região no primeiro semestre de 1948, para os Diários Associados. Ao retornar ao Brasil Wainer proferiu palestras pró-Estado de Israel, combatendo os pontos de vista de seu colega Carlos Lacerda. Wainer alcançara notoriedade como jornalista ao entrevistar Getúlio Vargas em São Borja, no ano de 1949, durante seu auto-exílio. Por sua vez, a assinatura do militante Samuel B. Wainer, aparece neste periódico e igualmente em outras publicações sionistas, conforme veremos no quarto capítulo. Localizei mais três indivíduos com sobrenome Wainer na lista de contribuintes publicada no periódico KOL HAMAGBIT de Maio de 1951 (AJH), também citados por HALPERN, 1999. p. 77.

<sup>145</sup> Cf. BOLETIM DA ORGANIZAÇÃO JUVENIL SIONISTA UNIFICADA DO BRASIL. Setor Rio Grande do Sul n. 1, Porto Alegre, Março de 1947. (AJH)

Unificada, essa entidade foi *renovada*, graças ao emissário que conseguiu despertar o interesse das senhoras da coletividade para o trabalho sionista.<sup>146</sup>

Sobre o emissário e sua atuação em relação às organizações femininas a revista *Aonde Vamos?* de novembro de 1946, ao noticiar o retorno do delegado para *Eretz Israel*, citava que o mesmo fez muito pela *WIZO auxiliando na organização de vários grupos [...] em várias cidades do Brasil, como Manaus, Belém, Porto Alegre, Aracajú e Bahia*.<sup>147</sup>

Ainda em relação às atividades de Tchornitsky, é possível perceber que o projeto sionista preocupava-se com a *formação das almas* para o futuro. A publicação dos dez anos da Unificada aponta que ele também teve a idéia de criar uma Biblioteca.<sup>148</sup> O episódio foi assim narrado: *Cumprer ressaltar, que de sua idéia surgiu à biblioteca da Unificada, que teve nos Srs. Isaias Dreizik, Samuel Spiguel e Prof. Bariach os elementos dedicados que concretizaram essa idéia, dotando a Organização de livros atualizados e de grande valor, que, como elementos de consulta, têm sido de inestimável serventia*.<sup>149</sup>

A biblioteca, que recebeu o nome do emissário, foi inaugurada em 11 de agosto de 1946, demonstrando, mais uma vez, a aproximação deste com a comunidade judaica porto-alegrense. Nesta ocasião, Maurício Seligman proferiu um discurso, destacando o seguinte:

Estamos inaugurando hoje a biblioteca da Organização Sionista Unificada e não queríamos deixar de ter presente a esta solenidade o seu digno patrono Josef Tchornitsky.

Embora convalescente de grave moléstia que o roubou a sua atividade patriótica por 10 dias e com um programa de trabalhos exaustivos em São Paulo, Josef Tchornitsky, movido por um amor de pai à nossa gente e a nossa causa, não soube negar-nos o prazer da sua presença e encontrou tempo e forças para vir até aqui para dar-nos o calor do seu entusiasmo e o ardor da sua iniciativa.

O significado de uma biblioteca não precisa ser explicado. Cada um de nós sabe o que isto vale. Esta biblioteca porém significa um elo de união entre os israelitas de Porto Alegre. É uma biblioteca essencialmente judaística, que trata de assuntos relacionados com o judaísmo, seus costumes, sua história, sua religião, suas aspirações. Neste sentido poderá servir a todos, sem distinção de credos políticos, que desejam conhecer o judaísmo.

Concretizada que está esta iniciativa, já passamos a outra de não menor alcance – o da construção de uma sede própria da nossa coletividade, uma casa que seja um lar do nosso povo, onde possamos nos encontrar para ler, estudar, discutir, ouvir conferências, horas de

<sup>146</sup> Josef Tchornitzki em Porto Alegre. In: Op. cit. 1955. p. 7-14. (AJH)

<sup>147</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 184, Rio de Janeiro, 7 Novembro de 1946.

<sup>148</sup> Atividade que já havia promovido em outras localidades. No Rio de Janeiro em novembro de 1946, no decorrer do banquete de despedida, o emissário referiu a necessidade de organizar uma biblioteca de assuntos judaicos em língua acessível para a juventude, isto é, em português e espanhol. Os presentes compreenderam imediatamente o alcance de sua proposta e espontaneamente ofereceram contribuição para a Biblioteca. Cf. *Aonde Vamos?*, n. 187, Rio de Janeiro, 28 Novembro de 1946.

<sup>149</sup> Josef Tchornitzki em Porto Alegre. Dez. 1955. p. 7- 14. (AJH)

arte; onde as nossas crianças possam ter seu ginásio, seus clubes recreativos suas organizações juvenis.<sup>150</sup>

Tchornitsky viria novamente ao Brasil e ao RS em 1948 e 1950; abordo estas passagens do emissário mais à frente. No segundo semestre de 1946, outro agente sionista, Léo Halpern, que já mantinha contatos com os sionistas do sul do país, viria a Porto Alegre nos meses de agosto e dezembro, a fim de participar e desenvolver programações com a juventude.<sup>151</sup>

Outra estratégia utilizada pelos emissários para promover o movimento e atrair a assistência dos representados era a exibição de filmes e documentários sobre a Palestina. Através de imagens, os judeus-brasileiros poderiam ver que o *Estado imaginado* não era apenas um sonho, mas sim uma realidade. Anúncios em revistas e jornais convidavam os judeus para assistir filmes e projeções relacionadas à Palestina. Como exemplo, cabe citar um convite, publicado na revista *Aonde Vamos?*, de outubro de 1946, referente à *noite comemorativa da Declaração Balfour*, promovida pelo KKL no Rio de Janeiro, no qual aparece, dentre outros, os nomes dos emissários Jacob Hellman e Léo Halpern e a seguinte frase: *Será ainda exibido um filme sobre a Palestina*.<sup>152</sup>

Em outra edição da mesma revista, em janeiro de 1948, um anúncio convidava os judeus a participarem do *Grandioso Meeting Pró-Haganá*, realizado na Capital Federal, informando que falariam ao público os emissários Ruth Kluger e Arie Chill, e que ainda seria exibido um filme, *um novo documentário sobre a Palestina*. Por fim, em um *Meeting em pról de Israel*, realizado em julho na cidade carioca de Niterói e que teve como orador Josef Tchornitsky, o público era convidado a *comparecer em massa* para assistir a palestra do emissário e *dois dos mais recentes filmes sonoros sobre Eretz Israel: O lar no Deserto e Os refugiados encontraram lar e segurança*.<sup>153</sup>

Essa estratégia utilizada a fim de promover o movimento, inscreve-se em um amplo contexto, que evidencia e relaciona a prática sionista a diferenciados meios sócio-culturais, visto que a movimentação em torno da criação do Estado de Israel também reorientou a temática teatral. Conforme Ieda Gutfreind, *à função de divertir, integrar e moralizar agrega-se o papel*

<sup>150</sup> Cf. Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos. Inauguração do retrato de Josef Tchornitsky, 11 de agosto de 1946. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>151</sup> Cf. BOLETIM DA ORGANIZAÇÃO JUVENIL SIONISTA UNIFICADA DO BRASIL. Setor Rio Grande do Sul n. 1, Porto Alegre, Março de 1947. (AJH)

<sup>152</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 183, Rio de Janeiro, 31 Outubro de 1946.

<sup>153</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 245, Rio de Janeiro, 22 Janeiro de 1948; *Aonde Vamos?*, n. 269, Rio de Janeiro, 8 Julho de 1948.

*educativo de construção de uma outra identidade para o judeu da diáspora – havia que conscientizá-lo da necessidade de engajamento na proposta da criação do Estado Judeu.*<sup>154</sup>

Apresentei até aqui, brevemente, alguns emissários e suas práticas políticas e sócio-culturais, frente às comunidades judaicas brasileiras. Estes *estrangeiros*, ao agirem como devotos abnegados, desinteressados e dedicados, que se doavam e agiam em favor da causa sionista, passaram a ser reconhecidos pelo grupo como representantes legítimos do movimento, o qual assim lhes investia de autoridade, visto que o crédito e o carisma são produtos do credo, da crença da obediência....<sup>155</sup>

Visto que *o homem político retira sua força da confiança que o grupo põe nele*, os emissários deixavam de ser simples pessoas, transcendendo para uma esfera moral e, investidos desse mandato, ocupavam uma posição de liderança dentro do movimento e frente ao grupo. Dessa forma, suas idéias, sua presença física, palavras e ações produziam efeitos, adquirindo sentido, sendo possível a eles colocar em prática sua agenda, seus projetos, propostas e idéias, isto é, exercer o *poder simbólico* emanado pelo aparelho estatal.

## **2. 2. Homens e mulheres de prestígio entre os dirigentes e militantes:**

Apresento aqui, homens e mulheres que possuíam prestígio social devido à posição que ocupavam em diferentes meios, os quais envolveram-se no movimento sionista, seja como dirigentes, militantes ou simpatizantes. Centralizo meu foco na figura de um professor o qual, transitando por vários setores, promoveu a interligação entre eles.

Pouco a pouco, a Unificada passava a ser reconhecida pelos demais como *o endereço do sionismo no Rio Grande do Sul*. Em 23 de janeiro de 1947, a Instituição deixara de dividir seu espaço com outros grupos, alugando uma sede própria na rua Felipe Camarão, número 626 e, com o auxílio dos emissários, tornou-se mais atuante na comunidade, ampliando assim seus domínios e conquistando seu lugar no campo político sionista sul-rio-grandense.

Passava, assim, a se movimentar com maior mobilidade, traçando e definindo rapidamente seus projetos e propósitos, entre estes, a programação de eventos, a cooptação de membros dentro e fora da coletividade e o intercâmbio com grupos sionistas de outros Estados. Em 27 de março,

---

<sup>154</sup> Cf. GUTFREIND, 2004, p. 123.

<sup>155</sup> Cf. BOURDIEU, 2000, p. 188.



em Assembléia Geral, uma nova Diretoria foi eleita, sendo Mauricio Seligman reconduzido à presidência, cargo que ocuparia até 1949. No mês seguinte, uma delegação da entidade, representaria a mesma em um encontro nacional realizado no Rio de Janeiro.

Em meados de 1947, a OSU/RS abarcando os principais porta-vozes, estrangeiros ou locais, controlava o movimento no sul do Brasil, tornando-se o principal comitê sionista na região. O fechamento do *Iavné* neste ano, marcara o início da hegemonia da Instituição frente a seus concorrentes revisionistas. Igualmente, a presença de um maior número de emissários da OSM no Estado e a frequência com que passaram a ocorrer às atividades deram prestígio e legitimidade à Entidade.

A decisão da Organização das Nações Unidas (ONU), de dividir a Palestina em dois territórios: um judeu e outro árabe, impulsionou o movimento e o fato de ser um gaúcho, Oswaldo Aranha, o presidente da sessão de 29 de novembro, fez com que as atenções do judaísmo mundial se voltassem para o Brasil, e, em especial, para o Rio Grande do Sul.

Aos dirigentes sionistas não faltaram argumentos e motivos para exigir mobilização da coletividade, caracterizando assim o ano de 1947 como um período de intensa atividade.

Por outro lado, muitos judeus e não-judeus, prestigiados socialmente, dentro e fora da comunidade israelita, investindo em diversas frentes, utilizaram seu *capital cultural* em favor do movimento. Tais práticas iam ao encontro dos anseios das demais lideranças, visto que, ao defenderem a proposta sionista, suas palavras repercutiam publicamente, contribuindo assim com a promoção de eventos, campanhas de arrecadação e atraindo militantes. Por sua vez, a participação de prestigiados indivíduos facilitava o acesso de outras pessoas ilustres da sociedade sul-rio-grandense nas programações. Retomarei este assunto ao final deste capítulo.

Retomando a afirmação da importância de um professor nesta conjuntura, avalio que a ampliação dos horizontes da OSU/RS, dentre outros motivos, pode ser verificada com a transferência de residência do prestigiado professor Baruch Bariach, de Curitiba para Porto Alegre, um centro maior. O mesmo fora trazido para a capital gaúcha pela Unificada, a fim de dirigir o Instituto de Educação e Cultura (Colégio Israelita de Porto Alegre), ensinar a língua hebraica à juventude e desenvolver atividades de caráter sionista na comunidade.

Baruch Bariach, diretor do Colégio Israelita de Curitiba<sup>156</sup> e correspondente local da revista *Aonde Vamos?*,<sup>157</sup> era um importante ativista sionista da capital paranaense.<sup>158</sup> Em 1946, são verificados freqüentes contatos entre ele e os sionistas porto-alegrenses.

Seu nome é relacionado a atividades sionistas, sendo citado diversas vezes em periódicos, publicações sionistas e também em jornais locais. Sobre um desses eventos, realizado pela Unificada em 1946, no qual Bariach participou junto com Tchernitsky e Seligman, dentre outros, foi publicada uma nota no *Diário de Notícias*, com os seguintes dizeres: *Convidamos a Colônia Israelita de Porto Alegre para assistir o Grande Ato Público em homenagem a memória de seus grandes líderes Theodoro Herzl e N. Bialik. Falarão o Prof. B. Bariach e outros oradores locais. Haverá depois uma hora de arte alusiva ao ato. Local: Círculo Social Israelita. Domingo, dia 21 de julho às 20 horas.*<sup>159</sup>

Uma ex-aluna do Instituto de Educação e Cultura, ao lembrar-se de seus professores, cita em entrevista concedida ao ICJMC, dentre outros, o nome de Bariach, referindo que na Escola havia *a dona Nair a diretora, a dona Maria de Lurdes, uma professora muito braba, uma solteirona, [...] ela era muito braba, ela dava com a régua na cabeça da gente [...], o professor*

---

<sup>156</sup> Baruch Bariach assumiu a direção da Escola Israelita Brasileira de Curitiba em 1933, aí permanecendo por mais de uma década. A Escola fora criada em 1927, subsidiada pela Jewish Association Colonization (ICA), que dispunha de verbas para investir no ensino judaico, sendo a reunião de sua fundação presidida em 15 de fevereiro deste ano, pelo Dr. Rafalovitch, dirigente da ICA. Inicialmente a Escola oferecia em seu currículo aulas de ídiche e hebraico. Sob o comando de Bariach o ensino foi ampliado de cinco para sete anos, acompanhando a metodologia seguida na Polônia. Em 1935, já com 109 crianças matriculadas, ampliou suas instalações - os primeiros dados sobre o número de alunos constam de um relatório da ICA de 1929. Com o crescimento da instituição, Salomão Guelmann construiu um prédio, doando-o à coletividade, sendo a nova sede inaugurada em 29 de junho de 1935, que, em homenagem ao doador, passou a se chamar *Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann*. Nessa época, Bariach, com o objetivo de proporcionar estudo àquelas crianças cujos pais moravam nos arredores de Curitiba criou um internato para meninos e meninas. Também nesse período a escola passou a contar com outra professora de hebraico, Olga Rubinstein. No início de 1947, o professor deixou a capital paranaense e transferiu-se para Porto Alegre. Cf. sites: [http://www.eibsg.com.br/escola\\_historia.asp](http://www.eibsg.com.br/escola_historia.asp) e <http://www.kehila.com.br/entidades/eibsg/escola.htm>. Sites consultados em 20 de junho de 2005.

<sup>157</sup> Cf. Novo correspondente de *Aonde Vamos?* em Curitiba. **Aonde Vamos?**, n. 198, Rio de Janeiro, 27 fevereiro de 1947. Nesta encontra-se a seguinte nota: “Tendo o sr. Baruch Bariach, representante de *Aonde Vamos?* em Curitiba desde a fundação deste semanário, transferido sua residência para Porto Alegre, assumiu este cargo o sr. Marcos Raisman”.

<sup>158</sup> Na revista *Aonde Vamos?* de agosto de 1946, uma nota revela seu prestígio local, apresentando o seguinte texto: “No dia 24 do corrente foram comemoradas festivamente no salão da Escola Israelita Brasileira de Curitiba, as Bodas de Prata do casal Sr. Boruch e Sra. Éster Bariach. AONDE VAMOS? aproveita esta oportunidade para enviar aos distintos aniversariantes que são figuras representativas na vida social e cultural de Curitiba, sinceros parabéns”. Em outra nota, na mesma revista, é possível verificar sua atuação no meio sionista: “O comitê do Keren Kaiemet de Curitiba, congratula-se com o seu Secretário Geral, Prof. Baruch Bariach e Sra. pela comemoração de suas bodas de prata, augurando-lhes felicidades e êxito em seus empreendimentos (...)”. Cf. **Aonde Vamos?**, n. 175, Rio de Janeiro, 29 Agosto de 1946.

<sup>159</sup> Organização Sionista Unificada. **Diário de Notícias**. Porto Alegre. 21 de julho de 1946. Seção Artes e Artistas. p. 13.

*Baruch, eu me lembro até hoje, um careca gordinho, aula de... eu não me lembro de hebraico, eu me lembro de ídiche. Mas de hebraico eu tive mais tarde.*<sup>160</sup>

No entanto - visto ser ele um militante engajado no sionismo paranaense - seu trabalho em Porto Alegre não se limitou ao espaço escolar, sendo constante sua participação em eventos promovidos pela Unificada. Bariach, inclusive, nos anos seguintes, atuaria como Secretário Geral na organização do *Magbit*, (fundo comunitário) destinado a arrecadar recursos para a construção de Israel.

Ainda, no Paraná, em virtude de sua transferência, foram organizadas festividades, a fim de que os judeus-curitibanos pudessem se despedir do prestigiado casal Bariach. Cabe ressaltar que sua esposa também participava do movimento, e, em relação a sua militância, uma notícia da revista *Aonde Vamos?*, de 6 de março de 1947, intitulada: *Despedida à Madame Bariach em Curitiba*, destaca:

A 19 de janeiro último teve lugar, na sede do Centro Mosaico do Paraná uma homenagem de despedida a Esther Bariach, por motivo de sua partida para Porto Alegre. Essa homenagem constou de um chá que lhe ofereceram suas “chaveraths” [companheiras] [sic] da WIZO desta capital, em cujo decorrer usaram da palavra as senhoras Esther Guelmann e Sra. Blinder que, com termos repassados de carinho e simpatia, enaltecera o trabalho brilhante e fecundo de d. Esther Bariach no seio de nossa colônia, desde a fundação do Sub-Comitê da WIZO de Curitiba, que a mesma presidiu brilhantemente até o momento de sua partida.

Como recordação dessa cerimônia, foi batida uma chapa da diretoria da WIZO nesta capital, durante a presidência da sra. Bariach.<sup>161</sup>

Assim como em Curitiba, a senhora Bariach, também atuou nos meios sionistas porto-alegrenses. Em setembro de 1948, em decorrência da idéia do emissário Schlomo Lipsky, ela, Berta Siminovich (esposa do advogado e dirigente local da Unificada, Isaac Siminovich) e Zeldi Oliven, dentre outras, fundaram o grupo sionista feminino Na’ Amat Pioneiras. Segundo informa o periódico comunitário *O Campestre*, de julho de 1998:

Em setembro de 1948, um reduzido círculo de ativistas recebeu a visita de um scheliach [enviado] de nome Schlomo Lipsky. Tratava-se de um chaver [companheiro] do Kibutz Tel Iosef que estivera em viagem pela Argentina e iniciava sua caminhada pelo Brasil desembarcando na capital gaúcha. Tão logo chegou, marcou uma reunião na residência do professor Baruch Bariach e sua esposa Ester, com a presença de algumas poucas ativistas. Depois de uma série de esclarecimentos sobre o movimento obreiro feminino em Israel, várias senhoras da coletividade mostraram-se extremamente empolgadas.<sup>162</sup>

<sup>160</sup> BERGER, Dora. Entrevista n. 400. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 21/06/1991.

<sup>161</sup> Cf. Despedida a Mme. Bariach em Curitiba. *Aonde Vamos?*, n. 199, Rio de Janeiro, 6 março de 1947.

<sup>162</sup> Cf. Na’ Amat, uma entidade de vanguarda. *O Campestre*. Porto Alegre, Julho de 1998. Reportagem Especial.

Uma das lideranças sionistas no período estudado, Berta Siminovich, nascera na Romênia, em 1920. Em entrevista concedida ao ICJMC, a depoente relembando da fundação das Pioneiras em Porto Alegre, refere:

...quando as Pioneiras [entidade feminina sionista de caráter beneficente] se organizaram, já existia a WIZO. [...] fui muitas vezes convidada a participar, mas nós já tínhamos a idéia de fazer a organização das Pioneiras, porque o meu marido já fazia parte do partido Poalei Zion e nós já tínhamos reflexos em casa, propriamente dito, através das pessoas que vinham, o que que faz, o que a mulher que trabalha em Israel sente, como ela atua e a necessidade que ela tem de um apoio da Diáspora. Então, nessa ocasião, veio um senhor veio do “kibutz”, na casa de uma amiga nossa, infelizmente recém falecida, a Clara Libel, e nos organizou, para nos dar uma idéia como é a mulher que trabalha em Israel e qual é o auxílio que ela necessita. Isso foi em 1948.[sic]<sup>163</sup>

Na entrevista, a depoente informa acerca da participação do emissário, Schlomo Lipsky, ao referir: *Nós nos reuníamos na casa do professor Bariach, primeiro foi na casa da Clara Libel, que nos apresentou [este] senhor.*

Segundo ela, após uma palestra do emissário ministrada na residência de Bariach, o professor disse: *Quem sabe então, que vai nascer este grupo.* E, conforme suas palavras: *...a esposa dele era muito mais velha. Todos nós éramos da minha faixa etária. Nós éramos as sionistas mais jovens da cidade, porque a WIZO já se organizou com pessoas que vieram da Europa e que tinham idéias, o que seja judaísmo, Sionismo. Nós nos formamos com mulheres nascidas aqui no Brasil.*<sup>164</sup>

Ainda em sua entrevista, Berta Siminovich, ao recordar as atividades e os personagens envolvidos, informa: *Ester Bariach que era esposa do professor Baruch Bariach, [...]. Ele veio de Curitiba para lecionar aqui no Colégio, no tempo em que o Colégio ainda era no Bom Fim. [...] a Clara Libel, que foi na casa dela que veio essa pessoa, a Zeldi Oliven, Clarinha Milman, a Diná Goldenfun, a Geni Schmuckler....* Segundo a depoente, a primeira diretoria foi assim constituída: *A Ester Bariach que era a mais velha foi presidente. Eu fui à secretária, a Dina Goldenfun a tesoureira (...).*<sup>165</sup>

Sobre a presença e a atuação do emissário Lipsky em Porto Alegre, outra fundadora das Pioneiras, em entrevista concedida ao ICJMC, assim relembra o episódio:

<sup>163</sup> Cf. SIMINOVICH, Berta. Entrevista n. 334. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 03/11/1990.

<sup>164</sup> Idem.

<sup>165</sup> Idem.

...Lipsky, me lembro. O nome dele era Lipsky. Ele era de um kibutz. Lipsky era o nome da família. Eu me lembro que ele se hospedou no Hotel Yung, naquela época era um hotel com todas as refeições.[...]

Depois, acho que ele subiu e aí fizeram em São Paulo, Rio, tem em todas as cidades brasileiras, existe grupo de Pioneiras. Mas foi dado um outro nome para a organização. Como ela havia, ela tinha nome em todos os países, diferentes, eles resolveram fazer um nome só: N'amat, Na'amat é uma sigla e quer dizer mulheres obreiras e voluntárias...<sup>166</sup>

Berta Siminovich também fornece importantes informações, a respeito de uma emissária que esteve na capital gaúcha,<sup>167</sup> sobre as atividades das Pioneiras e da relação desta agremiação com o grupo juvenil sionista de esquerda, o *Dror*:

...nós trabalhávamos muito para [...] os jovens. Quando os jovens tinham que ir para Israel e não tinham condições, nós ajudávamos para fazer um enxoval. Fim do ano eles faziam sempre a *machané* [acampamento], quer dizer, as festividades que eles faziam para se conscientizar com a vida fora da cidade. Nós íamos na casa dos pais e pedíamos para que permitissem: “O meu filho vai, vê se tu deixa o teu filho.” “A tua filha vai? Então eu vou deixar a minha” E assim que se conseguia vir mais gente. Nós ajudávamos, nós íamos para a cozinha, fazíamos a comida para eles no dia em que recebiam os pais. Era uma confraternização muito bonita, muito bonita. Muito mais tradição do que ideologia, porque muitas vezes bastava o filho estar no Dror que ele ia ajudar. E bastava o filho estar no Dror para ela entrar nas pioneiras, por que elas sabiam que as pioneiras ajudavam o Dror; embora todas as organizações ajudavam o Dror. Nós não somos as únicas, mas nós éramos as verdadeiras mães mesmo.<sup>168</sup>

Por fim, a depoente ainda lembra da relação entre os grupos femininos WIZO e Pioneiras,<sup>169</sup> citando que havia afinidade entre ambos, os quais inclusive realizavam atividades em conjunto, como chás beneficentes, para arrecadar fundos para o *Keren Kaiemet*.<sup>170</sup>

Assim, as duas entidades, filiadas a Unificada, colaboravam com a Instituição seguindo suas diretrizes e participando de suas programações. No que tange as práticas sionistas, envolvendo ambos os grupos femininos e a comunidade, a entrevistada Berta Siminovich,

<sup>166</sup> Cf. OLIVEN, Zeldi. Entrevista n. 110.2 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 07/11/1990.

<sup>167</sup> Narra a depoente que: [...] Nós tivemos a primeira *shlichá*. *Shlichá*, sabe o que é? É delegada. A primeira mandada. A palavra é *sheliach*, que quer dizer: ele é mandado para esclarecer. Foi uma senhora Sônia Caminiatsky... Veio em 1948 para cá, ela morou na minha casa, ficou seis semanas aqui. [...] ...com a presença dela, [fazíamos] chás, cada dia em casa de outra pessoa [sic]. [...] Ela falava *ídiche*. Falava ídiche e as que não entendiam... Raramente as nossas *chaverot* não entendiam ídiche. As que não entendiam a gente traduzia. Cf. SIMINOVICH, Berta. Entrevista n. 334. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 03/11/1990.

<sup>168</sup> Idem.

<sup>169</sup> Essencialmente a diferença entre ambos os grupos remete ao fato que as Pioneiras vinculam-se à esquerda sionista, como partidárias do Poalei Sion, enquanto a WIZO apresenta-se como entidade apartidária.

<sup>170</sup> Neste sentido, cita a depoente que: “Era tudo para o Keren Kaiemet [...] Não quero ofender ninguém com isso. Mas nós aceitamos. Se vinha uma lei que o Keren Kaiemet tem prioridade, então trabalhava-se para o Keren Kaiemet. E se tinha uma festa para, [receber] um embaixador, a WIZO e as Pioneiras se reuniam e nós fazíamos uma festa em conjunto e se escolhia quem vai cumprimentar”. Cf. SIMINOVICH, Berta. Entrevista n. 334. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 03/11/1990.

possibilita a reconstrução das relações sociais dos judeus no Bom Fim ao revelar importantes aspectos da segunda metade dos anos 1940, ao mencionar que:

A gente sempre envolvia a emoção que está latente em todos nós, é só saber explorar. Assim nós fazíamos sócias. Pois quando estive em Israel, em um congresso, a Beba Ibson, que é vice-presidente do *Knesset* [parlamento], ela me apresentou e disse: “A Berta fez quinhentas das mil sócias das Pioneiras”. Aí todo mundo se admirou: “Tu conhece quinhentas mulheres?” Eu digo assim: “Claro que eu conheço, no lugar aonde a gente vive, num gueto, todo mundo me conhece”. Eu chegava na porta e dizia: “Tu tem que ficar sócia das Pioneiras por isso, isso, isso”. Se ela queria ela ficava, se não queria eu voltava outra vez e assim ela foi ficando. Se não ela, a filha e assim a gente conseguiu as sócias, mediante mensalidade. Depois nós fazíamos os chás que lembravam as datas tradicionais. Era sempre na casa de uma *chaverá* que se dispunha a fazer.[posteriormente, quando ampliaram o quadro de sócios o chá passou a ser realizado no Círculo Social Israelita].<sup>171</sup>

Através destas relações é possível perceber que Bariach desempenhou importante papel no sionismo sulino visto que, além das atividades apresentadas, em algumas oportunidades ele atuava como mediador entre os militantes locais e os emissários estrangeiros, servindo como tradutor e interprete de hebraico, francês e ídiche.

Em uma pequena nota intitulada: *Festa de Encerramento das Aulas*, publicada na revista *Aonde Vamos?*, de dezembro de 1947, verifica-se que Bariach fora bem sucedido em seu intento. Referia a mesma que:

O Instituto de Educação e Cultura (ex-Colégio Israelita) de Porto Alegre, comemorou no dia 16 do corrente, o encerramento do ano letivo.

A festa constou de números de bailado, declamação e a representação da peça em dois atos: “Hana e os seus sete filhos”, com a participação dos alunos da escola.

Sob a direção do Prof. Bariach, esse educandário vem desempenhando com sucesso a sua missão elevada no preparo da juventude.<sup>172</sup>

Convém aqui mencionar que a questão relativa à educação fazia parte da agenda sionista desde o início do movimento no Brasil, na década de 1920. Em um breve histórico de suas origens, cabe referir que em 1921, o sionismo brasileiro foi pela primeira vez representado em um *Congresso Sionista Mundial* - o décimo segundo - *por um de seus membros dirigentes, Júlio Stolzenberg* [líder sionista carioca] *que na qualidade de delegado, apresentou um relatório das atividades desenvolvidas pelo movimento no Brasil.*<sup>173</sup>

<sup>171</sup> Cf. SIMINOVICH, Berta. Entrevista n. 334. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 03/11/1990.

<sup>172</sup> Cf. Festa de Encerramento das Aulas. *Aonde Vamos?*, n. 241, Rio de Janeiro, 25 Dezembro de 1947.

<sup>173</sup> Cf. MALAMUD, 1983. p. 27. Samuel Malamud foi a partir dos anos 1930 um dos principais líderes do Sionismo no país. Em seu livro *Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e*

Sobre o início das atividades no Brasil, Malamud, apresenta informações sobre a presença e a atuação dos primeiros emissários no país, bem como o nome de ativistas radicados no Brasil, conforme este autor:

Naquele mesmo ano [1921] visitou o Brasil, de passagem para a, Argentina, onde ia promover a campanha financeira em prol do fundo da Ressurreição, que antecedeu o Keren Haïessod (Fundo Básico), Alexandre Goldestain, líder sionista eminente, culto e bom orador. Foi o primeiro emissário do movimento sionista mundial a entrar em contato direto com o judaísmo brasileiro e a Organização Sionista local.

Mas em meados de 1922 a Organização Sionista do Brasil recebeu o primeiro emissário especialmente designado para incentivar o movimento e promover a primeira coleta em prol do Keren Haïessod, que acabava de ser criado pelo Congresso Sionista Mundial. Era o Dr. Wilenski, formado em filosofia, um dos veteranos ativistas do movimento sionista.<sup>174</sup>

Assim, de 15 a 21 de novembro de 1922, com a presença deste emissário, foi realizada a primeira Conferência Territorial Sionista do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, com representantes de treze estados e que definiu a fundação da *Federação Sionista do Brasil*, com sede na Capital Federal. A partir de 1921 já se encontram registros da presença de emissários no país.<sup>175</sup>

Conforme Nachman Falbel, este Congresso *dedicou uma parte de seu temário a questão da educação judaica no Brasil*. Segundo o historiador, *este foi um dos primeiros encontros, a nível nacional, onde a questão da educação mereceu um exame amplo*.<sup>176</sup>

Nos protocolos do encontro, dentre os vários tópicos, havia um que constava o seguinte: *Uma vez que a questão da educação judaica é uma das mais importantes no Brasil, resolve o Congresso Sionista recomendar à comunidade judio-brasileira criar escolas, onde além de uma cultura universal, recebam as crianças judias uma educação moderna nacional-hebraica e*

---

**mundial** (1983), apresenta importantes informações, contribuído dessa forma para a construção desta história no Brasil.

<sup>174</sup> MALAMUD, 1983. p. 27.

<sup>175</sup> Segundo Malamud, as campanhas do Keren Kaiemet e Keren Haïessod passaram a acontecer como maior frequência. O memorialista menciona que: A comunidade judaica e o movimento sionista do Brasil passaram a figurar no mapa-mundi judeu e a ser alvo das atenções da OSM. Daí a razão de terem começado a chegar com frequência os emissários. Em 1923 veio, em missão especial do Keren Haïessod, Leib Jaffo. Em 1925 visitou o Brasil o diretor do Ginásio Herzlia de Tel Aviv, Benzion Mossenzon. Seu objetivo era, também, promover a campanha do Keren Haïessod, mas sua permanência no Rio foi de enorme importância para o movimento. Se a sua imponência física impressionava, a sua oratória eletrizava.(...) Durante a sua visita ao Rio passaram a figurar entre os dirigentes da Federação Sionista o Rabino Isaiás Rafalovitch, Nathan Becker e Leon Schwartz. Além das campanhas financeiras, a Federação Sionista começou a dedicar atenção ao problema de educação das novas gerações, dentro das tradições e da cultura judaicas, e com objetivo também de identificá-las com a idéia sionista. (MALAMUD, 1983, p. 27-28). Ver também Roney Cytrynowicz. Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940. In: GRINBERG, Keila (Org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 287-314.

<sup>176</sup> Cf. FALBEL, 1984. p. 103.

*religiosa*.<sup>177</sup> Assim, segundo Falbel, na década de 1920 começa a se constituir a rede educacional judaica, assim como a conhecemos atualmente.<sup>178</sup>

Voltando ao ano de 1947, é possível afirmar que, neste período, a Unificada dominava o campo político sionista no RS. A organização agregava os vários grupos existentes e contava com a participação de indivíduos oriundos de diferentes contextos - social, político, cultural e econômico -, constituindo uma enorme rede de relações e mantendo intercâmbio com os demais grupos sionistas do país e do mundo. Estas relações não se limitavam apenas ao meio judaico, estendendo-se para além das *fronteiras étnicas* desta comunidade.

### 2. 3. 1947: Um movimento em ascensão

Segundo Falbel, faltando poucos meses para a histórica decisão da partilha da Palestina, que se daria em 29 de novembro de 1947, a comunidade judaica do Brasil era alvo de atenções do movimento sionista mundial, cujos emissários procuravam esclarecer a opinião pública, interna e externamente, sobre a questão judaica.<sup>179</sup>

No Rio Grande do Sul, igualmente muitos acontecimentos contribuíram para caracterizar o ano de 1947 como um período de intensa movimentação sionista. Além da vinda do professor Bariach e da presença constante dos emissários, a Unificada adquiriu uma sede própria. Segundo o *Correio do Povo*, no mês de setembro, a comunidade israelita gaúcha recebeu seu primeiro rabino, o jovem polonês Abraham Ramon König.<sup>180</sup>

Essa ascensão do movimento, fazia parte de um processo maior capitaneado pelos emissários em grande movimentação desde o pós-guerra. Assim, em 30 de abril de 1947, realizou-se na sede do automóvel Clube do Brasil, na Capital federal, o primeiro *Kinus*

<sup>177</sup> Cf. FALBEL, 1984. A questão religiosa, causou certa polêmica, visto que alguns foram contrários ao seu estudo nas escolas, defendendo apenas o ensino nacional hebreu, outros, por suas vez, achavam necessário o ensino religioso. Outro ponto de divergência foi acerca do ídiche, visto que era o hebraico a língua nacional judaica. p. 103-104.

<sup>178</sup> Cf. FALBEL, 1984. p. 129.

<sup>179</sup> Cf. FALBEL, 2005. p. 203-204.

<sup>180</sup> “Yom Kipur” A festa máxima dos judeus. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 Set. 1947. p. 5. A notícia apresenta o seguinte texto: “Yom Kipur” (24/09) A festa máxima dos judeus. A Comunidade Israelita RS, recebeu seu primeiro rabino. Intenso movimento nas sinagogas de Porto Alegre. É o 1º ano que a festa é celebrada com a presença de um rabino. Abraham König- Polonês. Rua Henrique Dias. Este mesmo jornal informa em uma extensa notícia que neste período havia no Estado RS treze mil judeus, sendo que mais de 60% radicados em Porto Alegre.



(congresso) das Organizações Sionistas Unificadas do Brasil, que definiu parâmetros e estratégias de atuação comuns para todos os comitês e *harmonizou as correntes sionistas*.<sup>181</sup>

Além dos representantes estaduais, o encontro contou com a presença de emissários estrangeiros que se encontravam no país como Josef Krelemboim, Eli Castel, Méier Selsing, Jacob Hellman, de dirigentes nacionais, dentre eles, Jacob Schneider, Samuel Malamud, rabino Henrique Lemle e convidados ilustres como o vereador da UDN Tito Lívio de Santana e Leão Padilha, do Comitê Cristão-Brasileiro Pró-Palestina, dentre outros. No encontro, o Estado gaúcho compareceu com duas representações, uma de Porto Alegre e outra de Passo Fundo.<sup>182</sup>

Neste ambiente de efervescência - social, política e cultural -, favorável para a difusão das idéias sionistas, ainda no ano de 1947, mais três emissários se fizeram presentes no estado sulino, contribuindo para impulsionar a causa entre os judeus sul-rio-grandenses.

Entre outros assuntos, eles reforçavam a posição de seus precedentes, manifestando-se acerca da importância e da necessidade de se construir um *Estado Judeu* e sobre a formação de uma consciência nacional judaica nas comunidades da diáspora. Igualmente discorriam acerca do anti-semitismo e do genocídio praticado pelos nazistas, argumentos que reforçavam seus discursos, bem como, a própria razão de ser do movimento.

Em agosto de 1947, estive na capital gaúcha, *Boruch Zuckerman*, membro do Executivo do Congresso Judaico Mundial e partidário do Poalei Sion (Partido Trabalhista), o qual proferiu uma palestra intitulada *Um povo luta por sua existência*.<sup>183</sup>

Antes de Zuckerman, outro emissário, *Eli Castel* já se encontrava no Brasil, desde fevereiro. Judeu nascido na Palestina, Castel era Delegado e Secretário Geral da Federação

<sup>181</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 208, Rio de Janeiro, 8 Maio de 1947.

<sup>182</sup> A revista *Aonde Vamos?* cita o nome de Salomão Ioschpe mencionando que o mesmo representava no Evento a Delegação de Passo Fundo, por sua vez, a *Publicação Periódica da OSU/RS*, igualmente cita o mesmo nome, porém referindo que o ele representava a cidade de Erechim. Apesar de não me deter neste assunto pontual e de Salomão Ioschpe neste período residir em Passo Fundo, não descarto a possibilidade de que ele representasse no Evento as delegações dos dois municípios, que fazem parte da mesma região no RS. Cf. **Aonde Vamos?**, n. 208, Rio de Janeiro, 8 Maio de 1947; **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 10 (AJH); MALAMUD, 1983; FALBEL, 2005, p. 204.

<sup>183</sup> Cf. nota publicada pelo CSI no jornal *Correio do Povo*, com o enunciado “Um povo luta por sua existência”, apresenta o seguinte texto: “Um povo luta por sua existência. A situação dos judeus no mundo do Após-Guerra. Convida-se a coletividade Israelita e o povo em geral, para a conferência que proferirá: *Boruch Zuckerman*, dirigente Sionista de renome e um dos maiores tribunos judeus da atualidade. Domingo 3 de agosto nos salões do CSI”. Um povo luta por sua existência. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 3 Agosto de 1947. p. 6; Antes de Porto Alegre, o emissário, estive na capital federal, discorrendo acerca do tema *A idéia da continuidade judaica – (o Problema Organizacional dos Judeus da América Latina)*. Cf. Centro Hebreu-Brasileiro de Socorros aos Israelitas Vítimas da Guerra. **Aonde Vamos?**, n. 219, Rio de Janeiro, 24 Julho de 1947

Mundial das Comunidades Sefaradi, fundada em dezembro de 1944. Em matéria da revista *Aonde Vamos?*, consta que:

...a missão que o trouxe às coletividades Sefaradi das repúblicas latino-americanas – seria auxiliar a sua organização e filiação ao organismo que representa, e fazer uma coleta em dinheiro para amparar 8 mil crianças sefaradi, que segundo diz, se encontram na Palestina, dependendo de auxílio de seus correligionários. S.S. é de origem palestinese, fala corretamente vários idiomas, entre os quais o ídiche; o que é muito raro entre os judeus Sefaradi [...]. Sionista fervoroso, diz-nos querer organizar os sefaradi, a fim de enquadrá-los no mundo nacional judaico, onde devem assumir os deveres e também os direitos, [...] não pretende separar judeus sefaradi dos demais, mas, assim como os judeus poloneses, bessarabianos e outros têm as suas federações – ele também quer ver os judeus sefaradi organizados, mantendo atividades filantrópicas, para melhor poder amparar os seus correligionários.<sup>184</sup>

Assim, o sionismo se articulava politicamente em diferentes frentes, através de seus partidos, organizações femininas e juvenis e também por meio de seus grupos étnicos – *esquenazim* e *sefaradim* -, atingindo e permeando diferentes e variados setores do judaísmo-brasileiro.

Em março, Jacob Golner, oficial da Brigada Judaica e delegado do Escritório Central do *Keren Kaiemet* em Jerusalém, vem ao país para proclamar a campanha denominada *Nachalat Yehudei Brasil* – que visava à criação de uma colônia em Eretz Israel em nome dos judeus do Brasil.<sup>185</sup> Eli Castel, organizou esta campanha entre os judeus sefaradim do Brasil, mencionando: *Sem o Keren Kaiemet não há fundamento para o nosso trabalho em Eretz Israeli.*<sup>186</sup>

A passagem de Castel por Porto Alegre repercutiu positivamente, inclusive sendo ele entrevistado por repórteres do *Correio do Povo*, em matéria publicada no dia 10 de maio de 1947, com o título: *Os judeus vencerão os ingleses porque são um império maior que o deles.* Nesta, o delegado mencionou: *Venho percorrendo a América do Sul e países do centro, saí de Nova York. (...) Viajo em missão da Federação Mundial das Comunidades Sefaraditas. Aqui em Porto Alegre encontrei a coletividade sefaradi congregada em torno do Centro Hebraico [...] o que estamos exigindo agora é a livre imigração [para a Palestina].*<sup>187</sup>

No RS, Castel coordenou a campanha *Nachalat Yehudei Brasil* entre os judeus sefaradim, e para dirigir os trabalhos entre os judeus asquenazim, esteve na capital gaúcha e em algumas

<sup>184</sup> Cf. Ressentimento Sefaradi. **Aonde Vamos?**, n. 198, Rio de Janeiro, 27 Fevereiro de 1947.

<sup>185</sup> Cf. FALBEL, 2005. p. 198.

<sup>186</sup> Cf. Keren Kaiemet. Proclamada a Campanha entre os Judeus Sefaradim. **Aonde Vamos?**, n. 203, Rio de Janeiro, 3 Abril de 1947.

<sup>187</sup> Cf. Os Judeus Vencerão os Ingleses porque são um Império maior que o Deles. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 10 Maio 1947. Notícias. p. 5.

idades do interior o emissário *Josef Aron Krelenboim*, oficial da Brigada Judaica e delegado do KKL, que junto com Jacob Golner fora designado para coordenar a campanha, percorrendo em função desta, diversas localidades.

Proveniente de Jerusalém, Krelenboim, ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, chegara ao Rio de Janeiro em 13 de abril de 1947, sendo apresentado pela revista *Aonde Vamos?* de março deste ano, como *profundo conhecedor dos problemas que tem relação com a tarefa de construção de Eretz Israel*.<sup>188</sup> Na agenda do emissário constava um extenso programa de atividades, conforme pode ser verificado em uma matéria publicada na mesma revista, de abril de 1947, a qual informava:

Domingo dia 13 do corrente, chegou ao Rio o delegado do Bureau Central do “Keren Kaiemet”, em Jerusalém, oficial das unidades judias J. A. Krelenboim. O “chaver” Krelenboim foi recebido pelos representantes das seguintes organizações sionistas: Organização Sionista Unificada do Brasil, “Keren Kaiemet”, Comitê Local do KKL, Wizo, Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil e congêneres, bem como representantes da imprensa israelita do Rio e grande número de amigos.

Segunda-feira, dia 14, realizou-se uma prolongada reunião com a participação do Executivo da OSU/BR, do Diretório Central do KKL, do Comitê Local do KKL, da Wizo, durante a qual se tratou da realização da campanha “Nachlat Iehudei Brasil Hanegba” no Rio e em todo o Brasil.

Terça-feira, realizou-se uma grande recepção em homenagem ao visitante. Nesta ocasião, foi também homenageado o escritor eretzisraelita, Iehuda Burla, que se acha de passagem para a Argentina a serviço do Keren Haïessod. Os animadores discursos dos ditos visitantes foram aplaudidos com entusiasmo.

Esta sendo preparado um programa do qual participará o “chaver” Krelenboim, o qual esta assim organizado: Grande comício, reuniões em residências familiares, reunião com a comunidade religiosa no Templo, com a juventude e com as damas. Estão sendo feitos também nas cidades do interior, diversos preparativos em prol da campanha. O sr. Krelenboim visitará as escolas judias e entrará em estreito contato com as diversas sociedades.

O sr. Krelenboim visitará uma série de cidades, a saber: São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, etc. O sr. Krelenboim que há bem pouco tempo visitou os campos de concentração

---

<sup>188</sup> Sobre a presença do emissário no Brasil, a notícia ainda informava o seguinte: Como já tivemos oportunidade de comunicar, o Bureau Central do KKL em Jerusalém convidou dois oficiais que combateram como voluntários de Eretz Israel em diversos *fronts*, a fim de realizarem a campanha do Keren Kaiemet no Brasil. E agora o judaísmo brasileiro terá a oportunidade de entrar em contato com o segundo enviado dos soldados judeus, o chaver Josef Aron Krelenboim, um dos mais populares dirigentes obreiros, que já reassumiu seu posto de responsabilidade.

O tenente Krelenboim foi um dos primeiros voluntários que rumaram à África e mais tarde à Grécia, onde em conjunto com mais de cem voluntários judeus de Eretz Israel, caiu prisioneiro dos alemães. Krelenboim foi nomeado diretor dos únicos mil prisioneiros Eretz israelitas, sendo oficial de ligação entre eles e o brutal poderio alemão. Também zelou pela segurança dos prisioneiros judeus, preocupando-se pela alimentação, vestimentas, necessidades sanitárias, organização do trabalho cultural e ajuda aos judeus dos campos de concentração. E depois de quatro anos de prisão quando os soldados retornaram a Eretz Israel, foram unânimes em afirmar: *Nossa vida, nossa sobrevivência física e espiritual, devemos ao chaver Krelenboim. Dele nos lembraremos como a um dedicado pai. [...] O Keren Kaiemet no Brasil, dará oportunidade a um grande número de ishuvim de ouvir sua palavra e ao mesmo tempo ficar a par da atual luta de Eretz Israel*”. Cf. Vem ao Brasil o Oficial J. A. Krelenboim, ex-prisioneiro dos alemães, como Delegado do Keren Kaiemet Leisrael. *Aonde Vamos?*, n. 201, Rio de Janeiro, 20 Março de 1947.

da Alemanha e de outros países, nos dará um completo relatório do modo de vida dos judeus nestes lugares.<sup>189</sup>

Segundo notícia de *Aonde Vamos?*, em 1º de maio de 1947, com a presença de Krelenboim a campanha adquiriu maior projeção no Rio de Janeiro, intensificando seus trabalhos. Diariamente em diferentes bairros e nas diversas instituições judaicas da Capital Federal eram realizadas reuniões, conferências, recepções, *meetings*, etc. Assim, ambos emissários, Castel e Krelenboim, foram recebidos por judeus de diversas instituições e diferentes grupos político-partidários e étnicos.<sup>190</sup>

Igualmente, como acontecera no Rio de Janeiro a campanha liderada pelos dois emissários foi bem sucedida em outras localidades, dentre estas o Rio Grande do Sul. A revista *Aonde Vamos?* de 12 Junho de 1947, informava que:

Segundo notícias recebidas, realizou o sr. Krelenboim em Porto Alegre uma brilhante campanha. A cidade esteve movimentada durante duas semanas seguidas. Diariamente o Sr. Krelenboim estava em atividade, ora realizando conferências, ora em reuniões com a Wizo e a juventude, ora nas recepções que lhe eram oferecidas nos diversos locais da cidade. Também o Sr. Eli Castel realizou a campanha entre os judeus sefardim de Porto Alegre.

O Sr. Krelenboim visitou também as seguintes localidades do Estado do Rio Grande do Sul: Erechim, Passo Fundo, Quatro Irmãos, etc. Em todas essas localidades o sr. Krelenboim, obteve grande sucesso. O Sr. Castel visitou as localidades de Pelotas e Santa Maria, obtendo ótimos resultados para a campanha.<sup>191</sup>

<sup>189</sup> Encontra-se no Brasil o delegado do “Keren Kaiemet Leisrael”, oficial da Brigada Judia J. A. Krelenboim. *Aonde Vamos?*, n. 205, Rio de Janeiro, 17 Abril de 1947.

<sup>190</sup> Cf. Noticiário da campanha “Nachlat Iehudei Brasil Hanegba” [sic] *Aonde Vamos?*, n. 207, Rio de Janeiro, 1º Maio de 1947. A extensa notícia ainda informa o seguinte: ...Nos locais onde até agora ainda não se realizou a campanha, foram criados sub-comitês que entraram em atividade. Tais sub-comitês foram criados em Ramos, São Cristóvão, Flamengo. Na Tijuca realizou-se uma grande reunião, na residência do Sr. Zvi Roisenblit, em prol da campanha. Grande número de pessoas aderiram a campanha e desejam ardentemente colaborar. Esperamos que com a boa vontade e colaboração de todos a campanha tenha grande sucesso em todos os bairros da cidade.

Também a coletividade sefardim aderiu ao movimento da campanha que está sendo dirigida pelo Sr. Eli Castel, Secretário Geral da Organização Mundial dos Judeus Sefardim e pelo sr. Tafic Nigri. Toma parte também nesta campanha a Organização das Damas Sefardim sob a direção da Sra. Schanschal (presidente). Os sionistas revisionistas receberam os Srs. Krelenboim e Castel, por esta ocasião deram início a campanha entre seus adeptos. Os sionistas revisionistas comprometeram-se também a realizar a campanha nos diversos bairros da cidade, para esta finalidade escolheram um grande número dentre seus colaboradores que se prontificaram entrar imediatamente em atividade.

Em Niterói foi também proclamada a campanha com a presença dos Srs. J. A. Krelenboim e L. Levinson. Foram realizadas reuniões nos seguintes lugares: Botafogo (Escola Liessen), Méier (Wizo), Madureira (Wizo).

O Sr. Krelenboim ficará ainda no Rio até após a realização do Kinus sionista. A seguir partirá para realizar a campanha nos seguintes lugares: Curitiba, Porto Alegre e São Paulo. Em todos estes lugares já foram feitos preparativos para o início da campanha e recepção ao Sr. Krelenboim.

A imprensa brasileira também cooperou muito para o sucesso da campanha tendo entrevistado o Sr. Krelenboim (enviado especial pelo KKL, em Jerusalém). Nesta cooperação sobressaíram os seguintes jornais: “O Globo”, “Diário Carioca”, [revista] “Diretrizes” e “O Jornal”.

<sup>191</sup> Extraordinário sucesso da Campanha “Nachlat Iehudei Brasil Hanegba” [sic] em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Baía [sic], Manaus e Belém. *Aonde Vamos?*, n. 213, Rio de Janeiro, 12 Junho de 1947.

Após o êxito da campanha, obtido em diversas comunidades judaicas de todo território nacional, e depois *de frutuosa excursão pelo sul do país, com demorada permanência em São Paulo*, o emissário regressou a Capital Federal,<sup>192</sup> de onde partiu para Israel.<sup>193</sup>

Em relação à presença destes emissários, Nachman Falbel na obra *David José Pérez: uma biografia* (2005), narra que:

A Organização Sionista Unificada do Brasil preparava o seu primeiro Kinus (congresso) [...]. Entre os emissários do movimento sionista mundial, estava o capitão da Brigada Judaica, J. Krelenboim, que viera em missão especial de apoio ao Haganá, o exército de defesa da população judia na Palestina, já se prevendo que a declaração de um Estado Judeu levaria inevitavelmente a um conflito armado com os países árabes vizinhos. Mesmo com a existência de correntes ideológicas oponentes e divisões partidárias em relação ao futuro caráter do Estado Judeu, pairava no ar uma tensa expectativa sobre a decisão que iria ser tomada pela Assembléia Geral da ONU. O espírito reinante visava a uma unificação de propósitos, o que pode ser deduzido pela vinda de Eli Castel, emissário da Federação Mundial das Comunidades Sefaradim, com sede em Nova York, por iniciativa da União Israelita Sefaradim do Brasil, em 26 de fevereiro de 1947.<sup>194</sup>

Outro emissário que em 1947 esteve presente no Brasil, representando o Keren Haïessod, foi o escritor e jornalista Moshe Gross-Zimmerman, que já havia estado no país em agosto do ano anterior. A revista *Aonde Vamos?* noticiou assim sua presença: *Chegou ante-ontem de Eretz Israel via Paris, onde há poucos dias ainda conversou com Eliezer Kaplan e outros líderes sionistas ali reunidos para enfrentar a situação de emergência, o senhor Moshe Gross-Zimmerman, membro do Escritório Central do Keren Haïessod, em Jerusalém.*<sup>195</sup>

Delegado Geral do *Keren Haïessod* e representante da Agência Judaica, Zimmerman assim como os demais emissários, em terras brasileiras participara de uma série de eventos, encontros, conferências, reuniões, etc. Em agosto de 1946, *Aonde Vamos?* publicara um artigo seu, intitulado: *Eretz-Israel vos saúda irmãos na Diáspora*,<sup>196</sup> no qual ele explicava os parâmetros do sionismo moderno.

<sup>192</sup> Cf. Joseph Krelenboim. *Aonde Vamos?*, n. 217, Rio de Janeiro, 10 Julho de 1947.

<sup>193</sup> Cf. Entusiástica Proclamação do estabelecimento de uma Colônia em nome dos Judeus do Brasil – A Expressiva Cerimônia Realizada por ocasião da despedida do Sr. Krelenboim. *Aonde Vamos?*, n. 219, Rio de Janeiro, 24 Julho de 1947. Uma pequena nota informava que: “Domingo, 13 de julho, organizou o Comitê local do Keren Kaiemet no Rio uma grandiosa festa de despedida em honra do Sr. Krelenboim pela sua partida para Eretz Israel”.

<sup>194</sup> Cf. FALBEL, 2005. p. 204.

<sup>195</sup> Cf. Sr. Moshe Gross-Zimmermann. *Aonde Vamos?*, n. 175, Rio de Janeiro, 29 Agosto de 1946; Entre nós o escritor Moshe Gross-Zimmerman. *Aonde Vamos?*, n. 176, Rio de Janeiro, 5 Setembro de 1946.

<sup>196</sup> Moshe Gross-Zimmermann. *Eretz-Israel vos saúda irmãos na Diáspora*. *Aonde Vamos?*, n. 177, Rio de Janeiro, 12 Setembro de 1946.

Em junho de 1947, inaugurou a campanha financeira do *Keren Haïessod*, através de um discurso dirigido à comunidade judaica carioca, o qual foi parcialmente reproduzido por *Aonde Vamos?* com o título: *O renascimento da fé judaica*. Neste, o emissário mencionava que já havia percorrido cinco países latino americanos: Brasil, Bolívia, Equador, Peru e Cuba, encontrando diferentes tipos de judeus, os quais agora eram convidados a *regressar do mundo* ao seu lar e a crer no sionismo, *a nova missão judaica*.<sup>197</sup> No mês seguinte, o emissário inaugurava a campanha em São Paulo<sup>198</sup>

Cabe destacar, que na campanha do Keren Haïessod de 1946, encerrada em 31 de maio de 1947, o RS foi o terceiro Estado que mais contribuiu, com o valor de Cr\$ 1.035.104,00, atrás de São Paulo (Cr\$ 3.740.152,00) e do Distrito Federal, cidade do Rio de Janeiro (Cr\$ 2.158.530,30). Em quarto lugar ficou o Estado do RJ, com Cr\$ 151.050,00 e na quinta colocação, os demais estados brasileiros com Cr\$ 1.070.683,80, totalizando a arrecadação daquela campanha em Cr\$ 8.155.520,10 - conforme consta na prestação de contas da Organização Sionista Unificada do Brasil, publicada na revista *Aonde Vamos?*, de 16 de outubro de 1947.<sup>199</sup>

Depois de passar pelo Rio de Janeiro e São Paulo, em outubro de 1947, o emissário Zimmerman esteve no Rio Grande do Sul, onde participou de diversas atividades. Em Porto Alegre, no dia 14, Gross-Zimmerman fez parte de um evento realizado pela OSU/RS, a *Comemoração do Jubileu do Congresso Sionista*, quando foi lembrado o 50º aniversário da Organização Sionista Mundial. Na Capital gaúcha, o emissário proferiu uma série de palestras, *abordando temas palpitantes da atualidade*, como: *Judeus, árabes e ingleses na Palestina*, *O problema da Palestina e a ONU*, e *No Limiar do Estado Judeu*.<sup>200</sup>

Neste momento, a Declaração Balfour completava trinta anos e *Gross-Zimmerman* participou desta festividade junto com outro visitante, *Meier Selsling*, representante da *Histradut*, conforme consta em um anúncio publicado no *Diário de Notícias*, em 1º de novembro, intitulado: *30º Aniversário da Declaração Balfour*, o qual referia:

<sup>197</sup> Cf. Moshe Gross-Zimmerman. Renascimento da fé judaica. *Aonde Vamos?*, n. 215, Rio de Janeiro, 26 Junho de 1947.

<sup>198</sup> Cf. Inaugura-se a campanha do Keren Haïessod em São Paulo. *Aonde Vamos?*, n. 219, Rio de Janeiro, 24 Julho de 1947.

<sup>199</sup> Cf. A obra do Keren Haïessod. *Aonde Vamos?*, n. 231, Rio de Janeiro, 16 Outubro de 1947.

<sup>200</sup> Cf. **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 11. (AJH)

A OSU do Brasil e o Comitê do Keren Haieessod têm o grato prazer de convidar a coletividade Israelita e o público em geral para a grande comemoração festiva do 30º aniversário da Declaração Balfour, com a participação de M. Gross-Zimmerman enviado da Agência Judaica. [...] Meier Selsling enviado da HISTADRUT HAOVDIM a realizar-se hoje sábado – 1º de novembro as 20:30 Horas no Salão do Círculo Social Israelita (Altos do cinema Baltimore) Entrada Franca.<sup>201</sup>

Enquanto o mundo se deparava com a movimentação em torno da sessão da ONU, de 29 de novembro de 1947, a qual votaria a partilha da Palestina, os sionistas brasileiros continuavam intensificando sua ação política.

Em Porto Alegre, os jornais publicavam quase que diariamente notícias sobre as atividades sionistas e a presença de visitantes estrangeiros na cidade. Uma longa notícia intitulada: *Os Judeus Procuram a Compreensão do Mundo para a Luta em Prol de Sua Pátria: a Palestina*, publicada no *Diário de Notícias*, apresentava a visita de Moshe Gross-Zimmerman à capital gaúcha, referindo:

Encontra-se há vários dias nesta capital em missão de esclarecimento sobre os assuntos relacionados com a Palestina, o sr. Moshe Gross-Zimmerman, um dos mais destacados porta-vozes do ishuv de Eretz Israel. Brillhante escritor e jornalista, encara simultaneamente a figura do orador e combatente a de moderno ensaísta em ídich e hebraico e membro influente do Pen Club Internacional.

Nascido e criado num ambiente tradicionalmente judaico Gross-Zimmerman estudou filosofia e literatura na Universidade de Viena, dando os primeiros passos no seu caminho de escritor colaborou e dirigiu diversos periódicos importantes na Europa e América, como “Wiener”, “Morgenzeitung”, “Die Stime”, “Hajnt”, “Der Tog”, etc. [sic]

Há 12 anos foi convidado a ingressar, como membro, no Bureau Central do Keren Haieessod de Jerusalém, e desde então tem dirigido campanhas nos diversos países da Europa e América. Em todos países onde Gross-Zimmerman realizou suas conferências sobre os mais diversos assuntos de caráter cultural ou judeu-literário, a opinião foi unânime em classificar estas conferências de admiráveis sínteses dos problemas israelitas.

Ontem fomos procurá-lo. Nosso objetivo era obter uma versão sobre a situação em que se debatem os judeus de todo mundo. O Sr. Gross-Z. não relutou em falar não somente sobre o panorama geral como também sobre os diversos aspectos da questão, hoje um tema político de magna importância para o mundo civilizado.

Abordando primeiramente o Estado em que se encontra a campanha e as conquistas já obtidas o Sr. Zimmerman disse-nos o seguinte: “Estamos encontrando um grande apoio em todas as coletividades Israelitas do mundo e é principalmente das Américas de onde vem o apoio mais positivo [...] com referência ao apoio recebido, temos que ressaltar a valiosa cooperação dos países sul-americanos e especialmente do Brasil [...] Nunca, em nenhuma fase da história, um povo tomou sobre si tarefa tão árdua e grandiosa, como nós judeus desta geração, eleitos para sofrimentos sobre-humanos e também para uma luta de libertação. O mundo inteiro é testemunha da heróica vontade de vida, que novamente renasceu em nosso povo, após a horrível desgraça que nos sucedeu e julgamos que não há tarefa mais nobre e bela para os homens, mesmo os não judeus, que estender a mão da solidariedade humana há um povo que luta tão desesperadamente por sua existência nacional”.<sup>202</sup>

<sup>201</sup> Cf. 3º [sic] Aniversário da Declaração Balfour. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 1º Nov. 1947. Anúncio. p. 3.

<sup>202</sup> Cf. *Os Judeus Procuram a Compreensão do Mundo para a Luta em Prol de Sua Pátria: A Palestina*. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 4 Nov. 1947. p. 7; 14.

Em 1947, muitos emissários, percorreram o país de norte a sul, participando e/ou coordenando atividades em grandes e pequenos centros, promovendo e universalizando o movimento e arrecadando recursos e arregimentando *almas* para a causa sionista. Este período, igualmente se caracteriza pela expansão sionista no Rio Grande do Sul, visto a intensa movimentação e atuação política no Estado.

#### 2. 4. O Sionismo no interior do Rio Grande do Sul

Abro aqui espaço para tratar do movimento no interior sul-rio-grandese, visto este trabalho intitular-se *Os Emissários sionistas e o nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul 1945-1951*. Porém, cabe antes esclarecer que no período estudado a maioria dos judeus do Estado e suas principais instituições, bem como as principais lideranças do sionismo gaúcho, encontravam-se em Porto Alegre. As atividades ocorridas na Capital, porém, eram feitas também em nome dos judeus interioranos, ou seja, os grupos porto-alegrenses falavam em nome dos demais, *em nome de todos*, conforme visto no capítulo anterior.

No entanto, mesmo que grande maioria dos eventos ocorresse em Porto Alegre, onde havia um pequeno *país* israelita, o bairro Bom Fim,<sup>203</sup> de onde a idéia sionista se irradiava permeando os *corações* e a *mentes*<sup>204</sup> dos judeus no Estado, isso não significa que não se realizassem atividades no interior, pois em várias localidades como Erechim, Pelotas, Passo Fundo e Santa Maria, havia grupos organizados, comitês e o intercâmbio destes entre si, com a Capital e com grupos de fora do Estado. Exemplifico com o depoimento da senhora Frida Ioschpe, a qual mencionou que devido ao seu convívio no município de Erechim, *tornou-se sionista sem conhecer a história do sionismo*.<sup>205</sup>

<sup>203</sup> Utilizo aqui esta força de expressão, extraída da obra *A Guerra no Bom Fim*, na qual Moacyr Scliar compara o Bom Fim a um país, a fim de ressaltar a grande presença de judeus em Porto Alegre, especialmente neste bairro, em comparação as comunidades do interior do Estado. Cf. SCLIAR, Moacyr. **A Guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 5.

<sup>204</sup> Sigo aqui as palavras de Jürgen Habermas, ao escrever que em meio a essa mobilização política, referente à organização do Estado e da sociedade surgida no pós-1789, *fazia-se necessária uma idéia que, para os corações e mentes das pessoas, pudesse ter um apelo mais forte do que as idéias um tanto abstratas sobre direitos humanos e soberania popular. Essa lacuna foi preenchida pela idéia moderna de nação*. Cf. HABERMAS, Jürgen. Realizações e Limites do Estado Nacional Europeu. In: **Um Mapa da Questão Nacional**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 301.

<sup>205</sup> Cf. IOSCHPE, Frida. Entrevista n. 342. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 28/11/1990.



No início de 1947, o periódico *Observador Sionista*, editado pelo grupo revisionista, apresentava uma seção denominada *Notícias do movimento Sionista Revisionista*, a qual fornecia informações sobre a atuação sionista nas localidades de Erechim, Passo Fundo, Quatro Irmãos e Pelotas.<sup>206</sup>

Sobre Erechim, referia o periódico que o centro local havia intensificado seus trabalhos e mesmo com a reduzida coletividade israelita, o movimento estava ampliando suas fileiras. Por isso, fora estabelecido um diretório da Organização Sionista Revisionista Unida no município, ficando o mesmo sob a presidência de Samuel Foguel, completando a diretoria o vice-presidente: sr. David Tcherniacovsky, Secretário: Leão Plavnick e Conselheiros: Daniel Henikin e José Gursky. E o Keren Tel Chai, fundo financeiro dos revisionistas, administrado pelos seguintes membros: Diretor: Jaime Ioschpe, Secretário: José Litvin e Tesoureiro: José Tavejnhasky.<sup>207</sup>

As coletividades de Passo Fundo e Quatro Irmãos foram visitadas por Don Leistner, *membro do diretório do Keren Tel Chai no Brasil*, que lá esteve com o objetivo de manter o intercâmbio com as comunidades do interior e esclarecer o *ishuv*, sobre os acontecimentos no mundo judeu, sendo muito aplaudido em suas conferências.<sup>208</sup>

Por sua vez, em Pelotas, o Comitê local ficou assim constituído: Presidente: Maurício Piltcher, Vice-presidente: Roberto Socolovsky, Secretário: Isidoro Halperin, Tesoureiros: Efraim Chatkin e Raquel Halperin, Fiscais: Éster e Maurício Lufchitz.<sup>209</sup>

A edição de outubro do *Observador Sionista* apresenta mais notícias do movimento no interior, mencionando entre outras informações, o seguinte:

Em Passo Fundo reabriram-se, há pouco, as portas para o ensino da língua ídiche e hebraico, brilhantemente ministradas pelo professor Ângelo Rojevsky.

Os comitês do KKL vem sendo dirigidos pelos srs. Jaime Milntzky [sic] e Salomão Ioschpe, respectivamente em Passo Fundo e Erechim.

O diretório do Keren Tel Chai, muito bem organizado, vem sendo dirigido, em Boa Vista do Erechim pelo sr. Samuel Foguel [...].

O movimento Sionista-Revisionista nestas regiões conta com quase a totalidade dos israelitas [...].

Aproveitamos em salientar nestas colunas, a pessoa do sr. Abraão Litvin, de Erechim, velho batalhador revisionista que vê nas idéias de Jabotinsky as únicas que podem nos conduzir ao estado Judeu independente [...]. Conta, atualmente, o sr. A. Litvin com 60 anos de idade, e é uma das figuras mais benquistas daquela localidade.<sup>210</sup>

<sup>206</sup> Cf. Notícias do Movimento Sionista Revisionista. **Observador Sionista**, n. 1, Porto Alegre, 15 de fevereiro de 1947. p. 7. (AJH)

<sup>207</sup> Ibidem.

<sup>208</sup> Ibid.

<sup>209</sup> Ibid.

<sup>210</sup> Cf. Notícias de Passo Fundo e Erechim. **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 7. (AJH)

O intercâmbio entre sionistas e a intensa movimentação no interior do Estado também são comprovadas pela notícia igualmente publicada no *Observador Sionista*, de outubro de 1947, intitulada: *Delegação local em Passo Fundo e Erechim*. Esta referia: *regressaram no dia 27 do corrente, com o avião da Varig nossos esforçados companheiros Marcos Meyer, David H. Segal e Jacob Blochtein que visitaram Passo Fundo e Boa Vista do Erechim em missão especial da Agremiação juvenil Betar e Observador Sionista*.<sup>211</sup>

A notícia ainda mencionava que em ambas as cidades os visitantes deram conferências, impressionando a assistência, que por sua vez, *demonstrou grande interesse em prol da nobre causa sionista*.<sup>212</sup>

Assim, no triênio 1946-1948 a movimentação sionista foi intensa também no interior do Estado. O que pode ser comprovado por meio de outra nota publicada no *Correio do Povo*, em 9 de setembro de 1947, intitulada: *Protesto do comércio israelita*. A mesma referia-se a um protesto ocorrido em Erechim, no qual comerciantes judeus fecharam as portas de seus estabelecimentos manifestando-se contrários à atuação inglesa na Palestina. A notícia que apontava *Samuel Foguel* como responsável pelo protesto, referia o seguinte: *Fecharam as portas em sinal de protesto contra a atuação dos ingleses na Palestina. (os ingleses proibem o desembarque de judeus na região)*.<sup>213</sup>

No final de agosto de 1948, estive no Rio Grande do Sul o emissário *kibutziano* Schlomo Lipsky,<sup>214</sup> permanecendo no Estado pouco mais de duas semanas, tempo suficiente para fundar o núcleo local do grupo feminino *Na'amat Pioneiras* em Porto Alegre em 11 de setembro. Conforme visto anteriormente, percorreu diversas cidades do interior, levantando fundos para a campanha de emergência, desencadeada em função dos conflitos em que se encontrava o recém criado Estado de Israel.<sup>215</sup>

---

<sup>211</sup> Cf. Delegação local em Passo Fundo e Erechim. **Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. p. 8. (AJH)

<sup>212</sup> Ibidem.

<sup>213</sup> Cf. Protesto do Comércio Israelita. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 09 set. 1947. Interior. p. 2.

<sup>214</sup> Cf. “Dia 2 [de setembro], durante uma exibição de filmes na Unificada Juvenil, falou o recém chegado “sheliach” do Keren Kaiemet, Schlomo Lipski”. MARCOS NESTROVSKI. Quinzena Porto-Alegrense. **Aonde Vamos?**, Rio de Janeiro, n. 278, 9 Set. 1948.

<sup>215</sup> Conforme nota publicada na revista *Aonde Vamos?* referindo o seguinte texto: “A convite do comitê da campanha de Porto Alegre, viaja para ali o delegado do K.K.L. O visitante devera demorar-se naquela Capital cerca de 15 dias realizando conferências e **meetings** [grifo da revista]. O comitê da campanha, que fez um levantamento de todos os participantes desse empreendimento, conta com a presença do emissário de Israel, que muito concorrerá para o êxito de sua tarefa”. O emissário Lipsky viaja para Porto Alegre. **Aonde Vamos?**, Rio de Janeiro, n. 274, 12 Agosto de 1948.

No dia 26 de agosto, a revista *Aonde Vamos?*, publicou um artigo assinado por ele, com o título: *Tel-Josef, Meu Lar*, no qual o emissário apresentava-se à comunidade judaica do Brasil, discorrendo acerca das realizações do Keren Kaiemet e do Keren Haïessod:

Tel-Josef, chama-se assim em homenagem a Josef Trumpeldor. Foi fundada em 1922 [...] e é das primeiras colônias criadas depois da primeira grande guerra sobre terras adquiridas pelo KKL.

Parte do solo estava coberto de pântanos, e a quase totalidade do terreno era árida. [...] Durante oito anos vivemos na encosta do monte Guilbôa, em tendas. Secamos os pântanos, removemos as pedras, destruímos o mato bravio, cavamos fundo o solo, adubamos a terra, transportamos água, etc. Todos esses preparativos fizemos com meios fornecidos pelo KKL. O KH deu-nos os meios para as construções, aquisição de máquinas, animais, móveis e utensílios. Conseguimo-lo por empréstimos, que pagamos com o decorrer do tempo.

[...] Tel-Josef e Ein-Harod, duas colônias vizinhas, ambas pertencentes ao “Kibbutz-Hameuchad”, contam com cerca de 3.000 habitantes.<sup>216</sup>

Em 28 de outubro de 1948, outra nota assinada por Lipsky, datada de 16 de outubro, encontra-se publicada em *Aonde Vamos?* nesta, o emissário enviava suas condolências à família do senhor Samuel Foguel, de Erechim, devido ao seu falecimento. O texto, que transcrevo a seguir, evidencia as práticas e as relações estabelecidas entre emissários sionistas e membros da coletividade judaica do interior do estado gaúcho:

Porto Alegre, 16/10/48.  
Motzi-Schabat, 13 de Tishra de 5709

#### A FAMILIA DO SR. SCHMUEL FOIGL [sic] E AOS JUDEUS DE ERECHIM

Experimentei uma profunda contrariedade, ao ter notícia, hoje, do inesperado e prematuro falecimento de vosso esposo, pai, parente, amigo e ativista de Erechim. Faz pouco tempo que com ele passei alguns dias, quando realizava a Campanha de Emergência em vossa cidade e arredores. Ele me levou em seu carro a Passo Fundo. recebeu-me em sua casa, guiou-me e acompanhou-me. Portou-se com veneração e respeito a mim como delegado de Israel, operário, camponês e defensor de Israel. Ele demonstrou, durante a Campanha, muita energia, entusiasmo e preocupação pela sorte do país. Já estava então sob cuidados médicos e sabia do perigo que o espreitava. Não parou com o trabalho e o coração não resistiu. Foi sacrificado no fogo do seu entusiasmo por “Medinat Israel”.

Contribuiu muito e exigiu que outros contribuíssem. Isto teve grande influência: Erechim fez a melhor campanha, o que se deve muito a ele.

Vi-o em casa como dedicado esposo, pai, judeu e homem.

Conformai-vos, mulher e filhos, parentes e conterrâneos; amigos de Erechim, prosseguí na vossa obra com o mesmo entusiasmo e dedicação.

Minhas condolências aos órfãos.

SCHLOMO LIPSKY – Delegado do K.K.L.  
e colaborador da Campanha de Emergência  
[pela Defesa e Construção de Israel].<sup>217</sup>

<sup>216</sup> Cf. Schlomo Lipsky. *Tel-Josef, Meu Lar. Aonde Vamos?*, n. 276, Rio de Janeiro, 26 Agosto de 1948.

<sup>217</sup> Cf. Comitê de Emergência de Porto Alegre. *Aonde Vamos?*, n. 285, Rio de Janeiro, 28 Outubro de 1948.

Ainda sobre Samuel Foguel, no arquivo do ICJMC, consta que em 1946 ele presidia a Sociedade Cultural e Beneficente de Erechim.<sup>218</sup> Por sua vez, o jornal a *Voz da Serra*, de abril de 1995, cita o seguinte: *O cemitério também era fundamental, pois não havia nenhum em Erechim e os atos fúnebres eram realizados em Quatro Irmãos. Então o Senhor Samuel Foguel, com a ajuda da comunidade, comprou o terreno e, por força do destino, foi o primeiro a ser enterrado.*<sup>219</sup>

No livro *Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul* (1984) Moysés Eizirik, destaca que no interior do estado, os judeus, seguindo as normas do movimento, agiam de modo uniforme em relação aos demais centros. Exemplifica com a solicitação feita pela OSU/BR de que todas as comunidades do Brasil, realizassem um protesto, manifestando seu descontentamento com a atuação inglesa na Palestina:

O Sr. Jonas Wasserman, que residiu muitos anos em Rio Grande, com o estabelecimento comercial, a Casa Chic, era um dos dirigentes da Organização Sionista e procurou-nos para apresentar um documento histórico na vida judaica, ocorrido em 1947.

Naquele ano, ocorreu o famoso episódio com o navio *Exodus*, carregado com 4.500 imigrantes, sobreviventes da II Guerra Mundial, que se dirigiam para a então Palestina e foram interceptados pela marinha britânica.

Recordando aqueles dramáticos dias, a coletividade judaica guardou o documento, no qual todos se solidarizaram cerrando suas casas comerciais, em sinal de protesto contra a atitude dos ingleses.<sup>220</sup>

Outras informações sobre o movimento no interior, são encontradas no periódico *Kol Hamagbit* (editado a partir de outubro de 1950 e localizado no ICJMC - AJH). O mesmo fornecia informações sobre as atividades do Fundo Comunitário realizado no Estado. Em sua edição de maio de 1951, são apresentados os comitês do *Magbit* e seus respectivos dirigentes em doze localidades do interior: Alegrete, Bagé, Carazinho, Cruz Alta, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Quatro Irmãos, Rio Grande, Santa Maria, São Gabriel e Uruguaiana.<sup>221</sup>

O movimento sionista, de uma forma ou de outra, permeou praticamente todas as comunidades e todos os setores do judaísmo sul-rio-grandense.

<sup>218</sup> Cf. Contrato para aumento do Prédio da referida Sociedade entre Prodócimo [sic] Casagrande e a Sociedade. 26/07/1946. Arquivo Institucional – Comunidades Judaicas do Interior do Estado do RS – Caixa 31, Maço n. 2. ICJMC.

<sup>219</sup> Cf. AGRANIONIK, Helena. Sinagoga em Erechim era o sonho dos judeus. **A Voz da Serra**. Erechim 29 de abril de 1995.

<sup>220</sup> EIZIRIK, 1984. p. 77.

<sup>221</sup> Cf. Comitês do Magbit do Interior. Estado do Rio Grande do Sul. **Kol Hamagbit**. Porto Alegre, Maio de 1951. (AJH) A publicação, citando dezenas de nomes, ainda apresenta a nominata dos dirigentes dos comitês formados nestas localidades.

## 2. 5. A propaganda sionista e a intelectualidade sul-rio-grandense

Retomando o debate acerca da participação de homens de prestígio sócio-cultural, na causa sionista, vale dizer que, continuo apresentando aqui, e no capítulo seguinte, a atuação destes, no entanto, amplio a abordagem ao mostrar também o envolvimento de não-judeus no movimento.

Conforme visto anteriormente, entre os judeus encontram-se várias pessoas prestigiadas e bem conceituadas socialmente, a iniciar pelo próprio Presidente da Unificada, Maurício Seligman. Além dele, outros militantes, como empresários, comerciantes, advogados, professores e lideranças religiosas, citados ao longo do trabalho possuíam crédito e respeito social. Por fim, - apesar de não participarem ativamente - também se envolveram com a causa nacional judaica, notórios e renomados judeus, como Herbert Caro, Leon Back e Maurício Roseblatt.

Convém destacar que a idéia sionista,<sup>222</sup> trazida para o Brasil por imigrantes judeus e emissários sionistas estrangeiros não foi produzida em terras brasileiras e nem se refere diretamente ao Brasil. Porém, foi defendida e divulgada no país por judeus e não-judeus, dentre estes muitos intelectuais, que por sua vez, são definidos aqui pelo próprio contexto estudado, visto que considero como intelectuais aqueles que nas fontes de pesquisa são reconhecidos e apresentados desse modo pelos demais, principalmente, pelos meios de comunicação impressos, em especial os jornais.<sup>223</sup>

Conforme já destaquei, a partir de 1945, os emissários sionistas, encontraram tanto dentro, quanto fora das comunidades judaicas brasileiras, um ambiente receptivo e favorável para a propagação de suas idéias. Uma estratégia utilizada freqüentemente pelos agentes e demais militantes do movimento, a fim de difundir a causa nacional, foi a realização de atos públicos (palestras, conferências, encontros, festas e comícios), que ocorreram em diversas cidades brasileiras, os quais contavam com a presença de intelectuais, políticos e demais cidadãos, judeus e não-judeus.

Através destas atividades, o ideal sionista era propagado, fazendo com que o movimento adquirisse notoriedade e legitimidade perante a opinião pública. Ao lembrar destas manifestações, um judeu de Porto Alegre em entrevista concedida ao ICJMC, menciona:

---

<sup>222</sup> Essas idéias chegaram ao Brasil nos primeiros anos do século XX, trazidas por judeus provenientes da Europa, sendo constantemente atualizadas por levadas imigratórias que desembarcavam no continente americano, as quais traziam informações sobre o desenvolvimento do sionismo no velho continente. Cf. GUTFREIND, 2004. p. 140-141.

<sup>223</sup> Cf. Neste sentido, destaco que o jornal *Diário de Notícias* apresenta seus entrevistados como intelectuais. Cf. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 8.

Havia manifestações públicas, ...lideradas por muitos elementos que hoje já são pessoas de idade e que naquela época eram jovens, tinham dezoito, vinte anos e foi em prol do reconhecimento do Estado de Israel, em prol da proclamação do Estado de Israel. Depois da proclamação, havia manifestações na imprensa, no rádio e passeatas também pedindo o apoio da comunidade total gaúcha e brasileira para que Israel fosse reconhecido como um Estado, apesar de proclamado ainda não tinha relações diplomáticas, e aquela campanha de esclarecimento da opinião pública nacional, do massacre do holocausto que houve naquela época é o preço que os judeus tinham pagado pela incompreensão da humanidade por não ter dado refúgio porque, lamentavelmente, as portas de todas as nações, não só da América Latina, praticamente se fecharam quando os judeus tentaram fugir do nazismo.[...] No Brasil houve vários movimentos após a guerra, após 1945. Houve esses movimentos tanto do setor judaico e uma pequena minoria de elementos não judaicos...<sup>224</sup>

Ressalto que a Unificada (OSU/RS) foi a principal promotora da grande maioria das manifestações públicas envolvendo pessoas prestigiadas no Estado. Sob a liderança de Seligman, a Instituição realizou diversos atos públicos, que contaram com a presença e o apoio de políticos e intelectuais gaúchos. Dentre estes, é possível destacar os nomes de Athos Damasceno Ferreira, Érico Veríssimo, José Pereira Coelho de Souza, Herbert Caro, Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho, dentre outros que, ao defenderem e se posicionarem em favor da idéia sionista, propagaram a mesma no Estado sulino.

Em 1946, a OSU/RS, seguindo orientações do Rio de Janeiro, formou no Estado um *Comitê de Propaganda de Emergência*, a fim de representar a comunidade judaica sul-rio-grandese nos protestos contra o governo britânico, devido à limitação da entrada de judeus na Palestina. Um destes atos públicos se deu através de um comício realizado em 8 de julho deste ano, nos salões do Círculo Social Israelita.

Na ocasião, Seligman no discurso de abertura mencionou o seguinte: *Nós queremos que 100 mil judeus da Europa, sejam admitidos imediatamente na Palestina. É um direito que nos assiste. Os ingleses reforçam seus destacamentos militares, levam crianças e velhos para os campos de concentração, fazendo reviver o malfadado nazismo, que eles combatiam há pouco.*<sup>225</sup> E, ao encerrar o mesmo, referiu:

Aqui estamos hoje reunidos, respirando liberdade e conforto, amparados por leais amigos que, não fazendo parte da comunidade judaica, vem nos dar seu apoio de homens amantes da liberdade, tolerantes e cheios de solidariedade humana neste momento decisivo para o povo judeu. Nós também somos brasileiros, estamos integrados nos problemas brasileiros.

<sup>224</sup> WAINSTEIN, Bóris. Entrevista n. 046. 2. Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 1990.

<sup>225</sup> Cf. Atividades Comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS). A relação de Érico Veríssimo, J. P. Coelho de Souza, abordada a seguir, e também de Manoelito de Ornellas com o movimento sionista, é de fácil constatação, visto que seus nomes aparecem em diversas entrevistas do Acervo de História Oral do ICJMC, além de livros, jornais, documentos, etc. Sobre essas atividades ver também a documentação do AJH – ICJMC.

Queremos ver o Brasil cada vez mais próspero e respeitado. [...] Nós queremos que a Palestina seja um lar nacional para os judeus que para lá queiram ou se vejam obrigados a ir. Creio supérfluo apresentar-lhes Érico Veríssimo e o Dr. Coelho de Souza, nossos, amigos e vossos conhecidos, que nos honram com sua presença e cuja palavra ouviremos esta noite. Também agradeço o comparecimento de representantes da imprensa e dos nossos amigos não judeus que aqui se encontram, cuja presença nos honra e nos conforta.<sup>226</sup>

Além dos dois intelectuais que *dispensavam apresentações*, palestraram no mesmo evento o jovem líder revisionista Yoschua Auerbach, judeu nascido na Palestina e radicado em Curitiba, o acadêmico Salus Laks, o advogado Isaac Siminovich, Jacob Kutz e Sidor Belarsky, apresentado como *cantor de fama mundial*.<sup>227</sup>

Convêm esclarecer que os nomes de J. P. Coelho de Souza e Érico Veríssimo aparecem em diversos livros de memorialistas étnicos e também em muitos depoimentos de membros da coletividade judaica do RS,<sup>228</sup> - além de diversas outras fontes, apresentadas no corpo deste trabalho. Um depoente lembra que em relação aos *trabalhos de orientação e explicação* dirigidos à população, *o General Ramiro Souto e o sr. Coelho de Souza eram bastante eficientes..., quer dizer, tanto em atos públicos, como pela imprensa escrita e falada [...] ...eram elementos de respeito, de gabarito*.<sup>229</sup>

Igualmente sobre estas atividades, outro entrevistado menciona:

O Coelho de Souza que nós até organizamos homenagens a ele, a ponto da biblioteca do Círculo Social Israelita, que naquela época era em cima do cinema Baltimore, passou a se chamar Biblioteca Coelho de Souza.

O Mem de Sá, o Coelho de Souza, o professor Martins Costa, o promotor Araújo, muitos líderes, todos líderes do partido Libertador [PL], mas amigos nossos, que até hoje são amigos. O doutor Rubem Maciel e outros, nós inclusive tínhamos tanta intimidade com eles que uma vez fizemos um Comício pró, de apoio, a declaração do Estado de Israel, no cinema Carlos Gomes e que só eles subiram a tribuna, [...] foi por nós organizado, mas foram só chamados os não judeus que estavam na tribuna fazendo discursos inflamados, declarações...<sup>230</sup>

A título de exemplo, acerca da relação estabelecida entre intelectuais e israelitas de Porto Alegre, abordo aqui em especial dois nomes: Érico Veríssimo e José Pereira Coelho de Souza.

<sup>226</sup> Atividades comunitárias Judaicas – Discursos e Pronunciamentos. Porto Alegre/RS. Sub-série II. (AMS)

<sup>227</sup> Sobre este encontro um periódico judaico noticia o seguinte: “A coletividade israelita de Porto Alegre, em protesto às brutais atitudes britânicas em Eretz Israel, assim como, não judeus conscientes, participaram no dia 8 de julho, num grande comício, no amplo salão do C.S.I onde se fizeram ouvir diversos oradores, destacando-se o Dr. J.P. Coelho de Souza, escritor Érico Veríssimo e o acadêmico Pinheiro Machado, que vieram dar sua solidariedade aos judeus, participando nestes protestos. Neste dia, o comércio israelita de Porto Alegre cerrou os seus expedientes às 16 horas, participando no grande protesto”. Cf. Protesto. HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, ano II, Abril-Junho de 1946. (AJH)

<sup>228</sup> Localizados no Acervo de História Oral do ICJMC

<sup>229</sup> BAS, Isaak. Entrevista n. 311. 0. Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 01/08/1990.

<sup>230</sup> MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC. Porto Alegre, 23/05/1991.

Ambos, desde a década de 1930, mantinham estreito vínculo com a comunidade judaica porto-alegrense.

O primeiro estabeleceu relações profissionais e de amizade com muitos judeus através de suas atividades na Editora e Livraria do Globo.<sup>231</sup> Em 1966, Érico inclusive visitou Israel, a convite do Ministério de Negócios Estrangeiros israelense, sendo seu diário de viagem transformado no livro *Israel em Abril* (1969).<sup>232</sup> Já o segundo, fervoroso ativista brasileiro durante a ação estatal promovida pelo Estado Novo, conhecida como *campanha de nacionalização*, manteve parceria com os judeus ao combater grupos integralistas e nazistas no Estado.<sup>233</sup>

Em relação à participação dos intelectuais não-judeus no movimento, um ativista sionista daquele período, ao rememorar as comemorações acerca da fundação de Israel em Porto Alegre recorda que os judeus reuniram-se no Círculo Social Israelita, onde foi organizada uma sessão solene na qual compareceram muitos amigos da coletividade israelita, mencionando: *quem organizou naquela época foi o Dr. Maurício Seligman e [estavam presentes] pessoas que sempre... compareciam, tinha por exemplo o Érico Veríssimo, o Coelho de Souza, tinha várias pessoas....*<sup>234</sup>

Desde que Seligman assumira a presidência da Unificada, vinham ocorrendo com freqüência atividades envolvendo participantes ilustres. Em 1948, após a proclamação do Estado Judeu e em meio às festividades em Porto Alegre, o *Diário de Notícias* promoveu nos dias 19, 20

<sup>231</sup> No livro **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul** (1984), de Moysés Eizirik, memorialista étnico e militante sionista na década de 1940, encontram-se algumas entrevistas realizadas pelo autor, na qual três entrevistados tornam visível esta aproximação: Herbert Caro: “Em 1939 minha senhora falou com Érico Veríssimo e fui contratado para ser tradutor de alemão na Editora do Globo, onde fiquei até 1948” (p. 161); Nina Caro: “Em 1940 comecei a trabalhar na Livraria do Globo, onde fazia traduções e no setor *A mulher e o Lar*” (p. 159); Maurício Rosenblatt: “...aceitei em janeiro de 1941, um convite de Érico Veríssimo, para trabalhar na Editora Globo, da qual fui secretário e mais tarde representante no Rio de Janeiro, de 1944 a 1952” (p. 150). Sobre o assunto ver também o livro de Rodrigues Till, **Os judeus no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná**. (2004) em especial o capítulo 39, intitulado *A “Revista do Globo” e os Judeus*. p. 247-252.

<sup>232</sup> Na obra **Israel em Abril**, Érico em diversas passagens fala acerca de sua relação com os judeus de Porto Alegre e de seu encontro naquele país com velhos amigos do Rio Grande do Sul. Ver em especial as páginas 75 e 276.

<sup>233</sup> J. P. Coelho de Souza em 1941, inclusive publicou um livro sob o título: **Denúncia: o Nazismo nas escolas do Rio Grande**, no qual faz um elogio à comunidade judaica do RS. Sobre suas atividades e sua relação com os judeus ver as obras: **O perigo alemão** (1992) de René Gertz e a Tese de doutorado de Cristine Fortes Lia, citada anteriormente.

<sup>234</sup> EIZIRIK, Moysés. Entrevista concedida à Ieda Gutfreind. N.E.I.P.H.O./ PPGHistória-UNISINOS. São Leopoldo, 16/08/2000.



e 21 de maio de 1948 uma enquete perguntando: *Deve ou não ser sustentado o Estado de Israel?*.<sup>235</sup>

A pergunta foi feita a três grupos sociais – intelectuais, políticos e profissionais liberais. Primeiro, o jornal *procurou conhecer o ponto de vista dos intelectuais*, no dia seguinte, foi *recolhido o ponto de vista de nossas correntes políticas* e por fim, *à opinião dos profissionais liberais, médicos, advogados, economistas, farmacêuticos, odontólogos e jornalistas*.<sup>236</sup> Darei maior ênfase a esta enquete no capítulo seguinte, limitando-me agora a analisar apenas as manifestações do primeiro grupo, formado por doze intelectuais.<sup>237</sup>

Com o objetivo de mostrar algumas idéias e valores expressados na ocasião e que contribuem para caracterizar tanto o tema, quanto o contexto estudado, selecionei aqui algumas frases e opiniões emitidas pelos intelectuais na enquete do dia 19 de maio.

Moysés Vellinho ao ser entrevistado mencionou: *a divisão da Palestina resultou de um ato solenemente aprovado pela Organização das Nações Unidas*. Segundo suas palavras: *o próprio mundo árabe, confuso e inorganizado, metido ainda num feudalismo retardatário e opressivo, só têm a lucrar com os padrões de alta civilização que os judeus repatriados assentaram no deserto*. Seguindo a mesma linha, Manoelito de Ornellas, apresentando-se como *cristão e democrata* referiu que reconhecia *os sagrados direitos do povo de Israel sobre as terras da Palestina* como reconheceria *sempre os direitos dos povos da Síria, do Iraque e do Líbano de constituírem as suas pátrias, independentes, livres e soberanas*.

Por sua vez, Coelho de Souza, dizendo-se favorável ao reconhecimento de Israel e motivado por *nossa tradição de solidariedade humana e democrática ético-social*, acrescentava: *se o governo do Gen. Dutra não reconhecer imediatamente o novo Estado de Israel, será esse mais um de seus desacertos, e mais uma vez revelará a sua lamentável tendência direitista*.<sup>238</sup>

O escritor Reinaldo Moura, não acreditando *muito nos efeitos da opinião de um pobre escrevente sul-americano*, referia: *...como o DIÁRIO DE NOTÍCIAS me pede para dizer algo sobre o caso da Palestina, só desejo que as potências não façam sujeira com os judeus, povo da*

<sup>235</sup> No último dia a pergunta foi “Deve ou não ser mantido o Estado de Israel”. Ver **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 21 de Maio de 1948.

<sup>236</sup> Cf. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, dias 19, 20 e 21 de maio de 1948.

<sup>237</sup> São eles Érico Veríssimo (escritor), Moysés Vellinho (escritor), Manoelito de Ornellas (escritor), Coelho de Souza (escritor), Henrique Bertaso (Editor), Reinaldo Moura (escritor), Fay de Azevedo (Professor universitário e jornalista), Herbert Caro (Universitário), Antônio Acauan (escritor e advogado), Maurício Rosenblatt (escritor), Athon Damasceno (escritor) e Telmo Vergara (escritor) Cf. Enquete: Deve ou Não Ser Sustentado o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 8.

<sup>238</sup> Cf. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 8.

*inteligência de vanguarda, e detentor, agora, de todo o direito no caso da formação de seu Estado nacional.* Seguindo esta mesma linha, o jornalista e professor universitário Fay de Azevedo mencionava:

O minúsculo Estado de Israel pode coexistir praticamente com o mundo árabe, e muito até ensinar-lhe em matéria de civilização e cultura.

O que se está verificando é, nitidamente uma agressão a um Estado que tem o direito de existir e prosperar. Israel é a expressão de uma realidade política que só a força das armas e a sonegação do direito internacional poderão anular. Cabe a ONU, na sua missão de manter a paz sob o primado da lei, reprimir essa agressão e salvaguardar o novo Estado que surge realizando o sonho milenário dos judeus.<sup>239</sup>

Telmo Vergara, encerrando as manifestações dos intelectuais, referia: *peço a [...] Deus cuja presença está dentro de nós mesmos e que, por isso, entende as nossas preces, indiferentemente, que sejam ditas em ídiche ou em latim – que o Estado de Israel sobreviva.*<sup>240</sup>

No jornal, ao final das entrevistas, consta ainda, que os intelectuais enviaram um *apelo ao Presidente Dutra*. O telegrama assinado por estes e por outros intelectuais, continha o seguinte texto:

Diante da injustificada e brutal agressão de que está sendo vítima o novo Estado Judeu, pedimos ao governo brasileiro o imediato reconhecimento do Estado judaico legalmente constituído com o apoio do representante brasileiro, e insistimos na urgente utilização da influência do Brasil na ONU em defesa da paz internacional e existência do Estado de Israel. Respeitosas saudações.<sup>241</sup>

Em relação aos intelectuais entrevistados, cabe referir que todos foram favoráveis ao reconhecimento de Israel. Destes, dois eram judeus: Herbert Caro e Maurício Rosenblatt e três, Érico Veríssimo, J. P. Coelho de Souza e Manoelito de Ornellas, mantinham contato com militantes sionistas de Porto Alegre, participando freqüentemente de atividades públicas promovidas pela OSU/RS (a mesma afirmação vale para alguns políticos, como Mem de Sá, do PL, por exemplo).

Assim, é possível referir que o vínculo entre intelectuais e judeus sul-rio-grandenses se inscreve em uma ampla rede de relações que, por diferentes razões e afinidades (profissional, político-partidária, amizade, negócios, etc.), propiciou a aproximação e a interação de judeus e não-judeus em um mesmo contexto.

---

<sup>239</sup> Ibidem.

<sup>240</sup> Ibid.

<sup>241</sup> Ibid. Cabe ainda dizer que a campanha de Reconhecimento do Estado de Israel pelo Brasil ocorreu em todo país, movimentando diversos meios – políticos, intelectuais e “populares” judeus e não-judeus – em importantes cidades do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Igualmente, é possível afirmar, conforme visto acima, que após 1945, os emissários sionistas encontraram no RS, tanto dentro quanto fora da coletividade judaica, um contexto favorável para difusão e circulação de suas idéias. Essas, foram apoiadas por intelectuais, que se posicionaram em favor do nacionalismo judaico e defenderam essa idéia publicamente, emitindo suas opiniões através da imprensa escrita ou por meio de atos públicos que contavam também com a presença de políticos e demais cidadãos. Tais conclusões me permitem afirmar que o projeto sionista atingiu seu objetivo, contando com a colaboração e a participação de diversos grupos.

Através dessas atividades, as idéias sionistas foram propagadas, tornando o movimento notório e legítimo perante a opinião pública sul-rio-grandense. E, ao agregar valores emitidos pelos intelectuais, como justiça, civilização, progresso, democracia e liberdade, ele foi visto com simpatia, conquistando dessa forma adeptos e colaboradores tanto dentro quanto fora do grupo judaico.

## 2. 6. Mobilização: para as festividades e para os conflitos

Contribuindo para a agitação e efervescência do movimento no Estado, vale dizer que antes de presidir a Sessão de 29 de novembro de 1947 na ONU, Oswaldo Aranha foi recebido em Porto Alegre por amigos e admiradores, dentre outros. Em 9 de setembro estes lhe ofereceram um banquete presidido pelo governador do Estado, Walter Jobim, no Salão de festas do Clube do Comércio. Segundo o *Correio do Povo* de 7 de setembro, *mais de quatrocentas pessoas subscreviam a lista para participar dessa homenagem* e que em nome dos *homenageantes* falaria o Sr. J. P. Coelho de Souza, sendo os discursos irradiados pela Difusora.<sup>242</sup>

Por sua vez, o *Diário de Notícias* de 3 de setembro, informava que também Mem de Sá, outro apoiador da causa sionista, seria um dos oradores da noite e que os ingressos para o evento encontravam-se à disposição na *Livraria do Globo*. O jornal ainda apresentava uma lista com a nominata dos inscritos, na qual é possível verificar o nome de muitos ativistas sionistas da coletividade judaica, dentre eles o do dirigente Miguel Weisfeld.<sup>243</sup>

<sup>242</sup> Cf. O Sr. Oswaldo [sic] Aranha chegará amanhã a Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 7 Set. 1947. Noticiário. p. 14.

<sup>243</sup> Cf. Cerca de 400 pessoas já se inscreveram no grande Banquete a ser oferecido ao Sr. Oswaldo Aranha, no dia 8 do corrente. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 3 Set. 1947. p. 3.

No entanto, nesta ocasião, não só judeus e admiradores prestaram homenagens, pois no dia 10 de setembro foi publicada uma nota, assinada por Kesrovan Seadi, intitulada *Mensagem da Sociedade Libanesa*, a qual discorria acerca da admiração dos árabes em relação à pessoa de Aranha.<sup>244</sup>

Cabe aqui, abrir um espaço para abordar a figura de Oswaldo Aranha neste contexto, visto que o mesmo fora aclamado amigo dos judeus após 1947. No entanto, sua trajetória de Ministro das Relações Exteriores, durante o Estado Novo, à Presidente da tumultuada sessão do dia 29, e sua relação com os judeus é ambígua. Segundo Tucci Carneiro:

Quanto ao tema do anti-semitismo moderno no Brasil, este continua polêmico, principalmente quando os estudos se concentram no período estadonovista (1937-1945). As pesquisas ainda são insuficientes para desativar mitos arraigados na mentalidade coletiva alimentada por versões produzidas pela história oficial. [...]

Sabia-se das circulares secretas mas preferia-se não comentar: o tema entrava em conflito com as homenagens até então prestadas ao brasileiro Oswaldo Aranha que, enquanto presidente da II Assembléia Geral da ONU, em 1947, havia dado o voto decisivo para a Partilha da Palestina. [...]

[Em] 1985, a denúncia registrada por Nachman Falbel sobre as circulares secretas caiu no vazio, ofuscada pela versão comprometida da biografia elaborada por Moisés Eiserick [sic] sobre Oswaldo Aranha...<sup>245</sup>

Visto isso, cabe referir que meu objetivo aqui é analisar as repercussões decorrentes da Resolução nº 181, ou seja, quais os interesses que estavam em jogo e o papel desempenhado pelos interessados. Assunto que abordarei detidamente no capítulo seguinte.

O ano seguinte, 1948 inicia-se, tanto para judeus quanto árabes, envolto em tensões e expectativas. A Palestina encontra-se convulsionada por conflitos, envolvendo judeus, árabes e ingleses. Em abril, o emissário Leão Schmelzinger, representante do Keren Kaiemet vem a Porto Alegre e no dia 27 deste mês, em reunião conjunta da OSU/RS e KKL, sob sua direção, é proclamada a nova campanha pró Keren Kaiemet Leisrael.<sup>246</sup>

Uma notícia publicada no *Diário de Notícias*, convidava a *coletividade israelita* para uma palestra proferida por este emissário, informando o seguinte:

Em geral é convidada a assistir a palpitante conferência que realizará, 2ª feira, dia 3 de maio, às 20:30 horas, no Círculo Social Israelita, o Prof. L. Schmelzinger enviado especial do Bureau Central do Keren Kaiemet Le Israel, sob o tema: A reconstrução de Eretz Israel

<sup>244</sup> Cf. Mensagem da Sociedade Libanesa **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 Set. 1947. p. 9.

<sup>245</sup> Cf. TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **O Veneno da Serpente**. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 160-161.

<sup>246</sup> Ainda cabe referir que durante as festividades em decorrência da criação de Israel, Leão Schmelzinger encontrava-se em Porto Alegre, inclusive participando das mesmas. Cf. **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 11-12. (AJH)

Continua... Entrada franca, todos devem comparecer. Organização Sionista Unificada do Brasil (Setor Rio Grande do Sul).<sup>247</sup>

Em meio a esse período de apreensão e expectativa, outro visitante esteve em Porto Alegre. Em um anúncio do *Diário de Notícias*, datado de 5 de maio deste ano, encontra-se a seguinte mensagem:

Atenção Israelitas: Achando-se nesta capital de passagem para Buenos Aires, o conhecido líder sionista argentino I. Szapiro, e, a pedido de nossa organização, dará o mesmo uma palpitante conferência, na próxima 5ª feira, dia 6 de maio, às 21:15 horas, no Círculo Social Israelita, sobre os ASPECTOS ATUAIS DA LUTA PELA LIBERTAÇÃO DE ERETZ ISRAEL. Não deixem de assistir. Entrada livre. Nota: Devido ao racionamento de luz, a conferência terá início as 21:15 horas.<sup>248</sup>

Em Porto Alegre, no ano de 1947 e primeiro semestre de 1948 os dois maiores jornais do estado, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* estampavam, quase que diariamente, em suas capas – visto que o noticiário internacional de ambos ocupava a primeira página –, manchetes, notícias, informações e artigos sobre a situação da Palestina.

Notícias e reportagens com fotografias, não muito diferentes das publicadas atualmente, abordando conflitos na Palestina, eram publicadas corriqueiramente. Nos jornais são encontrados com frequência enunciados, como: *O reinício do terrorismo na Palestina; Novas explosões em Jerusalém e Haifa; Na Palestina imperam o terror e a violência; Suicidaram-se na prisão; Foi pelos ares um trem com tropas britânicas; Incidentes entre árabes e judeus na Palestina; Acentua-se o ambiente de confusão na Palestina; Novos atentados à bomba sucedem-se em Jerusalém; Onda de violência está varrendo toda a Terra Santa; Prisão de autoridades judaicas; Superlotados todos os hospitais da Palestina; Elevado número de vítimas na explosão dum hotel; Invasão de guerrilheiros árabes; A morte de muitos inocentes; A grave situação da Palestina exige decisão e rapidez das Nações Unidas; etc.*<sup>249</sup>

Convém referir que os judeus-gaúchos, bem como seus pares radicados no Brasil, não ficaram equidistantes desta situação, pois se envolveram sobremodo com os problemas ocorridos

<sup>247</sup> A Coletividade Israelita. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 1º Maio 1948. Anúncio. p. 3.

<sup>248</sup> Organização Sionistas Revisionistas Unidos. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 5 Maio. 1948. Anúncio. p. 2.

<sup>249</sup> Cf. Tais enunciados encontram-se, respectivamente, na primeira página dos jornais *Correio do Povo*, de 1º de janeiro; 6 de março; 15 de março; 22 de abril; 23 de abril; 22 de maio; 31 de maio; 19 de julho; 3 de agosto; 6 de agosto de 1947; e 1º de janeiro; 6 de janeiro; 11 de janeiro; 14 de janeiro; e 20 de fevereiro 1948. O *Diário de Notícias*, igualmente fornecia informações diárias sobre os problemas na Palestina; inclusive apresentando detalhes, visto que este periódico fazia parte da cadeia dos *Diários Associados*, que enviara o repórter Samuel Wainer para cobrir os conflitos na região. Sobre isso consultar: Samuel Wainer seguiu para Eretz Israel. **Aonde Vamos?**, n. 249, Rio de Janeiro, 19 Fevereiro de 1948, e as memórias de Samuel Wainer, intitulada **Minha razão de viver; memórias de um repórter** (1987).

na Palestina; emissários, jornais os colocavam a par da situação e como resposta, campanhas os conclamavam a contribuir, seja, através de recursos financeiros, da doação de sangue, instrumentos de trabalho doméstico e agrícola, ou então, fazendo *aliá* [imigração para Israel].<sup>250</sup>

Em dezembro de 1947, os diferentes partidos, tendências e organizações sionistas do Brasil se mobilizavam em função da construção do novo Estado nacional e de uma provável guerra. No dia 11 deste mesmo mês, a *Federação dos Sionistas Gerais* publicava um anúncio, solicitando a contribuição de recursos financeiros para a campanha deste partido. Pedia aos judeus brasileiros que colaborassem fazendo doações em dinheiro ao *Fundo de Ação e de Salvamento*, o *Keren Hatsionim Haclalim*. [sic]<sup>251</sup>

Na mesma edição, encontra-se outro anúncio com o seguinte enunciado: *Oficialmente Proclamada a Campanha Pró-Irgun Zvai Leumi*, que referia: *a Organização Sionista Revisionista Unida do Brasil (Setor Rio de Janeiro) ofereceu na segunda-feira uma festiva recepção ao Capitão Zwi Kolitz [...] Delegado do Executivo Mundial do Partido Revisionista, este líder revisionista já esteve várias vezes entre nós e foi eleito pelos revisionistas e seus simpatizantes no Brasil, delegado ao 22º Congresso Sionista Mundial.*<sup>252</sup>

Ainda em relação às campanhas, em 1º de Janeiro de 1948, a revista *Aonde Vamos?* publicava outro anúncio, intitulado: *Comitê do Keren Tel Hai*. Neste, o líder sionista revisionista solicitava o envolvimento dos judeus brasileiros no movimento, pedindo aos mesmos que contribuíssem com a campanha do *Keren Tel Hai*.

Depois de abordar temas como a idéia de criação do Estado Judeu, lançada por Herzl e a luta de Jabotinsky em favor desta, o texto mencionava:

O Estado Judeu terá que ser defendido e assegurado pelos meios e pelos homens do próprio povo. Não é de se esperar que venham a Eretz Israel forças e patrulhas estrangeiras. A tarefa de impor a lei caberá aos judeus. É uma tarefa tão grandiosa, quão custosa em todos os sentidos. Nós os judeus teremos que pagar o preço de nossa liberdade, da nossa redenção, pela qual o nosso povo vem ansiando há milênios.

O Keren Tel Hai trata de suprir os meios para a luta em prol da segurança do Estado Judeu nascente, que não poderá ser tal em verdade sem Jerusalém, sem abranger toda a extensão histórica de Eretz Israel.

Saibamos judeus do Brasil, responder ao apelo das forças que são destinadas por Deus e pela História de Israel e cumprir a tarefa da consolidação do ESTADO JUDEU.<sup>253</sup>

<sup>250</sup> Cf. Compareçam ao Grande Meeting organizado pelo Comitê de Sangue Pró-Israel. *Aonde Vamos?*, n. 263, Rio de Janeiro, 27 Maio de 1948, e Dê sangue para Israel. *Aonde Vamos?*, n. 264, Rio de Janeiro, 3 Junho de 1948.

<sup>251</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 239, Rio de Janeiro, 11 Dezembro de 1947.

<sup>252</sup> Ibidem.

<sup>253</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 242, Rio de Janeiro, 1º Janeiro de 1948.

Por fim, a mensagem encerrava com a seguinte frase: *saibamos ser dignos do momento extraordinário na história de Israel. Saibamos aproveitar a oportunidade, que a história universal nos oferece no sentido de reerguer o nosso povo martirizado no solo pátrio antigo-novo. Contribuamos dignamente para o Keren Tel Hai, o fundo da auto-defesa ativa de Eretz Israel.*<sup>254</sup>

Nesta edição, ainda encontrava-se publicado outro anúncio com os seguintes dizeres:

Jovem Judeu!  
A campanha Tel-Chai foi oficialmente declarada como **Campanha pró-Irgun**.  
As atividades do Irgun quebram a disciplina do Ishuv.  
Todo aquele que contribuir para a Campanha Tel Chai está contribuindo para fomentar a desordem em Eretz Israel.  
O Exército Nacional Judaico, reconhecido por todo Ishuv de Eretz, é a **HAGANÁ**,  
portanto,  
**Armas só para a HAGANÁ**<sup>255</sup>

Na mesma revista do dia 1º de janeiro, uma pequena notícia apontava para a aproximação de relações entre a Haganá e o Irgun. A mesma referia que ambos os grupos firmaram um acordo, no qual as forças extremistas do Irgun ficariam sob o comando da Haganá, e ainda informava que: *a unidade entre Haganá e Irgun foi conseguida depois de um ano de longas negociações, várias vezes interrompidas, porém finalmente conseguida sob a pressão dos ataques árabes.*<sup>256</sup>

Indiferentes a isso, e envolvidos com a política sionista no país, outro anúncio, de 8 de janeiro, mencionava: *Por determinação telegráfica da Agencia Judaica foi proclamada a campanha financeira de emergência em prol da Haganá. [...]. No Brasil, e particularmente no Rio de Janeiro, essa campanha deve encontrar em cada judeu um colaborador entusiasta e generoso, contribuindo no limite máximo de suas possibilidades.*<sup>257</sup>

Em 15 de janeiro, a Organização Sionista Unificada do Brasil, publicava outros dois anúncios: um lembrando que a *Campanha de Emergência Pró-Haganá* já havia sido proclamada e que, por isso, todas as demais campanhas sionistas estavam paralisadas, bem como todas que se relacionavam com Eretz Israel; o outro, dirigido a *Todos os Sionistas e a Toda Coletividade Israelita*, mencionava que:

---

<sup>254</sup> Ibidem.

<sup>255</sup> Ibid.

<sup>256</sup> Ibid.

<sup>257</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 243, Rio de Janeiro, 8 Janeiro de 1948.

Em virtude da heróica luta defensiva que o Ishuv de Eretz Israel é obrigado a manter na defesa do Estado Judeu e de acordo com a solicitação da Agência Judaica (Executivo Sionista mundial) de se promover nas coletividades israelitas do mundo inteiro uma

**CAMPANHA DE EMERGÊNCIA EM PROL DA HAGANÁ**

que é a única entidade das forças disciplinadas de defesa reconhecida dentro e fora de Eretz Israel, resolvemos:

- 1) Conclamar todos os judeus do Brasil a participar ativa, material e moralmente na Campanha de Emergência em prol da Haganá, proclamada em todo o Brasil, até o dia 29 de fevereiro;
- 2) Paralisar todas as campanhas sionistas e quaisquer outras coletas em prol de Eretz Israel que estejam atualmente em andamento;
- 3) Convidar todas as demais organizações israelitas do Brasil, a que dêem o seu apoio a Campanha da Haganá, suspendendo quaisquer outras campanhas eventuais durante o período da Campanha da Haganá;
- 4) Pedir a todos os periódico israelitas do Brasil que prestigiem a Campanha da Haganá.

Ass. Jacob Schneider, presidente

Dr. S. Malamud, secretário.

Ao final do extenso anúncio, ainda constava um *Esclarecimento Urgente da Organização Sionista Unificada do Brasil Sobre a Campanha dos Revisionistas em Prol do Irgun*. O mesmo, referindo-se a um telegrama que a OSU/BR recebera da Agência Judaica, mencionava o seguinte:

O Partido Revisionista proclamou no Brasil, uma campanha em prol do IRGUN, que não está subordinado ao controle sionista e é combatido pela Agência Judaica [...].

Dirigimo-nos ao Partido Revisionista para que suspendesse a sua campanha, e que não prejudicasse a Grande Campanha que foi proclamada no Brasil em prol da Haganá, de acordo com a solicitação da Agência Judaica.

Infelizmente, não recebemos resposta do Partido Revisionista, a quem mandamos uma cópia do telegrama aludido.

É, pois, de nosso dever sionista dirigir-nos à Coletividade Judaica do Brasil com o nosso apelo sincero de encarar a Campanha do Irgun, com contrária aos interesses do Estado Judeu e de dar o seu apoio única e exclusivamente à CAMPANHA DE EMERGÊNCIA DA HAGANÁ que é a única organização de Defesa reconhecida do estado Judeu em Eretz Israel.<sup>258</sup>

Igualmente, na edição de *Aonde Vamos?*, de 15 de Janeiro encontra-se uma nota do *Comitê Tel Hai*, dirigida aos israelitas brasileiros, citando que os revisionistas tinham desencadeado sua campanha antes da promovida pela Unificada, e, conseqüentemente, não puderam prever essa coincidência das campanhas no Brasil, e que o Partido Revisionista, sempre fora fiel as resoluções do Congresso Sionista Mundial, respeitando todos os fundos nacionais não sendo contrário a nenhum deles. Referia igualmente:

...A Agência judaica jamais fará suspender qualquer campanha sionista, em andamento, em nome de uma outra repentinamente surgida. A tolerância sionista interpartidária nunca recorre a medidas tão drásticas, e não fosse a má vontade da UNIFICADA, que pretende ser representante de todos os sionistas do Brasil e não passa, de fato, de uma empresa de Jacob

<sup>258</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 244, Rio de Janeiro, 15 Janeiro de 1948.



Schneider, Dr. Malamud & Comp., não teria resultado um apelo de emergência pró-Haganá, que não tem lugar ainda em nenhuma parte fora do Brasil.<sup>259</sup>

Em sua nota, os revisionistas ainda relatavam que se outros tinham o direito de fazer suas campanhas - como os *Sionistas Gerais*, a *Histadrut* e a *Haganá* - eles também o tinham, e que haviam sido ameaçados pela Unificada, a qual dera o prazo de 48 horas para que encerrassem sua campanha. Referiam, por fim que: *Está claro para todos os correligionários brasileiros que se trata de malícia partidária mesquinha, coma intenção inconfessável de tomar conta da nossa comunidade, o que nenhum de nós permitirá.*<sup>260</sup>

Desse modo, ambos os grupos seguiram com suas campanhas, destacando que desejavam a união de todos os judeus e evidenciando suas diferenças político-partidárias.

Em fevereiro, a capa de *Aonde Vamos?* estampava a seguinte Manchete: *Apelo da Haganá ao Ishuv do Brasil*. No interior da revista, o texto publicado sob o mesmo título, informava, dentre outras palavras o seguinte:

A luta tornou-se a mais renhida. Os ataques árabes sucedem-se em ondas. [...] A administração britânica de Bevin demonstra uma indiferença criminoso. Amplos preparativos estão sendo feitos nos países árabes vizinhos e Eretz-Israel está esperando perigosíssimos ataques [...].

O ichuv de Eretz-Israel foi posto – contra a sua vontade – em estado de guerra. [...] O público judeu deve ser preparado para dias penosos e pesadíssimos. A situação atual, em sua gravidade é de molde a conclamar todos os judeus, sem exceção, à defesa de Eretz-Israel

[...] Os soldados da Haganá sacrificam as suas vidas jovens para a segurança e a honra do nosso povo em toda sua extensão.

Que fazemos nós, judeus do Brasil, em prol desta tarefa heróica?

Milhares e milhares de judeus no Rio de Janeiro e de todo Brasil não poderão ser visitados, para recebimento de sua contribuição em favor daqueles que lutam e morrem pelo futuro de Eretz-Israel e de todo o povo judeu.

Apelamos para todos e insistimos ao mesmo tempo: Cumpram o seu sagrado dever! Preencham o cupom anexo, escrevam os algarismos de sua contribuição máxima para os heróicos soldados do Estado Judeu, e mandem-no para o seguinte endereço: Club Chaim Weizman, Avenida Venezuela, 27 – Sala 711, Rio de Janeiro, Telefone 43-8218.

Lembrem-se e chamem a atenção dos seus amigos (mesmo não-judeus) para esta campanha que não tem igual, por isto devem as contribuições evidenciar máximos esforços, verdadeiros sacrifícios de cada um e de todos os judeus.<sup>261</sup>

Em meio a esse clima de tensão e expectativa, em 30 de janeiro deste ano, um visitante do Rio de Janeiro, prof. Fridman visita o Rio Grande do Sul, a fim de organizar uma campanha de arrecadação pró-exército nacional israelita. Poucos dias depois, a OSU/RS recebe a Delegada

<sup>259</sup> Ibid.

<sup>260</sup> Ibid.

<sup>261</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 250, Rio de Janeiro, 26 Fevereiro de 1948.

da Haganá, Sra Ruth Kluguer, que dias após proclama a Campanha de Emergência pró-defesa do *Ishuv*, num gigantesco meeting realizado no Cine Teatro Baltimore, do qual participaram representantes de quase todos os *ishuvim* do interior do Estado.<sup>262</sup>

Em 4 de março, *Aonde Vamos?*, publica uma notícia sob o título: *Luta entre os Grupos Combatentes*, a qual informava: *Em Tel Aviv, 16 pessoas tiveram de ser hospitalizadas em consequência da luta travada em plena rua, durante a noite, entre membros da Irgun Zvai Leumi, organização clandestina, e membros da Haganá, milícia de defesa judia. A luta foi travada quando as forças da Haganá desbarataram a tentativa da Irgun de fazer um apelo radiofônico a fim de arrecadar dinheiro para a compra de armas.*<sup>263</sup>

A pequena nota, revela o clima de tensão, concorrência e divergência política, que precedeu a fundação de Israel. Tais aspectos refletiam-se e se configuravam de diferentes modos nas comunidades judaicas do Brasil e do Rio Grande do Sul, bem como nas diversas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo.

Em 11 de Março, *Aonde Vamos?* apresentava outra manchete, pertinente à situação, intitulada: *Realizada a fusão da Haganá com o Irgun e o Stern*. A notícia informava que:

A fusão da Haganá, do Irgun Zvai Leumi e do Grupo Stern foi anunciada nesta cidade [Jerusalém] às últimas horas da noite de ontem [7 de março]. Afirma-se que a fusão foi conseguida por intermédio da Agência Judaica. A política militar será fixada pelo Alto Comando, no qual serão representados os altos chefes das três organizações. Calcula-se que a fusão colocará a disposição da comunidade judia uma força de choque unificada composta aproximadamente de 40.000 homens.<sup>264</sup>

Assim, às vésperas de se concretizar o sonho sionista, professado por Herzl há mais de cinquenta anos, a situação se caracterizava, por um lado pela grande movimentação e euforia em torno da construção do Estado judeu e, por outro, pela tensão e expectativa em função de um conflito iminente. Igualmente neste momento, são evidenciados claramente conflitos de ordem política e partidária, no interior do grupo judaico, e deste com *os outros* - ingleses e árabes. E mesmo divergindo entre si, agora os divergentes grupos sionistas se uniam para combater seus vizinhos, isto é, *os de fora* do grupo.

---

<sup>262</sup> Cf. **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 11. (AJH)

<sup>263</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 251, Rio de Janeiro, 4 Março de 1948.

<sup>264</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 252, Rio de Janeiro, 11 Março de 1948.

Apresentei neste capítulo a amplitude do movimento que permeou diferentes setores judaicos e não-judaicos da sociedade sul-rio-grandense, envolvendo de modo ativo e intenso, e de diferentes formas, vários personagens. Igualmente mostrei que os emissários sionistas, como líderes políticos, estiveram, de uma forma ou de outra, presentes na maioria das atividades, exercendo seu *poder simbólico* ao executarem seus projetos com o intuito de uniformizar, de acordo com suas propostas e concepções políticas, a causa sionista em todo o país, inserindo neste movimento o estado gaúcho.

Por fim, cabe enfatizar que a fundação de Israel, promoveria dentro do sionismo a coligação entre correntes de diferentes colorações político-partidárias. A união propalada, mas não efetivada anteriormente pela maioria dos grupos tornar-se-ia uma realidade, não tanto por afinidade, mas sim devido a interesses comuns, qual seja a manutenção do Estado judaico. Tal aproximação de distintas organizações e correntes políticas não ocorreu apenas na Palestina, visto que no RS, os grupos em disputa pela condição de porta-voz do movimento e da comunidade, também se uniram, trabalhando e cooperando juntos em função de um conflito que a primeira vista envolveu *todos os judeus*.

Judeus da esquerda sionista e seus concorrentes da direita - bem como seus respectivos partidos, entidades e organizações – uniram-se para combater um inimigo comum: os árabes. Se, antes, os diferentes grupos sionistas, seguiam diferentes caminhos e estratégias para atingir o mesmo objetivo, a partir da criação de Israel e da *Guerra de Independência*, as estratégias e os caminhos se aproximaram. De certa forma, reembaralharam-se as cartas do jogo político sionista. Assunto que abordo a seguir.

### 3. A IDENTIDADE INCORPORADA: O CONFLITO ÁRABE-ISRAELITA EM PORTO ALEGRE

O Estado judeu imaginado se materializara, seguindo *o modelo histórico europeu, fundado sobre laços de sangue, ou étnico-culturais*,<sup>265</sup> e conforme a mitologia fundadora dos Estados nacionais, a *comunidade politicamente imaginada* necessitava lutar para defender seu território das forças estrangeiras que ameaçavam sua existência.<sup>266</sup>

A união de diferentes grupos sionistas se deu em função de uma questão que, segundo estes, envolvia todos os judeus. Essa visão era reforçada, pois sendo desconsideradas as diferenças existentes internamente no judaísmo, em um processo de homogeneização, eles eram percebidos por muitos não-judeus como culturalmente iguais, inclusive no que tange em seus propósitos e objetivos políticos. Assim, os sionistas, momentaneamente, deixaram de lado suas divergências e diferenças internas para combater um inimigo em comum.

Seguindo essa perspectiva, abordo neste capítulo o conflito *árabe-israelita* ocorrido em Porto Alegre nos meses de maio e junho de 1948, em decorrência da chamada *Guerra de Independência*. A partir do confronto através de publicações em jornais,<sup>267</sup> de dois grupos de imigrantes e seus descendentes, polarizados através de critérios étnicos e nacionais - e da interação desses em um mesmo contexto, analiso o que estava em jogo nessa disputa, os objetivos visados ao acionar suas respectivas identidades nacionais e como se apresentaram e foram percebidos publicamente pelos demais cidadãos - os de fora dos respectivos grupos - que se

---

<sup>265</sup> Cf. GEIGER, Pedro P. Brasil e Israel na globalidade: um ensaio. In: SANTOS, Norma Breda dos. (Org.). **Brasil e Israel: Diplomacia e Sociedades**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/UnB, 2000.p. 189-216. Geiger ainda cita que um vínculo formal foi estabelecido entre Israel e a judeidade: a lei do retorno, votada pela Knesset, em julho de 1950. Influenciada pela história de perseguições anti-semitas, a lei assegura, a qualquer judeu, o direito de entrada livre no país e a naturalização. p. 194.

<sup>266</sup> A chamada Guerra de Independência (1948-1949) opôs o Estado judeu aos exércitos de cinco países árabes - Egito, Síria, Líbano, Iraque e Transjordânia (atual Jordânia) - e ao Exército de Libertação Árabe, formado por árabes da própria Palestina. Sua causa imediata esteve ligada à não aceitação por parte dos árabes do plano de partilha da Palestina proposto pela ONU e aprovado por grande parte da comunidade internacional reunida na Assembléia Geral das Nações Unidas (OLIC, 1991. p. 59.).

<sup>267</sup> A fim de ilustrar o trabalho tornando mais visíveis as publicações, no Apêndice 2 ao final desta dissertação apresento um gráfico com os artigos localizados nos jornais.

envolveram na questão, seja por meio de suas opiniões, avaliações ou até tomando partido de um lado ou de outro.

Os *outros* no caso analisado, são em termos étnicos os árabes e, em termos nacionais, os sírios e os libaneses. Há ainda um terceiro grupo envolvido, que se apresenta como os *genuinamente nacionais* [brasileiros].

Para elaboração deste capítulo, o caminho seguido foi o de analisar, comparar e confrontar entre si as fontes pesquisadas. Utilizei em sua grande maioria fontes jornalísticas, por uma simples razão, foi através dos e nos jornais que se desenvolveu o conflito aqui abordado.<sup>268</sup> Consultei quatro jornais que circulavam diariamente na capital gaúcha no ano de 1948, dois já vistos, de grande tiragem e circulação: o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, outro de menor expressão se comparado aos dois primeiros, o *Jornal do Dia*, e, por fim, a *Folha da Tarde*, também do grupo Caldas Júnior (editor do *Correio do Povo*), e considerado de médio porte em relação aos demais.

Ao consultá-los, a idéia inicial era verificar como os *judeus-gaúchos*, incorporando a nacionalidade israelense, se apresentavam publicamente e como desejavam ser vistos. Pretendia assim, encontrar indícios que tornassem visíveis a presença e as diferentes estratégias utilizadas pelos emissários da OSM. Porém, os jornais superaram as expectativas iniciais visto que, neste espaço privilegiado de manifestação e circulação das idéias, encontrei uma querela, ou melhor, uma *luta simbólica* entre dois grupos, que interagindo em um mesmo contexto, manusearam e acionaram símbolos e representações, jogando *o jogo das identidades*.<sup>269</sup>

Surgiam daí, novas perguntas: quais os objetivos desses imigrantes e seus descendentes ao defenderem suas causas, o que estava em jogo nessa disputa e o que tinham a ganhar ou a perder?

No caso dos judeus, afirmar que eles se envolveram de *corpo e alma* na defesa de Israel, significa reconhecer o sucesso do projeto sionista, capitaneado pelos emissários. Porém, isso não significa que a construção desse projeto ocorrera de forma tranqüila, sem conflitos dentro e fora do grupo, ou que os *judeus-gaúchos* agiram de modo passivo, muito pelo contrário.

---

<sup>268</sup> Sobre metodologia referente à utilização de jornais como fontes de pesquisa em história, sugiro ver os seguintes textos: ELMIR, Cláudio Pereira. *As armadilhas de um jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica* apud: **Cadernos PPG de História da UFRGS**. n. 13, Dezembro de 1995. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS; SILVA, Telma Domingues da. *Referências de leitura para o leitor brasileiro na imprensa escrita* apud: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas/SP: Pontes, 1998, e LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos, e por meio dos periódicos* apud: PINSKY, Carla Bassanezi.(Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. Ressalto ainda, que utilizei os jornais tanto como fonte, quanto objeto de pesquisa.

<sup>269</sup> Segundo o sentido empregado por Stuart Hall na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2002). p. 18-21.

Ao analisar os jornais, comparando-os com outras fontes, foi possível constatar que apesar das disputas internas na arena de formação do Estado israelense, entre os grupos sionistas que discordavam na forma, nos métodos e nas estratégias utilizadas para se alcançar tal objetivo, a *família* israelita sul-rio-grandense uniu seus caminhos em torno de alguns projetos em comum, e um desses foi a frente que formaram no conflito com seus *vizinhos*. Cabe ainda dizer que ambos os grupos - judeus e árabes -, respectivamente favoráveis e contrários ao Estado judeu, tinham em comum um mesmo objetivo, a ser analisado ao longo do capítulo.

### 3. 1. A criação de Israel: comemoração e repercussão na imprensa porto-alegrense

Em meados de junho um caso de polícia ocorrido no Rio Grande do Sul ganhava as páginas de importantes jornais do centro do país. Os mesmos citavam uma discussão travada na capital gaúcha entre *árabes e judeus* a respeito da criação de Israel e da Guerra de Independência.

A revista *Aonde Vamos?*,<sup>270</sup> de 24 de junho de 1948, mencionando dois periódicos - *O Jornal* e *A Noite* de 19 de junho -, relata que ambos noticiaram em suas páginas uma reunião realizada no *Círculo Policial Porto-Alegrense*.<sup>271</sup> Informa a revista que *a polícia conseguiu harmonizar as coletividades judia e árabe de Porto Alegre, agitadas em razão dos acontecimentos da Palestina*. Na reunião, que contou com a presença de líderes das respectivas comunidades, acompanhados de *uma pequena multidão de israelitas e maometanos, ficou deliberado suspender toda e qualquer publicação nos jornais em favor de uma ou outra das facções*.<sup>272</sup>

Citando *O Jornal*, refere ainda que na reunião *logo se verificou que, tanto de um lado como do outro o sentimento predominante era que, por motivo de raça, ou de religião não deveria haver ódios e muito menos lutas entre os que viviam no Brasil*. Ao encerrar o encontro, *o público aclamou os oradores que se mostravam mais conciliadores e civilizados, os líderes judeus e*

<sup>270</sup> Com o advento da Guerra de Independência, a revista criou uma seção intitulada *O reflexo dos acontecimentos na imprensa brasileira*, na qual acompanhava as notícias e a cobertura que os principais jornais, geralmente do centro do país, davam ao conflito. Na seção, via de regra, eram descritas e comentadas notícias de jornais cariocas e paulistanos. Em Porto Alegre, em 1948, muitos judeus acompanhavam o conflito através dos jornais locais e através da *Aonde Vamos?*, dentre outros, assinavam a revista os irmãos Nuch, proprietários do Bazar Maria, situado na Avenida Osvaldo Aranha [sic], n. 1390, em frente ao Hospital de Pronto Socorro da capital gaúcha. No entanto, consta na revista o endereço: Avenida Protásio Alves n. 24, talvez a residência de um deles. Estas edições encontram-se no ICJMC em Porto Alegre.

<sup>271</sup> O Círculo Policial Porto-Alegrense era uma espécie de associação ou clube dos policiais do Rio Grande do Sul.

<sup>272</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, n. 267, 24 Junho de 1948.

*árabes acabaram [...] abraçando-se fraternalmente.*<sup>273</sup> A revista, ainda menciona que *O Jornal* termina sua reportagem dizendo que *árabes e judeus poderiam viver em paz, não só no Brasil como por toda a parte, se não fossem os instigadores de ódios e acendedores de conflitos como o ex-Mufti, cujo doentio nacionalismo já o levava a colocar-se, durante a guerra, ao lado de Hitler.*<sup>274</sup>

Dito isso, vale uma breve digressão, mencionando que a Palestina nos últimos cinco meses do Mandato britânico encontrava-se imersa em conflitos envolvendo árabes, judeus e ingleses. Em meio a este cenário conturbado, em 12 de maio de 1948, o secretariado do governo inglês, através do serviço de informações, emitira um Comunicado Oficial, o de número 156, com o seguinte teor: *Legalmente o Mandato termina imediatamente após a meia-noite de 14 para 15 de maio. Conseqüentemente Sua Exa. o alto-comissário sairá de Jerusalém para Haifa a 14 de maio, e à meia-noite zarpará de Haifa no navio de Sua Majestade Euryalus.*<sup>275</sup> Alexandre Lissowsky, na obra *2000 anos Depois. O Renascimento de Israel* (1967), narra do seguinte modo a transição de governo do mandatário para a administração israelense:

Em Jerusalém, às 6:30 da manhã, a bandeira britânica era retirada do mastro no alto do King David Hotel (numa de cujas alas, funcionava a chefia do Secretariado do governo e o quartel-general das forças do exército britânico). Às 8 horas o general Sir Alan Gordon Cunningham, sétimo e último alto-comissário para a Palestina, de uniforme e com todas as suas insígnias e fitas de condecoração, saiu da residência oficial, a Government House (no monte Sion), passou em revista uma guarda de honra formada por cinquenta soldados, entrou em seu carro à prova de balas e rumou para Kallandia, um aeródromo ao norte de Jerusalém. [Simultaneamente] eram retiradas de Jerusalém as últimas tropas britânicas que ali permaneciam, bem como mais de seis mil funcionários civis britânicos. Dez minutos depois a Haganá já se encontrava nos escritórios e postos de controle abandonados pelos ingleses. Por volta da meia-noite, em ISRAEL. Uma flotilha da Marinha de Guerra Britânica – da qual fazem parte o *Ocean* e o *Euryalus* – começa as 23:30 a sair da baía de Haifa. [...] Precisamente à meia-noite (pontualidade britânica até o fim) deixam as águas territoriais palestinas. Estava terminado o mandato sobre a Palestina.<sup>276</sup>

Em meio à movimentação inglesa, *em Tel Aviv, pouco antes do meio-dia, ficou pronto o texto revisto [...] da Declaração de Independência. Nas primeiras horas da tarde as polícias civil*

<sup>273</sup> Ibidem.

<sup>274</sup> Ibid.

<sup>275</sup> Ver LISSOWSKY, Alexandre. **2000 Anos Depois. O Renascimento de Israel**. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1967. p. 468.

<sup>276</sup> Cf. LISSOWSKY, 1967. p. 475-476; 480. Ainda segundo Lissowsky, *ao mesmo tempo que saía o alto-comissário, eram retiradas de Jerusalém as últimas tropas britânicas que ali permaneciam, bem como mais de 6000 mil funcionários civis britânicos. Dez minutos depois a Haganá já se encontrava nos escritórios e postos de controle abandonados pelos ingleses. E dentro de poucas horas, dominada a resistência árabe em vários pontos, já tinha a Haganá sob controle toda a Cidade Nova. Também participaram dessas operações unidades do Irgun e do grupo Stern* (476).

e militar isolaram o trecho do Rothschild Boulevard em que se encontrava o Museu de Arte.<sup>277</sup>

Às 16 horas, Ben Gurion abriu a sessão lendo o *Pergaminho de Estabelecimento do Estado* e uma proclamação do Conselho Provisório do Estado revogando o Livro Branco de 1939, as restrições relativas à imigração e a compra de terras.

A proclamação foi aprovada, sendo a Declaração de Independência assinada pelos presentes, ao final, a Orquestra Filarmônica executou a *Hatikva*, acabado de soar o último acorde do hino, Ben Gurion declarou: *O Estado de Israel está estabelecido! Está encerrada a sessão! Toda a cerimônia durara pouco mais de meia hora. Um ambiente de festa e alegria dominava a cidade, muitos dançando na rua, porém nos muros cartazes da Haganá lembravam a ameaça de invasão árabe.*<sup>278</sup>

Ao recordar como o acontecimento foi recebido em Porto Alegre, um depoente refere que *...houve [festa] sim. Não vou dizer que pessoas dançaram nas ruas, mas que houve muitos meetings no Círculo [Social Israelita], de apoio, em regozijo pela independência de Israel.*<sup>279</sup>

A revista *Aonde Vamos?*, cobriu as comemorações acerca da Fundação de Israel em algumas cidades brasileiras. As reportagens encontram-se na edição de 20 de maio de 1948, dentre as quais é citado que *a declaração de independência do Estado judeu, a República de Israel, trouxe júbilo, alegria e comoção ao ishuv judaico de Porto Alegre. Embora a novel república não seja nos limites em que todos almejavam, foi, apesar, disto muito comemorada.*<sup>280</sup>

<sup>277</sup> Ibidem, p. 477.

<sup>278</sup> Ibid. p. 478-479. No convite para a Sessão de Declaração da Independência, datado de 13 de maio de 1948 e assinado pelo Secretariado da administração Nacional, constava que a mesma seria realizada: *na sexta-feira 14 de maio de 1948, às 16 horas, no Salão do Museu de Tel Aviv (Boulevard Rothschild, 16). Pedimos manter em segredo o conteúdo deste convite e a hora da reunião do Conselho* (LISSOWSKY, 1967 p. 470).

<sup>279</sup> Cf. EIZIRIK, Moysés. Entrevista n. 290. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 14/03/1990.

<sup>280</sup> A reportagem intitulada: *Júbilo pela proclamação do Estado de Israel*, ao abordar o RS ainda refere: Do nosso correspondente em Porto Alegre recebemos um relato dos festejos naquela capital e que tiveram o mesmo cunho dos realizados em outras localidades. Escreveu-nos Marcos Nestrowski:

[...] A antecipação do momento da declaração colheu de surpresa a muitos, que a julgavam para sábado, e por isto, na noite de sexta-feira a alegria manifestou-se mais nos grupos de jovens que festivamente se reuniam nas ruas. A única associação que logrou fazer uma realização foi na sede do Betar, que juntou seus associados e simpatizantes que cantando canções características e dançando “hoiras”, festejaram a obtenção de uma parte de Eretz Israel reivindicada. Sábado foi declarado, pelo senhor rabino, feriado judaico.

Domingo pela manhã, foi oficiada na Sinagoga do Centro Israelita, uma oração em ação de graças e pedindo a benção sobre os novos dirigentes do Estado judaico.

Como parte do programa comemorativo, a Hora Israelita, dos revisionistas, estendeu-se das 13 às 14:30 horas. Foi um programa especial, com musicas e editoriais fazendo-se também ouvir a opinião do mundo gentio.

As 14:30 o Colégio Israelita apresentou um ato festivo com todos os seus alunos. Às 16 horas houve um chá cultural da WIZO. Às 20:30 horas, foi levado a efeito grandioso ato público no Círculo Social Israelita, com a colaboração de representantes de todos partidos e sociedades. Os oradores congratularam-se com a nova república e



No Brasil, e em especial no RS, conforme visto, era possível aos judeus e demais cidadãos, acompanhar diariamente através da imprensa os acontecimentos na Palestina. Jornais da capital gaúcha noticiavam amplamente os eventos que se sucediam na região, como a guerra árabe-israelita, a fundação do novo Estado e a confusão de ambos acontecimentos. Manchetes como: *A Entrega do Mandato será seguida da invasão pelos árabes e proclamação do Estado judaico; Um Sonho de 2000 anos Realizado. Surge novo Estado: Israel; Invadido o Estado judeu em três frentes e bombardeado pela aviação. Declarada a Guerra na Palestina*, ocupavam diariamente as capas dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*.<sup>281</sup>

Em meio a essas notícias, um anúncio publicado no *Diário de Notícias*, em 16 de maio, dirigido a *coletividade israelita de Porto Alegre*, convidava-a para uma série de festejos relacionados à fundação de Israel. Referia o convite: *Temos a grande satisfação de convidar todos israelitas para participarem das seguintes festividades a se realizarem hoje, em regozijo pelo restabelecimento do Estado Judeu na Palestina*. Neste, ainda constava que a programação teria início pela manhã com um *Ofício Religioso*, ministrado pelo Rabino Dr. Ramon König, na *sinagoga da rua Henrique Dias*, à tarde, no Círculo Social Israelita, seria realizada uma festa infantil, sendo oferecido um chá *pelas senhoras da WIZO* e, por fim, *às 20 horas Sessão solene-religiosa*.<sup>282</sup>

Neste clima festivo, o *Diário de Notícias*, conforme referido no capítulo anterior realizou nos dias 19, 20 e 21 de maio uma enquete perguntando: *Deve ou não ser sustentado o Estado de Israel?*,<sup>283</sup> sendo a mesma justificada da seguinte maneira:

O mundo civilizado [grifo meu] está com os olhos postos no Oriente Próximo. A luta que se trava entre judeus e árabes transcende de seu aspecto racial ou local. Representa para a

---

saudando os bravos que, desde o início, lutaram e aqueles heróis que hoje a defendem, conclamaram todos a estar prontos para qualquer ajuda, total e sem distinção, que se faça mister dar ao nascente Estado judaico, obtido depois de 2000 anos de duras penas e de sofrimento, e que estejamos sempre alerta na defesa do que nos foi tão caro conseguir, contra o imperialismo e a rapinagem. Cf. **Aonde Vamos?**, Rio de Janeiro, n. 262, 20 de Maio de 1948.

<sup>281</sup> Manchetes publicadas na primeira página nos dias 14, 15 e 16 de maio respectivamente. Cf. *A Entrega do Mandato será seguida da invasão pelos árabes e proclamação do Estado judaico*. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 Maio de 1948; *Um Sonho de 2000 anos Realizado. Surge novo Estado: Israel*. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 15 Maio de 1948; *Invadido o Estado judeu em três frentes e bombardeado pela aviação. Declarada a guerra na Palestina*. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 16 Maio de 1948. Os outros jornais a que me refiro são a *Folha da Tarde* (pertencente ao Grupo Caldas Júnior) e o *Jornal do Dia*. Os quais serão aqui citados quando trouxerem alguma informação nova ou para reforçar quantitativamente uma publicação analisada, visto que, de modo geral suas notícias eram resumos dos jornais maiores aqui analisados.

<sup>282</sup> À Coletividade Israelita de Porto Alegre. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 16 Maio de 1948. Anúncio. p. 21.

<sup>283</sup> No último dia a pergunta foi “Deve ou não ser mantido o Estado de Israel”. Ver **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 21 de Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7.

humanidade – que ainda confia em seus líderes – a prova de fogo da Organização que criou pensando em restaurar a paz e a concórdia entre os homens: a ONU.

Eis porque a atenção universal está concentrada na Terra Santa, acompanhando emocionada o drama que ali se desenvolve. Sobre ele o DIÁRIO DE NOTÍCIAS procurou conhecer o ponto de vista de nossos intelectuais – escritores, livreiros, editores, jornalistas, professores, universitários -, objetivando, exclusivamente, trazer ao debate público o problema crucial do momento, sem que isso importe em endossar quaisquer das opiniões livremente emitidas e por nós recolhidas com puro espírito jornalístico.<sup>284</sup>

Conforme já visto, a pergunta foi feita a três grupos sociais – intelectuais, políticos e profissionais liberais. No capítulo anterior, apresentei a relação e as manifestações dos intelectuais que se manifestaram favoráveis ao movimento sionista. Analiso, agora, o ponto de vista dos políticos e profissionais liberais. Para tal, selecionei algumas frases e opiniões emitidas na enquete nos dias 20 e 21 de maio de 1948, com o objetivo de seguir mostrando algumas idéias e valores expressados, os quais contribuem para caracterizar tanto o tema, quanto o contexto estudado.

Igualmente ao grupo dos intelectuais, o bloco formado por políticos de diferentes partidos, também era composto por doze entrevistados: Mem de Sá (PL), Tarso Dutra (PSD), Wolfram Metzler (PRP), Alcides Flores Soares Júnior (UDN), Leonel Brizola (PTB), Emílio Kaminski (PRP), Francisco Brochado da Rocha (PSD), Américo Godoy Ilha (PSD), Antonio Maria Da Silva (PL), Victor Graeff (UDN), Serafim Machado (Advogado e Jornalista) e Unírio Carrera Machado (PTB).<sup>285</sup>

Por sua vez, entre os profissionais liberais questionados encontravam-se nove pessoas: Décio Martins Costa (médico), Nestor Pereira (economista), Beno Kaefer, Trajano Beheregaray (advogado), Ruy Brito (advogado), Edwino Frank (farmacêutico), Maximiliano Botari (Jornalista), Jacinto Rosa (deputado estadual do PSB) e J. De Assis Machado (advogado).<sup>286</sup>

No dia 20 de maio, referia o *Diário de Notícias: continua na ordem do dia o problema do novo Estado de Israel - deve ou não ser sustentado pelo mundo civilizado o ato da ONU, praticado em nome de todos os povos amantes da paz e da ordem democrática?*.<sup>287</sup>

<sup>284</sup> Cf. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, dias 19 de maio de 1948. Última página.

<sup>285</sup> Cf. Enquete: Deve ou Não Ser Sustentado o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 20 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 6. As legendas referem-se aos seguintes partidos: Partido Libertador (PL), Partido de Representação Popular (PRP), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN).

<sup>286</sup> Cf. Enquete: Deve ou Não Ser Mantido o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 21 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7. (Não consegui identificar a profissão de Beno Kaefer, pois a mesma não está legível no jornal consultado. Igualmente, cabe salientar que, conforme pode ser visto, entre os profissionais liberais encontra-se um político, o deputado estadual Jacinto Rosa).

<sup>287</sup> Cf. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 20 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 6.

Entre os políticos, Mem de Sá, líder da bancada do PL na Assembléia Legislativa, mencionou que *o reconhecimento do Estado de Israel, bem como sua integral realização, já agora é apenas um imperativo de justiça e um mandamento da civilização*. Alcides Flores Soares Júnior da UDN também reconhecia o *Estado judaico na Palestina*, pois segundo ele, assim o mundo inteiro resgatava uma dívida, reparando uma injustiça *perpetrada contra o povo de Israel que lhe deu o velho e o novo testamento e contribuiu marcadamente para as conquistas da civilização por intermédio de seus estadistas [...], de seus sábios, como Einstein, de seus homens de ciência, como Weizmann e de seus notáveis artistas*. Igualmente, o jovem deputado estadual Leonel Brizola do PTB deu sua opinião: *Ouvi alguém dizer, não recordo onde, que a pátria de Israel, era uma questão de herança. Uma demanda secular, em que o povo israelita nosso contemporâneo, é o herdeiro legítimo da maior parcela do espólio. Penso também que essa causa milenar pode ser colocada nesses termos. Sendo assim, por que não legalizar a partilha?*. O último entrevistado, Serafim Machado, advogado e jornalista, analisou a situação pelo viés do *progresso da humanidade*, referindo:

Em nossos dias, parece um pouco antiquado o preconceito racial e religioso que tem servido de pretexto para separar os judeus dos demais indivíduos. Mas, é fora de dúvida que em algum lugar eles terão de viver. E já que o órgão supremo das Nações Unidas, na sua excelsa soberania, incentivou o aparecimento do novo Estado, como solução do problema, não há como negar legitimidade a esse ato. Além disso, no mundo em que se prepara para a próxima expedição à Lua e ao planeta Marte, não deixa de ser um contra-senso que os homens realizem essa viagem, a fim de bisbilhotarem como vivem nossos vizinhos marcianos e “lunáticos”, antes de resolverem os desentendimentos entre as pessoas desse planeta... Afinal de contas o judeu é uma criatura como qualquer outra, com um cérebro que pensa, uma alma que sofre e um coração que ama e odeia. Por que, então, se lhes há de negar o direito a um lugarzinho ao sol? Não bastam vinte séculos de atrito, sabido que a violência não é meio indicado para apaziguar os indivíduos? É uma lástima que os dirigentes da humanidade, até agora, não tenham encontrado uma fórmula que os reconcilie, não obstante preguem, nas conferências e nas notas diplomáticas, a ordem, a paz e a fraternidade universal.<sup>288</sup>

Dentre os políticos, a opinião de Antonio Maria da Silva (membro do mesmo partido de Mem de Sá, o PL), chama a atenção, pois o mesmo referiu: *conquanto possua motivos bastante para orgulhar-me do nobre sangue árabe que corre nas veias dos meus filhos, entendo que o reconhecimento do Estado de Israel constitui um imperativo de justiça universal*.<sup>289</sup>

Por sua vez, dois políticos Wolfram Metzler e de Emílio Kaminski ambos do PRP, são favoráveis ao reconhecimento parcial de Israel, pois reconheciam o direito dos judeus de ter seu

---

<sup>288</sup> Ibidem.

<sup>289</sup> Ibid.

Estado nacional, no entanto, questionavam a localização geográfica deste e os termos de seu estabelecimento.<sup>290</sup>

Metzler achava *mais do que justo que os judeus [tivessem] sua pátria*, porém, tinha entretanto dúvidas *se foi acertado localizar este lar judaico na Palestina, terra que tem dono*. Na sua opinião *deveria ter sido possível fundar um Estado judaico em termos pacíficos e não belicosos, como está acontecendo atualmente*. Emílio Kaminski compartilhava de semelhante idéia, para ele *os israelitas devem ter a sua pátria. Entretanto, tenho para mim que a criação do Estado de Israel, nos termos em que está posta a questão, veio a trazer mais um problema a ser resolvido neste orbe tão conturbado*.<sup>291</sup>

Em relação ao envolvimento dos políticos com o movimento, cabe destacar que no dia anterior à enquete com este grupo, o deputado estadual Odílio Martins do Araújo do PTB havia feito um pronunciamento na tribuna da Assembléia Legislativa do RS. Seu discurso, favorável ao *reconhecimento do Estado de Israel pelo governo do Brasil*, fora interrompido por constantes apartes, dos deputados Mem de Sá e Flores Soares, também favoráveis à causa israelita. O discurso e os apartes, reproduzidos aqui, foram publicados no *Diário de Notícias*, em 20 de maio de 1948:

O Sr. Odílio Martins de Araújo - Sr. Presidente, Srs. Deputados.

Venho desta tribuna, Sr. Presidente, fazer um apelo veemente ao exmo Sr. General Eurico Gaspar Dutra, digno e honrado Presidente da República, para que sua Excia. reconheça imediatamente o novo Estado de Israel, secundando assim os Estados Unidos da América do Norte que foi o primeiro a reconhecer o Estado judaico.

Não pode o nosso Brasil ficar indiferente nesse momento em que o mundo inteiro está voltado para os graves acontecimentos da Terra Santa. Depois de milhares de anos, surgiu uma nova pátria, o Estado de Israel, legalmente constituído e, portanto, mais uma nação para trabalhar pelo progresso, pela cultura de seu povo e pela paz universal para o bem da humanidade.

O Sr. Mem de Sá – V. Excia. permite um aparte?

Sr. Odílio Martins de Araújo – Com muito prazer.

O Sr. Mem de Sá – Eu desejo, desde logo, me associar em meu nome pessoal e de todo coração, às palavras de V. Excia.

Considero eu também assim. Até, casualmente, estou escrevendo para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, reconhecendo o Estado de Israel como um imperativo de justiça e um mandamento da civilização. Povo nenhum tem sofrido mais e tem curtido maior número de iniquidades através dos séculos. Povo nenhum tem dado tanto para a civilização quanto esta pobre gente, milenarmente perseguida.

O Sr. Odílio Martins de Araújo – Agradeço muito o aparte de V. Excia. (lê): os heróicos e destemidos filhos de Israel, jamais retrocederam. Lutaram sempre com bravura, sem temor e sem receios. Sofreram como ninguém. Derramaram sangue e lágrimas. Perderam vidas preciosas, enfim, horrores passaram que não poderão ser olvidados.

<sup>290</sup> Ibid.

<sup>291</sup> Ibid.

Sr. Presidente e nobres deputados, a Organização das Nações Unidas resolveu e aprovou a divisão da Palestina. Nada mais se deve opor, cabe tão somente respeitar um direito sagrado que lhe assiste, pois sempre os israelitas confiaram na justiça dos homens que falaram em nome da lei, do direito e dos princípios de humanidade.

O Sr. Flores Soares – V. Excia. permite um aparte?

O Sr. Odílio Martins de Araújo – Pois não.

O Sr. Flores Soares – Estou ouvindo com a maior atenção o discurso de V. Excia e me felicito pelas palavras que V. Excia pronuncia nesta casa, cujas vetustas paredes já ouviram as minhas palavras sobre este assunto, quando a Organização das Nações Unidas, presidida pelo grande cidadão do mundo que é Osvaldo Aranha, concedeu, com justiça, uma pátria aos judeus do mundo inteiro.

Os anais dessa casa já registraram a minha opinião e a do meu partido sobre essa matéria.

O Sr. Odílio Martins de Araújo – Osvaldo Aranha é um orgulho do nosso Brasil e orgulho também do nosso Rio Grande. Muito obrigado pelo aparte de V. Excia. (lê): Amparemos, pois, sr. Presidente, um povo culto e laborioso que há milhares de anos almeja a pátria livre e independente com sua bandeira e suas armas para ser respeitada na sua soberania de nação legalmente constituída, onde a paz e o trabalho prevaleça, onde um pedaço de terra da sagrada pátria tão desejada, em que possam viver e nela morrer abraçado ao seu solo, para orgulho de sua raça. (palmas prolongadas).<sup>292</sup>

No sentido de não estender demasiadamente o capítulo, convém referir que dentre os profissionais liberais entrevistados, na enquete do dia 21, seis foram favoráveis à manutenção de Israel. Entre estes, o advogado Trajano Beheregaray, que referiu: *esperamos que a ONU se decida a tornar fato o Estado hebreu juridicamente existente. Se, porém, ela se negar ao cumprimento de sua própria determinação estará pondo o 'cumpra-se' em sua sentença de morte [...].* Outros três emitiram suas opiniões, sem, no entanto, se posicionar de um ou outro lado, como no caso do farmacêutico Edwin Frank, ao dizer: *Ouvindo – como eu ouço por força de minha profissão – os argumentos árabes e israelitas, sinto-me um tanto perplexo e, verifico como é difícil opinar sobre um tema tão delicado e embaralhado por séculos. Uma coisa, porém, posso fazer: é desejar que os responsáveis pela direção do mundo encontrem uma fórmula de conciliação o que é sempre possível quando houver na realidade a vontade sincera e honesta de realizar um acordo.*<sup>293</sup>

A maioria dos entrevistados analisava a divisão da Palestina como sendo um ato juridicamente legítimo, pois fora aprovado democraticamente em fórum adequado - a ONU, a qual cabia fazer cumprir a decisão. Dessa forma, é possível afirmar, conforme as opiniões

<sup>292</sup> Assembléia Legislativa. Pronuncia-se o Plenário Pelo Reconhecimento do Estado de Israel pelo Governo do Brasil. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 20 Maio de 1948. Notícia. p. 4. O discurso encontra-se igualmente publicado nos **ANAIS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL**. Vol. XV (abril – maio de 1948). São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1951. p. 469-470. Localizado no AHRS, no catálogo da Assembléia Legislativa - AL 4.052.

<sup>293</sup> Cf. Enquete: Deve ou Não Ser Mantido o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 21 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7.

emitidas, que, segundo esse olhar, os judeus estavam lutando para defender o que era seu por direito e por *herança milenar*.

Por fim, na opinião da maioria dos entrevistados, o Estado de Israel defendia e promovia valores como liberdade e democracia, sendo visto como um enclave civilizatório dentro do mundo árabe, *confuso e inorganizado, metido ainda num feudalismo retardatário e opressivo que só tinha a lucrar com os padrões de alta civilização que os judeus repatriados assentariam no deserto*.<sup>294</sup>

Assim, a enquete do *Diário de Notícias*, fórum privilegiado para a difusão e manifestação de idéias, através da opinião de prestigiados e renomados indivíduos da sociedade gaúcha e também de meros desconhecidos, consagrava publicamente como legítimos o Estado de Israel e a causa sionista.

### 3. 2. “Nunca tão poucos lutaram contra tantos...”: Fagulhas da Guerra em Porto Alegre

Sigo aqui dando voz aos indivíduos que interagiram no contexto estudado. Após a enquete, o *Diário de Notícias* publicou em 22 de maio, uma extensa matéria assinada pelo jornalista Fúlvio da Silveira Bastos, o qual, no dia anterior, junto com o fotógrafo Lauro Porto,<sup>295</sup> visitara a *colônia judaica de Porto Alegre* e entrevistara alguns membros da coletividade israelita acerca da criação do Estado judeu. A reportagem, publicada com o título: *Nunca tão poucos lutaram contra tantos... Os israelitas de Porto Alegre confiam cegamente na vitória de Israel contra os árabes*, foi apresentada aos leitores do seguinte modo:

Através da *Enquête Deve ou não ser sustentado o Estado de Israel?* o DIÁRIO DE NOTÍCIAS ouviu as mais variadas opiniões a respeito daquilo que pode ser chamado de o *clímax* do drama do *povo eleito*. Com o intuito de mais amplamente debater esse momentoso assunto, realizamos uma visita relâmpago à colônia judaica de Porto Alegre, que a exemplo das demais coletividades judaicas radicadas em todas cidades do mundo, vive, nesta hora, momentos de intensa emoção, seguindo com o coração em suspenso, os pormenores da impressionante batalha travada entre judeus e árabes, em disputa na Terra Santa.

Mais uma vez, moveu-nos puro espírito jornalístico. O fato de auscultarmos a colônia israelita não pressupõe qualquer preferência ou simpatia especial de nossa parte. Nosso

<sup>294</sup> Conforme afirmação de Moysés Vellinho na enquete: Deve ou Não Ser Sustentado o Estado de Israel? **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 8.

<sup>295</sup> Dois dos melhores profissionais do *Diário de Notícias*. Cf. DE GRANDI, Celito. **Diário de Notícias: o romance de um jornal**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

objetivo é trazer ao debate público um assunto de evidente interesse para todas as coletividades. Recolher opiniões, ventilar o grande drama que se desenrola no Oriente Médio e apresentá-lo ao julgamento público com maior riqueza possível de pormenores.<sup>296</sup>

Nesta, foram entrevistadas pessoas conhecidas tanto dentro quanto fora da coletividade israelita porto-alegrense que, por um motivo ou outro, ocupavam lugares de prestígio e de destaque, como por exemplo, o senhor Leão Platcheck, classificado como *o chefe da circuncisão*, Jaime Seligman, irmão mais velho de Maurício Seligman e proprietário do *Bar Azul*, o Rabino Dr. Abraham Ramon König e o próprio Dr. Maurício Seligman, apresentado como líder comunitário e médico da Santa Casa de Porto Alegre (a reportagem não refere que o mesmo era Presidente da OSU/RS, talvez pelo fato dos representantes sionistas conceberem judaísmo e sionismo como sinônimos).

O primeiro a ser ouvido foi o rabino König, definido como *a pessoa mais acatada e respeitada pela colônia judaica de Porto Alegre, tendo aqui chegado há seis meses. Culto e viajado, sempre sonhou, como os demais, com o Estado de Israel*. Conforme narra a reportagem: *quando ontem batemos à sua porta, pensávamos que iríamos encontrar um ancião de longas e alvas barbas. Mas, apareceu-nos um jovem desempenado, que nos apertou efusivamente a mão e nos cativou, a primeira vista, com o seu magnífico sorriso e o seu clássico perfil*. O jornal também relata que o rabino, *de uma delicadeza agradável sem afetação. Calmo no falar, porém incisivo atacou o problema judaico diretamente e não poupou acerbas críticas aos ingleses. Palestrou francamente, sem hesitações, e não nos pediu reserva*. Sendo, em virtude de seu comportamento, classificado pelo jornal como *um perfeito democrata*.<sup>297</sup>

Na entrevista, König falou sobre a decisão da ONU, a atuação britânica (bastante criticada por ele), o amor dos judeus pela Terra Santa, o reconhecimento de Israel pelo Brasil e também abordou a questão da *Guerra de independência*. Encerrando a conversa, ainda afirmou: *os piores males, para o povo judeu, já passaram. Agora chegou o nosso grande dia. Passada a batalha, trataremos de formar um país mais culto e civilizado, ordeiro e trabalhador, sempre disposto a cooperar com os demais povos, a esses estendendo sempre, a mão de amigo*.<sup>298</sup>

---

<sup>296</sup> Cf. BASTOS, Fúlvio da Silveira. “Nunca tão poucos lutaram contra tantos...” Os Israelitas de Porto Alegre Confiam Cegamente na Vitória de Israel Contra os Árabes. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 22 Maio de 1948. Reportagem. Fotos de Lauro Porto. Última página e continuação na p. 6.

<sup>297</sup> Ibidem.

<sup>298</sup> Ibid.

Em seguida, Fúlvio Bastos e Lauro Porto dirigiram-se à rua Felipe Camarão número 640, onde residia o Sr. Leão Platcheck, *o chefe da circuncisão*, sendo o mesmo descrito como *elemento de proeminência entre os israelitas residentes nesta capital*, que apesar do frio os recebeu *em mangas (curtas) de camisa [...], com o gorro característico à cabeça [...]. Apaixonado pela causa israelita*, impressionava *pela sua exuberância física e espiritual*. Conforme relata o repórter: *Platcheck nos fez sentar sem mais cerimônias, pondo-se bem a nossa frente [...]. Olhos muito vivos e brilhantes nos quais notamos, inicialmente, uma parcela de desconfiança [...]. Pensávamos que não iria falar. Mas, como nos enganamos.*<sup>299</sup>

Em sua explanação, Platcheck asseverou que: *o atual Estado de Israel, que originou o engalfinhamento de árabes e judeus, consta no texto bíblico* (abaixo da foto, publicada no jornal, consta a seguinte legenda: *o entrevistado aparece cercado pelos seus filhos, vendo-se ao fundo, o jovem Idel Platcheck, de 18 anos, que está ansioso para ir se incorporar ao exército judaico na Palestina*).<sup>300</sup>

Segundo a reportagem, para o sr. Leão Platcheck *o presente conflito entre judeus e árabes vai demorar, por duas razões: o fanatismo das religiões e Jerusalém. Se os árabes, por hipótese, chegassem a conquistar Jerusalém, os cristãos juntar-se-iam aos judeus para libertar a cidade Santa. O chefe da circuncisão, de cujos olhos desapareceram por completo os sintomas de desconfiança* ainda referiu que: *os ismos, por suas vez, - nazismo, fascismo, comunismo, integralismo, etc. - não prestam para nada, o mundo precisa, isto sim, é de uma democracia liberal*, terminando a entrevista com a seguinte afirmação: *Posso afiançar que o mundo católico, se necessário for, por-se-á em pé para defender os judeus e libertar Jerusalém. Não está remota a possibilidade de termos uma Guerra Santa. Mas em 1951, o mundo vai se reunir no Monte das Oliveiras, para julgar os culpados!*<sup>301</sup>

Outro membro interpelado foi o Presidente da Unificada Maurício Seligman, que concedeu entrevista *em seu consultório, à rua Venâncio Aires, 964*. Na reportagem, Seligman disse que acompanhava *emocionado, o desenrolar do conflito na Terra Santa*. Sendo o mesmo apresentado

<sup>299</sup> Ibidem.

<sup>300</sup> Ibid.

<sup>301</sup> Ibid. Em relação ao sr. Leão Platcheck, um depoente narra o seguinte: ele era uma das figuras mais incríveis da nossa comunidade, sobre ele dá para escrever toda uma obra sobre a sua história, sobre a sua vida.... Alguns contavam que ele fazia o *bris* [circuncisão] com a unha do dedo mingo. Tal a sua destreza e a sua maestria na sua arte como... como *mohel* [religioso responsável pela circuncisão]. Em muitas outras entrevistas, do Acervo de História Oral do ICJMC, seu nome aparece, como sendo *uma pessoa folclórica* e bastante conhecida na comunidade judaica sul-rio-grandense. Ver AINHORN, Isaac. Entrevista n. 294. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 13/04/1990.



como *médico da Santa Casa e pessoa vastamente relacionada na sociedade local. Brasileiro, filho de israelitas que desfruta de largo prestígio na colônia judaica porto-alegrense, que nele tem um grande entusiasta pelas causas que dizem respeito ao problema do povo eleito.*<sup>302</sup>

O texto jornalístico, ao relatar que o porta-voz da comunidade israelita atendeu o repórter com *aprimorado cavalheirismo*, informou que: *...o Dr. Maurício Seligman, em reunião realizada na semana corrente, foi indicado para coordenar e dirigir, juntamente com outros companheiros, uma série de medidas destinadas a auxiliar os judeus que neste momento lutam em defesa dos seus ideais na Terra Santa.*

Em relação à guerra entre árabes e judeus, o médico mencionou:

Os judeus no presente conflito, estão se defendendo de uma agressão mais do que injusta. lutam por um direito não só histórico, como, ainda, por um direito reconhecido. Qualquer democrata está na obrigação de os auxiliar. São os judeus tradicionalmente pacíficos. Esta não é uma guerra de conquista [...]. Mas os judeus ganharão a tremenda batalha. Depois, então, poderão desfrutar a tranqüilidade de espírito que há tantos e tantos anos procuram, pois que há dois mil anos vivem cheios de apreensões. Na Alemanha, haviam assimilado o idioma desse país, contribuindo, ainda, com cientistas, técnicos e escritores para o progresso desse país. Vem o vendaval nazista e tudo derruba, ceifando brutalmente seis milhões de almas. Essa tem sido a sina do povo judeu. Mas agora ele há de encontrar a paz.<sup>303</sup>

E sobre a enquete promovida pelo *Diário de Notícias*, acerca dos acontecimentos na Palestina, o presidente da OSU/RS, referiu:

A colônia israelita de Porto Alegre recebeu comovida a brilhante iniciativa do valoroso DIÁRIO DE NOTÍCIAS. As opiniões formadas através das suas colunas trouxeram aos judeus, aqui residentes, conforto e esperança. Foi uma maneira muito humana e muito eficiente de dissecar não apenas um assunto que interessa determinada raça, mas, também, a todos que amam a paz. Parabéns ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS.<sup>304</sup>

O repórter entrevistara ainda o sr. Marcos Jacobovich, apresentado como: *comerciante na praça, tendo já militado no jornalismo, atualmente é correspondente em Porto Alegre de vários periódicos da Argentina, Uruguai, Polônia, França, etc... editados nesses países em idioma hebraico. Descrito como figura destacada no seio da colônia israelita porto-alegrense [que] ama seu povo e sua raça.*<sup>305</sup>

<sup>302</sup> Cf. BASTOS, Fúlvio da Silveira. “Nunca tão poucos lutaram contra tantos...” Os Israelitas de Porto Alegre Confiam Cegamente na Vitória de Israel Contra os Árabes. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 Maio de 1948. Reportagem. Última página e continuação na p. 6.

<sup>303</sup> Ibidem.

<sup>304</sup> Ibid.

<sup>305</sup> Ibid.

Na foto publicada no jornal, o sr. Marcos, segundo a legenda do mesmo, aparece cercado pelo seu genro sr. Abraão Kripka, sua filha, sra. Helena J. Kripka e seu filho Israel Jacobovich. *Todos se mostram entusiasmados com a causa judaica, e crentes de que o povo eleito, enfim, teve a sua pátria.* Cita a reportagem que Jacobovich, *conhecedor profundo dos vitais problemas judeus sempre é ouvido pela coletividade israelita local, quando a mesma está debatendo assuntos que lhe dizem respeito.* Conforme o sr. Marcos o povo judeu *desfrutará de uma era de tranquilidade após a atual refrega e Tel Aviv é uma demonstração eloqüente da capacidade progressista do povo hebraico, que a construiu no meio da areia.*<sup>306</sup>

Ainda menciona a reportagem que *na residência do sr. Marcos Jacobovich encontraram o sr. Abraão Kripka, genro daquele jornalista e pessoa de evidência na colméia judaica da capital gaúcha,* o qual disse as seguintes palavras: *As nações componentes da ONU, uma vez que apoiaram a partilha da Terra Santa, como solução mais justa para o problema judaico, por força moral também deveriam apoiar a execução dessa decisão, com todas as energias possíveis, e isso com a máxima urgência, evitando, assim, maior e inútil derramamento de sangue.* Por sua vez, o jovem Israel Jacobovich, *vice-presidente da juventude israelita, da sociedade Maurício Cardoso,* também falou, referindo que: *como brasileiro espero que o Brasil reconheça e auxilie a completa independência da pátria israelita.*

Conforme palavras do repórter Fúlvio Bastos, ao anoitecer:

...cruzamos a austera porta da sinagoga israelita. Em seu interior, dezenas de velas tremulavam melancolicamente e vozes em preces subiam aos céus em tom choroso. Estavam todos, conforme a tradição, de chapéu na cabeça. Oravam com fervor, pedindo que Jerusalém não caísse e que as armas árabes, como em tempos idos, também agora se partissem nas mãos do inimigo cruel. Lembramo-nos que na Cidade Santa também milhares de judeus deveriam estar rezando, enquanto fora dos muros o conquistador forçava passagem e aviões super-modernos roncavam entre as nuvens. Lembramo-nos desta cena e olhamos comovidos para aquele grupo de pessoas que, de joelho, pareciam até estar soluçando. Terminado o ato, na secretaria da sinagoga tivemos a oportunidade de ouvir o sr. Felix Wainer, que assim se expressou:

“Depois de dois mil anos de sofrimento, acho direito que o povo de Israel seja libertado dentro da terra de Israel, segundo a promessa bíblica. Acho, também, que a melhor maneira de se melhorar a situação, será respeitando todas as resoluções emanadas da ONU” (...).<sup>307</sup>

Outro judeu ouvido foi Jaime Maltz, apresentado como *doutorando de medicina e um dos líderes da mocidade israelita de Porto Alegre,* e da juventude do Partido Libertador, conforme veremos mais adiante, que também se encontrava orando na sinagoga e assim se pronunciou: **Nós**

---

<sup>306</sup> Ibid.

<sup>307</sup> Ibid.

*brasileiros, descendentes de israelitas, aqui radicados e que já cultuamos todas as tradições de justiça e de liberdade que aqui nos foram ensinadas [grifo meu], olhamos, nesta hora, para frente e pensamos o que será do mundo se qualquer potência, militarmente forte, tiver a liberdade de invadir, impunemente, um seu pacífico vizinho, e lhe impor idéias contrárias a estes ideais.* O jovem líder sionista, terminava sua manifestação mencionando: *para que haja o triunfo da justiça no mundo, deverá ser mantido o Estado de Israel.*

Na mesma matéria, o jornal informa que Wolf Marcovich serviu como guia na excursão, pois o *ativo representante comercial que é, nesta praça, conhece e mantém excelentes relações de amizade com a colônia judaica, á qual pertence.* Ao regressarem para a redação, o sr. Marcovich foi ouvido *no interior do automóvel.* Apesar de *cético,* porém, sendo *judeu de nascimento, não pôde ficar alheio ao drama de seu povo.* Enquanto tirava longas baforadas do seu cigarro, respondeu ao repórter que *infelizmente, não valeu a decisão da ONU, para que os judeus recuperassem sua terra em paz. Mas, não poupemos esforços para que o Estado de Israel seja eternamente nosso. Torná-lo-emos democrático e cooperaremos, depois para a paz mundial.*<sup>308</sup>

Porém, antes de retornar a redação e concluir a visita à *colméia judaica,* Fúlvio Bastos foi até o *Bar Azul,*<sup>309</sup> localizado na avenida Osvaldo Aranha. Neste, *a luz fluorescente deixava tudo com tons semi-azuis.* Segundo a reportagem, *o proprietário, sr. Jaime Seligman, por detrás do balcão, ia atendendo a freguesia, com a sua imperturbável calma. Quando entramos, um menino apontava para uns doces de formato curioso, perguntando o que era. Calmamente o sr. Seligman respondeu: são doces árabes, meu filho. E muito bons!*

Ao ser interpelado, o dono do bar *...esboçou um sorriso delicado, passou o pano no balcão, encostou-se na parede e fitou-nos com os seus olhos cinzentos e simpáticos. Achava que não deveria falar, pois existiam outros, graúdos, que poderiam dizer cousas interessantes.* Mesmo assim, o jornalista insistira para que o proprietário do *Bar Azul,* que vendia doces árabes falasse. Cedendo às insistências, Jaime Seligman mencionou: *A vitória da nossa causa depende da ONU. Não acredito que os judeus possam ganhar pela força, embora muitos patrícios não pensem assim. A diplomacia, apenas ela, poderá manter o Estado de Israel. Nada de violência. Somos*

---

<sup>308</sup> Ibid.

<sup>309</sup> Ibid.

*poucos, um punhado, contra milhões. E, filosoficamente* parodiando Churchill o ex-premier britânico, disse: *nunca tantos lutaram contra tão poucos!*.<sup>310</sup>

### 3.3. A Ofensiva Árabe

Talvez os festejos em Porto Alegre acerca da fundação de Israel e a repercussão que isso causara, na enquete do *Diário de Notícias*, na qual diferentes grupos sociais emitiram suas opiniões, bem como a manifestação de apoio na Assembléia Legislativa e, por fim, as opiniões expressadas por *judeus-porto-alegrenses*, tornadas públicas pela reportagem de Fúlvio Bastos, tenham parecido demasiadas para a *Colônia Sírio-Libanesa* de Porto Alegre. Pois, nas lutas simbólicas de divisão do mundo social, a disputa pelo poder através da imposição de categorias, às vezes ao favorecer alguns grupos, relacionalmente, pode prejudicar outros.<sup>311</sup>

Na relação nós/eles, os grupos se percebem como diferentes, e, existindo entre eles uma luta simbólica, na qual disputam os mesmos valores, dentro da lógica relacional do conflito, se um é *liberal*, o outro poderá ser taxado como contrário a essa tendência e, assim, por diante. Enfim, o fato de apresentarem-se e serem os judeus apresentados e vistos publicamente como *civilizados, democratas, pacíficos, etc...*, logo fez com que seus opositores se sentissem prejudicados. Dentre outros motivos, para não ficarem rotulados como *bárbaros, totalitários, intransigentes, etc.*, os *árabes-porto-alegrenses* resolveram igualmente manifestar-se, utilizando o mesmo espaço e a mesma forma como fizeram seus *adversários*.<sup>312</sup>

Assim, no mesmo jornal do dia 22, em que era publicada a reportagem de Fúlvio Bastos sobre sua visita à *colônia judaica de Porto Alegre*, - um anúncio desperta a atenção pelo fato de aparecer pela primeira vez; trata-se de um *convite às coletividades Síria e Libanesa* com o seguinte texto: *São convidados os sírios e libaneses e seus descendentes, bem como todos os filhos da raça árabe, para uma grande reunião, amanhã domingo, 23 do corrente, com início às 15 horas no salão da Sociedade Libanesa, á rua Dona Leopoldina 413, nesta capital, gentilmente cedido para este fim. Serão tratados assuntos de interesse direto da coletividade*.<sup>313</sup>

<sup>310</sup> Ibid.

<sup>311</sup> Sobre classificação, imposição e divisão do mundo social confira BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Poder Simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

<sup>312</sup> Ibidem.

<sup>313</sup> Cf. Convite às Coletividades Síria e Libanesa. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 Maio de 1948. p. 7. Cabe referir que convites dirigidos à coletividade israelita de Porto Alegre eram freqüentemente publicados nos jornais.

O convite não vinha assinado, e seu conteúdo torna-se claro com a publicação do artigo intitulado: *A Posição da Colônia Sírio-Libanesa de Porto Alegre em Face da Conflagração na Palestina*, publicado no *Diário de Notícias* em 25 de maio, que referia:

Conforme estava anunciado, realizou-se, domingo último, uma importante reunião, da qual participaram elementos da colônia Sírio-Libanesa aqui radicada, tendo sido amplamente o caso da Palestina e seus reflexos no Brasil e particularmente em Porto Alegre [sic]. Finda a reunião, que se prolongou pela tarde, ficou deliberada a organização de uma comissão diretiva, que tratará do assunto, devendo ela, conforme ficou assentado, falar em nome dos árabes ou seus descendentes, residentes nessa capital, quando assim for preciso. Tomou parte ativa nos trabalhos de domingo último, havendo sido designado para presidir, o Dr. A. Creidy, conhecido comerciante e industrial, figura de projeção na colônia Sírio-Libanesa porto-alegrense.<sup>314</sup>

Em entrevista à imprensa, o economista de origem libanesa, Abdalla Adalberto Creidy, representante dos árabes afirmava possuir muitos amigos entre os judeus residentes em Porto Alegre, apreciando-os, porém não concordava, com certos israelitas fanáticos, que querem tratar o caso da Palestina insultando com palavras de baixo calão os inimigos. Creidy ainda disse, entre outras cousas que:

Efetivamente os sírios e libaneses e todos os descendentes da raça árabe não estão satisfeitos com as ocorrências que ensangüentam a Palestina, visto que o assunto deixou de ser palestino para ser uma invasão dos judeus de todo o mundo contra o lar árabe. Não somente isso. Temos ainda a malfadada propaganda judaica a nos insultar, e a opinião de distintos brasileiros provando que não conhecem o assunto, ou somente o conhecem pelo lado judeu. Um bom juiz precisa ouvir as duas partes. Na falta de palestinos aqui, os descendentes de qualquer dos Estados árabes tem o dever de colaborar para essa informação para que o conceito de distintos nacionais possa ser explanado com justiça, e para que unidos estejamos, e atentos, para revidar os insultos que nos sejam assacados.<sup>315</sup>

Nos dois dias seguintes, 26 e 27 de maio, uma mesma e extensa nota oficial, era publicada no *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*, respectivamente, com dois títulos diferentes: *Ponto de Vista das Comunidades Árabes de Porto Alegre Sobre o Problema Criado com o Conflito na Palestina* e *A Coletividade Sírio-Libanesa de Porto Alegre e os sucessos da Palestina*. No

---

Estes imigrantes começaram a vir para o Brasil, em fins do século XIX. Em Porto Alegre, os sírios e libaneses fixaram-se, inicialmente, na antiga Rua Nova, hoje conhecida como Andrade Neves, espalhando-se pelo centro da cidade. Suas casas de comércio localizavam-se especialmente na Rua Voluntários da Pátria. Além desses núcleos, os primeiros imigrantes sírios e libaneses fixados em Porto Alegre elegeram outro espaço na cidade que também exerceu função centralizadora, trata-se do Bairro São João. Nesse bairro foi fundada a Sociedade Libanesa, em 1936. Cf. KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses. Aspectos da identidade árabe no sul do Brasil**. Santa Cruz: Edunise, 2000.

<sup>314</sup> A Posição da Colônia Sírio-Libanesa de Porto Alegre em Face da Conflagração na Palestina. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 25 Maio de 1948. Última página.

<sup>315</sup> Ibidem.

mesmo dia 27, o *Diário de Notícias* apresentava em sua manchete de capa a seguinte frase: *Os Árabes não darão trégua a Israel*.<sup>316</sup>

Com a intenção de mostrar imparcialidade, o *Diário de Notícias* ouviu também as manifestações da *colônia Sírio-Libanesa*. Na reportagem de 26 de maio, o jornal referia: *a fim de encerrarmos nossa enquete sobre o caso da Palestina, procuramos recolher as impressões dominantes no seio da colônia Sírio-Libanesa e demais nacionais e descendentes de raça árabe. A grande assembléia Sírio-Libanesa realizada em 23 de maio, publicou uma nota oficial, atendendo um pedido do jornal, na qual esclarecia o fato de os árabes não terem se manifestado anteriormente. Dizia a mesma: os membros da numerosa coletividade Sírio-Libanesa aqui radicada, negaram-se a prestar declarações, dentro do princípio em que se colocou! – Não debater dentro das fronteiras do **nosso querido Brasil** [grifo meu] um assunto em que está empenhada a ONU composta por um tribunal internacional!*. Esclarecendo igualmente o porquê de falar agora:

Face, porém, aos insultos atirados, indevidamente, contra diversos países da raça árabe, que mantém com o Brasil os mais sinceros e leais laços de amizade e cordialidade diplomática; face à inversão com que o problema foi apresentado á consciência nacional; face à errônea interpretação dada por alguns proeminentes elementos nacionais; face ao interesse de, silenciando sobre tão apaixonante debate, não deixar tome ele um rumo errado, levado por uma propaganda bucólica de sentimentalismo, a coletividade Sírio-Libanesa, depois de manter com as autoridades constitucionais os entendimentos que o caso requeria, deliberou dar a publicidade a presente nota, mais com o objetivo de orientar as consciências bem intencionadas, do que mesmo, em propaganda da justa causa árabe!<sup>317</sup>

No comunicado, os sírio-libaneses de Porto Alegre, justificavam as razões árabes na Guerra árabe-israelita, afirmando que *os governos das nações de língua árabe, decidiram fazer frente à agressão do sionismo que ameaça a paz do Oriente*, e que declararam isso *oficialmente perante a comissão de inquérito das Nações Unidas*. Desse modo, contrapunham os líderes sionistas e suas intenções *expansionistas no mundo árabe* visto que a criação do *Estado judaico dentro do coração do Mundo árabe*, era um *aviso de guerra, impossível de evitar!*.<sup>318</sup>

---

<sup>316</sup> Cf. Ponto de Vista das Comunidades Árabes de Porto Alegre Sobre o Problema Criado com o Conflito na Palestina. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 26 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7; A Coletividade Sírio-Libanesa de Porto Alegre e os sucessos da Palestina. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 27 Maio de 1948. p. 9 e Os Árabes não darão trégua a Israel. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 27 Maio de 1948. Primeira página.

<sup>317</sup> Cf. Ponto de Vista das Comunidades Árabes de Porto Alegre Sobre o Problema Criado com o Conflito na Palestina. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 26 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7.

<sup>318</sup> Ibidem.

Após justificar as razões árabes, a nota oficial referia: *O que desejamos, é que todos vejam que com a criação desse Estado não se cultuou a liberdade e a democracia, e sim, se deu asas a imposição do mais forte sobre o mais Fraco. Os judeus foram [...] armados para destruírem os árabes. Sob a capa de democracia, preparou-se a formação de mais um totalitarismo armado: - O Estado Judeu.*<sup>319</sup>

O comunicado salientava com insistência que o objetivo dos Sírios e Libaneses radicados no Brasil, não era o de *estabelecer, dentro desse querido país, o debate do tema em foco*, mas sim, *dar uma satisfação ao mundo liberal em cujo ambiente vivemos e comungamos das idéias democráticas*. Resumiam na *singela nota* o seu pensamento *para que a verdadeira posição do mundo árabe fique conhecida nessa luta em que enfrentam à invasão expansionista do sionismo*. O trecho, citado a seguir, deixa claro as motivações que levaram a coletividade árabe local a se mobilizar:

O caso da Palestina, o novo Estado de Israel, comentado pelo povo gaúcho, vem proporcionando manifestações de eminentes nacionais, homens de responsabilidade pública e escritores que honram a nossa cultura. Isto é a manifestação das opiniões livres em um país democrático. E por isso mesmo, são acatadas e respeitadas. No entretanto, assistimos entristecidos, nestes últimos dias, as manifestações dos judeus, que de uma forma, violenta e inadequada reputam legal a ilegalidade que praticam, tomando dos árabes as terras legítimas que estes herdaram, há milhares de anos, de seus próprios antepassados. Compartilhamos, também da indignação do mundo árabe, ao ver grandes nações civilizadas, legalizarem essa invasão de judeus refugiados de todo o mundo, ao tomarem pelo saque e pela força o que legitimamente é dos árabes.

Entretanto, a propaganda judaica, usando e abusando dos meios de difusão, pretende inverter a situação. De invasores que são, querem ocupar o lugar de vítimas. Eles invadem a Palestina, investem contra a propriedade dos árabes tomando-lhes seus bens e distribuindo seus lares, e julgam que estejam sendo justos. Isso é uma rela e triste ironia!...

Opiniões literárias, nascidas de um entusiasmo por uma causa mal orientada não dá direito a quem quer que seja. Não nos interessa o que seja o que venha a ser o Estado Judeu, e sim, o local onde pretendem criá-lo!<sup>320</sup>

Na extensa nota, ainda afirmavam *que a Palestina não é a terra dos judeus* e denunciariam *a esta grande nação democrática, que judeus nascidos no Brasil, ou são brasileiros ou são traidores! Isso determina a nossa constituição. Mas, o que nunca poderão ser é judeus-brasileiros, pretendendo pleitear uma segunda pátria em outro local, invocando a consciência universal e o direito*. Por fim, *os árabes reafirmarão ao mundo o conceito que tem de pátria, porque são patriotas e os componentes da comissão constituída para esclarecer a opinião pública sobre o malfadado caso da Palestina, sentem-se no dever moral de orientar a opinião*

---

<sup>319</sup> Ibidem.

<sup>320</sup> Ibid.

*pública nacional, e assim o farão, se a isso forem compelidos, em sucessivas publicações, na certeza de fazer justiça à causa árabe, que é a causa da própria civilização, ao final do ofício encontra-se apenas a seguinte assinatura: A Comissão.*<sup>321</sup>

Em 1º de junho dois extensos artigos foram publicados *a pedido* nos jornais de Porto Alegre, um, no *Correio do Povo*, intitulado: *Uma Pátria aos Judeus. Mesmo porque a Palestina tem dono: Os árabes*, de Luis Amaral,<sup>322</sup> e o outro, no *Diário de Notícias* sob o enunciado: *Traição à paz*, de autoria de Carlos Lacerda.<sup>323</sup>

<sup>321</sup> Ibid.

<sup>322</sup> Nas fontes pesquisadas sobre sírios e libaneses no Brasil e no RS, bem como em outras fontes, ainda não localizei informações sobre Luis Amaral, não descarto a possibilidade desse ser um pseudônimo. Em alguns textos ele é citado como escritor e jornalista. Até o momento, o que posso afirmar é que, assim como no RS, Luis Amaral também era bastante conhecido pelos judeus paulistas e cariocas. Seu nome é citado em vários números de *Aonde Vamos?*, conforme é possível se verificar através de um texto desta que refere: A propósito de uma série de artigos recheados de calúnias e mentiras contra os judeus e de barata adulação aos árabes, assinados por um sr. Luis Amaral e publicados na secção paga de jornais cariocas e paulistas, recebemos uma carta do sr. Alexandre Wainberg, de Presidente Prudente, São Paulo, informando que um dos referidos artigos havia sido transcrito, também como matéria paga, no jornal local – o *Correio da Sorocabana*. Aquele nosso leitor apressou-se em escrever e publicar no mesmo jornal uma resposta ao pé da letra ao injurioso aranzel do sr. Luis Amaral, tendo-nos enviando um exemplar, o que muito apreciamos. É interessante reter a informação: a matéria paga do insulto aos judeus e a exaltação dos árabes já esta invadindo o interior do país, o que nos soa como uma advertência. Cf. **Aonde Vamos?** Rio de Janeiro, n. 267, 24 de Junho de 1948. Cabe dizer que na capital paulista os artigos de Luis Amaral foram publicados, dentre outros, no jornal O Estado de São Paulo. Cf. **Aonde Vamos?** Rio de Janeiro, n. 264, 3 de Junho de 1948.

<sup>323</sup> Cf. A Pedido. AMARAL, Luis. Uma Pátria aos Judeus. Mesmo Porque a Palestina tem Dono: os árabes. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1º Jun. 1948. p. 6; A Pedido. LACERDA, Carlos. Traição à Paz. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 1º Jun. 1948. p. 9.

A relação entre Carlos Lacerda e a *questão Palestina*, é analisada na obra biográfica *Carlos Lacerda: a vida de um lutador* (1992) de autoria do brasilianista John W. F Dulles. Nesta, o autor refere que Lacerda combatia em sua coluna, *Na Tribuna da Imprensa*, as autoridades brasileiras, e que em relação a esse tema: Em janeiro, censurou Oswaldo Aranha, presidente da Assembléia Geral da ONU [...] por concordar com os Estados Unidos na partilha da Palestina, na criação do Estado de Israel. Argumentando que o Brasil deveria ter-se absterido ao invés de participado na votação para a criação de Israel, Carlos escreveu que o *judaísmo não é uma nação, nem uma raça, nem mesmo uma cultura completa. É uma religião comum a filhos de diferentes povos, de raças diferentes*. Condenou a propaganda sionista e disse que a votação da ONU, contrária aos verdadeiros interesses dos judeus, beneficiaria a opressão sionista dos árabes da Palestina.

Em fevereiro de 1948, enquanto a questão era debatida vigorosamente, Lacerda visitou a região como correspondente do *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Comércio* de Pernambuco e Rádio Mayrink Veiga. Passou a maior parte do tempo no Egito [...]. No Cairo, na sede da recém-formada Liga Árabe, entrevistou o secretário-geral Abdur Rahman Azzam Pasha, um egípcio que compartilhava das suas opiniões. A entrevista, forneceu material para muitas colunas e idéias que ele constantemente repetia, foi a mais importante da viagem.

Curioso sobre a recepção dos seus artigos no Brasil, escreveu para sua mãe de Beirute em 24 de fevereiro: *suponho que muita gente dirá que estou vendido aos árabes – mas isto é o que menos interessa*. [...] Em Jerusalém, ficou tão contente ao receber uma cópia da declaração das igrejas cristãs da Palestina que enviou a tradução por telégrafo, fazendo com que a mídia brasileira fosse a primeira no mundo a divulgá-la. Os signatários do documento se opunham ao projeto da ONU de partilhar a Palestina e diziam que havia causado penosos e sangrentos acontecimentos.

Após voltar para o Brasil em 23 de março, publicou seus artigos escritos no exterior no livro *O Brasil e o mundo árabe*. No prefácio escreveu que suas conclusões eram resultado de investigações e raciocínio, e que a imparcialidade não era possível *em face da conquista da Palestina pelo sionismo, apoiado no dinheiro americano e na política russa*. [...] No *Correio da Manhã*, Lacerda afirmou aos brasileiros que as agências de imprensa



No primeiro, Luis Amaral, a partir de uma análise pretensamente histórica criticava os seguidores de Herzl, visto serem os judeus um povo perigoso que vivia da exploração dos demais. Neste sentido, referiu: *...se o mundo civilizado quer dar a Palestina aos judeus, estes não viverão lá. Isso simplesmente porque são como o cancro. O cancro não pode viver à ilharga de outro cancro. Eles também não podem viver um nas costas do outro. Procurarão meios infernais, que os habilitem viver nas costas dos cristãos ou de quaisquer povos não-judeus.* Criticava ainda o presidente norte-americano por ter reconhecido o Estado judeu, concluindo o texto com a seguinte historieta, retirada da revista *Tit-bits*:

[Um] Padre irlandês ofereceu o prêmio de seis pences ao menino que lhe dissesse qual o maior homem da história desde Colombo! – respondeu um. George Washington! – gritou outro. São Patrício! – proclamou com firmeza um judeuzinho.

- É teu o prêmio, disse o padre. Mas porque julgas São Patrício o maior homem da história?

- Falando sinceramente, eu acho que é Moisés – retrucou-lhe o judeuzinho, depois de embolsar o prêmio: mas negócio é negócio (Right down in my heart I knew it was Moses. But business is business). [sic]

Pense Truman nesta historieta do pequeno judeu.<sup>324</sup>

Por sua vez, Carlos Lacerda, em seu artigo transcrito do *Correio da Manhã*, de 16 de maio para o *Diário de Notícias*, referia que *quando Balfour escreveu a sua famosa carta a Lord Rothschild prometendo-lhe a terra dos outros, diz-se que o Papa confidenciou aos seus cardeais [...] - Este é um dia de luto para a cristandade.* Neste, o jornalista carioca criticava os Estados Unidos por terem reconhecido Israel, afirmando que *na ânsia de conquistar os votos judeus para sua reeleição, o presidente Truman acaba de cometer uma traição à paz.* Por outro lado, parabenizava a Rússia, pois *o que ela queria - o conflito no Oriente Médio - está agora garantido.* Segundo ele, sem o apoio de uma ou de outra potência Israel não passaria *de um bluff da propaganda.*

Definindo o sionismo como *um nacionalismo agressivo, feroz, sustentado por grupos fascistas e terroristas que destroem, em benefício da sua expansão, a vida pacífica de um povo*

---

dominantes nos Estados Unidos *envenenam sistematicamente* as notícias a fim de agradar os grupos sionistas. Mas estas não foram apenas as únicas agências a discordar dele sobre a questão. Assis Chateaubriand, decidindo publicar reportagens favoráveis à criação de Israel, enviou vários repórteres à região. Um deles foi Samuel Wainer [que] ao voltar do Oriente Médio, proferiu discursos e conferências que contradiziam os pontos de vista de Carlos Lacerda. Cf. DULLES, 1992 – vol. I. p. 109-111. Sobre o tema confira também: WAINER, Samuel. **Minha razão de viver; memórias de um repórter.** 9ª Edição. Org. e editoração de Augusto Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 107-112.

<sup>324</sup> Cf. Uma Pátria aos Judeus. Mesmo Porque a Palestina tem Dono: os árabes. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1º Jun. 1948. p. 6.

*milenarmente agarrado àquela terra*, Lacerda recomendava ao governo brasileiro que recusasse *qualquer manobra para o reconhecimento de um Estado judaico*, e que acabassem *com essa pilheira de embaixador sionista no Rio de Janeiro*. O artigo terminava dizendo que estava na hora do *Itamaraty tranquilizar o país*, pois *a propaganda sionista já fala em embaixador judeu no Rio*. *Não tarde que volte a falar em soldados brasileiros na Palestina como há pouco tempo insinuava*.

Em Porto Alegre este artigo de Lacerda ainda foi publicado “a pedido” no dia seguinte, em 2 de junho, no *Jornal do Dia*. Porém, sendo reproduzido de modo resumido, sem citar a autoria e com o seguinte título: *Os árabes querem a independência da Palestina; judeus a querem escravizar*.<sup>325</sup>

### 3. 4. O Acirramento do Conflito

No início de junho, intensificaram-se de parte a parte as publicações sobre o *caso da Palestina*. Cabe referir que as manifestações, além de ocorrerem nos jornais, eram também transmitidas pelo rádio, meio de comunicação por excelência da época. Assim, *a defesa e os ataques israelitas* eram igualmente feitos no programa *Hora Israelita*.

Sobre o assunto, um depoente de origem judaica lembra que os árabes *publicavam artigos nos jornais contra os judeus, contra o Estado de Israel*,

... e nós respondíamos, nós tínhamos aqui, entre outras realizações, a Organização Sionista Revisionista, tinha a Hora Israelita, onde eu era diretor, e através desta Hora nós pregamos muito sobre o Estado de Israel. Esclarecíamos os fatos, tudo, tudo o que aconteceu, sobre o Holocausto, sobre a luta de Israel, sobre todos os movimentos. E eu me lembro, em 1948, quando surgiu o Estado de Israel, eu sei que houve uma festividade enorme na coletividade. E logo os árabes saíram com ataques contra nós. Então, eu me lembro que organizamos um Comitê do Círculo Social Israelita, um comitê de todas as entidades para responder aos árabes. [...] Então, se fez este comitê, e sub-comitês organizando para fazer um artigo de resposta. Eu fiz parte de um desses comitês. E, eu me lembro, porque uma parte desse texto, saiu uma página inteira, eu que redigi, uma parte. Depois tinha um comitê, um comitê que coordenou todas aquelas partes, não é? E fez um artigo de tudo. O comitê naquele tempo, o comitê central, comitê que coordenou era José Grimberg e Maurício Steinbruch, os dois. Tinha mais um, parece, mas eu não me lembro quem foi. Eu sei que fiz parte do sub-comitê para organizar estes trabalhos. Um dos árabes, se não me engano, foi Jamil Aiquel, foi quem escrevia artigos...<sup>326</sup>

<sup>325</sup> Cf. *Á Pedido*. Os árabes querem a independência da Palestina; judeus a querem escravizar. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 2 Jun. 1948. p. 3.

<sup>326</sup> Cf. HALPERN, Josef Szulin. Entrevista n. 014. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 1987 e complementação em 06/01/1988.

Neste clima, no dia 2 de junho a *Folha da Tarde* publicava a pedido, o artigo: *Os Libaneses e a Luta na Palestina*, de autoria de Isaac Siminovich, advogado e dirigente da Unificada, o qual se apresentara como **brasileiro, filho de judeus, que aqui aprendeu a cultuar os mais nobres sentimentos de são patriotismo e de gratidão** [grifo meu]. O artigo inicia assim: *Lendo há poucos dias na imprensa local, uma nota mandada publicar oficialmente pelos Sírios e Libaneses e por seus filhos nascidos no Brasil e por todos os demais descendentes da raça árabe, a propósito do caso da Palestina veio-me à memória um capítulo da história do Líbano.*<sup>327</sup>

Neste, Siminovich escreveu: *o que mais me surpreendeu nesta nota não foi a criminoso repetição dos slogans anti-judaicos, por ser esta uma atitude perfeitamente condizente com a formação moral de todos anti-democratas. [...]...o que mais me surpreendeu nessa reacionária nota oficial foi [...] ela ter sido publicada em nome também dos filhos do Líbano.* Segundo ele, a nota não refletia o sentimento do povo libanês, pois este, de maioria cristã, era favorável ao movimento sionista e via na *República de Israel um aliado para o caso eventual de uma repetição dos atentados anti-cristãos por parte dos fanáticos muçulmanos do Líbano.* Neste sentido, o advogado mencionava que:

Atitudes mais dignas e consentâneas com os princípios religiosos que honestamente professam, tiveram o Monsenhor Harida e o Arcebispo Moubarrak, líderes espirituais da maioria cristã libanesa, os quais há bem pouco tempo, e apesar da cruel intolerância dos árabes, tiveram o desassombro e a coragem de expressarem publicamente os verdadeiros sentimentos de seu povo.

Por mais uma vez, essas destacadas autoridades religiosas não temeram de proclamar a verdade de que a população cristã do Líbano apóia o Sionismo, por ver nele um movimento, a par de inspirado numa cabal concepção de justiça, capaz de servir de asilo e refúgio contra a possível intolerância dos árabes aos cristãos, em um futuro próximo.<sup>328</sup>

Afirmava ainda que, na Segunda Guerra Mundial quem mais sofrera com o *bárbaro ataque à Civilização*, teriam sido os judeus, que contribuíram *para a vitória das Nações Unidas*, guerra essa que custou *às preciosas vidas dos nossos gloriosos pracinhas* [grifo meu], *que tiveram de lutar inclusive contra os povos árabes* convencendo as *hordas nazi-fascistas e o mundo da imbecilidade dos anti-semitas e de todos os matizes.*<sup>329</sup>

No artigo, Siminovich afirmava que na Palestina *setecentos mil judeus* defrontavam-se *valentemente contra os trinta e cinco milhões de mulçumanos dos países árabes agressores e*

<sup>327</sup> À Pedido. SIMINOVICH, Isaac. Os Libaneses e a Luta na Palestina. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 2 jun. 1948. p. 3.

<sup>328</sup> Ibidem.

<sup>329</sup> Ibid.

*invasores, numa luta heróica e desigual, pela defesa e consolidação da democrática República de Israel. País que foi constituído numa parte apenas da Terra Santa, que pertence toda ela ao povo judeu por promessa Divina, e por direito histórico e internacional, e cujos títulos foram definitivamente reconhecidos em face do mundo pela ONU – o mais alto Tribunal das nações civilizadas do globo.*<sup>330</sup>

Concluía dizendo: *os libaneses que assinaram a nota oficial da Comissão Representativa da Colônia Sírio-Libanesa aqui radicada, divergiram abertamente dos verdadeiros interesses e sentimentos dos cristãos libaneses, visto que para os mulçumanos ficava bem negar ao povo judeu seu inquestionável direito a Terra Santa, pois que para eles nenhum valor tem a Bíblia Sagrada, o Livro dos Livros. Assim, os bons libaneses cristãos, não podiam concordar com essa posição, já que os delegados da igreja maronita, do Líbano, conferenciaram com altas personalidades judaicas e revelaram o desejo de paz dos cristãos libaneses, acrescentando ainda que a rádio clandestina libanesa iniciou emissões fazendo apelo à revolta contra a guerra.*<sup>331</sup>

O artigo de Siminovich teve resposta imediata, visto que no dia seguinte, foi publicado, na mesma *Folha da Tarde* também à pedido, o extenso texto: *Respondendo aos Isaac's*, assinado pela *Comissão*. O mesmo lembrava que os sírio-libaneses ainda estariam em silêncio *homenageando a hospitalidade e a carinhosa acolhida brasileira, no sincero desejo de não trazer para o tablado nacional o que pelas armas, melhor resolvem as invencíveis legiões árabes, não fossemos chamados nominalmente*. Dizia o texto: *enfim falaram os “isaac's” pretendendo apresentar presumível coragem. Falaram para dizer um amontoado de mentiras, próprias da sua fraqueza.*<sup>332</sup>

Neste, os representantes do grupo árabe, esclareciam que vinham a público *para repelir ataques à dignidade da Síria e do Líbano, mesmo porque mantêm essas duas Nações as mais cordiais e sinceras relações diplomáticas com o Brasil*. E que lendo a *pretensa intriga publicada na Folha da Tarde de ontem, lastimavam a mediocridade do sentimento judeu sobre patriotismo*. Para que não pairasse dúvidas esclareciam *aos distintos nacionais que no Líbano, tanto os honrados mulçumanos, como os impolutos ortodoxos como ainda os sublimes maronitas, são, acima de tudo, libaneses patriotas e amantes da terra que lhes deu berço e nacionalidade. No*

---

<sup>330</sup> Ibid.

<sup>331</sup> Ibid.

<sup>332</sup> A Pedido. A COMISSÃO. Respondendo aos “Isaac’s”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 3 jun. 1948. p. 8.

*Libano, somente o judeu que não é libanês, como esse mesmo judeu não pertence à terra alguma onde nasce e portanto não conhece o nobre sentimento de Pátria.* O artigo ainda citava:

Não precisamos refutar a grande mentira que os “isaac’s” pretenderam repetir dizendo o que os telegramas dos judeus teriam dito, que os maronitas haviam proposto uma Paz em separado. As mesmas agências judaicas já se encarregaram de falar por nós, desmentindo-as. Desta vez mais, foi de pouca duração a alegria dos “isaac’s”. Aproveitemos para dizer quão ridícula é a informação que estes mesmos pretendem, quando escrevem que os altos prelados maronitas, tenham se manifestado em favor do Estado Judeu. Auxiliemos o raciocínio ignorante do articulista dos “isaac’s”: S. Beatitude D. Antonio Arrida, Patriarca de Antioquia e de todo o Oriente, chefe espiritual dos Maronitas, súdito fiel de S. S. o Papa é, antes de tudo, insigne chefe religioso. Na sua profunda fê em Cristo, estará rezando pela Paz entre os homens, nada mais S. Beatitude D. Antonio Arrida, deverá ter sentido a mesma tristeza cristã como sentiu S. S. o Papa, quando da celebre declaração Balfour: ESTE É UM DIA DE LUTO PARA A CRISTANDADE!<sup>333</sup>

Chamando seus oponentes de invasores, mandavam um recado: *Saibam os “isaac’s” que essa tecla de classificarem os árabes de fascistas, não pega mais, porque estamos alertas para desmentí-los. A insistência nesta mentira faz confirmar o conceito universal de que os judeus são comunistas. Estamos avisando tão somente.* Conforme relatava a Comissão os árabes não eram fascistas e afirmavam isso *não para os judeus*, visto que suas opiniões não interessavam, mas sim, para ***o culto e distinto público brasileiro*** [grifo meu].

Ainda esclareciam que o Mufti de Jerusalém tivera que imigrar para a Alemanha *no decurso desta última grande guerra porque, [...] não tinha para onde fugir, senão para Alemanha, visto sua cabeça estar a prêmio pelos ingleses.* E que o mundo conhecia *a inclinação dos árabes pelas potencias aliadas e do seu valor pela causa da liberdade....*

Segundo eles, os judeus não eram patriotas, pois não consideravam *o israelita nascido na Inglaterra ou na França como inglês ou francês, mas tão somente como judeu, e assim sucessivamente todos os nascidos em qualquer parte do mundo, inclusive no Brasil, para serem, sempre judeus.* Por sua vez, conforme o texto, os árabes se assimilavam à pátria que os recebia e esperavam que os *isaacs* conhecessem algum dia esse amor *quando se compenetrarem para serem nacionais da terra onde nascem. Por pouco, bem pouco, poderão os judeus ter essa sublime possibilidade. Que experimentem e verão como isso é belo.*

Ao final, o artigo mencionava: *Agora, deixem senhores “isaac’s” em paz os libaneses e seus descendentes! Desta vez ainda não será o tal Estado Judeu. A ira de Deus continua em sua perseguição. O crime de terem crucificado JESUS CRISTO filho de Deus, não lhes foi perdoado.*

---

<sup>333</sup> Ibidem.

*Os libaneses não têm culpa alguma do crime dos judeus. Afirmando que as pretensas intrigas pela pena vazia de um isaac servem mais para a união sagrada dos libaneses do que para satisfação israelita. Disso ninguém tem dúvidas! A dignidade libanesa, o seu amor pela pátria onde nasceram e o seu respeito por todas as religiões é um exemplo para a civilização contemporânea. Que os judeus aproveitem desta lição, são os nossos conselhos....*<sup>334</sup>

Também de forma imediata foi a resposta de Isaac Siminovich, que se deu com a publicação do artigo *Respondendo aos Isaacs*, em 4 de junho. Nesta, o autor declarava:

Como **cidadão independente, de um país livre e democrata, usei de um direito que me asseguram as leis de minha pátria**, [grifo meu] fazendo justos reparos àquela nota oficial.

Tudo o que eu ali disse é pura expressão da verdade. Baseia-se em fatos históricos e acontecimentos atuais, incontestáveis, e duvido possa alguém desmentir precedentemente o que ali afirmei.

Só hoje é que me foi dado a ler o a pedido da Comissão da Colônia Sírio-Libanesa, publicado ontem na *Folha da Tarde* a pretexto de resposta ao meu, inserido neste mesmo jornal, em sua edição do dia 2 do corrente, intitulado: *Os Libaneses e a Luta na Palestina*, razão pela qual dada à exigüidade de tempo, não me foi possível preparar convenientemente a resposta merecida por tão insensata, quão disparatada publicação, o que farei na edição de amanhã deste mesmo vespertino. A Comissão da “Colônia Sírio-Libanesa” porém não perde por esperar.<sup>335</sup>

No dia seguinte, em 5 de junho, outros dois textos escritos por Luis Amaral, com o mesmo teor dos anteriores, foram publicados, à *pedido*: *A Verdadeira Questão Judaica* no *Diário de Notícias* e *Guerra de Agressão* no *Correio do Povo*.<sup>336</sup> Em resposta aos artigos de Lacerda, Luis Amaral e aos textos da Comissão da Colônia Sírio-Libanesa, o contra-ataque judeu não viera por meio de Isaac Siminovich,<sup>337</sup> mas sim através do extenso artigo intitulado: *O Estado de Israel e seus detratores*. Publicado “a pedido” do *Comitê da Coletividade Israelita de Porto Alegre*.

Neste sentido, Josef S. Halpern, no livro *Contribuição para a História da Imprensa Judaica no Rio Grande do Sul* (1999), refere que *em 1948, houve, em Porto Alegre, uma polêmica pela imprensa entre judeus e oponentes à existência de Mediná. Foi quando saiu à luz, ocupando página inteira, o artigo O Estado de Israel e seus detratores. Os autores foram José Grimberg,*

<sup>334</sup> Ibidem.

<sup>335</sup> Cf. À Pedido. SIMINOVICH, Isaac. “Respondendo aos Isaacs”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 4 jun. 1948. p. 5.

<sup>336</sup> Cf. À Pedido. AMARAL, Luis. *A Verdadeira Questão Judaica*. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 5 Jun. 1948. p. 5; *Guerra de Agressão*. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 5 Jun. 1948. p. 5.

<sup>337</sup> Cabe destacar aqui dois pontos: 1) Isaac Siminovich não falava apenas em seu nome como declarara, visto ser ele uma liderança bastante ativa no meio sionista sul-rio-grandense, e 2) depois de 4 de junho de 1948, não encontrei mais artigos relacionados ao conflito assinados por ele. Provavelmente tenha continuado a escrever, porém os textos publicados não foram assinados por uma pessoa, mas sim em nome da Coletividade Israelita de Porto Alegre.

*Maurício Steinbruch, Josef S. Halpern, Jacó Berg e outros. Naqueles dias, Isaac Siminovich publicou a Pedidos sobre o mesmo tema. Houve Respostas aos Isaacs.*<sup>338</sup>

Assim, no domingo, 6 de junho, os leitores que abriram o *Diário de Notícias* ou o *Jornal do Dia* se depararam com o texto assinado pelo *Comitê da Coletividade Israelita*. O mesmo ainda foi publicado no dia seguinte, na *Folha da Tarde* e, no *Correio do Povo*, em 8 de Junho.<sup>339</sup> Retomando toda a discussão anterior, o artigo finalizava suas linhas mencionando:

...Esse direito à Palestina, já foi reconhecido e proclamado pelo mais alto tribunal do mundo civilizado. Aliás antes disso o próprio Churchill já havia declarado, orgulhosamente: “eu sou sionista”. E S.S. o Papa Pio XII, atual pontífice, por mais de uma vez, manifestou sua simpatia para com o Estado Judeu.

Eis os fatos e os fatos só podem ser contraditados com outros fatos, jamais, porém, com injúrias e calúnias.[...].

Não argumentamos com simples “diz-se”, como o fez um jornalista carioca, nem tão pouco com grosseiros sofismas como procedeu um homem público, daqui. Entretanto, se isso lhes apraz, podemos conferir-lhes, desde já, o título de anti-semita de que tanto se orgulhava o louco Julius Streicher...

É manifesto o propósito dos inimigos gratuitos dos judeus criar contra estes animosidade e prevenção, com flagrante desrespeito à Carta Magna, que não tolera propaganda dessa natureza. Daí porque não desceremos ao terreno ilegal em que se colocam os nossos detratores, e isto, unicamente, pelo respeito e acatamento que sempre votamos às leis do País.

Os judeus já estão habituados a injustas agressões. E as que agora lhes são feitas por gente que se diz cristã, não lhes causa mais estranheza, lembramos das palavras de JESUS CRISTO, que também foi judeu: “perdoais-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem...”<sup>340</sup>

No mesmo dia 8 ainda, mais três artigos pró-árabes foram publicados em periódicos da capital gaúcha. Um no *Diário de Notícias*, sob o título: *...E a Palestina também*, de Luis Amaral, o qual talvez fosse uma resposta dele há alguma discussão sobre o tema em São Paulo ou no Rio de Janeiro. No *Jornal do Dia*, o texto: *Causas secretas da Guerra da Palestina: É uma luta religiosa*, de Rui S. Guimarães, no qual o autor referia: *Todos os cristãos devem estar atentos aos métodos que os pregadores do Estado Judeu querem usar. Atentos e convencidos de que eles são negativistas, ateus e deturpadores das verdades religiosas, como inimigos das normas morais do cristianismo*. E, no *Correio do Povo*: *Revidamos aos insultos dos judeus*, um interessante texto de

<sup>338</sup> HALPERN, 1999. p. 156.

<sup>339</sup> Cf. À Pedido: O COMITÊ DA COLETIVIDADE ISARELITA DE PORTO ALEGRE. O Estado de Israel e Seus Detratores. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 6 Jun. 1948. p. 7; *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 6 Jun. 1948; *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 7 Jun. 1948. p. 6-7; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 13.

<sup>340</sup> Ibidem.

Amauri Fontes, pelo fato de apontar alguns indícios sobre as transmissões radiofônicas pró-sionistas em Porto Alegre.<sup>341</sup> Neste, o autor cita que:

No momento em que os homens de boa vontade se reuniam nos Templos para render graças ao Todo Poderoso, os “sionistas” de Porto Alegre, na sua hora do “chalong” [sic] pela Radio Farrroupilha, domingo passado, pretenderam insultar brasileiros distintos, dignos da mais respeitosa homenagem.

O público nacional poderá capacitar-se, portanto, da injustificada propaganda judaica, na sua função anti-cristã, movida contra brasileiros, somente por estes terem a hombridade de os contradizer, em judiciosos artigos e conceitos públicos, não concordando com a invasão que os judeus fizeram na Palestina.<sup>342</sup>

Através do mesmo, ainda é possível perceber a repercussão dos artigos de Carlos Lacerda e Luis Amaral entre os judeus de Porto Alegre:

Os *sionistas* classificam o brilhante intelectual, glória da cultura nacional, jornalista dos mais distintos, Dr. Luís Amaral, como fascista. Quisera, não!!! Para o judeu, pelo que estamos vendo, quem não aprove os seus sentimentos, é fascista... [...].

Nessa mesma hora radiofônica, os “sionistas” pretendem que o glorioso tribuno, expoente do jornalismo brasileiro, Dr. Carlos de Lacerda, ilustre Vereador do Distrito Federal, seja um “jornalista venal” (palavras textuais dos judeus). [...]

Carlos de Lacerda, uma das penas brilhantes do jornalismo nacional, tem tido a coragem de dizer a verdade... [...].

A posteridade erguerá uma estatua a estes brilhantes tribunos, Luís Amaral e Carlos de Lacerda... [...]

...protestamos contra essa propaganda dos “sionistas” que pretendem nos insultar, dentro da nossa própria Pátria. Como se não bastassem 30 minutos de irradiação, anunciam para o próximo domingo maior tempo, em desplante de abuso contra nossa hospitalidade. [...]

Luis Amaral e Carlos de Lacerda, responderão por si próprios, visto que qualidades pessoais não lhes falta. Os “sionistas” bem sabem disso e portanto, não perdem por esperar alguns dias mais.

Neste ínterim, a defesa moral de Luis Amaral e Carlos de Lacerda, fica entregue ao povo gaúcho, na sua nobreza e generosidade.

A Associação Rio-Grandense de Imprensa, pela sua brilhante e patriótica Diretoria, se manifestará e dará o merecido corretivo aos judeus, pelos insultos aos “jornalistas venais”, estamos certos disso.<sup>343</sup>

No dia seguinte, 9 de junho, mais dois artigos pró-árabes: *O comportamento da ONU. Os árabes lutaram tanto quanto nós, nas duas últimas guerras, ao lado das democracias*, de Luis

<sup>341</sup> Cf. AMARAL, Luis. ... E a Palestina Também. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 12; GUIMARÃES, Ruy S. Causas secretas da Guerra da Palestina: É uma luta religiosa. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 2; FONTES, Amauri. Revidamos aos insultos dos judeus. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 7.

<sup>342</sup> À Pedido. FONTES, Amauri. Revidamos aos insultos dos judeus. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 7.

<sup>343</sup> Ibidem.



Amaral e *A justiça da causa árabe*, de Ruy S. Guimarães - foram publicados no *Correio do Povo* e no *Diário de Notícias*, respectivamente.<sup>344</sup>

Porém, neste mesmo dia, os sionistas receberam um apoio que desequilibrou o conflito em Porto Alegre. Trata-se de um artigo de resposta aos árabes, sob o título: *Onde estava, realmente, o Mufti?*, publicado na Folha da Tarde e assinado por 118 pessoas que se apresentaram como *Comissão de Brasileiros Cristãos, residentes no 6º Distrito desta Capital*.<sup>345</sup> Estes afirmavam responder ao *Manifesto da Comissão Representativa da Liga Árabe*, ao formularem a seguinte pergunta: - *Quais foram os exércitos árabes que lutaram na Segunda Grande Guerra, a favor das Democracias, e o que fazia o Grão-Mufti em Berlim, enquanto uns trinta mil judeus, ou mais, brigavam na África do Norte, na Itália, na França e na Rússia?*. Dentre outras assuntos, o texto ainda referia:

Embora não tivéssemos merecido a honra de uma resposta direta, a C. R. da Liga Árabe, por caminhos tortuosos, na publicação intitulada “Resposta aos Isaacs”, respondeu textualmente: - “O Grão-Mufti, impoluto chefe espiritual e jamais guerreiro além de insigne patriota, não tinha para onde fugir, senão para Alemanha, visto sua cabeça estar a prêmio pelos ingleses, dado o vigor e a justiça de sua palavra”. E mais adiante “O mundo conhece a inclinação dos árabes pelas potências aliadas e do seu valor pela causa da liberdade”.

Embora não sejamos orientais, mas **genuinamente nacionais** [grifo meu], nem por isso nos falecem conhecimentos para concluir que tal resposta não representa, em absoluto, a realidade dos fatos. John Gunther, no “O Drama da Ásia”, à pág. 548, diz que logo após Haj Amin el Hussein ter adquirido o título de Grão-Mufti, um descendente de ilustre família, Fahkri Bei Nachachibi, denunciou-o ao Alto Comissário inglês por estar praticando irregularidades com fundos pertencentes à comunidade árabe. Pouco depois foram atacados e assassinados cinco membros da família Nachachibi.<sup>346</sup>

<sup>344</sup> Cf. AMARAL, Luis. O comportamento da ONU. Os árabes lutaram tanto quanto nós, nas duas últimas guerras, ao lado das democracias. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 Jun. 1948. Noticiário. p. 5; GUIMARÃES, Ruy S. Justiça da Causa Árabe. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 9 Jun. 1948. p. 3. Neste último, o autor escreveu: Os israelitas de Porto Alegre, nos seus artigos insultuosos e nas suas irradiações agressivas, não acham outro qualificativo para os seus protetores do passado, senão o de nazista. Mas, afinal, o que é o nazismo? Não é o racismo, isto é, a superioridade racial, levado ao exagero?

Quem procede como nazista?

Os árabes que se radicaram no país que os acolhe, rompendo todas as pontes que os ligava à sua pátria distante: que se casam com nacionais e cujos filhos nunca pensam em mudar-se para a terra de seus maiores; ou os judeus, que não se cruzam com outras raças e sempre pensam na SAGRADA PALESTINA, donde seus antepassados saíram há milhares de anos?

Não, senhores súditos de Israel, o qualificativo de NAZISTA não serve aos árabes, mas sim aos judeus.

<sup>345</sup> Segundo, informou o senhor Jayme Wainberg (industrial e político), em entrevista concedida a Moysés Eizirik: No bairro Tristeza, na zona sul de Porto Alegre, formou-se um largo círculo de amizades, sendo possível citar os nomes do Eng. Moses Ribeiro do Carmo, o notário Pedro Bitencourt e Landel de Moura, que posteriormente, ou seja em 1947, criaram o Comitê do 6º Distrito Pró-Criação de um Estado judeu na Palestina.

Este Comitê mandou publicar na imprensa vários artigos expressando seus pontos de vista. Realizou um comício no Cine Carlos Gomes, no qual discursaram o Dr. Coelho de Souza, Dr. Mem de Sá e Prof. Rubens Maciel, todos a favor da partilha da palestina, que estava sendo discutido na ONU (EIZIRIK, 1986, p. 124).

<sup>346</sup> Cf. À Pedido. Onde estava, realmente, o Mufti? *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 9 jun. 1948. p. 7.

O artigo, de modo geral, fazia uma crítica ao Mufti por ter apoiado o Eixo na Segunda Guerra, e por ter combatido *os soldados das Democracias e os nossos queridos pracinhas*. Igualmente dizia: *Não nos causa espécie que muçulmanos ataquem, de maneira tão odienta, e por intermediários de seus porta-vozes, a coletividade israelita brasileira*, sendo citados alguns trechos do Alcorão tais como: *Mata os teus inimigos onde quer que os encontres; lança-os dos lugares de onde eles te lançaram, pois sedição é pior do que carnificina*, já os judeus, por sua vez, segundo *os nacionais*, eram, como os cristãos, guiados pela Bíblia. Assim, os árabes por defenderem o Mufti, por atacarem os israelitas e por possuírem mais diferenças do que semelhanças com os nacionais, segundo estes, foram duramente criticados no artigo.<sup>347</sup>

O mesmo também afirmava que não seriam alguns *insensatos, montados em lombos de camelo, a vomitar impropérios*, [que iriam] *modificar os sentimentos pacatos, mas viris, do povo brasileiro. Não são os que aqui chegaram ontem que nos dirão quem são os judeus*, pois, *o Brasil sabe, pelo testemunho da História, que os judeus participaram, pelo menos indiretamente, da glória inolvidável de Pedro Álvares Cabral*.<sup>348</sup>

O texto citava ainda nomes de brasileiros que se manifestaram contra o anti-semitismo e a favor da manutenção do Estado de Israel,<sup>349</sup> bem como o de *brasileiros que pregavam o anti-semitismo ou se manifestaram contra o Estado judeu*, declarando:

**Luiz Amaral e Amauri Fontes:** Não sabemos quem são. Nem de onde vieram nem para onde vão. Em linguagem forense dir-se-ia: estão em lugar incerto e não sabido. Nomes como João e Pedro dos Anzóis teriam para nós a mesma significação. Esperamos entretanto que nos mostrem as “armas e os brasões”, para que possamos avaliar de suas respectivas idoneidades já que militamos em campos opostos.

**Carlos de Lacerda:** Este sim, nós sabemos bem de onde ele veio, veio certamente da Síria, do Líbano, da Palestina, da Transjordânia, do Iraque, da Arábia Saudita e do Egito. (Ah, como viajou! E como não gastou!). Para onde ele vai não sabemos. Ultimamente costuma ir, amiúde, para hospitais do Rio, pois sua senhoria, em conseqüência – naturalmente - da moderação e equilíbrio, tem levado tantas e tão injustas surras que até já foi apelidado de “o caixa da pancadaria” do Distrito Federal.

Diz o senhor Amauri Fontes que a posteridade erguerá estatuas a Luiz Amaral e Carlos de Lacerda (jornalistas por favor não riam). De acordo: mas que o “metal” venha da Arábia, pois que o Brasil ainda tem muitos e venerados cidadãos cuja memória deva ser perpetuada em bronze. E por falar em Fontes, saberá o senhor Amauri que os nomes portugueses que

<sup>347</sup> Ibidem.

<sup>348</sup> Ibid.

<sup>349</sup> Ibid. Entre estes aparecem os nomes de alguns *intelectuais e políticos* que opinaram na enquête do *Diário de Notícias*, tais como: Tarso Dutra, Alcides Flores Soares Júnior, Leonel Brizola, Francisco Brochado da Rocha, Érico Veríssimo, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas, Coelho de Souza, entre outros, conforme mencionei anteriormente.

simbolizam florestas, rios, matos, montanhas, frutas, FONTES são quase todos de longínqua origem semita?<sup>350</sup>

Além do apoio público dos *genuinamente nacionais*, diariamente, vinham sendo publicados anúncios, nos jornais da capital, convidando a população de Porto Alegre para assistir *a grandiosa sessão pública* que seria realizada no dia 14 de junho no Teatro Carlos Gomes, com a finalidade de solicitar ao governo brasileiro que reconhecesse o Estado judeu. O evento seria promovido por *um grupo de elementos dos mais representativos da intelectualidade gaúcha*,<sup>351</sup> pois segundo os intelectuais, com esta atitude, mais uma vez, o Brasil reafirmaria *ao mundo, que sempre se norteou pelos ditames da Justiça e do Direito*.<sup>352</sup>

No evento, foi lida uma moção de reconhecimento que posteriormente seria enviada ao presidente Eurico Gaspar Dutra. A *assembléia popular* contou com as presenças de Moisés Vellinho e Coelho de Souza, *que proferiu aplaudido discurso*. Alcides Flores Soares Junior, Érico Veríssimo e os deputados estaduais Brochado da Rocha, líder da bancada do PTB na Assembléia, Odílio Araújo, outro representante trabalhista e Mem de Sá, líder da bancada Libertadora, também, *usaram da palavra, sendo igualmente muito aplaudidos*. Ainda discursaram os senhores *Gontram de Melo Ramos e Hélio Sá, representantes do 6º distrito*, presentes no evento acompanhados por uma grande *delegação* deste mesmo distrito porto-alegrense, a qual *para tanto, utilizou-se de condução especial*, conforme informação do Diário de Notícias.<sup>353</sup>

Ao encerrar *a reunião*, Moisés Vellinho solicitou à *Assembléia que, de pé, mais uma vez, mostrasse o seu desejo de ver concretizado o reconhecimento pelo governo brasileiro do Estado de Israel, aplaudindo a moção [...] que lera ao princípio da magna reunião*, e depois cantado o Hino Nacional.<sup>354</sup>

<sup>350</sup> Cf. À Pedido. Onde estava, realmente, o Mufti? **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 9 jun. 1948. p. 7.

<sup>351</sup> Cf. Movimento para que o Brasil reconheça o Estado de Israel. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 11 Jun. 1948. p. 2. O Convite intitulado *O Reconhecimento do Estado de Israel pelo Brasil* foi publicado nos dias 11, 12 e 13 de junho de 1948 nos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal do Dia*. Esse tipo de evento, de apoio ao reconhecimento de Israel pelo governo brasileiro, ocorreu em muitas cidades do país.

<sup>352</sup> Cf. O Reconhecimento do Estado de Israel pelo governo do Brasil. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 17 Jun. 1948. p. 7.

<sup>353</sup> Cf. O Reconhecimento do Estado de Israel pelo governo do Brasil. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 17 Jun. 1948. p. 7. Nesta extensa notícia além da transcrição da moção dirigida ao governo brasileiro, encontram-se muitas informações sobre o evento ocorrido em 14 de junho de 1948.

<sup>354</sup> *Ibidem*.

### 3. 5. O Armistício de Porto Alegre

A partir do dia 10 de junho, não encontrei mais nenhum artigo publicado *a pedido* nos jornais sobre o conflito árabe-israelita em Porto Alegre. No entanto, no dia 18 do mesmo mês, localizei no *Diário de Notícias* uma reportagem intitulada: *Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas*.<sup>355</sup>

Conforme apresentei no início deste capítulo, esta notícia resulta de uma reunião, ocorrida em 16 de junho de 1948, no *Círculo Policial Porto-Alegrense*, entre os representantes das colônias israelita e sírio-libanesa de Porto Alegre mediada pelo diretor da Delegacia de Segurança Social e Economia Popular (DESSEP),<sup>356</sup> Dr. Hélio Carlomagno. Segundo informa o jornal, agindo como *um autêntico Conde Bernadotte gaúcho* conseguiu *pacificar as duas colônias*.<sup>357</sup>

A notícia referia que o *drama da Palestina, entre judeus e árabes afetou, como era natural, as colônias israelita e sírio-libanesa, não só de Porto Alegre como de todas as cidades do Brasil*. No entanto, *nesta capital, esses grupos, através de publicações na imprensa local e de divulgações no rádio, vinham apresentando as suas razões, para justificar o sério conflito em curso...* E quando o assunto já *descambava* para um terreno *delicado, para não dizermos perigoso* os líderes da *coletividade judaica e sírio-libanesa, da metrópole gaúcha, deliberaram expor a questão ao dr. Hélio Carlomagno*. Após escutar os representantes das comunidades, o mediador sugeriu uma reunião na sede do *Círculo Policial*, idéia aceita por ambos. Assim,

...na noite de quarta-feira os amplos salões do Círculo Policial ficaram repletos de filhos de descendentes de judeus e árabes, que em Porto Alegre se dedicam aos mais variados misteres. De parte da colônia sírio-libanesa viam-se, entre outras pessoas de destaque, os drs. A. Creidy e Jamil Aiquel e François Nemmé. Pelos israelitas estiveram presentes além

<sup>355</sup> Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. Última página.

<sup>356</sup> Anteriormente, durante o Estado Novo (1937-1945) denominada Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

<sup>357</sup> Cf. Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. Última página. Para maiores esclarecimentos, consulte também alguns documentos e fontes policiais existentes no AHRs, no Museu da ACADEPOL e no Arquivo Público do Estado do RS, a fim de localizar algum registro, ocorrência ou processo-crime por injúrias verbais por parte de membros de ambas as coletividades. No entanto, até o momento não encontrei nenhuma informação. Talvez as queixas e reclamações (feitas aos órgãos policiais) não foram formalizadas, sendo tudo resolvido de modo amigável através do diálogo. Dessa forma, talvez por isso, até o momento, somente encontrei os registros sobre esses acontecimentos em jornais e em algumas fontes da comunidade judaica do RS.

de muitos outros, os drs. Maurício Seligman, Maurício Steimbruck, Abraão Grinberg e sr. Willy Lewgoy.<sup>358</sup>

Conforme consta no jornal, Carlomagno, ao ser *abordado sobre sua mediação no caso judaico-sírio-libanês em Porto Alegre, assim se expressou:*

Efetivamente, fui procurado por elementos de ambas as correntes, para servir de mediador a um amplo entendimento, já que generosamente esses brasileiros demonstraram confiança na minha imparcialidade. Foi muito grato ao meu espírito promover a harmonia no seio desta parcela de **bons brasileiros** [grifo meu], por isso que toda a missão pacificadora muito sintoniza com nossos anseios de ordem e de tranqüilidade. Assim que, reunidos, quarta-feira, á noite, no “Círculo Policial”, descendentes de árabes e judeus, após longamente debatido o momentoso e delicado assunto, conseguiu sobreviver a tese de que, jamais, por motivos de origem, os homens nascidos nesta terra, hão de se digladiar. Vi verdadeiramente comovido, abraçarem-se fraternalmente aqueles que antes polemizavam. Digno de elogio foi o magnífico espírito de transigência recíproca, que dominava os membros de ambas as partes.<sup>359</sup>

A reportagem concluída que com a mediação realizada por Carlomagno, encerrou *a polêmica entre israelitas e sírio-libaneses*.<sup>360</sup>

Porém, outra notícia publicada no mesmo periódico, um dia antes, colocava em risco o armistício. Esta anunciava a vinda a Porto Alegre do *eminente jornalista e tribuno* Carlos Lacerda, que em 21 de junho, através de uma palestra no Cinema Imperial, *falaria ao povo do Rio Grande*.<sup>361</sup> Sua presença em Porto Alegre foi amplamente noticiada tanto pelo *Diário de Notícias*, quanto por outros jornais.<sup>362</sup>

Lacerda chegou em 20 de junho, domingo, viera *à convite de amigos a fim de pronunciar uma conferência sobre o Mundo Árabe*. No Aeroporto São João, ao desembarcar do avião da *Cruzeiro do Sul* foi cumprimentado por *jornalistas, amigos, admiradores e por seus correligionários da UDN*. Em Porto Alegre, o *dedicado batalhador da imprensa* foi homenageado pela Associação Rio-Grandense de Imprensa. O *Diário de Notícias*, ainda

<sup>358</sup> Cf. Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. Última página.

<sup>359</sup> Ibidem.

<sup>360</sup> Ibid.

<sup>361</sup> Cf. Carlos Lacerda, eminente jornalista e tribuno, falará ao povo do Rio Grande, segunda-feira próxima, dia 21 do corrente, às 20 horas, no Cinema Imperial. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. Última página.

<sup>362</sup> Cf. Carlos Lacerda, eminente jornalista e tribuno, falará ao povo do Rio Grande, segunda-feira próxima, dia 21 do corrente, às 20 horas, no Cinema Imperial. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 18 e 19 de Junho. 1948. Ambas notícias localizadas na Última página; Chegará Hoje o Jornalista Carlos Lacerda. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 20 Jun. 1948; Em Porto Alegre o Jornalista Carlos Lacerda. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. Última página; Carlos de Lacerda. Eminente jornalista e tribuno falará ao povo do Rio Grande do Sul, segunda-feira próxima, dia 21 do corrente, às 20 horas, no Cinema Imperial. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. p. 8; Chegada do jornalista Carlos de Lacerda. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. p. 8.

informava que *entre as homenagens que Carlos de Lacerda receberá nesta capital, destaca-se um banquete [...] que terá lugar hoje à noite [20 de junho] no Salão do Clube do Comércio*. E,

amanhã, às 20 horas, no Cinema Imperial, o ilustre visitante pronunciará a sua conferência. Nessa ocasião fará a sua apresentação ao público de Porto Alegre, o jornalista Adail Borges Fortes da Silva, presidente da ARI e do Sindicato dos Jornalistas. A saudação em nome dos jornalistas e intelectuais gaúchos será feita pelo escritor Athos Damaceno Ferreira, devendo, também, saudá-lo em nome de seus amigos da coletividade síria e libanesa, o dr. Abdalla Adalberto Creidy. A Rádio Difusora irradiará a solenidade do Cinema Imperial.

Segunda-feira à tarde, a Associação Rio-Grandense de Imprensa recepcionará em sua sede o confrade carioca, devendo nessa ocasião Carlos de Lacerda pronunciar uma palestra sob palpitante tema de interesse nacional.<sup>363</sup>

Em meio à presença de Lacerda e após o armistício, os líderes das colônias israelita e sírio-libanesa, manifestaram suas opiniões sobre a reunião no Círculo Policial e sobre a presença do *eminente jornalista* em Porto Alegre.

Abdalla Adalberto Creidy, em entrevista ao *Diário de Notícias*, elogiando o mediador referiu que: *Carlomagno expressou-se de maneira brilhante em suas declarações ao Diário de Notícias, revelando não só o pensamento de árabes e judeus residentes no Rio Grande do Sul, mas, também, radicados em todo o país, externando assim, o pensamento de todos os bons brasileiros* [grifo meu].<sup>364</sup>

O líder árabe ainda mencionou que: *ambas as comunidades somente desejam trabalhar para o progresso e a grandeza deste país generoso, que é o Brasil. Que por ser tão hospitaleiro e tão livre, merece que todos os seus filhos nada mais anseiem do que vê-lo ascender aos seus mais gloriosos destinos*. E, ao ser interpelado a respeito das conferências de Lacerda disse ele que: *a vinda daquele polemista a Porto Alegre já há um mês que estava sendo aguardada pela colônia sírio-libanesa da capital, mas que ela não tinha a menor ligação com os fatos, ou, melhor, com as polêmicas travadas entre as coletividades sírio-libanesa e israelita Porto-Alegrenses*.<sup>365</sup>

Por sua vez, conforme o mesmo jornal, *Maurício Seligman, mostrou-se também reservado, afirmando, apenas, que, efetivamente, na sede do Círculo Policial, filhos e descendentes de judeus e árabes, haviam firmado um armistício*.<sup>366</sup>

Ao final, a reportagem mencionava: *sabemos, ainda, que a conferência do jornalista Carlos de Lacerda está sendo aguardada com vivo interesse pela colônia israelita. E que do tom da*

<sup>363</sup> Cf. Chegará Hoje o Jornalista Carlos Lacerda. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 Jun. 1948. p. 10.

<sup>364</sup> A Conferência do Sr. Carlos Lacerda poderá refletir no “armistício” árabe-israelita. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19 Jun. 1948. Última página.

<sup>365</sup> Ibidem.

<sup>366</sup> Ibid.

*mesma dependerá a continuação do modus-vivendi estabelecido entre as duas coletividades, citando a mesma que: o dr. Hélio Carlomagno, ontem, à tarde, manteve, em seu gabinete de trabalho, na DESSEP, uma longa conferência com os líderes sírio-libaneses locais.*<sup>367</sup>

Sobre a conferência de Lacerda, o *Diário de Notícias* informa que naquela noite de 21 de junho, no Cinema Imperial,

.literalmente cheio, teve lugar sua anunciada conferência sobre os acontecimentos da Palestina. Saudado pelo presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa e pelo escritor Athos Damaceno Ferreira, sob aplausos intermináveis o conferencista iniciou seu trabalho discorrendo com segurança e brilho e prendendo a atenção do auditório por todo o tempo. Na verdade, poucas vezes foi dado a Porto Alegre assistir a um conferencista de tantos recursos, dotado de uma palavra fluente e vivaz que emanado do conhecimento real dos problemas por ele estudado no caótico e misterioso Oriente.<sup>368</sup>

Por sua vez, o *Correio do Povo* apresentando Lacerda como *redator do Correio da Manhã, do Rio e intelectual de larga projeção no cenário nacional*, noticiava que a homenagem realizada na sede da Associação Rio-Grandense de Imprensa estendia-se igualmente ao *jornalista Emil Farhat* que também se encontrava na Capital e que Adail Borges Fortes da Silva, *presidente da entidade que congrega os trabalhadores de imprensa do nosso Estado*, saudou *os confrades cariocas, passando a palavra ao nosso companheiro de trabalho Manoelito de Ornellas, que, por sua vez ressaltou a atividade profissional de Carlos Lacerda e Emil Farhat, como figuras combativas e de alta expressividade nos meios intelectuais do país*. Na festa, que transcorreu em ambiente fraternal foram oferecidos *champagne e frios* aos presentes.<sup>369</sup>

O texto ainda diz que *o ato público foi instalado pelo jornalista Adail Borges Fortes da Silva*, sendo o orador seguinte *o escritor Athos Damasceno Ferreira, que saudou o sr. Carlos de Lacerda, ressaltando ao mesmo tempo o grande e fundamental papel que cabe aos intelectuais, no mundo inteiro, na orientação da sociedade humana, no sentido do bem estar social.*<sup>370</sup>

Sobre a conferência, a reportagem relata que o jornalista carioca *declarou que naquele instante vinha-lhe ao espírito um problema de consciência, [...] o de que talvez fosse mais oportuno tratar, quando pela primeira vez se dirigia ao povo porto-alegrense, um tema de interesse imediato, e não abordar uma questão aparentemente tão afastada de nós, como a luta que hoje se verifica na Palestina, entre árabes e judeus*. De acordo com o jornal, Lacerda disse

<sup>367</sup> Ibid.

<sup>368</sup> Cf. Homenagem ao Jornalista Carlos Lacerda. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. Última página.

<sup>369</sup> Cf. Em Porto Alegre o Jornalista Carlos Lacerda. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. Última página.

<sup>370</sup> Ibidem.

que: *a questão da Palestina, envolve interesses de tal monta que não tinha receio em afirmar, eram também palpitantes para os brasileiros, pois daquele drama que se desenrola na Terra Santa, bem poderá surgir uma nova guerra, que ira ensangüentar os povos de todo o mundo.*<sup>371</sup>

O palestrante desenvolveu *as premissas de sua tese, contrária a formação do Estado de Israel falando por mais de duas horas. Suas considerações fundamentaram-se não no anti-semitismo, que considera absurdo e prejudicial, mas no [...] direito líquido e certo dos povos árabes: a posse do território da Palestina.* Lacerda, igualmente *apresentou estatísticas e fez demoradas apreciações de caráter histórico e geográfico.* E, ao final, *fez um apelo no sentido de que os brasileiros não reconheçam o Estado de Israel e procurem influir junto ao governo de modo que, na ONU, o Brasil defenda uma solução pacífica, que venha satisfazer as aspirações fundamentais dos judeus e árabes.* Ainda refere o periódico que *o orador foi ouvido sempre com muito interesse, sendo, ao final, entusiasticamente aplaudido pela assistência, em grande parte composta por membros da colônia Sírio-Libanesa.*<sup>372</sup>

Cabe ainda dizer que Lacerda palestrou sobre o mesmo tema nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>373</sup>

Sobre estes episódios, Jaime Maltz, um jovem-judeu-pelotense-sionista e estudante de medicina, membro ativo de sua comunidade, entrevistado em 1948 pelo repórter Fúlvio Bastos, do Diário de Notícias, conforme visto ao longo do texto, recordou aqueles momentos em outra entrevista. Concedeu ao ICJMC um depoimento, em 1991, no qual o depoente narra o seguinte:

...Fui muito ativo. Fui da diretoria da ala moça do Partido Libertador onde havia líderes [...] que tiveram um papel muito [...] importante em Porto Alegre e muito pequeno na ordem mundial, mas tiveram importância. No fato de Oswaldo Aranha votar pela proclamação do Estado de Israel, pela votação sem adiamento que foi, o Mem de Sá, [...] que era muito nosso amigo. O Coelho de Souza que nós até organizamos homenagens a ele, a ponto da Biblioteca do Círculo Social Israelita, que naquela época era em cima do Cinema Baltimore, passou a se chamar Biblioteca Coelho de Souza.

O Mem de Sá, o Coelho de Souza, o Professor Martins Costa, o Promotor Araújo, muitos líderes, todos líderes do partido libertador, mas amigos nossos, que até hoje são amigos. O Dr. Rubem Maciel e outros, nós inclusive tínhamos tanta intimidade com eles que uma vez fizemos um Comício pró-declaração do Estado de Israel no cinema Carlos Gomes e que só eles subiram a tribuna, [...] foram só chamados os não-judeus que estavam na tribuna fazendo discursos inflamados, declarações, numa noite né? [sic] E isso era uma batalha, porque naquela época, não se sabe como os árabes, que nós achamos que foram contratados,

<sup>371</sup> Ibid.

<sup>372</sup> Ibidem.

<sup>373</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, Rio de Janeiro, n. 266, 17 Junho de 1948. Por sua vez, defendendo o ponto de vista dos judeus Samuel Wainer, desafeto de Lacerda, proferia igualmente palestras e conferências. Cf. WAINER, Samuel. **Minha razão de viver; memórias de um repórter.** 9ª Edição. Org. e editoração de Augusto Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 107-112.



pode ser que fosse por simpatia, Carlos Lacerda vinha fazer comícios contra a formação do Estado de Israel e pró-árabe aqui em Porto Alegre. E nós fazíamos nossos comícios com o grupo do PL.<sup>374</sup>

A presença de Lacerda na capital gaúcha e sua conferência acerca da *questão palestina*, conforme é possível acompanhar nos jornais dos dias seguintes, não interferiram no armistício. Encerrava-se dessa forma, o conflito árabe-israelita de Porto Alegre, que repercutira no centro do país.<sup>375</sup>

### 3. 6. O Jogo das Identidades

Após a reunião realizada no Círculo Policial, estavam apaziguados os ânimos de *israelitas* e *árabes* (sírio e libaneses) em Porto Alegre, agora restava a ambos os grupos viver como *bons brasileiros*. Em outras palavras, a identidade incorporada abordada aqui, para o grupo étnico judeu trata-se da identidade nacional israelense e, para os árabes, as identidades nacionais síria e libanesa.

Como se pode verificar, ao longo do conflito, judeus e árabes não se mantiveram eqüidistantes do que acontecia na Palestina. Ao defenderem seus pontos de vista, acionando e incorporando suas respectivas nacionalidades; estavam também negociando sua *identidade nacional* brasileira, ou sua *brasilidade*, segundo a definição de Jeffrey Lesser.<sup>376</sup>

Neste sentido, Lesser refere que:

<sup>374</sup> Cf. MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 23/05/1991.

<sup>375</sup> Localizei na revista Seleções Sionistas de 1962 - editada pela OSU/RS - dois textos: *Porto Alegre homenageou Theodor Herzl*, de Samuel Goldfeld e *O destino sabe sempre achar um caminho*, de Orlando Loureiro que apresentam um encontro posterior entre os personagens do conflito árabe-israelita. Assim, 14 anos depois, em 22 de julho de 1962, árabes e israelitas interagiram novamente em um mesmo contexto. Visto que, por meio de uma proposição do vereador Valério Malinsky, o Largo (na confluência das avenidas Oswaldo Aranha e Protásio Alves e das ruas Venâncio Aires e Augusto Pestana) em frente ao Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, através de um ato público, passaria a ser denominado de *Largo Theodor Herzl*. Neste, a prefeitura Municipal de Porto Alegre inaugurou uma placa de bronze, com o busto de Herzl em relevo, em homenagem ao idealizador de Israel, com os seguintes dizeres: “Largo Theodor Herzl, jornalista e idealizador Estado de Israel. Colocada pelo Lions Farrapos”. No evento, estiveram presentes além das autoridades municipais, dos membros da comunidade judaica e dos representantes da Associação Rio-Grandense de Imprensa, os membros do Lions Clube PortoAlegre-Farrapos, apoiadores da idéia, e os quais tinham como seu “governador” o advogado “árabe” Jamil Aiquel que, após proferir suas palavras congratulou-se com a colônia israelita pelo acontecimento. Encerrando a solenidade o Prefeito Loureiro da Silva, “em vibrante improviso, agradeceu a iniciativa do Lions Clube Farrapos, enaltecendo a figura do homenageado, [...], lembrou a efetiva colaboração da coletividade israelita na vida do Município”. Cf. GOLDFELD, Samuel. *Porto Alegre homenageou Theodor Herzl*. In: **Seleções Sionistas**, Porto Alegre, n. 5, Ano III, julho-agosto, 1962. p. 14-16.

<sup>376</sup> Cf. LESSER Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

O sentimento de serem diferentes e, mesmo assim, semelhantes era particularmente visível entre os não-europeus, que tinham mais a ganhar abraçando *tanto* uma nacionalidade brasileira uniforme, tal como imaginada, *quanto* suas novas etnias pós-imigratórias. Essas identidades eram múltiplas e muitas vezes contraditórias, e os símbolos disponíveis para serem usados e re-trabalhados estavam em constante fluxo. [...] Esses imigrantes (e seus descendentes) insistiram que novas categorias hifenizadas deveriam ser criadas sob a rubrica de *brasileiros*.<sup>377</sup>

Ainda segundo Lesser, *os imigrantes e seus descendentes desenvolveram maneiras sofisticadas e bem-sucedidas de tornarem-se brasileiros, alterando a idéia de nação, tal como proposta pelos que ocupavam posições de domínio. Assim, em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua niponicidade ou sua libanidade tanto quanto sua brasilidade*.<sup>378</sup>

Tanto judeus, quanto sírios e libaneses, ao se apresentarem publicamente como apoiadores dos aliados e combatentes ao lado destes na Segunda Guerra, como defensores da democracia e da liberdade, não manifestavam apenas suas idealizações para as jovens pátrias emergentes, pois para eles, defender estes valores, era também uma forma de se mostrarem como *bons brasileiros*, visto que desse modo se auto-representavam, desejando serem vistos e reconhecidos assim pela comunidade maior.

Através dos artigos publicados nos jornais, os respectivos grupos denunciaram e responderam acusações com o objetivo de mostrarem suas virtudes. Lutavam simbolicamente, disputando o reconhecimento público e o poder de nomear a si mesmos e, por extensão, ao outro. Assim, afirmar que lutavam por uma causa justa, significava taxar seu adversário de injusto,

---

<sup>377</sup> Idem, 2001. p. 19-20.

<sup>378</sup> Lesser refere que: ...esses imigrantes tanto manipularam quanto modificaram o sistema, tornando-se, rapidamente, parte integrante da nação brasileira moderna, à medida que eles desafiavam as idéias de como essa nação deveria ser imaginada e construída.

Ao longo de todo o século XX, os integrantes de uma elite imigrante sempre crescente (estudantes universitários, diretores de colônias agrícolas, proprietários de grandes ou pequenas empresas, jornalistas e intelectuais) engajaram-se de forma atuante num discurso público sobre o que significava ser brasileiro – por meio de jornais, livros da arena política e, com frequência de movimentos de massa –, tendo como interlocutores políticos influentes, do nível estadual e federal, intelectuais e líderes empresariais. Eles criaram gêneros orais e escritos, nos quais as diferenças étnicas foram reformuladas para apropriar-se da identidade brasileira. [...].

Esse não foi um processo fácil ou suave, e as tentativas de legislar ou de impor a *brasilidade* nunca tiveram êxito. Ao nos aproximarmos da virada do milênio, o Brasil permanece sendo um país onde a etnicidade hifenizada é predominante, embora não reconhecida. [...]

Os imigrantes desafiavam os conceitos simplistas de raça, acrescentando à mistura um elemento novo: a etnicidade. Todos os 4,55 milhões de imigrantes que entraram no Brasil entre 1872 e 1949 trouxeram consigo uma cultura pré-migratória e criaram novas identidades étnicas. Entretanto, foram os 400 mil asiáticos, árabes e judeus, considerados não brancos e não pretos, que mais puseram em xeque as idéias da elite sobre a identidade nacional. Cf. LESSER, 2001. p. 17-36.

apresentar-se como civilizado ou defensor da liberdade, significava classificar o outro como bárbaro e opressor. Ambos os grupos sentiram-se atingidos com a opinião dos representantes locais de seus adversários e, devido a tais sentimentos, reagiram.<sup>379</sup>

O apoio dos brasileiros, isto é, os de fora destas fronteiras étnicas, para um ou outro grupo, fazia pesar a balança ora para um lado, ora para outro, legitimando as razões de árabes e de judeus, acima de tudo, criando um canal comum de diálogo, reconhecendo nos grupos diferenças e semelhanças que os aproximavam ou distanciavam da comunidade maior. Negociavam assim a identidade nacional brasileira, formando assim identidades hifenizadas.

Em conclusão, imigrantes sírios, libaneses, judeus e seus descendentes, durante este período, *jogaram o jogo das identidades*, conforme a definição de Stuart Hall, pois ao acionar múltiplas identidades, incorporando suas *novas* nacionalidades, apresentaram-se também como brasileiros, sendo vistos como tais.

---

<sup>379</sup> Cf. BOURDIEU, 1990. p. 149-168.

#### 4. O SIONISMO: NOVOS RUMOS E PERSPECTIVAS

Com a criação de Israel, a OSM e o movimento sionista como um todo passara a uma posição de aparelho administrativo-burocrático paralelo ao Estado judeu e, na visão de muitos, como o movimento já havia cumprido sua missão, deixava de ter razão de existir. O período pós-1948 se caracteriza como uma fase de transição, ou seja, como um momento de redefinição da política e dos propósitos do sionismo, pois a arena política ou o lugar das disputas, conflitos, idéias e decisões, passava da OSM ao Estado israelense, a partir de então cabia ao governo deste ocupar a posição de porta-voz e representante dos judeus.<sup>380</sup>

No entanto, se a OSM havia realizado seu intento, desmanchar este aparelho em função de outro não se constituiria em uma tarefa simples. Pois, o novo Estado, a fim de se organizar como tal, necessitava da estrutura montada anteriormente, na qual fundamentara suas bases.

Neste capítulo, além dos *novos rumos e perspectivas* do movimento, apresento algumas desavenças, impasses e conflitos ocorridos no Estado gaúcho e no Brasil, bem como novos questionamentos surgidos em decorrência desse processo de transição, em outras palavras, a passagem do *poder simbólico* da esfera da OSM para a alçada do Estado Judeu.

Assim, minha perspectiva abrange dois caminhos que se cruzam constantemente: um analisa brevemente o que ocorria em relação ao movimento fora do Rio Grande do Sul, isto é, entre os judeus da diáspora (ou do *galut*?) no restante do Brasil e no cenário mundial, visto que em parte essa movimentação se refletia na comunidade judaica sul-rio-grandense. O outro caminho, verifica aspectos e peculiaridades que se restringem à política sionista regional, a qual, por sua vez, possuía características próprias que a diferenciavam de outras localidades.

No Brasil, e em especial no RS, conforme visto, os anos imediatos ao pós-guerra 1945-1948, foram de grande efervescência para o movimento sionista, visto a concretização de seu

---

<sup>380</sup> Neste período a distinção entre sionismo e judaísmo, aparece mais claramente, a qual talvez tenha atingido seu ápice nos anos 1970, mais especificamente em 1975, ano em que a Assembléia Geral da ONU qualificou o movimento como uma forma de racismo e discriminação racial.

objetivo máximo. Porém, no triênio 1949-1951, o mesmo encontrou dificuldades latentes, ao se deparar com novas questões surgidas em decorrência da criação de Israel. Não seria possível aqui, aprofundar os pormenores deste processo, pois fugiria ao objetivo deste trabalho.

No entanto, se esse significou o início de uma crise nos meios sionistas,<sup>381</sup> foi simultaneamente um momento de grande euforia e regozijo entre os judeus da diáspora, muitos dos quais se dirigiram para o novo Estado, a fim de conhecê-lo ou fixar nele residência. Ieda Gutfreind, ao abordar a internalização de símbolos identitários relacionados com o Estado israelense no judeu da diáspora, menciona:

Gradativamente, eles se multiplicam; nas expressões lingüísticas, pois muitas palavras anteriormente faladas em *idiche* agora são pronunciadas em hebraico; no uso da indumentária, como um típico boné dos habitantes dos *kibutzim* israelenses; objetos/símbolos nacionais vão se tornando comuns. Inicialmente eram visualizados em imagens, em fotos de jornal, de revistas, mas, aos poucos, Israel torna-se mais íntimo, seja através das narrativas dos emissários e políticos em visita a Porto Alegre ou pelos relatos dos visitantes que de lá retornam. Tais (re)conhecimentos já não se delimitam aos sionistas, alcançando a população judaica mais ampla. Tais símbolos são trazidos para junto dos corpos e das mentes [...]: bandeiras, estrelas de Davi e outros adornam lapelas, tornam-se ornamentos identificadores em homens e mulheres e logo Israel torna-se tangível e experiências com o país passam a ser vividas.<sup>382</sup>

Em meio a esta transição, os emissários continuaram percorrendo o Brasil de norte a sul, agora como agentes estatais israelenses, em busca de recursos e cidadãos para o novo país.

#### 4. 1. Novos rumos, perspectivas e indefinições

Logo após a criação de Israel e da Guerra de 1948, um dos principais questionamentos que pairava no ar dizia respeito sobre qual seria o papel da OSM e suas respectivas entidades representativas. Acerca deste assunto, são encontrados em *Aonde Vamos?*, diversos artigos, matérias e reportagens discorrendo sobre o tema.

Na revista de 26 de agosto de 1948, aparecem diversas notas abordando diferentes tópicos, sob o título: *Relações entre o movimento sionista e o Governo de Israel*. Uma destas, faz a seguinte citação: *A tese dos delegados norte-americanos, que pedem a imediata separação entre*

---

<sup>381</sup> Após a *Guerra de Independência* muitos judeus, sionistas e não-sionistas afirmavam que o movimento passava por um período de reorientação e transformação, denominado a crise do sionismo. Sobre o assunto ver: FRIESEL, Sigue. **Bror Chail: História do movimento e do Kibutz Brasileiros**. Colaboração da Comissão do Movimento (Vaadat Hatnuá) do Kibutz Bror Chail. Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial: Jerusalém, 1956.

<sup>382</sup> Cf. GUTFREIND, op. cit. p. 165.

*o movimento sionista e o governo de Israel, vem recebendo forte apoio do Partido Trabalhista Unido, que é o grupo de oposição dentro da Histradut, bem como do Partido Revisionista e da maioria dos sionistas gerais. O Mizrachi ainda não tomou nenhuma posição a respeito.*<sup>383</sup>

Em outra edição, de 19 de maio de 1949, um extenso artigo, assinado por Eliezer Schneider, também dedica atenção ao tema. O texto, intitulado: *O Estado de Israel, o sionismo e o KKL*, inicia da seguinte forma: *que caráter tomará o movimento sionista com a criação do Estado de Israel?*, e esclarece: *Esta pergunta que tem sido feita com frequência ultimamente reflete uma curiosidade muito natural. Os problemas de um estado são da alçada de seus dirigentes e cidadãos, não de estrangeiros mesmo que de origem étnica e cultural comum.* Por fim, o autor mencionava que o sionismo havia ocupado o lugar da religião judaica e com a fundação de Israel, a importância do Keren Kaiemet aumentaria, ao invés de diminuir.<sup>384</sup>

Outro extenso artigo, intitulado: *Israel precisa do movimento sionista*, assinado por Peretz Bernstein, membro do alto escalão do governo israelense, publicado na mesma revista, em 3 de agosto de 1950 abordava novas questões que norteariam o movimento, redefinindo a ação e a prática política sionista.<sup>385</sup>

Segundo o líder israelense identificado acima, o Estado judeu, embora estabelecido após uma luta gigantesca, exigia um esforço incomparavelmente maior para se consolidar. Abordando no texto um assunto de interesse de todos os judeus, conforme seus escritos, afirmava: *...o estabelecimento do Estado judeu longe de por termo ao sionismo, ao contrário tornou o sionismo de interesse de todos os judeus, uma necessidade para todos os judeus, quer o judeu individualmente goste ou não.*<sup>386</sup>

Visto isso, cabe destacar que se o sionismo, em alguns momentos confundira-se com o próprio judaísmo, sobrepujando e permeando vários setores deste, isso não significa que ele fora unânime entre todos os judeus, conforme desejavam suas lideranças.<sup>387</sup>

<sup>383</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 276, Rio de Janeiro, 26 Agosto de 1948.

<sup>384</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 313, Rio de Janeiro, 19 Maio de 1949.

<sup>385</sup> Cf. *Israel precisa do movimento sionista*. **Aonde Vamos?**, n. 375, Rio de Janeiro, 3 Agosto de 1950.

<sup>386</sup> *Ibidem*.

<sup>387</sup> É pertinente mencionar, parafraseando Roney Cytrynowicz quando o mesmo afirma, referindo-se a história do anti-semitismo, *que a história dos judeus no Brasil é muito mais complexa e multifacetada do que a história do anti-semitismo no país e não pode subordinar a primeira a segunda*, vale dizer que, igualmente a história do judaísmo abarca o sionismo e não o contrário. Roney Cytrynowicz. *Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940*. In: GRINBERG, Keila (Org.). op. cit. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 287-314.

Sobre a relação entre sionismo e judaísmo, para os sionistas, um ex-jovem militante durante o período estudado, em entrevista concedida ao ICJMC em 1988 - avançando a discussão iniciada naquele momento -, me possibilita verificar como alguns sionistas viam a questão, ao citar o seguinte:

Agora existem duas categorias: os sionistas e os não sionistas, como se [houvesse] distinção de um ou outro.

Porque os árabes estão empregando uma filosofia que tá vingando: judeu é amigo deles, os sionistas são inimigos. Então deve se exterminar e combater o Sionismo como a própria ONU, deu o voto favorável do Sionismo ser sinônimo de racismo. Então se o Sionismo é similar ao racismo, o judeu em si é também, porque não há judeu que não seja sionista. Só o assimilado. Qualquer judeu que se negar a dizer que é sionista ele é um judeu assimilado, ele não é judeu.

[...] Se tu diz que tu é judeu tu é sionista. Se tu diz que é sionista tu é judeu, porque não existe sionista sem ser judeu e judeu sem ser sionista. Porque o Sionismo é uma estrutura para fortalecer o judeu. Sem o Sionismo não era possível ter o Estado de Israel. É através do Sionismo... O que é o Sionismo? É ser judeu militante. Então isto é o Sionismo. Agora aquele que brada, que assina documentos que ele não é sionista, que ele é contra o Sionismo, não é judeu, é um elemento assimilado como qualquer outro.

Não se iluda, esse aí é o pior inimigo que o judeu tem. Aquele que brada: sou judeu, mas não sou sionista, esse é o pior elemento, é o pior inimigo, porque é um inimigo dentro da tua trincheira.

Então aquele judeu que grita que não é sionista, que ele é um judeuzinho bom, que está de acordo com a política de nossos adversários, que é contra Israel, o que está fazendo, é uma mentira! É um inimigo! É um indivíduo já assimilado. Não há duas categorias de judeus. Tu podes ser judeu sionista sem ser atuante! Tu podes ser um judeu sionista sem fazer nada também! Porque em todo setor tem o atuante e o não atuante, não é? [...]

Porque até agora, o mal nosso da comunidade é não saber o que é a palavra Sionismo. Esse é um termo que surgiu no século passado com os judeus atuantes. Porque antes só havia a vida religiosa. Hoje nós temos além da vida religiosa, temos a vida social-política, que é uma identidade do indivíduo, não só religiosa.<sup>388</sup>

Cabe referir que no período abordado, mesmo que minoritários, havia grupos judaicos contrários ao movimento, correntes *assimilacionistas* e *comunistas-não-sionistas*. Por outro lado, existiam conflitos internos relacionados à representação política, isto é, grupos contrários a OSM,

---

<sup>388</sup> O depoente ainda fornece informações de sua atuação quando jovem, até o final da década de 1980, conforme é possível verificar em outro trecho de sua entrevista: ...eu sempre desenvolvi uma atividade muito intensa desde jovem. A minha vida ao Sionismo vem desde a juventude. No interior [Passo Fundo] onde eu vivia, eu já exercia minhas atividades sionistas. Com a vinda a Porto Alegre ela se tornou mais intensa quando eu assumi uma entidade política, filiando-me a Organização Sionista, que era um partido, que era vinculado a todas as sociedades sionistas e dali venho desenvolvendo muito intensamente isso, com viagens a Israel também baseado nisso. Fazendo congressos da minha associação e até a data presente venho sempre desempenhando papéis muito importantes dentro da Organização Sionista, porque através de mim e mais um grupo, nós é que estamos movimentando a comunidade no setor sionista. Quer nas presidências, quer nos conselhos, nas diretorias, eu tenho dado meu apoio, tenho indicado nomes, tenho trabalhado, e nas campanhas [...] também eu tenho agido muito intensamente. Tenho me dedicado intensamente ao setor sionista, sou um sionista convicto. Cf. WAINSTEIN, Boris. Entrevista n. 046.1. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 30/03/1988.

os quais exigindo autonomia não aceitavam que nenhuma organização falasse em seu nome. Alguns destes igualmente faziam a distinção entre judaísmo e sionismo.

Ainda em 1947, uma notícia sob o título: *Distinção entre Judeu e Sionista*, publicada em *Aonde Vamos?*, já abordava esta questão ao referir:

Uma resolução que pede ao governo dos Estados Unidos e ao povo americano que “tenham presente que não existe nenhuma organização que possa, com qualquer autoridade, falar em nome de todos os judeus e que é necessário fazer uma distinção clara entre judeu e sionista entendendo que eles não são sinônimos” – foi adotada na sessão de encerramento da conferência nacional do Conselho Americano de Judaísmo, realizado nesta cidade [Filadélfia].<sup>389</sup>

Para os objetivos deste estudo, a importância da discussão a respeito da distinção entre sionismo e judaísmo, interessa no sentido de evidenciar a transformação e a reelaboração pela qual o movimento passara, a partir da concretização de seu objetivo, em 1948. Igualmente, cabe destacar que esta questão desde o *boom* do movimento no Brasil, em 1945, esteve presente entre os judeus, porém em menor proporção. Portanto, analiso aqui, este debate pela perspectiva das novas questões, programas, propósitos, objetivos e problemas que vieram à tona com mais força, após a criação de Israel, inscrevendo-se na agenda do Estado israelense e dos judeus da diáspora.

Neste contexto, havia também a necessidade de organizar internamente o novo Estado, estabelecido em meio à guerra com seus vizinhos fronteiriços. No que tange as relações internacionais, Israel buscava o reconhecimento dos demais países, dentre estes o Brasil – desencadeando no país, conforme visto, campanhas de reconhecimento do Estado recém criado.

Outro problema que se impôs ao novo país evidencia a dificuldade de se definir as identidades nacionais a partir de critérios pré-estabelecidos e a fragilidade do conceito de nação, atravessado por inúmeras questões. Neste sentido, uma pergunta que se fazia era: afinal de contas quem eram os israelenses? os judeus, mas como enquadrar os cristãos e palestinos que se encontravam no território? E quanto aos judeus da diáspora, entre estes alguns que se dirigiam ao país, devido a férias, trabalho, etc., seriam também considerados cidadãos israelenses? tinham eles os mesmos direitos civis dos demais?

Além da questão da cidadania israelense, igualmente outras demandas estavam relacionadas aos judeus da diáspora, como a *aliá* e a coleta de recursos financeiros para a

---

<sup>389</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, n. 198, 27 Fevereiro de 1947.



construção do novo país. Por outro lado, a forma de governo a ser seguida, também se fazia presente entre as discussões e questionamentos.

Não é objetivo principal deste trabalho responder estas questões, apenas as apresento com o intuito de indicar a complexidade do tema e a fim de caracterizar as dificuldades e os problemas surgidos em decorrência do novo Estado, os quais exigiram novos conceitos para definir novas demandas semânticas, situações jurídicas, sociais e políticas. Por sua vez, as diferenças na divisão semântica correspondiam a diferenças na concepção das coisas.

Na edição de *Aonde Vamos?* de 28 de dezembro, de 1950 encontra-se o artigo intitulado: *Israelis, Israelitas, Israelenses*, com o seguinte enunciado: *como devem se chamar os cidadãos do novo Estado judeu*. Junto ao texto encontra-se uma nota da revista esclarecendo: *Neste semanário, preferimos a forma israelense, para designar os cidadãos de Israel ao termo geralmente usado de israelis, que nos parece cópia servil do espanhol.*<sup>390</sup>

O artigo iniciava explicando que:

Com o Estado de Israel surgiram também algumas confusões que, embora de vocabulário, não deixam de ter suas simplificações de ordem política e cível. Até 15 de maio de 1948 os habitantes da área em que se estabeleceu o Estado eram palestinos e árabes palestinos. Ao ser dado o nome de Israel ao novo Estado, surgiu a necessidade de se criar o adjetivo correspondente. A primeira vista isso não constituía problema algum, já que a palavra Israel não era nova. Porém o adjetivo israelita, que deriva desse antigo vocábulo, havia chegado a caracterizar mais a referência a uma religião do que a um povo.

Israelitas eram, e são, tanto os judeus que vivem em Israel como os que vivem no resto do mundo como cidadãos de outros países. Surgiu pois a necessidade de dar um nome diferente ao cidadão de Israel e se optou pelo de israelí. [...]

Israelí é o cidadão de Israel que pode por sua vez, ser israelita mas não o é forçosamente, já que também é israelí o mulçumano e o cristão, cidadãos do Estado.

Quanto à confusão que prevalece no terreno civil e político, talvez existisse mesmo se não houvesse surgido essa dificuldade terminológica. Muitos não-judeus e judeus acreditaram que ao ser criado o Estado de Israel cada judeu, onde quer que vivesse, se converteriam automaticamente em cidadãos do Estado.<sup>391</sup>

Se por um lado, era necessário encontrar um novo conceito para definir quem eram os cidadãos de Israel, o mesmo acontecia também com os judeus dispersos. O artigo, esclarecia:

...é importante estabelecer uma diferença entre os termos com que o Estado de Israel se refere aos judeus dispersos pelo mundo. O primeiro deles é o de **galut**, que poderíamos definir com a dispersão involuntária, forçada e combinada com perseguição. O segundo, é

<sup>390</sup> Cf. WEISER, Benno. *Israelis, Israelitas, Israelenses. Aonde Vamos?*, n. 394, Rio de Janeiro, 28 Dezembro de 1950. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, outro artigo, lembrando o genocídio nazista, igualmente fazia considerações acerca das relações entre os judeus e Israel. Cf. LASCHIMSKY, Yacov. *Estrangeiro ou "Galuth"?* *Aonde Vamos?*, n. 307, Rio de Janeiro, 7 Abril de 1949.

<sup>391</sup> *Ibidem*.

**diáspora**, e se refere aqueles que vivem nos países livre do mundo, por vontade própria e com pleno uso de seus direitos humanos. O principal objetivo do estado de Israel é melhorar a situação dos judeus do **galut** por meio da imigração para Israel.<sup>392</sup>

O texto encerrava definindo: *Israel considera israeli unicamente ao cidadão que habita seu território. Qualquer judeu que imigre em Israel tem direito de se converter em cidadão do país. Porém o judeu que vive fora de Israel não goza desse direito. Dele Israel espera simpatia e auxílio, porém seus deveres cívicos e sua lealdade política são exclusivamente devidas ao país ao qual é cidadão.*

Apesar do artigo ser bastante esclarecedor no que tange a algumas questões surgidas em decorrência da fundação do novo Estado, cabe referir que nem sempre o ponto de vista dos judeus da diáspora foi bem aceito por alguns emissários. Por vezes, igualmente, a posição destes, também gerou divergências entre os *dispersados*, assunto abordado a seguir.

#### 4. 2. Os Agentes Estatais e a Aliá

Em 17 de março de 1949, a revista *Aonde Vamos?* apresenta uma extensa matéria intitulada: *A primeira grande “Aliyá” do Brasil e as despedidas de Schlomo Lipski*. Informava a mesma que o delegado do Keren Kaiemet havia permanecido durante dez meses no Brasil, *dedicando-se de corpo e alma, a inculcar o ideal sionista, naquilo que tem de mais puro, entre a juventude, nos mais afastados ischuvim brasileiros, [...] revelando-se um verdadeiro caçador de olim*, e que isso constituía a sua maior glória.

Citando que no Brasil, o emissário trabalhou ensinando os jovens e colocando-se à disposição dos pais, a fim de prestar quaisquer informações, esclarecimento a respeito de Israel, a extensa notícia ainda referia que:

Muitos pais confiaram seus filhos a Schlomo Lipski, que os está guiando para Israel, a fim de encaminhá-los aí, cada um a seu destino – Kibutz, “aliat noar” ou “moschav”. Lipski teve ainda o mérito de inaugurar a Grande Campanha de Emergência, e dar a mesma uma envergadura jamais sonhada aqui. [ele]... finalmente, ensinou à “Unificada”, com trabalho árduo, o que se deve entender por um “departamento israelense”.<sup>393</sup>

No banquete de despedida, realizado na Capital Federal, Lipski, *recapitulando suas lutas e seus dissabores no Brasil, indicou a Unificada e aos sionistas que quisessem ouvir*, as obrigações

<sup>392</sup> Ibidem.

<sup>393</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 304, Rio de Janeiro, 17 Março de 1949.

do momento: *liquidação, tão rápida quanto possível, da Diáspora, e aliá em massa para Israel.*<sup>394</sup>

O emissário sugeriu à Unificada que desencadeasse uma campanha junto aos judeus do Brasil, para a construção de trinta mil casas em Israel. Por fim, a notícia informa que na segunda parte do discurso, denominada por Lipski de extra-oficial, foi dedicada a umas denúncias e revelações graves.<sup>395</sup>

Tratava-se de uma acusação do emissário contra o oficial de Ligação, Samuel Malamud. Lipski acusava Malamud de ter encaminhado os *olim* que desejavam emigrar para Israel para uma determinada agência onde os mesmos, com a recomendação da Unificada, pagaram 500 cruzeiros a mais sobre o preço corrente das passagens, dinheiro que seria dividido entre a referida agência e os funcionários da Unificada. Malamud, ainda era acusado de vender terras em Israel, majorando indevidamente os preços em 40%, e de exigir dos emigrantes um atestado de sanidade de um único médico, recusando atestados de quaisquer outros.<sup>396</sup>

A denúncia de Lipski, além de tornar visível conflitos envolvendo a coletividade, os emissários e dirigentes sionistas brasileiros, gerou muita discussão, visto que na mesma edição de *Aonde Vamos?*, de 24 de março de 1949, encontra-se um comunicado redigido por Jacob Schneider, presidente da Unificada do Brasil. Neste, ele negava as acusações publicadas na revista, chamando-as de caluniosas, e referia que o emissário não havia dado tais essas declarações, solicitando apenas ao executivo da entidade passagens em condições mais módicas.<sup>397</sup>

Ainda no que tange ao discurso de despedida de Lipski, *Aonde Vamos?*, dirigida por um sionista geral, mencionava que mais de cinquenta pessoas de diversas localidades do Brasil, entre famílias inteiras e comerciantes resolveram *retornar à Terra de seus antepassados, e unir seus destinos com os irmãos em Israel, embarcando a bordo do navio ativistas do sionismo e pessoas até agora indiferentes ao renascimento de Israel.*<sup>398</sup> Ao encerrar sua fala, o emissário agradeceu

---

<sup>394</sup> Ibidem.

<sup>395</sup> Ibid.

<sup>396</sup> Cf. As denúncias de Schlomo Lipski contra a Unificada e o oficial de Ligação. *Aonde Vamos?*, n. 305, Rio de Janeiro, 24 Março de 1949.

<sup>397</sup> Cf. A carta do presidente da “Unificada”. *Aonde Vamos?*, n. 305, Rio de Janeiro, 24 Março de 1949.

<sup>398</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 304, Rio de Janeiro, 17 Março de 1949.

aos sionistas do Brasil pelo apoio recebido, frisando que suas homenagens se estendem aos sionistas e não a OSU/BR.<sup>399</sup>

À respeito dos novos propósitos do sionismo, a mesma revista, em sua edição de 17 de março de 1949, informa que a organização Sionista deveria agora conduzir seus trabalhos sob o seguinte lema: *aliá*, plantação de árvores e construção de casas.<sup>400</sup>

Entre os passageiros que seguiram para Israel junto com o emissário Lipski, aparece o nome de dois judeus sul-rio-grandenses: Schlomo Libel, comerciante de Porto Alegre que seguia para *Tel Yossef*, e para *Tel Aviv*, o médico porto-alegrense Jaime Maltz.<sup>401</sup>

No entanto, o jovem médico embarcara para Israel, apenas com o intuito de conhecer o novo país e não com o propósito de estabelecer residência. Sobre esta viagem, em depoimento concedido ao ICJMC em 1991, ele refere:

...em 1948, quando eu me formei médico, eu ganhei uma bolsa de estudos para a Suíça. Então incentivado por um grupo que ia fazer aliá da Argentina para Israel e iam uns poucos de Porto Alegre, grande grupo era argentino, eram mais de sessenta e de Porto Alegre eram uns três ou quatro, coisa assim. ...eu aproveitei e fui junto com eles então, três meses antes de começarem as aulas [...] na Suíça eu fui a Israel e tive o privilégio de assistir o primeiro aniversário de proclamação do Estado de Israel, em Israel.<sup>402</sup>

O depoente, em sua visita ao novo País, igualmente relembra sua relação com um emissário bastante conhecido entre os judeus porto-alegrenses:

...naquela época, eu tive um cicerone de luxo que vinha a Porto Alegre freqüentemente fazer campanhas, um homem muito combatido, porque ele era muito agressivo nas campanhas que fazia e provocava polêmicas e desafiava o público. Era o Joseph Tchornitsky. [...] ...como ele era um líder na América Latina do Keren Haissod, ele é em Israel, digamos, um pouco mais que os turistas normais. E, foi um grande privilégio ter estado lá. Vi coisas maravilhosas naquela época. Vi ligar a luz em Bersheva. [...] Havia um limite, porque as tropas da Transjordânia ocupavam a metade da cidade. E o Tchornitsky me levou na área militar até a fronteira com a Transjordânia que naquela época era no meio da cidade. [...] A Igreja de Notre Dame de Jerusalém tava parcialmente ou quase totalmente destruída e o Tchornitsky ainda me deu uma idéia: “Se você tem um amigo católico...” [...] Aí eu digo: “Tenho. Tem o Dr. Brito Velho, O Mem de Sá, o Coelho de Souza, são todos católicos”. “Dai você leva parte desse mármore que está quebrado aí pelo chão, porque uma das últimas missas que Jesus rezou foi nessa igreja aqui que nós estamos. Então você leva esse mármore para eles que isso vai ter um significado muito grande”. Então eu levei e de fato, um ano depois, quando eu voltava ao Brasil, com esse mármore no fundo de uma mala, eu viajava de navio, lá no porão, ao contar isso lá em cima para certas pessoas, elas me pediram se eu

<sup>399</sup> Ibidem.

<sup>400</sup> Ibid.

<sup>401</sup> Ibid.

<sup>402</sup> Cf. MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 23/05/1991.

não podia dar um pedacinho disso para eles, o pessoal de São Paulo e Rio. Eu falei da dificuldade: “Mas como? Está na mala, está lá no porão?”. Não, mas isso nós demos um jeito de trazer. E foram lá e não sei o que fizeram com o capitão, que ele mandou buscar a mala. Então eu quebrei. E eu tava vendo que ia chegar a Porto Alegre sem mármore para dar. [...] O Mem de Sá botou em um pequeno oratório que ele tinha em casa, o Brito Velho também... [...] O Tchornitsky me levou para uma série de coisas: primeiro a festa de “Lag Baomer”, [...] a primeira festa depois da proclamação do Estado de Israel, em plena liberdade de comemoração eu tive o privilégio de também assistir. De maneira que aquilo foi um ano também inesquecível.<sup>403</sup>

O entrevistado, ainda apresenta indícios sobre as atividades dos emissários, pós-criação de Israel, ao referir:

...na ida, ao passar por Gênova, houve uma recepção da comunidade judaica da cidade de Genova, na Itália para os imigrantes argentinos, para esse grupo que estava fazendo aliá. E eu apesar de não pertencer ao grupo fui à festa. E lá eu conheci a minha atual esposa [...].

Nessa festa o “sheliach” [enviado ou emissário], que era o guia do grupo todo, ao discursar, discursou em ídiche e tinha uma senhora que traduzia para o italiano, que os italianos não falam ídiche, porque os italianos são sefaradim. [...] Então ele falou duro, atacou violentamente os italianos, porque morando tão perto de Israel, não imigravam para Israel. E ela traduzia tudo com outras palavras de amor, com carinho a ponto que os italianos não sabiam o que estava acontecendo e nem o sheliach. Por que o sheliach dizia uma frase atacando, ela traduzia e eles batiam palmas.<sup>404</sup>

O entrevistado, ainda recorda que, mais tarde aconteceu um episódio semelhante em Porto Alegre, durante a passagem de um representante estatal israelense pela cidade, ao narrar que no aeroporto internacional, localizado na Base Aérea de Canoas, *passou aquele que era primeiro ministro de Israel, o Moshé Sharet.*<sup>405</sup> Segundo suas palavras: *...naquela época um repórter muito conhecido, o Arquimedes Fortini, do Correio do Povo, foi a Canoas para entrevistá-lo. E Moshé Sharet, pensando que ele era judeu, também disse [em ídiche] mais ou menos as mesmas palavras. E aí, coube a este que esta falando agora, traduzir diferente as palavras de Sharet para o Fortini. No outro dia, nos jornais, todo mundo elogiava a bela entrevista que o Moshé Sharet...*<sup>406</sup>

<sup>403</sup> Idem.

<sup>404</sup> Idem.

<sup>405</sup> Moshé Sharet (1894-1965) nasceu na Rússia, em 1906 transferiu-se com a família para a Palestina onde foi ativo no Movimento Trabalhista. Em 1933 foi nomeado chefe do departamento político da Agência Judaica na Palestina, foi o homem mais próximo de Ben Gurion durante a *Guerra de Independência*. Em 1948 foi nomeado ministro dos Assuntos Exteriores e de 1953 a 1955 atuou como primeiro-ministro. Sharet via o fortalecimento da posição israelense através de diplomacia ao invés da confrontação, sua substituição como premier em 1955, fortaleceu o movimento existente em Israel favorável à confrontação, o que resultou na guerra de 1956.

<sup>406</sup> Cf. MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 23/05/1991.

O depoente ainda menciona que Moshé Sharet, perguntou aos judeus de Porto Alegre o que eles *estavam esperando para ir para Israel, estavam esperando que tipo de acontecimento, o holocausto, perseguições políticas, econômicas, o que estavam esperando acontecer, assimilação, essas coisas todas.*<sup>407</sup>

No intuito, de não estender demasiadamente o texto, cabe referir que a emigração para Israel, além de causar atritos administrativos entre dirigentes sionistas, emissários e emigrantes, provocava também conflitos nas famílias judaicas. Muitos pais com situação social e econômica já definidas no Rio Grande do Sul, não queriam que seus filhos abandonassem os estudos para viver em um kibutz. Sobre isso, um depoente recorda que:

[...] a “aliá” começou a ser transformar num problema sério na vida das famílias, conflitos terríveis. [...] com os pais, que ambicionavam [para] os filhos uma segurança, uma vida e tal. [...] ...havia uma máxima que perpassava pelas famílias aí, da nossa coletividade, que dizia assim: “Primeiro te forma, e, depois, decide a tua vida”. [...] Havia, realmente, uma preocupação de que se fizesse uma “aliá” completamente despreparado. E a pergunta que se fazia era se não der certo, o que vai ser da tua vida?

Ainda sobre o tema, Ieda Gutfreind refere:

O sionismo paradoxalmente atraía e repelia, encantava e assustava, propunha uma outra travessia migratória, intrometia-se nas transformações identitárias, indicava outra maneira de viver. Ao mesmo tempo em que galvanizava as atenções da coletividade, levando um número cada vez maior de pessoas a engajarem-se em prol de sua concretização, o novo Estado provocava restrições à sua última proposta, a aliá.<sup>408</sup>

Igualmente neste sentido, um depoente cita que: *a palavra sionismo gerou um trauma em Porto Alegre. Ainda é um tabu, posso dizer isso pela minha vivência. É que o Dror desestimulava a opção pela vida universitária. Nós tínhamos de nos proletarizar. Tínhamos de abandonar o estudo para ser agricultores, marceneiros, sapateiros...*<sup>409</sup>

Além das divergências causadas pela *Aliá*, outra questão que promoveu inúmeros conflitos envolvendo emissários, dirigentes sionistas locais e comunidade, foram as campanhas de arrecadação, assunto visto a seguir.

---

<sup>407</sup> Idem.

<sup>408</sup> Cf. GUTFREIND, 2004. p. 164.

<sup>409</sup> FILKELSTEIN, Salus. Personalidades Judaicas Gaúchas. 73 histórias de vida. Porto Alegre: Impresul Artes Gráficas, 2002. Apud GUTFREIND, op. cit. p. 164.

### 4. 3. Mais emissários e mais campanhas

Em outubro de 1950, o agente estatal Major Israel Ner, veio a Porto Alegre para coordenar a *Campanha do Fundo Comunitário para Israel* (Magbit) daquele ano. Da campanha, participaram dirigentes e ativistas de diferentes organizações e correntes político-partidárias, demonstrando a novo clima político no Estado.<sup>410</sup> O emissário fora entrevistado pelos sionistas José Halpern e Davi Henrique Segal, sendo a matéria publicada no periódico *Kol Hamagbit*, que fornecia informações relativas a Magbit à comunidade.<sup>411</sup>

Na entrevista, o emissário discorreu sobre diferentes assuntos, sendo apresentado como *integrante do mais jovem exército do mundo que graças ao seu heroísmo e decisão derrotou sete potências agressoras*. Por sua vez, o Major se identificou, referindo: *Nasci em Tel Aviv. Cursei lá a Escola elementar e o ginásio e conclui a Escola Superior da Administração e finanças. [...] Em 1937, com 14 anos de idade, ingressei na Haganá, não para fazer carreira, mas por que considerei necessário defender o país. Desde então minhas atividades [...] concentram-se em Tel Aviv e seus arredores.*<sup>412</sup>

Perguntado sobre seu posto, Ner respondeu: *Servi na Haganá [...] até o início da guerra de Libertação. Nós durante todo o mandato Britânico, fazíamos manobras militares secretas, em diversos pontos do país. Quando fomos agredidos, [...] todos grupos guerrilheiros ficaram automaticamente incluídos na [Haganá].* Por fim, esclarecia que *lutara no front egípcio, fazendo parte da infantaria, atingindo o posto de Major, graças a cursos especializados e atos de guerra.*<sup>413</sup>

O Major israelense disse ainda que não havia partidarismos dentro do exército judeu, o qual estava a serviço da nação. No entanto, a pergunta mais importante para este estudo, que contribui com a caracterização do contexto pós-1948, aqui apresentado, foi a seguinte: *Qual é a sua opinião sobre o Ishuv local? - O Major sorriu e respondeu:*

<sup>410</sup> No entanto, cabe destacar conforme visto anteriormente, que, segundo a publicação em homenagem aos dez anos da OSU/RS, somente em 1953, seria *alcançada a pacificação da família sionista* [no Estado], *com o reingresso ao seio da Unificada da Organização Sionista Revisionista, que passa a prestar sua colaboração decidida e valiosa*. Cf. O ministro Moshé Sharet em P. Alegre. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 20-22. (AJH)

<sup>411</sup> Cf. KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

<sup>412</sup> Cf. “Lutaremos, Caso formos Agredidos”. KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

<sup>413</sup> Ibidem.

Os Ischuvim do Rio e São Paulo, tem as mãos mais abertas. Aqui a situação já é diferente. Quis me parecer, que certos membros da coletividade local, possuem um pequeno árabe no bolso [...], e, quando eles querem atender ao apelo, o árabe morde-lhes a mão e exclama “não auxilie os olim”. É preciso desalojar os árabes dos bolsos.<sup>414</sup>

Consta ainda na mesma edição que o Major Ner, *provavelmente na companhia de Samuel Goldfeld*, visitaria diversas localidades do interior, para as quais relataria o *desenrolar da luta e a realidade de Israel*.<sup>415</sup>

O mesmo Samuel Goldfeld, na condição de Secretário Geral da Unificada/RS, escreveria no ano seguinte, durante a Campanha de 1951, um artigo sobre o *Magbit* no interior do Estado, relatando, conforme suas palavras, *os êxitos, os fracassos e as lições decorrentes*. Ao iniciar o artigo, ele referia que as queixas que por longos anos bailaram nos lábios dos sionistas de Porto Alegre, transferiram-se para os desiludidos israelitas do interior, e reproduzindo as reclamações, escrevia: *Eles só se lembram de nós, quando precisam fazer uma Campanha; quando necessitam de dinheiro*.<sup>416</sup>

Neste sentido, o Secretário Geral da OSU/RS, chamava a atenção dos judeus interioranos, explicando que: *Em 1º lugar, quero lembrar aos israelitas do interior – do mesmo modo como o lembrei aos israelitas de Pelotas – que é falsa a formulação da frase – Eles e nós. Todos somos nós. Pertencemos todos nós ao mesmo povo*.<sup>417</sup>

Seguindo sua explanação sobre as comunidades interioranas, o dirigente referia:

Perguntaram e com razão – Porque chegam até nós “shelichim” [plural de sheliach], representantes de Campanhas, apenas durante o período de coletas? Porque não se lembram de nós durante os outros 11 meses do ano?

Os judeus do Interior não se negam a dar. Desejam porém saber, especificamente, para que dão. [...]

Perguntou-nos um judeu do interior:

“Porque nos escrevem apenas que, em breve será realizada uma campanha, e não se lembram de informar-nos que em breve, no dia tal e tal, transcorre a festa de Pessach, Chanuká ou o Iom Haatzmaut. No Interior, já esquecemos as datas hebraicas”.<sup>418</sup>

<sup>414</sup> Ibidem.

<sup>415</sup> Cf. Major Ner visitará o interior. KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. Na mesma edição consta ainda que Israel Ner proferiu uma conferência para os judeus sefardim no Centro Hebraico Rio-Grandense, dirigindo-se ao público num fluente francês. Cf. Conferência no CHRG. In: KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

<sup>416</sup> Cf. GOLDFELD, Samuel. Magbit no Interior. Êxitos e fracassos – lições decorrentes. KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, Maio de 1951. (AJH)

<sup>417</sup> Ibidem.

<sup>418</sup> Ibid.



Abordando algumas soluções para o problema, dentre outras como a nomeação de um *Diretor do Interior*, Goldfeld, escreveu: *O Magbit deveria enviar periodicamente seus representantes, para esclarece-los em certos pontos, para ditar algumas conferências e manter vivo e concreto o traço de união entre os ishuvim grandes e pequenos do mesmo Estado.*<sup>419</sup>

Sublinhando a importância do contato pessoal, o Secretário lembrava-se de uma convenção do KKL ocorrida Porto Alegre, em 1950. Salientou que foram expedidas cartas e telegramas, solicitando a presença dos israelitas do interior. No entanto, a mesma não se realizou, *porque ninguém compareceu.*<sup>420</sup> *E concluía: Este ano porém, antes do Kinus se realizar; um delegado do KKL, o Prof. Leon Schmelzinger, percorreu os ishuvim e fez pessoalmente os convites. 7 delegações compareceram [...] e outros ishuvim enviaram telegramas e cartas, solidarizando-se e explicando porque não podiam comparecer.*<sup>421</sup>

O afastamento entre coletividade e dirigentes sionistas locais, não era sentido somente no interior do Estado. Também em Porto Alegre havia judeus que não participavam e não contribuía de acordo com o esperado. Assim, tendo em vista o fracasso da Campanha Magbit de 1949, os dirigentes locais, ao mesmo tempo em que tentavam compreender os motivos desse afastamento, estudavam estratégias de atuação frente aos não contribuintes.

Encontrei em duas edições do *Kol Hamagbit*, ambas de outubro de 1950, uma enquete realizada com membros da coletividade local, intitulada: *Contra os não contribuintes. Deve-se ou não adotar medidas?*, justificada dessa forma: *Continuando com nossa enquete, iniciada em nosso primeiro número, apresentamos neste mais uma série de respostas obtidas entre diversos membros ativistas de nossa coletividade.*<sup>422</sup>

As perguntas eram as seguintes: 1. *Qual a sua opinião sobre as necessidades do Magbit?*; 2. *Acredita no êxito do Magbit?*; 3. *Em quanto tempo espera concluir a campanha?*; 4. *Como considerar aos que fogem ao apelo?*. Salientarei aqui algumas respostas relacionadas à quarta pergunta.<sup>423</sup>

Segundo palavras proferidas na enquete pelo senhor David Soroka: *todo aquele que não contribui, automaticamente coloca-se sozinho, de fora da comunidade...*, outro entrevistado,

---

<sup>419</sup> Ibid.

<sup>420</sup> Ibid.

<sup>421</sup> Ibid.

<sup>422</sup> Cf. *Contra os não contribuintes. Deve-se ou não adotar medidas? KOL HAMAGBIT*. Porto Alegre, n. 2, 12 de Outubro de 1950; *KOL HAMAGBIT*. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

<sup>423</sup> Ibidem.

Clemente Elnecavé, referia: *Estou constrangido a não encontrar um qualificativo adequado a estes..., por sua vez o senhor Curt Stiefel, respondeu: não merecem ser chamados de judeus.*<sup>424</sup>

Em outra edição, Moysés Eizirik, respondendo a mesma pergunta, referia: *Devemos considera-los como trãsfugas, que abandonaram seus irmãos num dos momentos mais críticos de sua existência, portanto, devemos ignorar sua existência.* Maurício Jerusalmi, mencionou: *Não digo que sejam inimigos mas devemos rechaçá-los de nosso meio, único remédio para tal atitude.* Outro militante, o senhor Don Leistner disse: *Considerar sua alma como um psiquiatra considera um doente de sua especialidade. Com paciência reconduzi-los ao espírito de sacrifício de seus pais e antepassados, os quais por milhares de anos sentiram nostalgia de Eretz Israel e estavam prontos a tudo fazer....* Por fim, Josef Neumam, dentre outros, referia: *infelizmente não possuímos meios de obrigar nossos irmãos a contribuir, e só o que nos resta, é apelar para seus sentimentos.*<sup>425</sup>

Porém, apesar da declaração de Josef Neumam, a arrecadação nem sempre era realizada de modo pacífico, apelando apenas *aos sentimentos* ou à conscientização.

Maurício Rosenblatt, em depoimento concedido ao ICJMC, em 1987, recorda que fora visitado pelos senhores do Magbit. Sobre esse episódio ele narra o seguinte:

... Mais tarde, já quando declarado o Estado Israel, um dia fui procurado por uma comissão de três senhores, três pessoas bem educadas, bem postas na vida, empresários. Era a primeira “Magbit” [Fundo comunitário] [...] Se eu poderia contribuir? Sim vou, é para ajudar um Estado Novo. Com quanto o senhor ajuda?

Eu ganhava na época, entre cinco e seis mil cruzeiros por mês, [...] era o meu salário, eu era um assalariado, não era empresário, não tinha indústria, eu não tinha economias... eu não vacilei muito, não pensei muito, eu vou contribuir com um ordenado de um mês meu. Eu não me lembro se eram cinco mil ou seis mil, não me lembro. Eu pretendia contribuir com o correspondente a um mês de salário, [...] Entrelharam-se com um sorriso irônico e disseram: “Não de modo nenhum! O senhor vai contribuir com muito mais!” “Não – Vou contribuir com aquilo que eu posso”.

“- Não, o que o senhor pode é cômodo, eu quero ver é o sacrifício, tem lá gente morrendo, dando a vida. O senhor apenas vai dar um auxílio econômico, não faria nenhum sacrifício, só isso. De modo nenhum, nós temos aqui outro número, nós prevíamos que o senhor poderia dar”...

Eu fiz um olhar interrogativo. – “Está aqui, tomamos nota aqui para o senhor, trinta mil!”

“- Não, não vou dar e vou dizer uma coisa: eu não vou dar nada! - Me considero um cidadão livre e dono da minha cabeça. Eu me prontifiquei a dar o correspondente a um mês meu de trabalho de salário. Evidentemente, isto não significa nenhum sacrifício para os senhores, nem é um sacrifício excepcional para mim, mas me pesa, um mês de salário me pesa. Mas em face da atitude dos senhores, eu não vou contribuir com nada.”

<sup>424</sup> Cf. Contra os não contribuintes. Deve-se ou não adotar medidas? KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 2, 12 de Outubro de 1950. (AJH)

<sup>425</sup> Cf. Contra os não contribuintes. Deve-se ou não adotar medidas? KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

“- O senhor tem certeza?”

“- Não, eu não vou contribuir com nada.” Então, nós vamos embora. Um ou dois dias depois eu recebi um telegrama pelo telégrafo nacional, escrito em português, endereçado a mim: “Face o seu comportamento, face a sua atitude negando-se a contribuir para o auxílio do novo Estado de Israel, o seu nome será indicado a execração pública. E assinado embaixo.”<sup>426</sup>

Outra passagem demonstrando, que as campanhas de arrecadação geraram conflitos e divergências, não apenas entre seus realizadores, mas envolvendo também membros da coletividade, encontra-se na revista *Aonde Vamos?* de 9 de setembro de 1948. Na coluna *Quinzena Porto-Alegrense*, assinada por Marcos Nestrovski, consta que:

- Dia 20, quinta-feira, foi feito o julgamento simbólico dos que não contribuíram para a Campanha de Emergência. O júri foi composto de um representante de cada sociedade e mais nove pessoas escolhidas por aclamação pela assistência. Presidiu o julgamento o Dr. Maurício Steinbruch.

Primeiro o dr. Maurício Seligman, presidente da campanha, apresentou um relatório da mesma, e explicou como a prejudicaram os que não atenderam ao apelo. Depois, os senhores Sioma Breitman e Paulo Bonder, arrolados como testemunhas, expuseram a matéria, que conseguiram juntar, das desculpas e esquivas apresentadas para não contribuir. Muitas das desculpas parecerem casos cômicos, que excitaram a hilariedade do público.

Atuou então como promotor, em nome de Israel, o delegado Josef Tchorntsky, que falou por largo tempo, justificando as sanções.

Reuniu-se o júri para deliberar se aqueles que haviam apresentados tais desculpas para não contribuir eram culpados ou não.

Seu veredicto foi unânime, considerando todos como faltosos e, portanto, passíveis de punição.

Estes tais não contribuintes, cujos nomes ainda não foram divulgados serão chamados a uma sessão secreta com um “Bet Din” [tribunal] de 10 pessoas, a fim de justificarem pessoalmente. O “Bet Din” julgará, em última instância, da inocência ou culpa dos acusados, e neste último caso, deliberará da aplicação de que sanções, dum total de 10 já pré-estabelecidas.<sup>427</sup>

Igualmente, nos dois periódicos consultados *Kol Hamagbit* de outubro de 1950, encontram-se notas referentes às contribuições. Uma destas com o enunciado: *O Ishuv cumpre o seu dever*, mencionava que: *durante a semana corrente notou-se maior afluência dos membros de nossa Coletividade, à sede da Magbit para cumprir suas obrigações.*<sup>428</sup>

Dessa forma, se por um lado, o Estado de Israel causava regozijo entre os judeus, dos quais alguns inclusive imigraram para o novo País, por outro, os novos problemas e questionamentos – como *aliá* e as campanhas - afastavam do movimento muitos judeus da diáspora.

<sup>426</sup> Cf. ROSENBLATT, Maurício. Entrevista n. 079.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, Novembro de 1987.

<sup>427</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 278, Rio de Janeiro, 9 Setembro de 1948.

<sup>428</sup> Cf. KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

#### 4. 4. Novos Propósitos em época de “Vacac Magras”

Em meio a estas questões e demandas que pairavam sobre os judeus de Israel e da diáspora, e igualmente em meio às divergências e conflitos verificados surgiu na revista *Aonde Vamos?* uma nova coluna, assinada pelo correspondente Marcos Nestrovski. Intitulada: *Seção de Porto Alegre*, foi assim apresentada em junho de 1949: *inicia neste número uma nova seção, reservada aos fatos acontecidos na coletividade israelita de Porto Alegre. Há meses, publicamos algumas notas sob o título de “Quinzena Porto-Alegrense” mas esta iniciativa não foi adiante.*<sup>429</sup>

Após esclarecer que o espaço estava aberto aos judeus que desejassem anunciar suas datas festivas e que a tarefa era iniciada contando com a colaboração de todos o colunista, abordando acontecimentos na capital gaúcha, salientava:

Positivamente falando, não escolhemos a melhor ocasião para iniciar nossa seção, pois Porto Alegre, de realizações concretas, atravessa o período das **vacas magras** [grifo meu]. A atmosfera político-social esta parada, estática. Mas não é uma calma de descanso, e sim como se o ar estivesse carregado de algo prestes a efetivar-se; é como estas calmarias que precedem grandes acontecimentos, muita atividade, e sobretudo, muito assunto para encher estas colunas.

Quem tivesse visitado Porto Alegre, há dois meses atrás, e voltasse agora, ficaria decepcionado pela quietude desses dias, em contraste com as conferências, festas, comemorações, e até mesmo exibição de modas, de semanas passadas....<sup>430</sup>

Em meio a esse período de *vacas magras*, Maurício Seligman deixava a presidência da Unificada (cabendo ressaltar que o médico continuou trabalhando ativamente no movimento), cargo que ocupara desde 1946, sendo substituído por Miguel Weisfeld, eleito juntamente com a nova diretoria em novembro de 1949.

Conforme a edição comemorativa dos dez anos da OSU/RS, Weisfeld *teve uma gestão profícua, marcada por um trabalho persistente em prol da causa sionista, justamente num período, em que arrefeceu o entusiasmo do Ishuv, depois que saturou-se [sic] com o entusiasmo provocado pela criação de Medinat Israel e com as vitórias da [...] Haganá contra os exércitos árabes.*<sup>431</sup>

Em março de 1950, novamente o emissário da Agência Judaica, Pinchas Steivanks, - que já visitara Porto Alegre durante o Estado Novo - e que percorria a América do Sul nos interesses da

<sup>429</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 319, Rio de Janeiro, 30 Junho de 1949.

<sup>430</sup> Ibidem.

<sup>431</sup> Cf. Novas realizações da Org. Sion. Unificada. In: *Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada*. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 15-17. (AJH)

*Campanha do Shekel*, retorna ao RS. Com sua presença e a participação de todos os partidos sionistas do Estado, foi constituído o comitê do *Shekel* para o 23º Congresso Sionista Mundial, sendo eleito o Prof. Baruch Bariach, do *Poalei Sion* como seu presidente.<sup>432</sup>

Consta na publicação em homenagem aos dez anos da Unificada que, no ano de 1950, apesar do *arrefecimento* da coletividade frente ao movimento sionista, ocorreram em Porto Alegre muitas atividades organizadas pela Entidade, entre elas a comemoração do *Levante do Gueto de Varsóvia*, ocorrida dia 19 de abril nos salões do Círculo Social Israelita, a qual contou com a presença de convidados ilustres como o Deputado Mem de Sá e J. P. Coelho de Souza, dentre outros.<sup>433</sup>

Ainda neste ano, sob o patrocínio da Instituição, comemorou-se o segundo aniversário da fundação de Israel e, dentre outras atividades, foi realizado um ato de homenagem póstuma ao fundador da Unificada do Rio Grande do Sul, Aron Bergman.<sup>434</sup>

Por fim, dentre outras realizações, o acontecimento mais marcante da gestão de Miguel Weisfeld, *foi o apoio e estímulo que deu o jovem jornalista Samuel Goldfeld, o que lhe permitiu em meados de outubro de 1950, fundar na Rádio Difusora de Porto Alegre, a Hora Cultural Hebraica, que se tornaria o órgão oficial de rádio-difusão da Org.Sion. unificada de Porto Alegre...*<sup>435</sup>

No entanto, apesar do periódico comemorativo propalar os feitos da Unificada, também em 1950, encontra-se na revista *Aonde vamos?* de setembro deste ano, um extenso artigo intitulado: *Como vivem os Israelitas de Porto Alegre*, assinado pelo militante local Samuel B. Wainer. Neste, o ativista tecendo várias críticas, apresenta um quadro de estagnação e apatia da coletividade judaica porto-alegrense.<sup>436</sup>

Ao esclarecer que não desejava ser visto como pessimista, o militante afirmava: *Porto Alegre é como o sonho do Rei do Egito, elucidado pelo jovem José. Tem a época das vacas gordas e tem a época das vacas magras* [grifo meu]. *Há fases na vida judaica desta cidade, em*

---

<sup>432</sup> Cf. Novas realizações da Org. Sion. Unificada. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 15-17. (AJH)

<sup>433</sup> Ibidem.

<sup>434</sup> Ibid.

<sup>435</sup> Ibid.

<sup>436</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 380, Rio de Janeiro, 9 Setembro de 1950.

*que a vibração é intensa, mas há outras em que a estagnação tudo domina, e quer nos parecer que é justamente este período que estamos atravessando.*<sup>437</sup>

O extenso texto, organizado através de cinco tópicos, abordava os seguintes setores: *vida social, vida cultural, vida religiosa, vida educacional e vida sionista.*

Em relação ao primeiro, o militante referindo-se ao Círculo Social Israelita e ao Centro Hebraico citou que *as atividades destes órgãos no terreno que estamos abordando, se limitam a bailes [...] e esporadicamente são programadas outras realizações para beneficiar seus quadros sociais.* Em relação a estas atividades sua crítica referia-se à *obtenção de lucros* e ao desconhecimento de algumas entidades em relação à tradição judaica, conforme é possível verificar através de suas palavras:

...acreditamos sem nexos uma entidade Israelita programar um baile sem antes pelo menos consultar o calendário judeu, resultando daí fazer um baile em época em que a tradição não o permite, como tivemos a ocasião de constatar poucos meses atrás.

Bailes de Carnaval são comuns em nossas sociedades, mas não fora à intervenção do Keren Kaiemet, visando lucros, não teríamos em Porto Alegre bailes da Purim.

Poderíamos ainda destacar as realizações sociais de outras entidades, como bailes, chás, etc... mas as mesmas são realizadas visando lucros, o que não deixa de contribuir em parte para uma vida social mais intensa em nossa cidade.<sup>438</sup>

Em relação à vida cultural, Wainer também apresenta um quadro desanimador, mencionando que:

Se quiséssemos narrar o ambiente cultural judaico de Porto Alegre, pouco assunto se nos apresentaria, pois neste campo, não fora a educação recebida pela juventude em especial em seus lares, não nos seria facultada a ocasião de dizer algo. Sim, no que tange a cultura judaica para uma coletividade em Porto Alegre, nada ou quase nada encontramos. [...].

Dispomos em Porto Alegre de uma Biblioteca [...]. Esta biblioteca, propriedade da Liga Cultural Israelita por um número de pessoas que não convém que seja citado, pois envergonha. Temos para isto uma explicação, e ela é dada pelo próprio patrimônio da biblioteca. São livros velhos, em sua maioria em língua ídiche, o que dificulta a sua leitura para os jovens, e os mais idosos já leram todos. É também a orientação dada a mesma pelos seus ex-diretores, que adquiriram livros em sua maioria farrucos, não agradando, assim aos leitores, e tantas e tantas outras causas.<sup>439</sup>

Ainda sobre a vida cultural ele afirmava que não sabia a quem culpar *se a coletividade ou aos membros por ela escolhidos para dirigi-la.* No entanto, segundo ele, cada judeu da cidade deveria fazer um mea culpa, pois *se uma entidade programa uma atividade cultural, basta que a*

<sup>437</sup> Cf. Samuel B. Wainer. Como vivem os Israelitas de Porto Alegre. **Aonde Vamos?**, n. 380, Rio de Janeiro, 9 Setembro de 1950.

<sup>438</sup> Ibidem.

<sup>439</sup> Ibid.

*mesma não seja gratuita, para que não tenha público. Compreende-se também que estes resultados, ou sejam, déficits não encorajam os dirigentes das organizações a realizarem espetáculos culturais.* Concluía que a vida cultural encontrava-se em um círculo vicioso, visto que a coletividade não ia às atividades porque as instituições não realizavam programações, e estas alegavam que não realizavam eventos porque a coletividade não comparecia.<sup>440</sup>

Sobre a vida religiosa, Wainer criticava o chefe espiritual da coletividade, Dr. Abraham König, pois segundo ele, desde que o Rabino aportou na capital, *até esta data, não encontrou um modus vivendi com uma grande parcela de nossa coletividade.* E, referindo que os judeus de Porto Alegre haviam se afastado muito da religião, concluía: *podemos dizer, que a religião é outro fato que muito deixa a desejar entre os Israelitas de Porto Alegre.*<sup>441</sup>

Em relação à vida educacional, o militante sionista afirmava que a cidade ainda não possuía uma *Escola, ou melhor, um Ginásio à altura de sua coletividade.*<sup>442</sup> E ao abordar a vida sionista, encerrava, a extensa reportagem, mencionando:

O sionismo em Porto Alegre, atualmente acompanha o estado geral do ambiente judeu, está armazenado não sabemos onde mas raramente se mostra ao Ishuv em sua potência, a qual tivemos ocasião de aquilatar em anos anteriores. [...].

Hoje, porém, tudo mudou. A Coletividade como que esfriou, não mais lhe interessam palestras nem conferências, não querem ouvir falar de *Schelichim*, pois acreditam que já sabem tudo que se passa em Eretz Israel, e só irão ouvir as palavras de alguém que lhe veio solicitar uma contribuição. [...]

Em Porto Alegre, “askonim” [ativistas] do KKL e também da WIZO ainda são recebidos com maus olhares por muitos, apesar de bem conhecidos os inúmeros benefícios prestados por estas entidades em Israel.<sup>443</sup>

Cabe ainda referir que no início da reportagem, a revista chamava a atenção, fazendo o seguinte comunicado: *desejamos frisar que o que aí se narra é, com pequenas variações, o mesmo que se passa na maioria das coletividades judaicas do interior do Brasil.*<sup>444</sup>

Conforme salientei no início deste capítulo, não é meu propósito analisar as causas, nem os fatores que produziram o esfriamento do movimento sionista, evidenciado nas inúmeras fontes pesquisadas, e também pela comparação com o período anterior ao ano de 1948.

Os indícios que produziram esse *arrefecimento* do movimento, conforme palavras dos próprios dirigentes e militantes sionistas, em parte se deve a passagem do *poder simbólico* da

---

<sup>440</sup> Ibid.

<sup>441</sup> Ibid.

<sup>442</sup> Ibid.

<sup>443</sup> Ibid.

<sup>444</sup> Ibid.

esfera da OSM para o Estado de Israel, causando assim uma retração do movimento. Por outro lado, os judeus que não fizeram *aliá*, permanecendo nos países em que nasceram ou se radicaram, também precisavam reordenar e reelaborar seu posicionamento como judeus da diáspora frente ao Estado judeu.

#### 4. 5. Emissários mais emissários

Em novembro de 1950, Moysés Eizirik fora eleito presidente da Unificada, ocupando o cargo até março de 1953. O periódico comemorativo dos dez anos da Instituição, ao abordar as realizações da Entidade sob gestão de Eizirik, informa que esta foi assinalada *por uma série de realizações e atividades que projetaram a Unificada a uma posição de destaque no ishuv*.<sup>445</sup>

No entanto, o mesmo periódico igualmente refere: *...que após o período de entusiasmo que envolveu o período da criação do Estado de Israel, passando algum tempo e uma vez o novel Estado consolidado, foi arrefecendo o entusiasmo e aos poucos foi o Sionismo sendo relegado a um plano secundário*.<sup>446</sup> Apesar de afirmar que o movimento foi levado a uma posição secundária, o mesmo não explica as razões pelas quais o movimento passou a ocupar essa posição.

Eizirik, já como presidente da Unificada escreveu um artigo intitulado: *Crônica da Magbit*, publicado na edição de *Kol Hamagbit* de maio de 1951. Neste, ele discorria acerca das dificuldades da campanha, salientando que a mesma fora bem sucedida. Segundo ele: *apesar desse quadro desolador, o Magbit foi realizado com amplo sucesso [...] um dos fatores de maior importância, foi a chegada do Sr. Josef Tchornitsky, que com espírito de organização [...] conseguiu reanimar o já debilitado e um tanto desinteressado ishuv de Porto Alegre*.<sup>447</sup>

Conforme seu texto: *Até a recepção ao Sr. Josef Tchornitsky, comparada com suas visitas anteriores, foi relativamente fraca, somente os antigos simpatizantes e ativistas de sempre, não perderam a oportunidade de cumprimentar o grande tribuno*.<sup>448</sup>

No entanto, apesar do presidente da Unificada ressaltar as qualidades do emissário, a visão que muitos tinham em relação a estes vinha acompanhando o panorama das transformações que

<sup>445</sup> Cf. Visita do 1º Embaixador de Israel em Porto Alegre. In: Op cit. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 17-20. (AJH)

<sup>446</sup> Ibidem, 1955.

<sup>447</sup> Cf. KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, Maio de 1951. (AJH)

<sup>448</sup> Ibidem.



permeavam a OSM. Sobre isso, uma pequena nota publicada em *Aonde Vamos?* de 24 de agosto de 1950, com o enunciado: *Shelichim Mais Shelichim*, refere:

Não há dúvida de que em nossa comunidade lavra um descontentamento geral pela grande quantidade de “Shelichim” que atualmente se encontra por aqui. A média vai pelos trinta. Alguns deles são necessários, sem dúvida, diante do nosso panorama desorganizado e frouxo de sionismo verdadeiro. Outros, porém, são supérfluos. Deve-se compreender, tanto em Israel com em Nova York, que as despesas gastas com ordenados de viagens e manutenção dos delegados são desencorajadoras para todos aqueles que desejam contribuir para as causas com as quais sentem ter responsabilidades.<sup>449</sup>

Outra matéria, publicada na edição seguinte da revista, intitulada: *Mais um “Sheliah” no Brasil* - também sem assinatura, tratando-se portanto da opinião dos editores da própria revista, que constituía a principal publicação sionista no Brasil - seguia a mesma linha da anterior, contendo fortes críticas dirigidas às entidades sionistas e a atuação dos emissários no país. Esta referia o seguinte:

...recebemos a visita do jovem Matias Drasnin que vem, como nos declarou, na qualidade de delegado do KKL para a juventude. Contou o visitante ter nascido na Lituânia, tendo vivido desde os 12 anos, na Argentina e passado os últimos cinco em Israel.

Palestramos longamente com o visitante expressando nossa surpresa por ter o KKL e não a Organização Sionista Mundial para cá enviado um delegado a fim de organizar a juventude. Afinal, o KKL não é formado por pessoas qualificadas em matéria pedagógica e dificilmente poderão dirigir os passos de um jovem delegado encarregado de tarefa de tal índole. Achamos por bem advertir de princípio que a nossa juventude está um tanto alérgica a delegados que vem falar de educação, cultura e organização... pensando sempre numa coleta. Que já é tempo de encarar o sionismo da nossa juventude mais seriamente do que através de uma caixinha de coleta.<sup>450</sup>

Identificar estes conflitos, não significa referir que os mesmos se constituíram como regra dentro do movimento, visto que diversos fatores, desde uma questão político-partidária até uma desavença pessoal, poderiam originá-los. Mostrar essas contestações dos dirigentes e militantes sionistas do Brasil, frente aos demais grupos, entidades e emissários significa evidenciar problemas e discussões que até então apareciam em menor escala nos periódicos pesquisados.

Na matéria sobre *Mais um “Sheliah” no Brasil*, ainda era referido que:

...o KKL, que recebe uma grande parte dos recursos da Campanha Unida (Magbit) não precisaria mais coletar ininterruptamente como vem fazendo, fora da campanha. Mas, seja qual for o ponto de vista sobre essa questão uma coisa é certa: mais importante, muito mais importante do que fazer coletas é cuidar dos doentes dos desamparados dos “olim” que precisam de proteção. Afim de que para cá não venham, envergonhando os sionistas,

<sup>449</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 378, Rio de Janeiro, 24 Agosto de 1950.

<sup>450</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 379, Rio de Janeiro, 31 Agosto de 1950.

esmolar dinheiro para os cegos, para os doentes, para os mutilados, dizendo que os fundos sionistas e o governo israelense deles não podem tratar. [...] A nossa juventude é muito [...] é uma juventude muito pobre.<sup>451</sup>

Por fim, depois das duras críticas, a revista amenizava seu tom, fazendo a seguinte menção: *Mas parece que o escritório do KKL, conta é com a figura simpática do jovem Matias Drasnin. E ele é, em verdade um rapaz simpático. Oxalá para cá viesse em outra missão.*<sup>452</sup>

Em 26 de Outubro de 1950, a revista deixando clara sua posição publicava outra nota com o mesmo teor. Nesta, denominada: *Nossa posição em relação ao Magbit e aos Shelichim*, o periódico mencionava: *Ninguém ignora que em AONDE VAMOS? somos alérgicos ao shelichismo. E esta atitude, [...] não surgiu de repente mas sim foi se acumulando formada por decepções. A categoria destes veio impossibilitar a nosso ver, o progresso do nosso ishuv que nos é caro.*<sup>453</sup>

De modo geral, em sua crítica a revista ainda referia que se deveria apoiar o Magbit, *mas não sem protesto*, porém sobre os emissários o texto ressaltava que: *Os delegados vieram, para as mais variadas finalidades, em torno deles se juntou provincial atenção [...] as campanhas foram feitas, novos comitês fundados e antigos remodelados – falou-se de que somente não se queria o nosso dinheiro - mas, depois, quando o sheliach se foi nada restou. Nosso ishuv ficou ano após ano na mesma.*<sup>454</sup>

Mais uma vez enfatizo, que essa era a posição de um grupo sionista específico que se reunia em torno da revista *Aonde Vamos?*. Visto isso, cabe referir que não é necessário nenhum esforço extraordinário, para perceber neste discurso algumas semelhanças com o Rio Grande do Sul e alguns motivos que contribuíram para o desalento do movimento e o desinteresse da coletividade judaica brasileira, especificamente a sul-rio-grandense. Conforme visto, as queixas da revista em relação aos emissários e as entidades representativas da OSM, se assemelham às queixas que os judeus do interior do RS, faziam à Unificada local e aos seus dirigentes. Assim, além das disputas partidárias, questões como o desamparo em que se encontrava a comunidade, a qual somente era lembrada nas épocas de campanha, estiveram presentes tanto em nível regional, quanto nacional.

<sup>451</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 379, Rio de Janeiro, 31 Agosto de 1950.

<sup>452</sup> Ibidem.

<sup>453</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 386, Rio de Janeiro, 26 Outubro 1950.

<sup>454</sup> Ibidem.

#### 4. 6. Brasil e Israel: do reconhecimento ao estabelecimento das relações diplomáticas

Após maio de 1948, ratifico que a discussão envolvendo Brasil e o novo País, inscrevera-se na ordem do dia da OSU/BR. Campanhas de reconhecimento de Israel pelo Estado brasileiro, contando com o apoio de políticos e intelectuais não-judeus, foram organizadas pelos diversos comitês sionistas brasileiros.

A partir da atuação brasileira na partilha da Palestina, a expectativa era que rapidamente o Brasil reconhecesse o Estado de Israel e estabelecesse relações diplomáticas com o novo País; no entanto, este foi um processo lento, em relação ao esperado. Sobre o assunto, Leonardo Senkman no artigo: *O Brasil de Vargas e as relações diplomáticas com Israel: análise comparativa com a Argentina, 1949-1955*, cita que:

Logo após ter sustentado postura pró-sionista, que marcou a presidência de Oswaldo Aranha na Assembléia Geral da ONU em novembro de 1947, a posição do Itamaraty congelou-se diante do recém-criado Estado. O governo brasileiro, supostamente amigo da causa sionista, tardou mais do que se poderia supor para decidir sobre 2 questões centrais: 1) o reconhecimento de jure de Israel; e 2) o apoio do Itamaraty para que Israel fosse membro da ONU.<sup>455</sup>

Igualmente sobre este episódio, os autores Alberto Kleinas e Tullo Vigevani, no texto *Brasil-Israel: da partilha da Palestina ao reconhecimento diplomático (1947-1949)*, escreveram:

...o tema da Palestina esteve vinculado a questões gerais da política exterior brasileira, tais como as relações com os Estados Unidos, com a União Soviética e com a Guerra Fria, o posicionamento do Brasil foi balizado por essas relações. Para parte dos diplomatas brasileiros, essa política era basicamente determinada pelo objetivo de encontrar formas de obter prestígio internacional para o Brasil, maximizando suas vantagens, inclusive no quadro das relações preferenciais com os Estado Unidos. É neste quadro que o Brasil votou a favor da partilha. O reconhecimento diplomático de Israel era questão mais específica e envolvia outros interesses, nacionais e internacionais: as relações do Brasil com os países árabes, com o Egito, a Síria e o Líbano, a Jordânia, com o mundo católico e com a Santa Sé, entre outros.<sup>456</sup>

Em 7 de fevereiro de 1949, a Secretaria de Estado do Brasil, por meio de telegrama à Embaixada dos Estados Unidos, comunica que reconhecera Israel.<sup>457</sup> Em *Aonde Vamos?* encontra-se uma nota com o título: *O Brasil reconheceu o Estado de Israel*, informando que: *O*

<sup>455</sup> Cf. SENKMAN, Leonardo. O Brasil de Vargas e as relações diplomáticas com Israel: análise comparativa com a Argentina, 1949-1955. p. 118-119. In: SANTOS, Norma Breda dos (Org.). **Brasil e Israel: Diplomacia e Sociedades**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/UnB, 2000.

<sup>456</sup> Cf. KLEINAS, Alberto; VIGEVAANI, Tullo. *Brasil-Israel: da partilha da Palestina ao reconhecimento diplomático (1947-1949)*. p. 105. In: SANTOS (Org.). Op. cit., 2000.

<sup>457</sup> Cf. KLEINAS; VIGEVAANI, 2000. p. 111.

*Itamaraty distribuiu o seguinte comunicado: 'O Ministério das Relações Exteriores deu instruções ao sr. Maurício Nabuco, embaixador em Washington, para noticiar ao representante do Estado de Israel que o Brasil reconheceu [...] o referido Estado e o respectivo governo'.<sup>458</sup>*

Entretanto, conforme Leonardo Senkman no artigo citado:

O reconhecimento brasileiro *de jure*, por sua vez, apesar de ter também ocorrido em fevereiro de 1949, foi o resultado de intensas e difíceis gestões tanto do Ministro Jacob Tsur, primeiro diplomata israelense na América Latina, responsável pela legação em Montevideu e pouco depois em Buenos Aires, como do dirigente sionista Samuel Malamud, designado israelense oficial, para fazer contato com o Brasil, em agosto de 1948, e cônsul honorário, a partir de 1949, após o reconhecimento brasileiro *de jure*.<sup>459</sup>

Ainda em 1949, em meio a este cenário de indefinições, *uma Grande exposição retrospectiva* denominada *Israel Ressurge* percorreria algumas cidades brasileiras. Em Porto Alegre, a abertura da exposição, realizou-se em 1º de agosto, no Auditório do *Correio do Povo*. Com finalidades culturais e informativas, a mesma durante uma semana ofereceu ao público porto-alegrense, *um extrato das atividades artísticas, industriais, políticas e sociais da mais jovem nação do mundo*.<sup>460</sup>

A euforia sionista do pós-guerra, a criação de Israel, o Estado imaginado e a vitória na Guerra de 1948 já faziam parte do passado. No início da segunda metade do século XX, cabia aos judeus da diáspora escolherem *aliá* ou permanecerem na diáspora, ou seja, emigrar para Israel - o que muitos fizeram posteriormente - ou continuar no Brasil e aproximar-se das questões referentes a este país. Segundo Marcos Chor Maio, os anos posteriores à Segunda Guerra, de democratização do Brasil, e particularmente a década de 1950, se caracterizaram por uma forte interação dos imigrantes judeus e seus descendentes com a sociedade brasileira.<sup>461</sup>

Assim, os judeus-brasileiros estavam simultaneamente envolvidos com questões referentes a Israel e ao Brasil. Ilustrando a afirmação, destaco as eleições presidenciais, ocorridas em 3 de

<sup>458</sup> Cf. **Aonde Vamos?**, n. 300, Rio de Janeiro, 10 Fevereiro de 1949.

<sup>459</sup> Cf. SENKMAN, Leonardo. 2000, p. 119. Segundo Senkman, neste processo, Moshe Tov, que em 1949, visitou o Brasil duas vezes na qualidade de embaixador plenipotenciário especial e vice-diretor do Departamento da América Latina da chancelaria israelense, muito se esforçou para obter o reconhecimento *de jure* do Brasil (p. 123).

<sup>460</sup> Cf. **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. p. 14. (AJH)

<sup>461</sup> Cf. MAIO, Marcos Chor. Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 229-256. Ver também MAIO, Marcos Chor; CALAÇA, Carlos Eduardo. Um balanço da bibliografia sobre o anti-semitismo no Brasil. In: GRINBERG, Keila (Org.). Op. cit Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 423-469.

outubro de 1950, a qual dividiu e mobilizou os diversos grupos judaicos em todo Brasil em torno dos candidatos.

A revista *Aonde Vamos?* em 6 de julho de 1950, publicou uma matéria intitulada: *Os judeus em face das eleições no Brasil*, analisando os partidos; entre outras palavras, afirmava: *O Partido Trabalhista Brasileiro – dirigido pelo senhor Getúlio Vargas ex-chefe dos Estado Novo, é composto de muitos elementos que faziam parte do governo, o mesmo que estabeleceu discriminações contra os judeus e fez do Brasil, o único país das Américas em que foi proibido o sionismo.*<sup>462</sup>

Devido à matéria publicada, a redação da revista recebeu um pedido de resposta de Osório Borba presidente em exercício do PTB. Em relação a este pedido, *Aonde Vamos?* esclareceu que aconselhava os judeus, cidadãos brasileiros, a votarem nos partidos cuja orientação política fosse mais compatível com suas convicções e não apenas pela circunstância, pois os judeus deveriam examinar a atuação de cada partido em relação aos problemas judaicos e sionistas. E, concluía: *...achamos que os judeus eleitores deveriam excluir preliminarmente todos os candidatos que praticaram, em qualquer época, qualquer ato anti-semita ou estiveram em qualquer circunstância, ligados ao nazismo ou ao fascismo...* e deveriam escolher candidatos que mais se salientaram na luta pró-sionista ou contra o anti-semitismo.<sup>463</sup>

Por sua vez, o Presidente do PTB colocava-se à disposição para qualquer esclarecimento, mencionando que seu partido era composto de *veteranos adversários do fascismo em todas suas modalidades, e de anti-racistas militantes...*, encerrando seu pedido de resposta citando alguns exemplos sobre o que relatara.<sup>464</sup>

Minha proposta aqui não é discutir o caráter ou a forma de anti-semitismo do Estado Novo; já existem muitos e excelentes estudos sobre o assunto, mas sim mostrar que os grupos judaicos radicados no Brasil não se constituíam em ilhas vivendo em um mundo à parte, nem estavam amedrontados devido supostas perseguições anti-semitas, enfim não estavam isolados ou fechados em torno do grupo, mas sim engajados na vida social e política brasileira.

<sup>462</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 371, Rio de Janeiro, 6 Julho de 1950.

<sup>463</sup> Cf. *Aonde Vamos?*, n. 373, Rio de Janeiro, 20 Julho de 1950.

<sup>464</sup> *Ibidem*.

Por fim, apesar de Getúlio Vargas ter anunciado, por ocasião de sua posse, em 31 de janeiro de 1951,<sup>465</sup> que iria estabelecer relações diplomáticas com Israel, o primeiro representante diplomático brasileiro, o ex-integralista Fabrino de Oliveira foi nomeado para o cargo, somente em outubro de 1951, apresentando suas credenciais ao presidente de Israel em março de 1952. Por sua vez, o representante israelense, general David Shaltiel, apresentaria suas credenciais às autoridades brasileiras, em 8 de abril de 1952.<sup>466</sup>

O detentor do *poder simbólico*, Davi Shaltiel, *ungido* pelo Estado israelense e reconhecido pelo Brasil, esteve em Porto Alegre no dia 19 de novembro de 1952. Causando novamente euforia na coletividade israelita local. Quando de sua chegada, naquela tarde, membros da coletividade que aguardavam o representante estatal invadiram a pista do aeroporto para cumprimentá-lo. Posteriormente, Shaltiel foi recebido por delegações do interior do Estado, dirigentes sionistas locais e prestigiados porto-alegrenses judeus e não-judeus.<sup>467</sup>

Esta aproximação entre os dois países – Brasil e Israel –, não deixou de reafirmar também o vínculo estabelecido entre os judeus-brasileiros e o Estado israelense. Igualmente, essa aproximação e a efetivação plena do projeto sionista, daria no Brasil início a novas relações sócio-culturais entre Israel, o movimento sionista e os judeus da diáspora.

---

<sup>465</sup> A revista *Aonde Vamos?*, na matéria de 17 de agosto de 1950, intitulada: *Formalidades Burocráticas retardam a troca de missões diplomáticas entre Brasil e Israel*, salientava que a troca de formalidades entre ambos os países já estava atrasada há mais de um ano. In: **Aonde Vamos?**, n. 377, Rio de Janeiro, 17 Agosto de 1950.

<sup>466</sup> Cf. SENKMAN, 2000. p. 126-127.

<sup>467</sup> Em Porto Alegre, Shaltiel foi recebido na Assembléia Legislativa e, além de outras autoridades, visitou o prefeito da Capital gaúcha Ildo Meneguetti.. Igualmente, lhe foi oferecido um banquete no Hotel Umbú do qual participou o governador do o Estado Ernesto Dornelles e um churrasco no Clube 35. Sua visita foi amplamente registrada através de fotos e filmagens. Cf. Visita do primeiro Embaixador de Israel em Porto Alegre. In: **Publicação Periódica da Organização Sionista Unificada**. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. 10 Anos de Organização Sionista Unificada: 1945-1955. Porto Alegre, Dez. 1955. (AJH); EIZIRIK, 1984. p. 98-101.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordei na pesquisa o movimento sionista no RS, tendo como fios condutores de minha análise os emissários estrangeiros que vieram ao Brasil com a finalidade de propagar essa causa nacionalista entre os judeus radicados no país.

Ao avaliar como o movimento se desenvolveu permeando diferentes setores da coletividade judaica no Estado gaúcho a partir de 1945, destaquei dois pontos convergentes, que contribuíram para o sucesso da causa sionista no RS: o primeiro refere-se a conjuntura nacional e internacional, vigente no mundo do pós-guerra e o segundo a inserção prévia da comunidade judaica sul-rio-grandense no meio sionista.

Após 1945, com a vitória dos aliados na Segunda Guerra, foi redesenhada a ordem política no cenário mundial. Noções como democracia e liberdade passaram a ser referência em diversos países. No Brasil tal conjuntura correspondeu ao término da ditadura varguista<sup>468</sup> e a redemocratização do país. Dessa forma, manifestações políticas, anteriormente vistas com desconfiança tornam-se notórias, como exemplo vale citar a presença de organizações comunistas.

Neste período, o cenário político mundial foi dividido a partir de duas macro-visões que se refletiram de diferentes modos em distintos contextos, configurando, nos diversos países novos arranjos e injunções sociais e políticas. Em meio a isso, o movimento sionista, organizado em torno da OSM, herdeira das diretrizes apontadas por Theodor Herzl, há quase meio século atrás, desejava a criação de um Estado judeu na Palestina. O genocídio judaico impetrado pelo nazismo foi um elemento decisivo para as reivindicações sionistas que passaram a ser consideradas pela

---

<sup>468</sup> Em relação a este período, conforme Roney Cytrynowicz: “... entre 1937 e 1945 as comunidades judaicas de São Paulo e do Rio de Janeiro viveram uma intensa e pública vida institucional, social, cultural e econômica. Foram anos de efervescência institucional que permitiram um *boom* de atividades e organizações, inclusive sionistas e comunistas, logo após 1945.” In: CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da Ideologia: Imigração Judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, dez. 2002. p. 394. Esta afirmação pode igualmente ser aplicada ao Rio Grande do Sul. Sobre o assunto ver também o texto, igualmente de autoria de Roney Cytrynowicz, *Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940*, p. 287-314. In: GRINBERG, Keila (Org.). *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ONU como justas e necessárias, e contaram com o apoio dos Estados Unidos e da União Soviética.

No Brasil, o movimento sionista, proibido, porém tolerado pelo Estado Novo, atingiu seu apogeu de modo declarado e aberto em defesa da causa nacional judaica ao final deste regime ditatorial. Durante os anos 1930 e início dos anos 1940 os imigrantes judeus radicados no RS, não viviam amedrontados ou em um clima de tensão, pois já militavam em diferentes tendências do sionismo, conhecendo as diferenças ideológicas do movimento.<sup>469</sup> Também era bastante conhecida a atuação dos emissários estrangeiros. Tal conhecimento prévio das tendências e das práticas sionistas possibilitou uma rápida organização e posicionamento dos judeus gaúchos em torno de diferentes colorações político-partidárias e, por extensão, a uma intensificação da ação política sionista no Estado sulino.

Antes mesmo de 1945, conforme visto, contatos já eram realizados entre emissários sionistas e militantes do Estado gaúcho, de modo que a presença destes correspondeu aos anseios e expectativas dos judeus sul-rio-grandenses, caracterizando este contexto como um período favorável para a expansão e propagação das idéias sionistas.

O conhecimento do sionismo e de suas nuances por parte dos judeus do RS dividiu o movimento em diferentes organizações no Estado, fomentando a busca e a arregimentação de membros para compor os quadros dos referidos grupos com o propósito de investir os mesmos de legitimidade e representatividade. Assim, no Rio Grande do Sul, os emissários sionistas encontraram grupos judaicos já organizados e outros dispostos a se organizarem em torno de diferentes matizes partidários. Grupos estes que, se por um lado concordavam com a idéia de estabelecimento de um Estado judeu na Palestina, discordavam da forma e das estratégias utilizadas para atingir esse fim. As discordâncias possibilitaram o debate em torno das idéias sionistas e promoveram a concorrência entre estes grupos, que almejavam a posição de representantes ou porta-vozes dos judeus sul-rio-grandenses.

Contando com o apoio da coletividade judaica-brasileira a partir de 1945, o movimento sionista é intensificado com a presença constante destes emissários e com a criação de diversos grupos e entidades de cunho sionista, os quais se organizaram em torno de múltiplos eixos, como tendências político-partidárias, questões de gênero, faixa etária e procedência nacional, dentre

---

<sup>469</sup> Conforme pôde se verificar através dos textos, depoimentos e documentos citados ao longo deste estudo.



outros, somando-se à rede de instituições já existentes no RS, bem como em outros estados brasileiros, as quais igualmente foram permeadas pelo ideário sionista.

Os emissários sionistas que vieram ao país e ao sul do Brasil, tinham como objetivo promover o movimento entre os judeus da diáspora cooptando-os para essa causa nacional; em outras palavras, tinham como propósito *formar almas*, isto é, desenvolver entre estes uma consciência nacional judaica e, para tal, realizaram programações de caráter sionista, fundando entidades representativas, organizando e coordenando eventos e atos públicos - que contaram com o apoio e a presença de prestigiados judeus e não-judeus -, além de campanhas de arrecadação de recursos financeiros, dentre outras atividades, fomentando assim o debate em torno do movimento

Segundo Niklas Luhmann, a política se define como um *modus* de comunicação, cujos códigos são orientados para o estabelecimento de decisões que resultam em compromissos coletivos.<sup>470</sup> A partir desta premissa, os emissários universalizaram práticas e procedimentos de cunho sionista entre os judeus da diáspora cooptando-os para o movimento. Ao referir como o sionismo deveria funcionar ou ao explicarem suas idéias, os agentes colocaram na ordem do dia suas propostas, tornando o movimento universal, com significação similar ao vendedor ambulante, quanto para o judeu prestigiado socialmente.

Segui assim o caminho apontado por Stuart Hall, quando afirma:

As identidades nacionais não subordinam todas outras formas de diferença e não estão livres do jogo do poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade.<sup>471</sup>

Analisei o movimento sionista, estabelecendo ao longo da pesquisa relações entre os judeus radicados no RS com grupos sionistas de outros estados brasileiros, a fim de evidenciar a uniformização de procedimentos, seja no período anterior ou posterior à criação do Estado Judeu.

Enfim, os emissários, junto com dirigentes locais, desenvolveram uma pedagogia nacional judaica, permeando através dessa ação política diferentes setores do judaísmo, inserindo a

---

<sup>470</sup> Apud: MERGEL, Thomas. Algumas considerações a favor de uma História Cultural da Política. **História Unisinos**, v.7, n. 8. São Leopoldo: Unisinos, Julho - Dezembro, 2003. p. 11-55.

<sup>471</sup> Cf. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 65.

temática sionista no cotidiano e na vida sócio-cultural dos judeus do Estado gaúcho. Nas ruas, nas casas, nas sinagogas e nos salões, em bailes ou festas religiosas, bem como no teatro ou na escola, a idéia sionista se fez presente. Por sua vez, os novos adeptos, ou os já iniciados na arena sionista, além de militarem no movimento eram vistos como potenciais cidadãos do *Estado imaginado* e também como colaboradores de recursos financeiros para a manutenção do movimento e criação deste Estado. Cabe ainda enfatizar que a política, igualmente, é a arte de fazer crer, de formar grupos o que me permite afirmar que os emissários, detendo o *poder simbólico*, atuaram como representantes e porta-vozes do movimento, obtendo êxito em seu intento.

No entanto, o sucesso deste processo evidenciado pelo engajamento da coletividade judaica e pela execução do objetivo sionista, não ocorreu de forma pacífica ou linear, conforme analisei no primeiro capítulo, pois o campo político é o lugar por excelência onde se travam as discussões, os debates e conflitos, onde os ressentimentos irrompem, as propostas divergem ou convergem, se complementam ou se repelem; é o local das alianças, dos acordos, das dissensões, das rupturas e continuidades, de múltiplos pontos de vista.

Além de tornar visível a presença, a atuação e a prática política dos emissários sionistas, sua relação com dirigentes e militantes sionistas locais e com a coletividade judaica em geral, igualmente mostrei a participação de não-judeus no movimento os quais, ao se mostrarem publicamente favoráveis ou contrários à causa sionista não ficaram indiferentes a ela, bem como tornaram o movimento notório frente à opinião pública. Não me detive apenas ao ponto de vista do grupo judaico, também não me limitei a consultar as fontes produzidas no interior deste grupo; busquei isso sim sua interação com a sociedade civil brasileira, valendo-me igualmente de fontes e perspectivas exteriores a este grupo étnico.

Assim, considerando essa interação, demonstrei, por um lado, que os judeus do RS não ficaram equidistantes em relação aos conflitos ocorridos na Palestina, pois acompanhavam os acontecimentos seja através das informações dos emissários, do noticiário de periódicos comunitários, de jornais de grande circulação e de transmissões radiofônicas. Por outro, ao mesmo tempo em que incorporavam a identidade nacional judaica,<sup>472</sup> igualmente buscavam sua inserção na sociedade maior, apresentando-se também como brasileiros, solidificando uma identidade hifenizada judaico-brasileira, conforme a expressão do historiador Jeffrey Lesser.

---

<sup>472</sup> Cabe lembrar que em 1948 ainda não havia uma exata definição de quem eram os cidadãos de Israel.

Em relação ao surgimento deste novo Estado nacional e a partir das novas questões e problemas surgidos, novos rumos e perspectivas foram traçados dentro do movimento sionista, fazendo-se necessário criar novos conceitos e termos, a fim de organizar e definir questões de âmbito semântico, que definissem normas sócio-culturais e jurídicas.

Por fim, o envolvimento do Brasil na partilha da Palestina, a campanha de reconhecimento do Estado de Israel, ocorrida no RS, e em diversas localidades brasileiras, causou na coletividade judaica do Brasil a expectativa de que o governo brasileiro reconhecesse logo o Estado judeu, o que acabou não ocorrendo, visto que o processo de estabelecimento de relações diplomáticas foi consumado somente em 1952.

Esta aproximação entre os dois países – Brasil e Israel -, não deixou de ratificar também o vínculo estabelecido entre os judeus-brasileiros e o Estado israelense, os quais se reconheciam como brasileiros, nutrindo simpatia por Israel, afinidade sentida e percebida com a presença do representante israelense, general David Shaltiel, e tantos outros que passaram por Porto Alegre. Igualmente, com essa aproximação, o projeto sionista no que se refere à criação de um Estado nacional, aponta para o início de novas relações sócio-culturais entre os judeus da diáspora, dando assim início a um novo capítulo na história do judaísmo.

**ACERVOS E LOCAIS DE PESQUISA:**

Acervo do Correio do Povo. Porto Alegre/RS.

Acervo de Entidades Judaicas (AEJ) - ICJMC. Porto Alegre/RS.

Arquivo Herbert Caro (AHC) - ICJMC. Porto Alegre/RS.

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS. Porto Alegre/RS.

Arquivo Josef S. Halpern (AJH) - ICJMC. Porto Alegre/RS.

Arquivo Maurício Seligman (AMS) - ICJMC. Porto Alegre/RS.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APRS. Porto Alegre/RS.

Biblioteca e Hemeroteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –PUCRS. Porto Alegre/RS.

Biblioteca das Faculdades Porto-Alegrenses – FAPA. Porto Alegre/RS.

Biblioteca da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA. Canoas/RS.

Biblioteca da Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo/RS.

Biblioteca Érico Veríssimo (BEV) – Casa de Cultura Mario Quintana. Porto Alegre/RS

Biblioteca Particular do ICJMC. Porto Alegre/RS.

Biblioteca Particular Ieda Gutfreind. – BPIG. Porto Alegre/RS.

Instituto Cultural Judaico Marc Chagall - ICJMC. Porto Alegre/RS.

Museu da Academia de Polícia - ACADEPOL. Porto Alegre/RS.

Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. Setor Imprensa. Porto Alegre/RS.

Núcleo de Estudos e de Integração em História Oral – NEIPHO (Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS). São Leopoldo/RS.

Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiro. NETB (UNISINOS). São Leopoldo/RS.

## **FONTES DE PESQUISA:**

### **A) Fontes Bibliográficas:**

ABRANCHES, Sérgio Henrique. Nem Cidadãos, Nem Seres Livres: O Dilema Político do Indivíduo na Ordem Liberal-Democrática. In: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 28, n. 1, p. 5-25, 1985.

AKCELRUD, Isaac. **O Oriente Médio**. São Paulo: Atual; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

ALEXANDR, Frida. **Filipson: Histórias da Primeira Colônia Judaica no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Fulgor, 1967.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2005.

ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Dignidade da Política. Ensaios e Conferências**. 2ªed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

AUSUBEL, Nathan. Conhecimento Judaico II. In: **BIBLIOTECA DE CULTURA JUDAICA**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Editor, 1989. vol 2. (Marranos e a Inquisição p. 520-524)

AVNI, Haim. **Argentina y la Historia de la Inmigracion judia. 1810-1950**. Editora Universitária Magnes, Universidade Hebrea de Jerusalém: Jerusalém, 1983.

\_\_\_\_\_. **Judíos en América**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

BADIE, Bertrand; SMOUTS, Marie-Claude. **O Mundo em Viragem: Sociologia da Cena Internacional**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BALAKRISHNAN, GOPAL (Org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BARON, Salo Wittmayer. **História e Historiografia do Povo Judeu**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, Klaus. Sírios e outros imigrantes árabes. In: BECKER, Klaus (Org.). **Enciclopédia Rio-Grandense**. (Imigração - vol. 5). Canoas: Editora Regional, 1958. p. 311-321.

BLUMENTHAL, Gladis Wiener (Org.) **Em Terras Gaúchas: a história da imigração judaico-alemã**. Porto Alegre: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência/SIBRA, 2001.

BOBBIO, Norberto; et. al. **Dicionário de Política**. Tradução Carmen C. Varriale. 5ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

\_\_\_\_\_. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. (2ª Edição revista e ampliada) Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão. Seguido de: A influência do jornalismo, e, Os jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004.

BRENER, Jayme; CAMARGO, Cláudio. **Guerra e paz no Oriente Médio**. São Paulo: Contexto, 1995.

BRUMER, Anita. **Identidade em Mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. **História e Teoria Social**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CABRAL, J. Padre. **A Questão Judaica**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

CANDELORO, Rosana J. (Org.). **Herbert Caro**. (Cadernos Ponto & Vírgula). Porto Alegre: Unidade Editorial/Porto Alegre, 1995.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Multidões em Cena: Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução à História**. São Paulo: Editora brasiliense, 3ª edição. 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. O positivismo brasileiro e a importação de idéias. In: GRAEBIN, CLEUSA & LEAL, Elisabete (orgs). **Revisitando o Positivismo**. Canoas: Editora Lasalle, 1998, p. 13-27.

CATTAN, Henry. **Palestina, los árabes e Israel**. México: Siglo XXI, 1987.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12ª Edição. São Paulo: Ática, 1999.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. **Questões para a História do Tempo Presente**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

CHIAVENATO, Júlio José. **O Inimigo Eleito: os judeus, o poder e o anti-semitismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

CREIDY, Abdallá Adalberto. Os libaneses e sua história. In: BECKER, Klaus (Org.). **Enciclopédia Rio-Grandense**. (Imigração - vol. 5). Canoas: Editora Regional, 1958. p. 305-310.

COHEN, Vera Aquino. A Imigração Judaica no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (Orgs). **RS: Imigração e Colonização**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 67-90.

COHN-SHERBOK, Dan; DAWOUD, el-Alami. **O Conflito Israel-Palestina: para começar a entender**. Tradução de Cláudio Blanc Moraes. São Paulo: Editora Palíndromo, 2005.

COPSTEIN, Raphael. Judeus no Rio Grande do Passado. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRS**. Porto Alegre, n. 127, p. 11-24, 1991.

\_\_\_\_\_. Colonização Judaica Noventa Anos Depois. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRS**. Porto Alegre, n. 130, p. 85-91, 1994.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da Barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: EDUSP, 2000.

\_\_\_\_\_. Além do Estado e da Ideologia: Imigração Judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 393-423, dez. 2002.

DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (Orgs). **RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DE GRANDI, Celito. **Diário de Notícias: o romance de um jornal**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda: a vida de um lutador**. Volume I: 1914-1960. [2 v.] Tradução de Vanda Mena Barreto de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

\_\_\_\_\_. **Imigrantes Judeus - Relatos, Crônicas e Perfis**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas de um jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos PPG de História da UFRGS**. n. 13, Dezembro de 1995. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1995.

FAERMANN, Martha Parglender. **A Promessa Cumprida**. Porto Alegre: Metrópole, 1990.

FALBEL, Nachman. **Estudos sobre a Comunidade judaica do Brasil**. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Manasche: sua vida e seu tempo**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. **David José Pérez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.



FAYEZ, Ahmed; FAYEZ, A. Sayegh. **Sionismo na Palestina**. Delegação da Liga dos Estados Árabes: Rio de Janeiro, 1969.

FEIERSTEIN, Ricardo. **Historia de los Judíos Argentinos**. Buenos Aires: Ameghino Editora, 1999.

FRANCK, Claude; HERSZLIKOWICZ, Michel. **O Sionismo**. Lisboa: Europa-América, Coleção Saber, 1980.

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GARCIA, Paulo César Estaitt. Sionismo e Identidade Judaica: Análise da Revista Seleções Sionistas (1961/1962). In: **Agora**, Santa cruz do sul, v. 7, n. 2, p. 179-210, jul./dez. 2001.

GELLNER, Ernest. **Nacionalismo e Democracia**. Tradução de Vamireh Chacon et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília (Cadernos da Unb), 1981.

\_\_\_\_\_. **Nações e Nacionalismo: Trajectos**. Lisboa: Gradiva, 1993.

GERCHUNOFF, Alberto. **Los Gauchos Judíos**. San Salvador de Jujuy: Arenal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Entre Gauchos y Judíos**. Buenos Aires: Biblos: Argentina, Secretaría de Cultura, 1994.

GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

GILL, Lorena Almeida. **“Clientelchiks”: Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS): 1920-1945**. Pelotas: Ed. Universitária, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinas: morfologia e história**. Tradução de Frederico Caroti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONZALES, Horácio. **O que são intelectuais**. 4ª Edição (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1984.

GRIN, M. **Armadilhas da Contingência: etnicidade judaica no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Iuperj, Rio de Janeiro, 1991.

GRIN, Mônica; VIEIRA, Nelson H. (Organizadores). **Experiência Cultural Judaica no Brasil. Recepção, inclusão e ambivalência**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

GRINBERG, Keila (Org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul**. A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

GRÜN, Roberto. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 353-381.

GUINSBURG, Jacó. **O Judeu e a Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. **As Aventuras de uma Língua Errante**. São Paulo, Perspectiva, 1996.

GUTFREIND, Ieda. **Historiografia Rio-Grandense**. 2<sup>a</sup> Edição. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. O Rio Grande do Sul. História e Imigração. In: BLUMENTHAL, Gladis Wiener (Org.) **Em Terras Gaúchas: a história da imigração judaico-alemã**. Porto Alegre: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência/SIBRA, 2001. p. 27-35

\_\_\_\_\_. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. Reessignificações Identitárias em uma Comunidade Étnica. **Caderno de Resumos do VI encontro Nacional de História Oral**. São Paulo, Associação Brasileira de História Oral, v. 1 n.1 p. 113-133, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7<sup>a</sup> Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et. al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALPERN, Josef S. **Contribuição para a História da Imprensa Judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Museu Judaico de Porto Alegre, 1999.

HERZL, Theodor. **O Estado Judeu: Ensaio de uma Solução da Questão Judaica**. Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Organização Sionista Unificada do Brasil, 1947.

\_\_\_\_\_. **O Estado Judeu**. Tradução de David José Perez. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

**HISTÓRIAS DE VIDA: Imigração Judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, s/d. v. 1

**HISTÓRIAS DE VIDA: Imigração Judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1992. v. 2

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A Invenção das Tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios: 1875-1914.** Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade.** Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOURLANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

IASNOGRODSKI, David. **Obrigado Porto Alegre.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2000.

\_\_\_\_\_. **Meu Bom Fim Brasileiro.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2002.

IOLOVITCH, Marcos. **Numa Clara Manhã de Abril.** 2ª ed. Porto Alegre: Movimento e Instituto Cultural Marc Chagall, 1987.

JULLIARD, Jacques. A Política. In. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org). **História: Novas Abordagens.** Tradução de Henrique Mesquita. 4ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 180-196.

KARNAL, Leandro. **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2003.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses. Aspectos da identidade árabe no sul do Brasil.** Santa Cruz: Edunisc, 2000.

LAQUEUR, Walter. **A History of Zionism. From the French Revolution to the Establishment of the State of Israel.** New York: Schocken Books, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEMLE, Henrique. **O Judeu e seu Mundo.** Editora B'nai B'rith: Rio de Janeiro, 1967.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a Questão Judaica. Imigração, Diplomacia e Preconceito.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. Imigração e mutações conceituais de identidade nacional, no Brasil, durante a Era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 28, p. 121-150.

LINHARES, Maria Yedda. **Oriente Médio e o mundo dos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LIPINER, Elias. **Breve História dos Judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblos, 1962.

LISSOWSKY, Alexandre. **2000 Anos Depois. O Renascimento de Israel**. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1967.

LEVIN, Elena. **Historias de una emigración (1933-1939). Alemanes judíos en la Argentina**. 2ª Ed. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1997.

MALAMUD, Samuel. **Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial**. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

\_\_\_\_\_. **Escalas no Tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

MALERBA, Jurandir (Org.). **A Velha História. Teoria, método e historiografia**. Campina/SP: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A História Escrita**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARX, Karl; ENGELS; Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MASSOULIÉ, François. **Os conflitos do Oriente Médio**. São Paulo: Ática, 1996.

MEDOFF, Rafael. **Militant Zionism in América: the rise and impact of the Jabotinnsky movement in the United States, 1926-1948**. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2002.

MERGEL, Thomas. Algumas considerações a favor de uma História Cultural da Política. **História Unisinos**, n. 8, v.7, p. 11-55. Jul.- Dez., 2003.

METZGER, Martin. **História de Israel**. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

MIZRAHI, Rachel. **Imigrantes Judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

NEUBERGER, Benyamin. **O Sionismo**. Jerusalém: Centro de Informação de Israel, 1995.

NICOLAIEWSKY, Eva. **Israelitas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p 07-28, dez. 1993.

NOVAIS, Adauto (Org.). **A Crise do Estado-nação**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

NUNES, Edson. **A gramática Política no Brasil: clientelismo e insulamento burocrático**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Brasília, DF: ENAP, 2003.

OLIC, Nelson Bacic. **Oriente Médio: uma região de conflitos**. São Paulo: Moderna, 1991.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

**Os Protocolos dos Sábios de Sião. Texto completo e apostilado por Gustavo Barroso**. Porto Alegre: Revisão, 1991.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História do Rio Grande do Sul**. 5ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Pássaros da Liberdade: Jovens, Judeus e Revolucionários no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PINSKY, Jaime. **Origens do Nacionalismo Judaico**. São Paulo: Hucitec, 1978.

PINTO, Ivonete. **Samovar nos Trópicos**. Porto Alegre: Artes & Ofício, 2003.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos (Memória)**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 03-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLIAKOV, Leon. **Do Anti-Sionismo ao Anti-Semitismo**. Perspectiva: São Paulo, 1969.

POUTIGNAT, Philippe (Org.). **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

REIN, Raanan. **Argentina, Israel y los judios. Encuentros y desencuentros, mitos y realidades**. Buenos Aires: Ediciones Lumiere, 2001.

REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

RÉMOND, René. **O século XIX, 1815-1914. Introdução à História de Nosso Tempo.** São Paulo: Cultrix, 1974.

\_\_\_\_\_. RÉMOND, René. Por que a história política? In: **Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 7-19, jan./jun. Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Por Uma História Política.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise.** Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo.** 3ª Edição. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

SÁ, Men de. **A politização do Rio-Grande.** Porto Alegre: Tabajara, 1973.

SACHAR, Howard M. História de Israel I. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo. In: **Enciclopédia Judaica.** Tradução de Júlio César Castagñon Guimarães e Elias Davidovich. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989. vol. 3.

\_\_\_\_\_. História de Israel I. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo. In: **Enciclopédia Judaica.** Tradução de Heloísa Villella e Léa Maria Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989. vol. 4.

SALEM, Helena. **O que é a questão Palestina.** 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Norma Breda dos. (Org.). **Brasil e Israel: Diplomacia e Sociedades.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília/UnB, 2000.

SARTRE, J. P. **Reflexões sobre o racismo.** São Paulo: Difel, 1965.

SCHILLING, Voltaire. **Ocidente X Islã. Uma história do conflito milenar entre dois mundos.** Porto Alegre: L&PM, 2003.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O Espetáculo das Raças, Cientistas, Instituições e a Questão Racial no Brasil. 1870-1930.** São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SCHWEIDSON Jacques. **Judeus de Bombachas e Chimarrão.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Salamandra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Saga Judaica na Ilha do Desterro.** Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1989.

SCLIAR, Moacyr. **A Condição Judaica.** 2ª Edição. Porto Alegre: L&PM, 1987.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da Esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Instituto Cultural Marc Chagall, 1990.

\_\_\_\_\_. **Judaísmo: Dispersão e Unidade.** São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Guerra no Bom Fim.** Porto Alegre: L&PM, 2004.

SELTZER, Robert M. Povo Judeu, Pensamento Judaico I. A Experiência Judaica na História. In: **ENCICLOPÉDIA JUDAICA.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

SERRA TRUZZI, Oswaldo Mário. **Patrícios. Sírios e libaneses em São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Telma Domingues da. Referências de leitura para o leitor brasileiro na imprensa escrita. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores.** Campinas/SP: Pontes, 1998.

SLAVUTZKY, Abrão. (Coord.) **O dever da memória: o levante do gueto de Varsóvia.** Porto Alegre: AGE/ Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003.

SMOLENSKY, Eleonora Maria; JARACH, Vera Vigevani. **Tantas Voces, una historia. Italianos judíos en la Argentina. 1938-1948.** Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 1999.

SOARES, Jurandir. **Israel x Palestina: as raízes do ódio.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Oriente Médio: de Maomé à Guerra do Golfo.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ª Edição (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIBELMAN, Guilherme. **Memórias de Philippon.** São Paulo: Canopus Editora, 1984.

SORJ, Bila (Org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SOUZA, J. P. Coelho de **Denúncia: o Nazismo nas escolas do Rio Grande.** Porto Alegre: Editora Thurmann, 1941.

SZTERLING, Silvia. **A Formação de Israel e a Questão Palestina.** São Paulo: Ática, 2001.

TAVARES, Flávio. **O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

TÉTARD, Philippe. **Pequena História dos Historiadores.** Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

TILL, Rodrigues. **Os judeus no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná.** 2ª Edição. Porto Alegre: R.T./Evangraf, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TSUR, Jacob. **A Epopéia do Sionismo.** Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **O Anti-Semitismo na Era Vargas (1930-1945).** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Minorias Silenciadas.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Veneno da Serpente.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

VAIL, John J. **Ben Gurion. Os Grandes Líderes.** São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VERBA, Arão. **Resgatando a Memória da Primeira Imigração Judaica para o Rio Grande do Sul – Colônia Philippon. 1904.** Porto Alegre: Evangraf Ltda., 1997.

VELTMAN, Henrique. **A história dos judeus em São Paulo.** 2ª Edição Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.

\_\_\_\_\_. **A história dos judeus no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1998.

VERISSIMO, Érico. **Solo de Clarineta.** Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

\_\_\_\_\_. **Israel em Abril.** 8ª Edição. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Editora Globo, 1978.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história.** Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª Edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

VILELA, Ney. **Irmãos inimigos - judeus e palestinos lutam por Jerusalém.** 2ª Edição atualizada. São Carlos: Rima, 2004.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Oriente Médio e Afeganistão: um século de conflitos.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

VOLOCH, Adão. **O Colono Judeu-Açu.** Romance da colônia de Quatro Irmãos - Rio Grande do Sul. São Paulo: Edições Novos Rumos, 1984.

WAINBERG, Jacques A. (Coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver; memórias de um repórter.** 9ª Edição. Org. e editoração de Augusto Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1987.



WALDMAN, Maurício (Org.) **Política das Minorias: O Caso dos Judeus no Brasil**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

## **B) Dissertações, Teses e Trabalhos Acadêmicos**

BARTEL, Carlos. **O Movimento Sionista no Rio Grande do Sul: de Philippon a Fundação de Israel: 1904-1948**. (Trabalho de Conclusão) Curso de Graduação em História Licenciatura Plena. Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, 2003.

\_\_\_\_\_. Os Emissários Sionistas e o Nacionalismo Judaico no Rio Grande do Sul. Comunicação apresentada na I MOSTRA DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO, Faculdades Porto-Alegrenses - FAPA. **Caderno de Resumos III FÓRUM FAPA**. p. 77-78. Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. A Propaganda Sionista e a Intelectualidade sul-rio-grandense. Comunicação apresentada na II MOSTRA DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO, Faculdades Porto-Alegrenses - FAPA. **Caderno de Resumos IV FÓRUM FAPA**. p. 111. Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. A Propaganda Sionista e a Intelectualidade sul-rio-grandense. Comunicação apresentada no VII ENCONTRO DO CORREDOR DE IDÉIAS DO CONE SUL, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. **Caderno de Resumos**. s/p. São Leopoldo, 2005.

BORIN, Marta Rosa. **Memória e História: os Sefaradim em Porto Alegre**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Curso de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Porto Alegre, 1993.

ELISABETE, Raquel Barboza. **Imigrantes judeus em Rio Grande: aspectos de uma trajetória marcada pela diferença**. (Trabalho de Conclusão) Curso de Graduação em História. Fundação Universidade do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2002.

GOMES, Aura Rejane. **A Questão da Palestina e a Fundação de Israel**. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Ciência Política - Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2001.

LIA, Cristine Fortes. **Bons Cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)**. (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Curso de Pós-Graduação em História. PUCRS. Porto Alegre, 2003.

MILKE, Daniel Roberto. **O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Curso de Pós-Graduação em História. PUCRS. Porto Alegre, 2003.

MONSMA, Karl. **Histórias de violência: inquéritos policiais e processos criminais como fontes para o estudo de relações interétnicas**. Versões apresentadas no XXIV Encontro Anual da ANPOCS, no Departamento de História da UFRGS, em 2000, e no 29º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos em 2002.

PEREZ, Lea Freitas. **A diferença: um estudo das representações sobre a identidade de um grupo de judeus de Porto Alegre.** (Dissertação de mestrado). Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1985.

RAMANZINI, Juliana. **O Movimento Sionista: dos precursores ao sionismo político de Theodor Herzl.** (Trabalho de Conclusão) Curso de Graduação em História Licenciatura Plena. Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, 2001.

SILVA, Nayme Marlene Nemmen da. **A presença judaica em Passo Fundo: século XX.** (Dissertação de mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo/ UPF, Passo Fundo, 2002.

### **C) Documentos e Outras Fontes**

**ANAIS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL.** Vol. XV (abril – maio de 1948). São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1951. (AHRS – Documentos da Assembléia Legislativa - AL 4.052).

**ANAIS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL.** Vol. XVI (junho de 1948). São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1951. (AHRS – Documentos da Assembléia Legislativa - AL 4.053).

Registro de intimações. Códice da Polícia do Rio Grande do Sul. Cód. 292 – Registro de indagações policiais - 4º Distrito. 1938-1950 (AHRS).

Registro de intimações Códice da Polícia do Rio Grande do Sul. Cód. 298 – Registro de indagações policiais - 4º Distrito. Março/1938 – fevereiro/1950 (AHRS).

Correspondência dos Governantes. Maço 182, 183 e 184 – Gabinete do Governador Walter Jobim – 1948 (AHRS).

### **D) Entrevistas**

AINHORN, Isaac. Entrevista n. 294. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 13/04/1990.

BAS, Isaak. Entrevista n. 311. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 01/08/1990.

BERGER, Dora. Entrevista n. 400. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 21/06/1991.

CUPERSTEIN, Samuel. Entrevista n. 260. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 1989.

EIZIRIK, Moysés. Entrevista n. 290. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 14/03/1990.

HALPERIN, Jacob. Entrevista n. 351. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 14/12/1990.

HALPERN, Josef Szulin. Entrevista n. 014. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 1987 e complementação em 06/01/1988.

IOSCHPE, Frida. Entrevista n. 342. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 28/11/1990.

MALTZ, Jaime. Entrevista n. 389.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 23/05/1991.

OLIVEN, Zeldi. Entrevista n. 110.2 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 07/11/1990.

PLATCHEK, Salomão. Entrevista n. 033. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, Janeiro de 1987.

ROSENBLATT, Maurício. Entrevista n. 079.0 Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, Novembro de 1987.

SELIGMAN, Eugênia. Entrevista n. 274. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 17/08/1989.

SIMINOVICH, Berta. Entrevista n. 334. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 03/11/1990.

STEIN, Carlos. Entrevista n. 370. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 10/04/1991.

WAINSTEIN, Boris. Entrevista n. 046.1. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 30/03/1988.

EIZIRIK, Moysés. Entrevista concedida à Ieda Gutfreind. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Núcleo de Estudos e de Integração de Pesquisa em História Oral (NEIPHO). São Leopoldo, 16/08/2000.

MILMAN, Gildo. Entrevista concedida à Ieda Gutfreind. Programa de Pós-Graduação em História –Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Núcleo de Estudos e de Integração de Pesquisa em História Oral (NEIPHO). São Leopoldo, 2001.

### **E) Periódicos e publicações não-judaicas**

*A Razão* - Santa Maria, 1947

*A Voz da Serra* - Erechim, 1995

*Correio do Povo* – Porto Alegre, 1945 a 1951

*Diário de Notícias* - Porto Alegre, 1945 a 1951

*Folha da Tarde* – Porto Alegre, 1948

*Jornal do Dia* - Porto Alegre, 1948

### **F) Publicações e periódicos judaicos e sionistas**

20 AÑOS DE ACTIVIDAD SIONISTA 1948-1968. Publicado por la Organización Sionista mundial. Departamento de información. Jerusalém, 1986. (PUCRS)

Ação e Doação. **O Campestre**. Porto Alegre, Dezembro de 1997. Reportagem Especial. (ICJMC).

ALMANAQUE ISRAELITA. (Editado pelo Betar de Porto Alegre, sob a direção do departamento de divulgação da Organização Sionista Revisionista). Porto Alegre: Gráfica Oriente, 1953. (AJH)

BOLETIM DA ORGANIZAÇÃO JUVENIL SIONISTA UNIFICADA DO BRASIL. Setor Rio Grande do Sul n. 1, Porto Alegre, Março de 1947. (AJH)

CENTENÁRIO DO SIONISMO 1897-1997. Jerusalém: Centro de Informação de Israel, 1997. (ULBRA)

Fala, Galera. **O Campestre**. Porto Alegre, Outubro de 1997. Reportagem Especial. (ICJMC).

FRIESEL, Sigue. **Bror Chail: História do movimento e do Kibutz Brasileiros**. Colaboração da Comissão do Movimento (Vaadat Hatnuá) do Kibutz Bror Chail. Jerusalém: Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista mundial, 1956. (PUCRS)

HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, ns. 7-9, Agosto-Setembro de 1945. (AJH)

HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 10, Novembro-Dezembro de 1945 e Janeiro de 1946. (AJH)

HATIKVA. Órgão Oficial do Círculo Cultural Iavné. Porto Alegre, n. 12, Abril-Junho de 1946. (AJH)

HORA ISRAELITA. Quarenta anos. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1986. In: Arquivo Particular Josef Szulin Halpern – ICJMC. Porto Alegre/RS. (AJH)

KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 2, 12 de Outubro de 1950. (AJH)

KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, n. 3, 19 de Outubro de 1950. (AJH)

KOL HAMAGBIT. Porto Alegre, Maio de 1951. (AJH)

MENORÁ. Publicação Mensal da N.O.S. (Distribuição Interna). Curitiba, n. 1, Março de 1946. (AJH)

Na' Amat, uma entidade de vanguarda. **O Campestre**. Porto Alegre, Julho de 1998. Reportagem Especial.

**Observador Sionista**, n. 1, Porto Alegre, 15 de fevereiro de 1947. (AJH)

**Observador Sionista**, n. 2, Porto Alegre, 15 de março de 1947. (AJH)

**Observador Sionista**, n. 6, Porto Alegre, Outubro de 1947. (AJH)

ORGANIZAÇÃO SIONISTA DO BRASIL – Setor Rio Grande do Sul. Boletim Informativo Nº 2. (Circulação Interna). Porto Alegre, Janeiro de 1946. (AEJ)

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA DA ORGANIZAÇÃO SIONISTA UNIFICADA. Edição especial em Homenagem ao 10º Aniversário da O.S.U. Porto Alegre, Dez. 1955. (AJH)

REALIDADES DE ISRAEL. Jerusalém: Centro de Informação de Israel, 1999. (ICJMC)

## G) Revistas

**Aonde Vamos?** – período de 1946 à 1950

**O Cruzeiro** - período de 1947-1948

**Seleções Sionistas**, n. 5, Porto Alegre, julho-agosto, 1962.

## H) Sites Consultados

[http://www.eibsg.com.br/escola\\_historia.asp](http://www.eibsg.com.br/escola_historia.asp). Consultado em 20 de junho de 2005.

<http://www.kehila.com.br/entidades/eibsg/escola.htm>. Consultado em 20 de junho de 2005.

## APÊNDICE 1:

### Tendências político-partidárias e organizações sionistas existentes no RS nos anos 1940 e início dos anos 1950.

Partidos e Organizações	Informações
Movimento Juvenil Betar (Organização)	Movimento juvenil sionista fundado em 1923 na Lituânia, por Vladimir Jabotinsky (1880-1940). Vinculava-se ao Partido Revisionista, que representava a corrente ideológica de direita no movimento sionista. Encontram-se registros e depoimentos de militantes do Betar no RS, desde o início dos anos 1930.
Movimento Juvenil Dror (Organização)	Movimento juvenil sionista-socialista, fundado antes dos anos 1920 e originário da Polônia com o nome Freiheit (Liberdade) e ISAI (Idishe Sozialistische Arbeiter Iugent) passando a se denominar Borochof Iugent e Dror na Lituânia e outros países. Vinculava-se OSM e a tendências partidárias de esquerda. Surgiu no RS em 1945.
Hashomer Hatzair (Jovem Guardiã) (Organização)	Movimento juvenil judaico originário em 1913, na região da Galitzia, Polônia. Com características marxistas de extrema-esquerda, vinculava-se ao partido israelense de esquerda MAPAM. Possuía organizações em muitos países da Diáspora e seus membros eram educados para viverem em <i>Kibutz</i> . Começou a atuar no RS no início dos anos 1950.
Herut (Liberdade) (Partido)	Partido político israelense, criado em 1948, procedente do movimento sionista revisionista e da Organização Militar Irgun Zvai Leumi (1937-1948) agrupamento de resistência militar clandestino que, a partir de 1936, atuou contra os ataques árabes e as autoridades inglesas, favorecendo a imigração ilegal de judeus para a Palestina e a luta pela independência política de Israel durante o Mandato Inglês. Sob a liderança de Menachem Begin, posteriormente deu origem ao partido de direita Likud.
Histadrut (Legião do Trabalho) (Organização)	Abreviatura de Ha-Histadrut ha-klalit cel ha-ovdim avirem be-Eretz Israel – “Confederação Geral dos Trabalhadores Hebreus da Terra de Israel”. Organização fundada em 1920, que reunia trabalhadores de diferentes partidos de esquerda oriundos de indústrias, sindicatos e cooperativas. No RS, a Histadrut vinculava-se a Organização Sionista Unificada, fundada em 1945.
MAPAI (Partido dos Trabalhadores de Israel ou Partido Trabalhista)	Partido socialista, criado em 1930 por Ben Gurion (proveniente de uma fusão entre o Poalei Tsion e o Hapoel Hatzair), considerado de esquerda moderada. Dominou as instituições nacionais anteriores ao Estado de Israel, como a Agência Judaica e a Histadrut, após a proclamação do Estado judeu manteve-se majoritariamente no governo do país até 1977 quando perdeu as eleições para a coalizão de direita Likud. Em 1947, o MAPAI foi favorável à divisão da Palestina e com a proclamação de Israel, seu líder Ben Gurion foi eleito Primeiro Ministro pelo Parlamento. Em sua gestão, Golda Meir foi Ministra das Relações Exteriores, ocupando

	posteriormente ela própria o cargo de Primeiro Ministro. No RS, igualmente vinculava-se a OSU/RS.
MAPAM (Partido Obreiro Unido)	Fundado em 1948, resultado da união do Hashomer Hatzair, L' Achdut Haavodá e Poalei Zion Smol. Ainda que tal união durasse pouco devido disputas internas, constituía-se como um partido de ideologia socialista e pioneirismo kibutziano. No RS também se vinculava a OSU/RS.
Mizrachi (Partido Religioso)	Partido formado por judeus religiosos, fundado em 1902 na cidade de Vilna, com a finalidade de estabelecer uma síntese entre o sionismo político de Herzl e a ortodoxia religiosa. Sua presença no RS encontra-se na eleição para o 22º Congresso Sionista Mundial em 1946, da qual participaram quatro partidos ou frentes, ficando este em último lugar na votação.
Poalei Zion (Trabalhadores de Sion) (Partido)	Movimento sionista-socialista fundado em 1897 em Minsk e Lemberg, passando a outros territórios da Europa Oriental, Estados Unidos, Inglaterra e demais países. Em 1907, em Haia, constituiu-se como um movimento mundial sob a denominação Federação Mundial de Obreiros Socialistas Judeus Poalei Zion. Em 1920, em sua 5ª Conferência Mundial, em Viena, sofreu uma divisão entre Poalei Zion de esquerda e Poalei Zion de direita. Mais tarde, ambos os partidos unificaram-se como outras associações para formarem novas agremiações políticas. No RS encontrava-se fundido junto com outros partidos em torno da OSU.
Revisionista (Partido)	Partido de direita fundado por Vladimir Jabotinsky, em 1935. O primeiro registro de sua presença, também denominado Hatzoar, refere-se aos muitos depoimentos de seus militantes ao ICJMC e a sua participação nas eleições de 1946, para o 22º Congresso Sionista Mundial, na qual conquistou o maior número de votos no RS.
Sionistas Gerais (Partido)	Partido criado com a finalidade de reunir judeus não vinculados a nenhuma tendência partidária de esquerda, de direita ou religiosa. O primeiro registro de sua presença no RS, refere-se a sua participação na eleição de 1946, para o 22º Congresso Sionista Mundial. Nesta, ficou em terceiro lugar no Estado, de um total de quatro partidos.

Para elaboração deste gráfico utilizei as seguintes fontes de pesquisa: Revistas *Aonde Vamos?* (anos 1945 até 1950); *Almanaque Israelita* (1953); *2000 Anos Depois. O Renascimento de Israel* (1967) de Alexandre Lissowsky; *Origens do Nacionalismo Judaico* (1978) de Jaime Pinsky; *O Sionismo* (1980) de Claude Franck e Michel Herszlikowicz; *Do Arquivo e da Memória: Fatos, personagens e reflexões sobre o sionismo brasileiro e mundial* (1983) de Samuel Malamud; *História de Israel I. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo.* de Howard M. Sachar. In: *Enciclopédia Judaica* (1989). p. 1-424; *A história dos judeus em São Paulo* (1996) e *A história dos judeus no Rio de Janeiro* (1998) ambos de Henrique Veltman; *Manasche: sua vida e seu tempo* (1996) de Nachman Falbel; *Contribuição para a História da Imprensa Judaica no Rio Grande do Sul* (1999) de Josef S. Halpern; *Historia de los Judíos Argentinos* (1999) de Ricardo Feierstein; *Pássaros da Liberdade: Jovens, Judeus e Revolucionários no Brasil* (2000) de Carla Bassanezi Pinsky; *Brasil e Israel: Diplomacia e Sociedades* (2000) livro organizado por Norma Breda dos Santos; *Argentina, Israel y los judios. Encuentros y desencuentros, mitos y realidades* (2001) de Raanan Rein.

**APÊNDICE 2:**

**Artigos publicados em jornais da capital gaúcha, nos meses de maio e junho de 1948, sobre o conflito árabe-israelita em Porto Alegre.**

<b>Ano: 1948</b>	<b>Correio do Povo</b>	<b>Diário de Notícias</b>	<b>Folha da Tarde</b>	<b>Jornal do Dia</b>
25/05		A Posição da Colônia Sírio-Libanesa de Porto Alegre em Face da Conflagração na Palestina. - A Comissão.		
26/05		Ponto de Vista das Comunidades Árabes de Porto Alegre Sobre o Problema Criado com o Conflito na Palestina. - A Comissão.		
27/05	A Coletividade Sírio-Libanesa de Porto Alegre e os sucessos da Palestina. - A Comissão.			
01/06	Uma Pátria aos Judeus. Mesmo Porque a Palestina tem Dono: os árabes. - Luis Amaral	Traição à Paz. - Carlos Lacerda		
02/06			Os Libaneses e a Luta na Palestina. - Isaac Siminovich	Os árabes querem a independência da Palestina; judeus a querem escravizar. (Reprodução resumida e sem assinatura do artigo <i>Traição à Paz</i> de Carlos Lacerda).
03/06			Respondendo aos "Isaac's". - A Comissão.	



<b>Ano: 1948</b>	<b>Correio do Povo</b>	<b>Diário de Notícias</b>	<b>Folha da Tarde</b>	<b>Jornal do Dia</b>
04/06			“Respondendo aos Isaacs”. - Isaac Siminovich.	
05/06	Guerra de Agressão. - Luis Amaral.	A Verdadeira Questão Judaica. - Luis Amaral.		
06/06		O Estado de Israel e Seus Detratores. - O Comitê.		O Estado de Israel e Seus Detratores. - O Comitê.
07/06			O Estado de Israel e Seus Detratores. - O Comitê.	
08/06	O Estado de Israel e Seus Detratores. - O Comitê.  Revidamos aos insultos dos judeus. - Amauri Fontes	... E a Palestina Também. - Luis Amaral.		Causas secretas da Guerra da Palestina: É uma luta religiosa. - Ruy S. Guimarães
09/06	O comportamento da ONU. Os árabes lutaram tanto quanto nós, nas duas últimas guerras, ao lado das democracias. - Luis Amaral	A Justiça da Causa Árabe. - Ruy S. Guimarães	Onde estava, realmente, o Mufti? - “Genuinamente Nacionais”.	